

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

**BIOGRAFIA E HISTÓRIA SOCIAL: A ESCRITA BIOGRÁFICA DE LUCIEN
FEBVRE**

THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**BIOGRAFIA E HISTÓRIA SOCIAL: A ESCRITA BIOGRÁFICA DE LUCIEN
FEBVRE**

THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

Sob a orientação da Professora Doutora

Maria da Glória de Oliveira

Dissertação submetida como requisito final para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ

2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G963b Guimaráes, Thais França, 1990-
Biografia e História Social: a escrita biográfica
de Lucien Febvre / Thais França Guimaráes. -
Seropédica, 2020.
188 f.: il.

Orientadora: Maria da Glória de Oliveira.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em História, 2020.

1. Biografia. 2. Historiografia francesa. 3.
Lucien Febvre. I. Oliveira, Maria da Glória de, 1961-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Pós-Graduação em História III. Título.

Dedico a presente dissertação à memória de

Lucie Varga “Rosa Stern”

Suzanne Dognon Febvre

Simone Vidal Bloch

Thérèse Sclafert

e todas as mulheres que tiveram suas vozes apagadas e silenciadas na pesquisa científica tornando-se coadjuvantes e invisíveis. Vocês não serão esquecidas.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil. Pesquisar no cenário atual, em um momento de retrocesso, desmonte de direitos, congelamentos, cortes na educação, desvalorização do professor e do conhecimento científico, sobretudo na área das humanidades, é um ato de coragem, persistência, resistência e de defesa da importância da pesquisa científica no Brasil. O meu agradecimento inicial vai para todas as pessoas que estão ao meu lado nas trincheiras, aquelas que persistem, não desistem, rebelam-se e acreditam que com Ciência e Educação podemos ter um mundo mais justo. Muito obrigada, vocês me motivam.

Agradeço também à minha própria pesquisa por, nesse contexto de pandemia mundial, quarentena e incertezas, ter sido um refúgio. Em alguns momentos ao longo desses anos a pesquisa foi algoz, mas também soube ser a minha salvação. Muito obrigada.

A minha honra, respeito e gratidão a todas as mulheres vanguardistas, historiadoras, filósofas, artistas, feministas, cientistas e pesquisadoras que lutaram e abriram alas para que hoje tenhamos liberdade para pensar e escolher o nosso próprio caminho. Em nome delas concluo essa jornada de estudos e me junto nesta rede para manter e abrir alas para as futuras gerações, pois, como disse Simone de Beauvoir, os nossos direitos como mulher não são permanentes, teremos que nos manter vigilantes durante toda a vida.

Agradeço a minha orientadora Maria da Glória de Oliveira, sem ela essa pesquisa não teria sido possível. Obrigada por desde a graduação acreditar em mim e em meu trabalho, obrigada por me ensinar tanto, por me ajudar a crescer intelectualmente, por me inspirar. Talvez a senhora não saiba, mas é a minha maior inspiração de mulher empoderada, intelectual, que se impõe e sabe da força de sua voz. Um dia quero ser igual você.

Agradeço a professora Rebeca Gontijo e ao professor Jougi Guimarães Yamashita que aceitaram participar da minha banca de qualificação e de defesa, sou grata por todas as considerações que tanto enriqueceram os caminhos desta dissertação. Agradeço a professora Márcia Gonçalves pela presença em minha banca de defesa. Para mim, é uma honra e um privilégio ter pessoas que eu tanto admiro avaliando o meu trabalho e me ajudando a crescer. Ter me tornado Mestre com a aprovação de vocês foi muito especial.

Agradeço aos professores e professoras do PPHRural, em especial, Luis Edmundo de Souza Moraes, minha maior referência e inspiração profissional e Letícia Pumar, por conduzir suas aulas e construir conhecimento a partir de interações que valorizam o afeto e a amizade.

Aos companheiros do PPHRural que ao longo dessa jornada buscaram colaborar nas mais diversas formas, de textos e discussões acadêmicas aos papos depois da aula no quiosque do Marcelo. Obrigada MP e Yan pela parceria e diversão no caos. Obrigada Marcela de Oliveira por contribuir com conversas sobre a biografia e pelas dicas valiosas de uma “irmã de pesquisa”. Ao Paulo, funcionário da secretaria, sou grata pela

disponibilidade em sempre tirar dúvidas burocráticas e facilitar o percurso, muito obrigada.

Escrever essa dissertação foi uma atividade solitária, solidária e de muitos encontros. Agradeço a todos que de diferentes formas participaram desta trajetória. Sou grata aos amigos e amigas que estiveram presentes física ou virtualmente em cada etapa deste trabalho, suportaram os meus choros, inseguranças, me motivaram a continuar a pesquisa, vibraram comigo a cada conquista, me ofereceram suas casas, companhia, cervejas e, principalmente, a companhia.

Agradeço aos meus primos Marcus Vinicius Guimarães e Ricardo Abreu pelo companheirismo desde o processo seletivo do mestrado. Obrigada pela parceria nos dias difíceis, por escutarem os desabafos sobre os prazos, leitura de fontes e escrita. Obrigada pela presença nos dias em que tudo o que eu precisava era me desligar da pesquisa, obrigada pelas noites divertidas na Lapa e dias ensolarados no Sahy. Obrigada por organizarem uma comemoração surpresa depois da defesa, com direito a bolo personalizado, plaquinhas de “enfim mestre”, grandes amigos reunidos em um lugar que eu gosto e, rodeada de amor. Vocês são sensacionais. Obrigada pela presença em minha vida.

Agradeço ao amigo Iero Xavier, por ter sido sol e luz nos meus dias nublados. Obrigada por todo o incentivo, por não me deixar desistir e por ter me mostrado que há esperança nos momentos de descrença. Sou eternamente grata.

Agradeço à vizinha Yasmim Ramos pela amizade, por nossas reuniões repletas de Bossa Nova, MPB, literatura, vinhos e sopas. Agradeço pelos papos historiográficos, culturais e pedagógicos. Agradeço à sua mãe, dona Mara, por cada fito energética que foram essenciais para eu manter a calma e a concentração necessárias para a produção deste trabalho.

Agradeço à Giulia Fernandes, parceira desde a época da graduação, pela amizade leve e com bases sólidas que construímos. Obrigada por mesmo distante se mostrar tão presente. Sou grata por todas as conversas, desabafos, ideias e inspirações. Obrigada por juntas reconhecermos nossos acertos e falhas e tentarmos cada dia evoluir na luta por nosso espaço como mulher.

Agradeço ao amigo e vizinho Joãozinho (João Marcelo) que me ajudou com dicas valiosíssimas que muito enriqueceram este trabalho.

Agradeço à Leila, minha professora de francês, por toda a paciência em me ensinar esse novo idioma, tão fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

A presença e ajuda de vocês foram essenciais para o andamento desta pesquisa. Agradeço também a todos aqueles que vibraram e comemoraram comigo depois da defesa.

Por fim e não menos importante agradeço à minha família.

Ao meu pai José Guimarães e Silva pelo apoio e amor incondicional, eu te amo.

Ao meu tio Adão Guimarães e Silva. À minha tia Karla França Custódio. Aos meus avós Irany e Ângelo Custódio. Eu amo vocês.

Gratidão.

Muito obrigada, Universo.

*O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível
Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001*

*This study was financed in part by the Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil –
(CAPES) – Finance Code 001*

A parte mais apaixonante do trabalho de historiador consiste em levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas.

Lucien Febvre

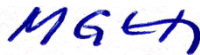
**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPHR**

THAÍS FRANÇA GUIMARÃES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós-Graduação em História, área de Concentração Relações de Poder e Cultura

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/08/2020.

Aprovado por:



Profa. Dra. Maria da Glória de Oliveira, UFRRJ
Orientadora e Presidente



Profa. Dra. Márcia de Almeida Gonçalves, UERJ
Examinadora Externa à Instituição



Prof. Dr. Joui Guimarães Yamashita, SME
Examinador Externo à Instituição



Profa. Dra. Rebeca Gontijo Teixeira, UFRRJ
Examinadora Interna

RESUMO

GUIMARÃES, Thaís França. **Biografia e história social: a escrita biográfica de Lucien Febvre**. 2020. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

A presente dissertação tem como interesse analisar a obra *Martinho Lutero, um destino* escrita pelo historiador Lucien Febvre, em 1928. Ao escrever o livro, o autor deixou claro o seu desejo de que o texto não fosse lido como uma biografia, contudo, como afirmar que o texto não é biográfico se ele comporta as principais características do gênero no campo historiográfico? Para responder o paradoxo objetivamos compreender quem foi Lucien Febvre, qual o seu papel no movimento dos *Annales*, na historiografia francesa e qual era a concepção de história que defendia. Mapearemos a recepção da obra pelo meio acadêmico, as mudanças estruturais principalmente nos prólogos e identificaremos características da escrita biográfica do autor. Acreditamos que ao captar onde o historiador estava inserido intelectualmente e sua trajetória como pesquisador, possamos obter elementos para entender a recusa do autor quanto à escrita biográfica.

Palavras-chave: Biografia, Historiografia francesa, Lucien Febvre

ABSTRACT

GUIMARÃES, Thaís França. **Biography and social history: the biographical writing of Lucien Febvre.**2020. Dissertation (Masters in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

The purpose of this dissertation is to analyze "Martin Luther: A Destiny", a work by the historian Lucien Febvre, in 1928. In writing the book, Febvre stated that his work should not be read as a biographical piece. However, it possesses all the characteristics of such historiographic genre. Thus, how can it not be called a biography? To answer this paradox, this work aims to comprehend who was Lucien Febvre, which was his role in the Annales movement, in the French Historiography, and which concept of History he defended. In order to do so, the reception of his work by the Academia will be mapped, as well as the structural changes of the prologues, and the characteristics of Febvre's biographical writings will be identified. Through the comprehension of Febvre's intellectual positioning and his path as a researcher, it will be possible to obtain the necessary elements to understand his rejection of perception of his work as a biographical writing.

Keywords: biography; French historiography; Lucien Febvre

RESUMÉ

GUIMARÃES, Thaís França. **Biographie et histoire sociale : L'écriture biographique de Lucien Febvre.** 2020. Dissertation (Master en Histoire). Institut des Sciences Humaines et Sociales. Département d'Histoire et Relations Internationales. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

La présente thèse s'intéresse à l'analyse de l'oeuvre *Martin Luther, un destin*, écrite par l'historien Lucien Febvre, en 1928. En écrivant le livre, l'auteur a clairement exprimé son souhait que le texte ne soit pas lu comme une biographie, cependant, comment affirmer que le texte n'est pas biographique s'il reprend les essentiels caractéristiques du genre dans le domaine historiographique ? Pour répondre au paradoxe, nous voudrions comprendre qui était Lucien Febvre, quel était son rôle dans le mouvement des Annales, dans l'historiographie française et quelle était la conception de l'histoire qu'il défendait. Nous cartographierons la acceptation de l'oeuvre par l'environnement académique, les changements structurels, surtout les prologues, et aussi identifierons les caractéristiques de l'écriture biographique de l'auteur. Nous croions qu'en capturant l'endroit où l'historien a été intellectuellement inséré et sa trajectoire comme un chercheur, nous pourrions obtenir des éléments pour comprendre son refus en concernant l'écriture biographique.

Mots-clé : Biographie, Historiographie française, Lucien Febvre.

LISTA DE FIGURA, GRÁFICO, TABELA

FIGURA:

Figura 1	91
----------------	----

GRÁFICO:

Gráfico 1	92
Gráfico 2	92
Gráfico 3	93
Gráfico 4	94
Gráfico 5	95
Gráfico 6	95
Gráfico 7	99

TABELA

Tabela 1.....	113
---------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – “A HISTÓRIA QUE É TODA ELA SOCIAL”	31
1.1. Historiografia francesa pré- <i>Annales</i>	31
1.2. Clima pós-guerra 1914-18 e ambiente intelectual de Estrasburgo	42
1.3. Criação da revista dos <i>Annales d’Histoire Économique et Sociale</i>	44
1.4. História econômica e social	50
1.5. Concepção de história de Lucien Febvre	54
1.6. A presença germânica nos <i>Annales</i>	68
CAPÍTULO II – A CURVA DE UM DESTINO: UM COMBATENTE PELA HISTÓRIA?.....	75
2.1. Fases e faces do historiador Lucien Febvre	75
2.2. Entre desprestígios e exaltações: revisão crítica de uma memória.....	85
2.3. Os vestígios de uma reputação	91
2.4. O historiador estudando e estudado.....	96
CAPÍTULO III – “UMA BIOGRAFIA DE LUTERO? NÃO. UMA OPINIÃO SOBRE LUTERO, NADA MAIS”.....	104
3.1. Martinho Lutero, um destino: recepção da obra.....	104
3.2. A recusa do autor em definir sua obra como biográfica	112
3.3. Entre a iniciativa pessoal e a necessidade social: os problemas da história na escrita biográfica sobre um monge.....	128
3.4. Uma opinião ou uma biografia?	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
FONTES.....	181
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	182

INTRODUÇÃO

A ideia para a realização da presente pesquisa surgiu através das indagações que se manifestaram na elaboração da minha monografia de graduação.¹ Aquele trabalho me possibilitou uma análise das discussões sobre os usos da biografia como gênero e fonte histórica. Além disso, permitiu, através de um balanço historiográfico, a percepção das mudanças concernentes às formas de escrita biográfica, as aproximações e afastamentos com relação à história, além dos desafios e dificuldades dessa escrita, enfrentadas pelos biógrafos. De um modo geral, pude perceber que as discussões relacionadas ao biográfico mostram que, embora o gênero tenha uma extensa história, ainda há dificuldades por parte de alguns autores em incorporá-lo como um método de pesquisa e fonte no trabalho historiográfico, haja vista as diversas mudanças sofridas por essa modalidade de escrita.²

Através do estudo, percebi que o tema das relações entre história e biografia mereceria ser melhor investigado, especificamente no caso das biografias de historiadores vinculados ao movimento dos *Annales*, posto que, nas suas sucessivas gerações, influenciados pelos paradigmas existentes, esses autores relacionaram-se de formas diferenciadas com a produção biográfica.

Neste novo trabalho, aprofundarei o estudo da escrita e da pesquisa biográficas no contexto do movimento historiográfico dos *Annales*, através da análise da obra de um historiador vinculado à primeira geração e, portanto, também reconhecido como fundador da revista. A fonte primária de investigação será *Martinho Lutero, um destino* de Lucien Febvre, publicada em 1928.³ Ao escrever a biografia histórica de Lutero em 1928 (um ano antes de lançar, juntamente com Marc Bloch, a célebre revista), Febvre, no prefácio, previne que não se trata de uma biografia: “uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais”.⁴ E acrescenta que seu objetivo é:

¹GUIMARÃES, Thaís França. **A biografia como gênero e fonte histórica**: discussões historiográficas. 2017. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

² Sobre a historicidade das formas do gênero biográfico ver: DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

³A edição a ser estudada corresponde à tradução recente dessa obra para o português: FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

⁴FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 11

traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva; mostrar de que maneira, sob a pressão de que circunstâncias, seu impulso inicial teve de esmorecer, e seu traçado original, inflectir-se; colocar assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história.⁵

Ainda que entendamos o termo “prefácio” tal como sinaliza o professor e escritor Carlos Ceia em seu *E-Dicionário de Termos Literários*, como um metatexto explicativo/justificativo, em que a obra é apresentada, podendo indicar seus objetivos, contexto de produção, metodologia seguida e algumas estratégias de leitura que ajudam a determinar o seu leitor ideal⁶, a descrição de Febvre sobre a sua obra, porém, aos nossos olhos, apresenta certas indagações: por que o autor declara que no seu livro não encontraríamos uma biografia? Como afirmar que o texto não é biográfico se ele comporta as principais características do gênero no campo historiográfico? No que tange a esse debate, de ser ou não uma biografia, ao verificar a sinopse do livro apresentada nos sites de grandes livrarias, podemos perceber que grande parte classifica que “o autor acaba por realizar uma ‘biografia total’, na qual a história de um indivíduo se entrelaça com o destino de uma época, o século XVI alemão e europeu”.⁷

Febvre objetivou demonstrar que um grande personagem histórico não representa um papel solitário, nem mesmo isolado; ele recebe as demandas de seu mundo e lhes dá respostas. Ele age e reage no interior da coletividade que o produziu e desencadeia ações em diferentes quadras de sua vida. Portanto, Febvre percebe que não pode conceber uma história viva sem a presença das coletividades, essas compostas por estratos diversos de individualidade. Percebe-se que, no interior da “massa” esses indivíduos atuam como agentes de fermentação dos anseios da coletividade.⁸ Essa biografia problematizadora de Febvre foi uma das exceções na primeira geração dos

⁵ Ibid., p. 11

⁶CEIA, Carlos. Prefácio. **E-Dicionário de Termos Literários** de Carlos Ceia. Disponível em: <<<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/prefacio/>>> Acesso em julho de 2019.

⁷ Para ver as sinopses, acessar: <https://www.travessa.com.br/martinho-lutero-um-destino/artigo/ba389ac1-5b34-40f3-80cb-8be329e4bddd>, <https://www.clasf.com.br/martinho-lutero-um-destino-em-brasil-8651987>, <https://historiadigital.org/livros/livro-martinho-lutero-um-destino/>, <https://www.amazon.com.br/Martinho-Lutero-Destino-Lucien-Febvre/dp/8565339076>, <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/biografias/historia/martinho-lutero-um-destino-30184566>.

⁸ AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, nº1, 2012, p. 16.

Annales.⁹ É interessante sublinhar que a questão do papel desempenhado pelo indivíduo no meio social também é tema de outras obras do autor; além de Lutero, Febvre analisa Rabelais (1942)¹⁰ e Margarida de Navarra (1944)¹¹.

No que tange ao tema da presente pesquisa, a escolha da obra em que Lucien Febvre analisa Martinho Lutero deu-se por conta da proximidade entre a data em que o livro é lançado (1928) com a criação da revista dos *Annales* (1929). O contexto de escrita da obra também influenciou a minha escolha, haja vista que foi escrita no período em que Febvre era professor na Universidade de Estrasburgo, onde frequentemente tratava de história social, sendo tal período marcado pela afirmação de sua concepção de história e pelas medidas que levaram à criação dos *Annales d'Histoire Économique Et Sociale*.¹² Logo, essa dissertação, ao propor através da análise da biografia citada um estudo da escrita e da pesquisa biográficas no movimento historiográfico dos *Annales*, enxerga na fonte escolhida uma possibilidade de investigar mais detidamente o problema dos usos do gênero biográfico no interior do movimento dos *Annales* no contexto de sua fundação.

No contexto francês, em um trabalho dedicado a analisar o livro, cuja publicação deu-se em 1929, logo após o seu lançamento, Henri Berr afirmava que naquele momento a biografia estava na moda, ou, em seus termos, *trop à la mode*.¹³ Contudo, em um cenário onde havia, em graus diversificados, vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres, Berr afirmava que a biografia de Lutero escrita por Febvre não era um romance, e, para diferenciá-la do tipo de biografia romanceada em voga naquele momento, ele designou a obra como uma “biografia psicológica”.¹⁴ O historiador francês Henri Hauser, por seu turno, na resenha que dedica ao livro, exalta o

⁹ A árvore organizacional da revista, em sua primeira geração, era composta por Max Leclerc como editor, Marc Bloch e Lucien Febvre como diretores, Paul Leuilliot como secretário da revista. No comitê de redação faziam parte o geógrafo Albert Demangeon; Maurice Halbwachs; os historiadores Georges Espinas, Henri Hauser, André Pignaniol e Henri Pirenne; o economista Charles Rist; e André Sigfried, sociólogo ligado aos estudos do contemporâneo.

¹⁰ FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI siècle. La religion de Rabelais**. Paris: Albin Michel, 1942. Edição brasileira: **O problema da incredulidade no século XVI – a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹¹ FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Héptameron. Amour sacré, amour profane**. Paris: Gallimard, 1944.

¹² DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 145.

¹³ BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, p. 10, 1929.

¹⁴ *Ibid.*, p. 10.

fato de Febvre ter retomado as reconstituições psicológicas produzidas pela “escola romântica” e que, em nome da “crítica objetiva”, estavam sendo ridicularizadas.¹⁵

Ao realizar um levantamento de trabalhos que abordam a biografia que pretendo estudar, percebi que, no Brasil, esse tipo de empreendimento específico ainda é escasso. Sobre a biografia de Lutero, grande parte das produções enfatiza as contribuições da obra para o campo religioso,¹⁶ já no campo da história da historiografia, pode-se destacar o trabalho recente de Sabrina Magalhães Rocha, que busca compreender a relevância da biografia de Lutero na historiografia francesa dos anos 1920 e as contribuições para o debate contemporâneo desse campo.¹⁷ A autora Júlia Silveira Matos, por seu turno, propõe-se a analisar a herança quádrupla no desenvolvimento do método de investigação de Febvre e sua proposta teórica para o campo de estudo da biografia. Tal herança diz respeito às quatro influências marcantes na formação intelectual de Febvre: a geografia de Vidal de La Blache, Durkheim e a escola francesa de sociologia, a psicologia e a última influência, rigorosamente negativa, “história historicizante” da qual se declarou adversário.¹⁸

Outras publicações, como as resenhas críticas do livro, ainda que não sejam diretamente próprias do tema de pesquisa, contribuem com “pequenos diagnósticos”¹⁹ que podem auxiliar na construção das análises propostas no presente estudo. No ano de

¹⁵ HAUSER, Henri. Martin Luther: undestin. *Revue critique d'Histoire et de Littérature*, n. 11, p. 500, 1928.

¹⁶ Para alguma dessas produções ver: CAVALCANTE, Ronaldo de Paula. Você é piedoso- A Piedade Cristã e o desafio do Humanismo: breve ensaio a propósito de um texto clássico de Lucien Febvre sobre Lutero (e Erasmo). *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online)*, v. 14, p. 1274-1297, 2016. MATOS, Júlia Silveira. Lutero como mito: a exploração do mito enquanto signo de linguagem. *BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 18, p. 47-54, 2006.

¹⁷ ROCHA, Sabrina Magalhães. O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia. *História da Historiografia*. Ouro Preto, n. 16, pp. 280-286, dez. /2014.

¹⁸ MATOS, Júlia Silveira. Lucien Febvre e a quádrupla herança: aspectos teóricos do campo biográfico. *Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História*. Rio Grande: Editora FURG, 2006, p. 165-178, v. 20.

¹⁹ Esses “pequenos diagnósticos” nas resenhas não são desprezíveis, pois formam um material de análise importante para a pesquisa. Dizem respeito à “recepção crítica” da obra, ou seja, aos modos como ela é lida, definida através de juízos de valor por leitores especializados em um dado campo, especialmente no momento posterior à sua publicação. As resenhas são a fonte primordial para se identificar a recepção de uma obra por um dado público leitor em um momento histórico preciso. O conceito de “estética da recepção” foi proposto na teoria literária por Hans R. Jauss e W. Iser. O leitor, que passa a ser considerado peça fundamental no processo de leitura, é o principal elemento da Estética da Recepção. Em resumo da profa. Mirian Zappone (UFPR) sobre o tema, a autora afirma que “o princípio geral das várias vertentes da Estética da Recepção é recuperar a experiência de leitura e apresentá-la como base para se pensar tanto o fenômeno literário quanto a própria literatura”. Ver: ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção in: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria Literária: Abordagem histórica e tendências contemporâneas*. 3º Ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 8, pp. 153-162. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/fundamentos-e-critica-da-literatura/seminarios-i/Estetica%20da%20Recepcao.pdf/at_download/file>. Acesso em jul de 2019.

2012, quando o livro é, enfim, editado e lançado no Brasil, uma das primeiras críticas à obra é apresentada no jornal *Folha de São Paulo*, por Leonildo Silveira Campos, na época professor de pós-graduação de ciência da religião da Universidade Metodista de São Paulo. Percebe-se que a exposição da obra vem acompanhada por uma apresentação de Marc Bloch, Lucien Febvre, os *Annales* e os rumos que o luteranismo tomou. Campos define o Febvre dos anos 1920 como alguém “descontente com a maneira tradicional de se fazer história, quase sempre numa perspectiva política, desprezando-se as contribuições das demais ciências humanas” que tinha como desafio fazer uma história do gênero biográfico com novos olhares, incorporando contribuições de outras ciências humanas, diferindo, portanto, das outras biografias já escritas sobre Lutero.²⁰ Em resenha publicada em 2013, a historiadora Patrícia Woolley ressalta que a obra, longe de ser uma mera biografia narrativa, é um estudo atento que combina crítica historiográfica e minuciosa análise de fontes.²¹

Ao considerarmos o trabalho de Febvre como uma obra que mobiliza recursos da biografia para a construção do texto, tais como “o uso de uma narrativa centrada na trajetória de um indivíduo, relacionando-a a acontecimentos históricos ou ficcionais, por vezes tecendo um paralelo entre a trajetória individual e a da nação”²², seguimos a historiadora Rebeca Gontijo que, em sua tese sobre Capistrano de Abreu, afirma que ao identificar o uso desses recursos é preciso lembrar duas discussões: uma que analisa a relação entre biografia e história, e a outra que trata da questão do sujeito na narrativa literária.²³

Na presente pesquisa, a questão mais ampla será a das relações entre biografia e história, levando em conta que uma das características fundamentais do programa historiográfico dos *Annales* estava na prática de uma história “total”, ou seja, centrada mais no “social” e menos no “individual”.²⁴ Como fontes complementares utilizarei

²⁰CAMPOS, Leonildo Silveira. Estudo de Lucien Febvre retrata Lutero à luz do contexto social. **Folha de São Paulo**, 1 set. 2012. Ilustrada.

²¹ CARDOSO, Patrícia Domingos Woolley. Um destino: resenha sobre o importante livro de Lucien Febvre. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jan. 2013. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130116014113/http://revistadehistoria.com.br/secao/livros/um-destino>> Acesso em Maio de 2018.

²²GONTIJO, Rebeca. **O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador**. 2006. 323 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, p. 116.

²³Ibid., p. 116.

²⁴REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O’Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

obras de Lucien Febvre voltadas para a reflexão teórica, em que o autor aborda questões tais como indivíduo, concepção de história que defende, *Annales*, etc.²⁵

Como a proposta é estudar a biografia praticada por um integrante do movimento dos *Annales* e o problema consiste em examinar os usos do gênero biográfico a partir de um programa historiográfico que, de certa forma, não privilegiava a história dos indivíduos, mas sim uma história “total” e social, para contextualizar o problema é importante atentar para o surgimento dos *Annales*, bem como entender qual era o tipo de biografia que circulava na virada do século XIX para o XX, na França.

Na Europa dos anos 1920, a conjuntura parecia favorável à inovação e o período conheceu uma forte ebulição intelectual e cultural. Nesse período de valorização da novidade, em janeiro de 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre fundaram a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.²⁶ A criação dos *Annales* inscreve-se também em uma dinâmica de renovação, que se enraíza nos combates da história-ciência, nas reflexões epistemológicas nascidas na virada do século e na afirmação de novas ciências sociais, em cuja linha de frente aparecem a sociologia durkheimiana e a geografia vidaliana.²⁷

Os *Annales*, em sua primeira geração,²⁸ contou mais expressivamente com a participação dos seus fundadores e diretores. Conforme destacado por Yamashita, tinha como público alvo profissionais de história franceses e estrangeiros, eruditos em geral e homens de negócios – especialmente banqueiros²⁹ –, a primeira ambição dos fundadores

²⁵Como fontes complementares, utilizarei as obras: FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989. FEBVRE, Lucien. “Contra o vento: manifesto dos novos Annales” In NOVAIS, Fernando A. e SILVA, Rogério F. da. **Nova História em perspectiva – vol1**. SP: Cosac Naify, 2011

²⁶YAMASHITA. Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

²⁷ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 148.

²⁸ Cabe destacar que quem construiu essa forma de fixar a história e a memória do movimento dos *Annales* através de uma cronologia de “gerações” sucessivas foi Peter Burke em seu livro laudatório **A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. Além do mais, ele designa os *Annales* de “escola”, referindo-se a uma “revolução francesa na historiografia”. François Dosse e Jacques Revel, por seu turno, são críticos desse tipo de abordagem.

²⁹ Conforme Bertrand Müller, os homens de negócio constituíam uma clientela menos identificável, porém muito importante para os *Annales*, contudo, para Febvre e Bloch que tinham poucas relações nestes meios, a oportunidade parecia mais arriscada. Nas palavras de Müller: “L. Febvre e M. Bloch portent une attention particulière aux ‘érudits locaux’. Au moment de la rédaction d’un prospectus de lancement, visant toutes les catégories de public ‘possibles’, il est question d’y joindre une note spéciale à

da revista foi “fazer a revista dar certo”.³⁰ Além do mais, objetivava-se que a revista fosse uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica, bem como porta-voz dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história.

A história que os *Annales* defendem e desenvolvem, se apresenta, em primeiro lugar, como econômica e social. Nesse sentido, Lucien Febvre adverte que o hábito de ligar os epítetos econômico e social advém das longas discussões sobre o materialismo histórico e que, quando foi decidido colocar ambas as palavras na capa dos *Annales*, ele e Marc Bloch sabiam que “social” é um adjetivo “que por fim já não quer dizer quase nada”. De acordo com Febvre, a palavra “social” parecia ter sido criada para servir de insígnia a uma revista que não queria rodear-se de muralhas, mas sim fazer irradiar um espírito de livre crítica e iniciativa em todos os sentidos. Em 1941, o autor chega a negar a existência de uma história econômica e social, haja vista que, para ele, há simplesmente a história, na sua unidade, ou seja, “a história que é toda ela social, por definição”.³¹

A Revista dos *Annales* nasceu como uma crítica aos historiadores metódicos tradicionais, tendo Febvre e Bloch opondo-se ao predomínio da história política e ambicionando substituí-la por algo a que se referiam como “história ampla e mais humana”.³² Para Delacroix, Dosse e Garcia, a criação da revista inscreve-se também em uma dinâmica de renovação, que se enraíza nos combates da história-ciência, nos debates epistemológicos nascidos das reviravoltas das ciências na virada do século e na afirmação de novas ciências sociais, em cuja linha de frente aparecem a sociologia de E. Durkheim e a geografia de Paul Vidal de La Blache. Pode-se destacar que o ambiente ou “clima intelectual” efervescente e interdisciplinar da Universidade de Estrasburgo, marcado por jovens professores da área de Letras, da Geografia, da Sociologia, da

l'attention des érudits de province et des membres de sociétés savantes. À ces deux catégories de lecteurs s'ajoute une clientèle moins aisément identifiable, mais très importante pour les *Annales*: les hommes d'affaires. Mais, pour les deux historiens, qui ont peu de relations dans ces milieux, l'opération se révèle plus hasardeuse. Et même si M. Bloch peut annoncer triomphalement que, parmi les 5 premiers abonnés, deux, dont un de ses amis, banquier, lui sont imutables, les directeurs des *Annales* se sentent démunis pour atteindre un public ardemment convoité”. Ver BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t1, La naissance des *Annales* (1928-1933), p. XXXVII.

³⁰YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 103. Grifos do autor.

³¹FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 29-30.

³²BURKE, Peter. **História e teoria social**. – 2. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2012, p. 34.

Psicologia e da História (Bloch e Febvre) também é um elemento contextual que contribuiu para a criação dos *Annales*.³³

Ainda pertinente para contextualizar o problema da pesquisa, é de suma relevância remontar ao ensaio de François Simiand, *Método Histórico e Ciência Social*, publicado pela primeira vez em 1903³⁴, tendo em vista que tal estudo terá importância crucial na formulação do programa dos fundadores do movimento *dos Annales*.

O artigo célebre de François Simiand, apresentado como uma reação às obras dos historiadores Paul Lacombe (1837-1927) e Charles Seignobos (1854-1942), faz uma dura crítica à tradição da história metódica francesa, dita “positivista” e centrada nos acontecimentos políticos. Para tanto, Simiand denuncia – em referência à doutrina de Francis Bacon - os três “ídolos da tribo dos historiadores”: o “ídolo político”; o “ídolo individual”, que seria o hábito dos historiadores metódicos de fazerem a história dos indivíduos e não dos fatos sociais e o “ídolo cronológico”. Pode-se destacar que o ponto em comum entre esses “ídolos” é o indivíduo. O texto de Simiand é importante por definir não apenas uma crítica à historiografia tradicional, “historicizante”,³⁵ metódica, mas também para se considerar a ponderação feita ao “ídolo individual”, ou seja, à chamada história dos grandes homens, argumento que será crucial no desenvolvimento da história social e na formulação do programa dos fundadores do movimento dos *Annales*.³⁶ Revel enfatiza que a publicação do texto de Simiand nos *Annales*, em 1960, permite reivindicar uma filiação da história junto às ciências sociais nascentes na virada do século XIX e lembrar que as configurações conflituais entre ambas não eram novas.

No que tange ao contexto francês de produção de biografias, François Dosse destaca que, ao longo do século XIX e início do XX, a biografia sofre um demorado eclipse, haja vista que “o mergulho da história nas águas das ciências sociais” contribuiu para o seu “desaparecimento em proveito das lógicas massificantes quantificáveis”; a biografia torna-se, então, “refúgio da história e do relato anedótico cuja ambição é

³³ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-148.

³⁴ SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003.

³⁵ A expressão “História Historicizante” foi cunhada por Henri Berr, mas consagrada por Lucien Febvre como uma adversária a se combater. Em *Combates pela História* (1953), Febvre explica a origem da expressão, além de definir o gênero. Ver FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 117-121.

³⁶ REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, pp. 23-24.

encantar e distrair”.³⁷ Tal contato entre os sociólogos e a história terá por efeito reforçar ainda mais o desdém à biografia.³⁸

Esse desprezo pelo biográfico que Dosse identifica na França do século XIX difere substancialmente da tradição de escrita biográfica que se consolida na Inglaterra no mesmo período e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. A historiadora Márcia de Almeida Gonçalves em seu artigo *História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940* contextualiza a biografia no cenário inglês. A autora salienta que em língua inglesa tais indagações mobilizaram a muitos e então, identifica algumas delas, a começar as iniciativas Leslie Stephen (1832-1904) e Sidney Lee (1859-1926).³⁹

Na Inglaterra, em 1885, com edição de Stephen, já havia o projeto de um dicionário biográfico da história universal restrito a nomes referentes ao Reino Unido e as suas colônias. Tal projeto, intitulado *Dictionary of national biography (DNB)* tinha como pretensão o levantamento de nomes que deveriam figurar entre os que construíram ou contribuíram para a nação inglesa e sua grandeza. Sidney Lee, por seu turno, trabalhou como assistente de Stephen desde o início da publicação do DNB e, entre 1891 e 1900 assumiu a edição. Conforme Gonçalves, Lee teve notoriedade como biógrafo e representante de certa maneira de conceber o gênero biográfico. Para Lee,

a biografia não se impõe tanto aos olhos de todos como as pirâmides e os mausoléus, estátuas e colunas, retratos e memoriais, mas é o meio mais seguro (...) de proteger uma memória do esquecimento. (...) O propósito da biografia é, em termos gerais, garantir para o futuro a história de indivíduos, homens e mulheres, é fazer perdurar seu caráter e suas ações meritórias. (...) a biografia proporciona a satisfação do instinto de comemoração por meio do esforço de transmitir uma personalidade.⁴⁰

Essa forma de conceber as funções da biografia são detalhadas por Lee no sentido de delimitar condições para a sua produção. A primeira, ligada aos cuidados na escolha do sujeito a ser biografado; a segunda, ao estilo de escrita que deveria superar os modismos do calor da hora. Gonçalves pontua que nas abordagens de Lee há uma aposta na escrita biográfica como um campo particular e fundamental da produção

³⁷ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 181.

³⁸ Ibid., p. 195.

³⁹ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 121.

⁴⁰ LEE, Sidney Apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, pp. 123-124.

letrada.⁴¹ Um terceiro nome merece atenção: Harold Nicolson (1886-1968) e seu texto *O desenvolvimento da biografia inglesa*, uma sistematização da história desse tipo de narrativa, publicado em 1928. O diplomata, jornalista e autor de algumas biografias relacionou-se com aqueles que compuseram o Bloomsbury Group – Virgínia Woolf (filha de Leslie Stephen) e Lytton Strachey. Uma das preocupações de Nicolson era em frisar a biografia como arte e distingui-la por seus procedimentos narrativos, sendo a avaliação dos mesmos o caminho para identificar a qualidade das biografias. Para tanto, ele distingue as biografias entre “puras” e “impuras”: as puras tinham compromisso com a verdade histórica e sua elaboração narrativa deveria possibilitar o ir além do meramente informativo; já as impuras continham o desejo de celebrar o morto, a composição da trajetória de vida de um indivíduo na qualidade de ilustração de uma teoria ou de concepções estranhas ao que de fato o biografado realizou, além de subjetividade indevida por parte do biógrafo, no sentido dos exageros de certos juízos de valor.⁴²

No final dos anos 1990, no texto “Microanálise e construção do social”, Jacques Revel destaca que uma das versões dominantes da história social é a que se definiu na França e em torno dos *Annales*. Apesar de sua formulação não ter sido homogênea e constante, ela apresentou certo número de traços relativamente estáveis que se relacionam com o programa crítico que o durkheimiano François Simiand elaborou para o uso dos historiadores. Simiand lembrava aos historiadores as regras do método sociológico, destinadas a reger uma ciência social unificada, na qual diferentes disciplinas proporiam modalidades particulares. Dali em diante, os historiadores deveriam se afastar do único, do acidental, do indivíduo, do acontecimento e do caso singular para investir no que poderia tornar-se objeto de um estudo científico: o repetitivo e suas variações e as regularidades observáveis dos fenômenos sociais, das quais seria possível deduzir leis. Revel destaca que essa opção inicial, posteriormente retomada pelos fundadores dos *Annales*, nos leva à compreensão das características originais da história social à francesa e que esse modelo entrou em crise no final dos anos 1970 e início de 1980, quando os grandes paradigmas que unificavam as ciências sociais foram seriamente questionados.⁴³

⁴¹GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, pp. 123-124.

⁴²Ibid., pp. 125-126.

⁴³ REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, pp.17- 19.

Ao incitar os historiadores a quebrar seus três ídolos, Simiand interrogava: “por que não eliminar completamente, pelo menos da história científica, os trabalhos consagrados a biografias puras e simples (...) para a história anedótica e o romance histórico (...)?”⁴⁴ Para François Dosse, essa acusação à biografia assume sua importância quando o programa de Simiand torna-se, em 1929, o próprio paradigma dos *Annales*. Como a história política, o gênero biográfico faz parte dos “sacrifícios no altar da ciência”, contudo, insiste Dosse, as obras de Bloch e de Febvre não se afastam tão radicalmente das tentativas biográficas como faz crer o conteúdo da revista. Porém, a opção pelos fenômenos de massa diminui o peso dos indivíduos na história.⁴⁵ O historiador Guillaume Piketty por seu turno, corrobora que os *Annales* não se opunham tanto à biografia como se dizia, e exemplifica a questão com o fato de Lucien Febvre ter se servido magistralmente da biografia em seu inovador trabalho dedicado a Martinho Lutero.⁴⁶

Em artigo cujo objetivo era o de recordar Lucien Febvre, os historiadores Alexandre de Sá Avelar e Marcos Antônio Lopes reiteram que recuperar o historiador francês significava situá-lo “em uma quadra decisiva, em que a história, como disciplina científica, foi pensada, repensada, escrita e reescrita”.⁴⁷ Sobre o seu *Lutero*, de 1928, Avelar e Lopes não afirmam que Febvre rompia com a tradição do gênero biográfico, tal como acreditava Roger Chartier. Para ambos os historiadores, “recusar ou contrapor-se a uma tradição de literatura histórica não significa necessariamente dissolvê-la por inteiro”, destarte, Febvre teria superado a narração cronológica simplória ao biografar indivíduos em suas relações interativas com aspectos sociais de relevo. Se na obra, a Alemanha acompanha Lutero, mas o indivíduo preserva intactas as suas cartas de nobreza, isso também é biografia, ainda que por outros meios, afirmam Avelar e Lopes.⁴⁸

O fato dos *Annales* incorporarem uma crítica dirigida a certa concepção de história, a princípio, não significou um total afastamento do gênero biográfico, porém,

⁴⁴SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003, p. 113.

⁴⁵ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 196-199.

⁴⁶ PIKETTY, Guillaume. La biographie comme genre historique? Étude de cas. In: **Vingtième Siècle, revue d'histoire**, n°63, juillet-septembre 1999, pp. 119-126.

⁴⁷ AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, n°1, 2012, p. 09.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 15.

como se dá a prática dessa escrita biográfica? A hipótese seria de que ela se dá, sobretudo, por meio da recusa de uma determinada ideia de biografia.

A historiadora Sabina Loriga, em seu *O pequeno x: da biografia à história*, assegura que, no século XX, o antagonismo entre história social e história política se endurece e se banaliza, haja vista que a primeira continua a cultivar, nas palavras da autora, “sua vocação impessoal” e a segunda a propor personagens convencionais e monolíticos. Para Loriga, foi provavelmente na França onde a biografia talvez tenha sido mais desprezada. A batalha contra a história historicizante foi vencida pelos historiadores dos *Annales*, que, para além dos acontecimentos particulares, se dedicaram a aprender as estruturas sociais, as representações mentais, os fenômenos de longa duração. Portanto, em pouco tempo, a biografia se torna um dos símbolos da história tradicional, da crônica dos acontecimentos, cuja preocupação se voltava mais para os grandes homens do que para as massas, mais com a cronologia do que com as estruturas.⁴⁹

Jacques Revel entende que o empreendimento dos *Annales* também pode ser compreendido tanto como um conjunto de proposições científicas, tanto como uma expressão de uma estratégia científica, disciplinar e institucional. Sobre o êxito dos *Annales*, Revel a enxerga na origem de um caráter original da experiência francesa do século XX: não somente a história foi considerada, nesse contexto, como uma ciência social, mas, em grande medida, foi em torno dela que as ciências sociais se organizaram até 1960 pelo menos.⁵⁰

O presente trabalho visa, por conta da fonte escolhida, entre outros aspectos, investir em uma discussão teórica sobre o que é o gênero histórico, o que é o gênero biográfico e as relações de aproximação e distanciamento entre ambos.

A produção biográfica abarca múltiplos períodos da história, tendo passado por diversas mudanças ao longo dos tempos. De acordo com François Dosse, a biografia é um gênero antigo, difundida com base na noção grega de *bioi* (bios) e que não se restringe apenas a retrair a “vida”, mas também a “maneira de viver”. Essa noção

⁴⁹LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 45.

⁵⁰REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Cláudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 42.

emergiu de um saber filosófico grego que fazia referência à moralidade. Logo, a biografia surgiu como um gênero relacionado à esfera do julgamento moral.⁵¹

Sabina Loriga, por sua vez, assegura que, desde a sua origem, a biografia é considerada um gênero híbrido e compósito que sofreu profundas transformações ao longo do tempo quanto à escolha e à elaboração dos fatos e ao estilo narrativo. Para a autora, o gênero biográfico equilibra-se entre a verdade histórica e a verdade literária.⁵² Quando pondera sobre a definição de biografia como gênero, Loriga afirma ter dificuldades em pensar em termos de “gênero” biográfico. Segundo a autora, essa foi uma das razões pela qual intitulou o primeiro capítulo de seu livro *O pequeno x: da biografia à história* (2011), de “O limiar biográfico”. Loriga defende que, ao explorarmos a fronteira que separa a biografia da literatura e da história, descobrimos que ela é fluida, instável e se desloca no tempo. Logo, é necessário historicizar a prática do gênero, pois a biografia não é a mesma no século XVIII, no fim do XIX e na década de 1920, portanto, segundo a autora, é difícil e perigoso generalizar através da categoria de gênero textual. Por meio de tais questionamentos, Loriga aproveita para criticar o célebre texto de Pierre Bourdieu (1986) sobre a *ilusão biográfica*, haja vista que o autor sugere a existência de apenas uma forma de escrita biográfica. Loriga, por seu turno, enfatiza que há várias formas de escrita biográfica.⁵³

No período moderno, o modelo do gênero biográfico será a escrita entre a exemplaridade moral e a anedota singular. Com o advento do século XVII, há um aprofundamento da ruptura moderna para acompanhar o movimento de individualização, o que desembocará no século XVIII com a crise da figura do herói. Com as Luzes do século XVIII, a exemplaridade heroica desce do pedestal e o período cederá espaço ao grande homem que progressivamente substituirá o herói. Nesse momento, conforme Daniel Fabvre, há uma evolução no campo lexical do termo “herói”. Se até o século XVIII ele estava ligado aos *heroōi*, semideuses da Antiguidade, no século das Luzes o termo passa a designar simples “personagem” de uma narrativa.⁵⁴

A historiadora Maria da Glória de Oliveira destaca que as reflexões filosóficas do final do século XVIII além de contribuírem para a constituição da concepção de

⁵¹Ibid., p. 123.

⁵² LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 18.

⁵³ LORIGA, Sabina. Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 9, p. 31, ago. /2012.

⁵⁴ FABVRE, Daniel apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 161.

história como agente e sujeito de si mesma, também colocam em xeque a categoria antiga de herói ou de varão ilustre plutarquiano, em nome de um novo personagem: o grande homem.⁵⁵

Ao longo desse século, há uma crise na figura do herói e, em nome da razão, através da filosofia das Luzes, seu caráter semidivino é contestado. Numa sociedade que anseia a paz, os valores guerreiros do herói são vistos como ultrapassados. Nesse contexto, Voltaire irá propor a substituição do herói pelos *grands hommes*. Para ele, grandes homens são aqueles “que se superaram no útil e no agradável” e, diferentemente dos heróis, esses homens deveriam ser proveitosos à sociedade.⁵⁶ Oliveira destaca que o novo heroísmo das Luzes corresponde uma nova relação com a temporalidade, advinda da experiência de ruptura do tormentoso período revolucionário. E, conforme afirma François Hartog, na vida do grande homem inscrevem-se as marcas da aceleração do tempo, como uma espécie de prenúncio do futuro, à medida que remete à noção de perfectibilidade do gênero humano. Os historiadores do Oitocentos, entre o paradigma heróico dos varões de Plutarco e os embates para a fixação dos méritos dos grandes homens na cultura das Luzes, herdaram o dilema que estará na base das suas relações ambíguas com o gênero biográfico.⁵⁷

Após a ruptura da Revolução Francesa, eclode uma proliferação de relatos biográficos que tentam articular individualidade e exemplaridade. Registrar a vida dos que alcançaram certa notoriedade nessa sociedade passa a ser um dos objetivos, visto que “a disseminação dos sujeitos biográficos é o corolário de uma sociedade que se democratiza e atribui ao indivíduo um valor cada vez maior”.⁵⁸ Nesse contexto, conforme Dosse, a biografia se apresenta como uma “subdisciplina auxiliar da história”, mas que ao mesmo tempo perde legitimidade por ser um instrumento a serviço do trabalho do historiador.⁵⁹ Na segunda metade do Oitocentos, duas posturas teórico-metodológicas viriam abalar as convicções individualistas: de um lado, Hegel – em cuja filosofia da história aparece a noção de “grande homem”; do outro, Marx – que definiu a história como “luta de classes”. Teresa Maria Malatian lembra que “a tensão entre

⁵⁵ OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 17.

⁵⁶ FABVRE, Daniel apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 166.

⁵⁷ HARTOG apud OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história**: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 18-19.

⁵⁸ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. - 2ª. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 170.

⁵⁹ Ibid., pp. 169-170.

indivíduo e sociedade privilegiou a primeira e a biografia visava encontrar no destino individual a força do contexto geográfico, cultural, histórico, social”.⁶⁰

A relação entre a biografia e a história sempre foi de aproximações e afastamentos, sendo que o gênero biográfico viveu a todo o momento em uma gangorra de aceitação e rejeição, porém, sem nunca deixar de ser praticado. A fronteira que separa a história da biografia foi sempre bastante contrastada e, em todas as épocas, podemos encontrar historiadores que esperaram uma separação definitiva entre elas.⁶¹ Porém, o fosso entre os dois gêneros se aprofundou, sobretudo, ao longo do século XIX, quando o pensamento histórico atinge seu apogeu. Nesse século, biografia e história adquiriram formas e funções específicas. Sabina Loriga sublinha dois momentos-chave que encorajaram uma separação definitiva entre os gêneros: o primeiro, remonta ao fim do século XVIII e ao início do século XIX e está ligado ao sucesso e impacto da história filosófica⁶², já o segundo, desencadeado nas últimas décadas do século XIX pelos historiadores, atinge o seio da história e coincide com o divórcio entre a história social e a história política.⁶³

As discussões relativas às relações que podem ser constituídas entre uma narrativa biográfica e a escrita da História inscrevem-se em um movimento maior, nas últimas décadas, de uma série de “retornos” na historiografia. De gênero “menor”, a partir de 1960, foi retomado um interesse pelo gênero. Na investigação dessa questão envolvendo as relações entre biografia e história, a fonte escolhida é pertinente, pois se trata de uma biografia escrita por autor emblemático do movimento dos *Annales*.

⁶⁰ MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**. Marília-SP: CEDEM, vol. 1, n. 1, p.18, 2008.

⁶¹ Arnaldo Momigliano nos lembra que durante o período ático Tucídides não escondia o seu desprezo pela biografia, considerada como um gênero muito popular e, dois séculos mais tarde, Políbio também proclamava uma separação entre biografia e história. Conforme Sabina Loriga, tais proposições dos pensadores da Antiguidade também estiveram presentes junto aos historiadores modernos. Em 1599 John Hayward demonstra sua desconfiança em relação à biografia e, um século mais tarde, Thomas Burnet atribui um lugar importante à história, mas reconhece apenas um valor secundário e ornamental, à biografia. Ver LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, pp. 33-34.

⁶² A expressão “filosofia da história” foi cunhada por Voltaire (1694-1778) prenunciando um gênero literário-histórico. No século XVIII as filosofias da história começam a surgir como um gênero específico, com autores como Voltaire, Herder, Kant, Hegel. De acordo com a história filosófica, se a história mereceria ser acompanhada, era para encontrar nos fatos uma ordem “racional” e um “progresso” na sucessão cronológica dos tempos.

⁶³ LORIGA, Sabina. Entrevista. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 9, p. 29, ago. /2012.

No capítulo I, intitulado “A história que é toda ela social”,⁶⁴ o objetivo é compreender quem foi Lucien Febvre e qual o seu papel no movimento dos *Annales*; qual a relação desse movimento com o surgimento da história social e qual era a concepção de história que Febvre defendia em 1928 – período que antecede a criação da revista dos *Annales* (1929) - quando foi publicada a sua obra sobre Lutero. O capítulo visa, acima de tudo, tentar compreender quem é Lucien Febvre nesse movimento que faz nascer a história social, bem como tentar cercar e delimitar a concepção de história de Febvre prévia e também dentro do movimento historiográfico dos *Annales*. Abordamos também o tema da concepção da história social proposta pelos fundadores dos *Annales*, que incorporou as críticas da então emergente ciência social no debate com os durkheimianos (François Simiand).

No capítulo II, intitulado “A curva de um destino: um combatente pela história?” o objetivo é retratar quem foi o historiador Lucien Febvre para compreendermos qual o seu lugar na historiografia francesa e as mudanças de sua memória ao longo do tempo. Ao recompor a trajetória profissional do historiador, tentaremos pensar o autor em seu tempo e espaço.

As contextualizações presentes nos capítulos I e II visam oferecer elementos para que possamos entender a recusa do autor quanto à escrita biográfica. Acreditamos que ao captar onde o historiador estava inserido intelectualmente e sua trajetória como pesquisador, possamos obter dados que complementem as respostas do capítulo III.

No capítulo III, intitulado “Uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais”⁶⁵, nosso ponto de partida é apresentar onde o historiador estava inserido quando produziu a biografia e qual foi o processo de produção e circulação da obra. Apresentaremos *Martinho Lutero, um destino* almejando traçar a trajetória da biografia do seu período de produção até o seu lançamento; com isso, mapearemos as primeiras críticas que a obra recebeu, sua recepção pelo meio acadêmico, em específico pelos historiadores e as mudanças estruturais principalmente nos prólogos e nas imagens das capas de outras edições. Objetivamos também identificar as características da escrita biográfica de Lucien Febvre nesta obra em que ele se dedica a Lutero, para tanto, analisaremos que biografia é essa que ele escreve, a partir de sua concepção de

⁶⁴ Já a expressão utilizada para dar título ao capítulo foi retirada da coletânea “Combates pela história”, de um texto de 1941. A frase encontra-se em FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 30.

⁶⁵A frase aparece em FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 11.

história. Também cruzaremos o material da biografia com outros textos do autor, especialmente aqueles de reflexão teórica.

No prólogo à primeira edição, datado de agosto de 1927, Febvre apresenta sua obra *Martinho Lutero, um destino*, com a afirmação de que o texto contido ali não é biográfico. Partindo de tal premissa, nos indagamos: como afirmar que o texto não é biográfico se ele comporta as principais características do gênero no campo historiográfico? Para responder tal pergunta também utilizaremos textos que abordam o tema do gênero biográfico de uma forma mais ampla tanto em história quanto em teoria literária e que possam dialogar com a fonte, ajudando na resposta. No prólogo à segunda edição da obra, Febvre afirma em 1944: “confesso, para vergonha minha talvez: nada encontrei nele para ser alterado”⁶⁶. Em 1951, sustenta a sua postura e prossegue: “não creio ter algum retoque a acrescentar ao texto original. Confiante, entrego-o, uma vez mais, aos leitores e críticos”⁶⁷. A partir de tais posicionamentos do autor, procuraremos identificar o estatuto de gênero biográfico na França nos determinados períodos de escrita dos prólogos, para observarmos se houve mudanças significativas no que tange à recepção do gênero e investigar os motivos pelos quais Febvre seguiu afirmando que o seu texto não era biográfico. Para tal empreitada analisaremos as suas estratégias de escrita no decorrer de sua narrativa, bem como no título da obra, prefácios, argumentos, ausências de informações. Interessa-nos saber como a sua trajetória como historiador e o meio em que estava inserido contribuíram para que o autor mantivesse as suas opiniões acerca da biografia. Por fim, apresentaremos e analisaremos como Lucien Febvre traça a “curva de um destino”, que é a sua ambição declarada na introdução da biografia de Lutero. A partir da trajetória de Lutero, objetivamos analisar a questão do sujeito na narrativa, bem como as relações entre indivíduo e coletividade, iniciativa pessoal e necessidade social, o que para Febvre talvez seja o problema essencial da história.

⁶⁶ Ibid., p. 20.

⁶⁷ Ibid., p. 20.

CAPÍTULO I – “A HISTÓRIA QUE É TODA ELA SOCIAL”⁶⁸

Fazer a história, sim, na medida em que a história é capaz, e a única capaz, de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos que não os do medo...

Lucien Febvre

1.1. Historiografia francesa pré-*Annales*

Faz-se necessário iniciar o capítulo com um breve balanço da historiografia francesa pré-*Annales*, em particular o período que abrange a escola metódica, haja vista que foi em relação a essa tradição que Marc Bloch e Lucien Febvre se posicionaram e também, a partir dela, desenvolveram suas definições sobre a história.

Antoine Prost destaca quem em razão das críticas formuladas pelos *Annales*, os historiadores metódicos serviram de “contraste”⁶⁹, sendo considerados como o símbolo de uma história a banir: ignorante da sua construção, segura dos seus fatos, implicada na glorificação da nação, presa à política e comprometida com a colonização.⁷⁰ No que tange ao termo utilizado para designar tal grupo, Christian Delacroix, François Dosse e Patrick Garcia optam pelo termo “metódico” em face de “positivistas”, “metodista” de Gérard Noiriel e “metodologista” de François Simiand e Lucien Febvre.⁷¹

Na França, em finais do século XIX, a escola metódica era designada como historiografia dos republicanos e, tendo os historiadores metódicos muito a oferecer à República, esta se mostra generosa para com eles ao profissionalizar os historiadores franceses.⁷² Em tal período, Ernest Lavisse, redator do célebre *Petit Lavisse*, ocupava um lugar central na definição da função social da história.⁷³

No contexto oitocentista francês, Félix Dupanloup, bispo de Orleães e membro da *Académie française*, declarou em um manual escolar de história que a biografia era um bom suporte de ensino para crianças e, conforme o exemplo de Ernest Lavisse no

⁶⁸FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 30.

⁶⁹ PROST, Antoine APUD DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 69.

⁷⁰DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 69.

⁷¹ Ibid., p. 70.

⁷² Ibid., p. 87.

⁷³ Ibid., p. 88.

final do século, seu uso e utilidade seriam acima de tudo pedagógicos.⁷⁴ Na França pós 1870, quando a disciplina histórica se profissionaliza, cabe aos historiadores apresentar às novas gerações algumas figuras exemplares. Sendo assim, com o *Petit Lavis* – um manual de história do curso primário - a biografia torna-se um dos cadinhos do breviário nacional. O modelo antigo da *Historia Magistrae*⁷⁵ da vida exemplar é retomado e o martírio que outrora era cristão, transforma-se em martírio pela causa da pátria.⁷⁶ Nesse panorama, a biografia vai ser admitida como gênero acessório fundamental para a instauração da pedagogia cívica e patriótica das nações em construção.⁷⁷ O historiador Peter Gay enfatiza que, entre as décadas 1870 e 1880, o “apetite biográfico era insaciável”.⁷⁸ Cabe destacar que esse é o contexto da historiografia francesa na época em que Lucien Febvre nasceu, em Nancy, no dia 22 de julho de 1878.

No que tange à paixão de Febvre pela história, já no prefácio de sua obra *Combats pour L’Histoire*⁷⁹, em 1952, ele admite: “tanto quanto a minha memória alcança, vejo-me historiador por prazer ou por desejo, para não dizer de coração e de vocação”⁸⁰, e, ao longo do texto, o autor evidencia que tal paixão deu-se através de influências de seu pai e de seu tio, ambos professores, que o ensinaram desde a infância a amá-la, e afirma: “alimentado por estes conselhos, rico destas leituras e dos sonhos que fazia nascer em mim, como não teria eu sido historiador?”.⁸¹ Considera que seu pai e seu tio foram os seus verdadeiros mestres.⁸² Élisée Reclus⁸³, Burckhardt⁸⁴, Stendhal⁸⁵,

⁷⁴ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. - 2ª. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 173.

⁷⁵ A concepção antiga de história, baseada no preceito da história “mestra da vida” ou *magistra vitae* foi cunhada por Cícero. Como nos lembra Koselleck, a tarefa principal que Cícero atribui à historiografia é especialmente dirigida à prática sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos a fim de que seja possível instruir por meio dela, além do mais, também faz referências às leis sagradas da história, por força das quais os homens conhecem o seu presente e são capazes de iluminar o futuro, não de forma teológica, mas de um ponto de vista político e prático. A história era antes de tudo uma escola da vida, um arsenal de experiências pedagógicas e, segundo o historiador, por cerca de 2 mil anos este *topos* permaneceu ileso. Ver: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos;** tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006, pp.41-45.

⁷⁶ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. - 2ª. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 179.

⁷⁷ SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História (São Paulo)** v. 33, n. 1, p. 130, jan/jun. 2014.

⁷⁸ GAY apud COSTA, Arrisete C. L. Biografias históricas e práxis historiográfica. **SAECULUM – Revista de História.** João Pessoa - PB, n. 23, jul./dez. 2010, p. 22.

⁷⁹ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989.

⁸⁰ *Ibid.*, p. 07.

⁸¹ *Ibid.*, pp. 07-08.

⁸² *Ibid.*, p. 08.

Renan⁸⁶, Flaubert⁸⁷, Proudhon⁸⁸ e Michelet⁸⁹ também configuram como mestres do jovem Lucien Febvre.

Para o autor de *Martinho Lutero, um destino*, a passagem do século XIX para o XX, nos anos que vão de 1896 a 1902, em Paris, foram anos agitados; de “lutas e crises - políticas, morais, estéticas. Tudo ao mesmo tempo”.⁹⁰ Nesse ínterim, continua Febvre, as pessoas procuravam “outros olhos, outras orelhas uma nova maneira de sentir o mundo”.⁹¹ Aos dezesseis anos, o autor estava em vésperas de alcançar Paris, vindo de sua cidade natal, Nancy. Nesse sentido, evoca tudo o que leu, viu e escutou desde aquela idade que contribuiu para as sucessivas transformações “de um espírito duas ou três vezes modificado, até o âmago, por revoluções de arte e de literatura”.⁹² Ao contextualizar o seu gosto pela literatura, música e arte, bem como de seus contemporâneos, os homens nascidos entre 1875 e 1880⁹³, Febvre salienta que em literatura eles liam Michelet, Flaubert, Renan, Vigny, Leconte de Lisle, Vanier, de Calmon ou Charpentier, Jérôme Coignard, romances ideológicos de Barrès, Verlaine, Ernest La Jeunesse, Goncourt, Huysmans, Maupassant, Daudet e Zola. Em música, esses compatriotas contemporâneos escutavam Beethoven, Schumann, Berlioz. Em pintura e escultura amava Rodin – o Claude Lorrain e, apesar da curiosidade dos jovens de dezesseis anos, nem Febvre nem nenhum do seu grupo tinha visto Manet, Monet e Renoir. Contemplavam Figaro-Salon de Albert Wolf, Bonnat, Benjamin Constant, Jean-Paul Laurend, Besnard.⁹⁴ Conforme Febvre, nesses anos febris, os homens da sua idade estavam prontos a acolher Proust, Valéry, Wagner, Debussy, Ravel, Strawinsky, Florent Schmitt. Além do mais, era preciso ajustar, eliminar e também ver as coisas antigas com

⁸³ Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), geógrafo e militante anarquista francês. Tornou-se conhecido por sua extraordinária obra *Nouvelle Géographie Universelle*.

⁸⁴ Jacob Burckhardt (1818-1898), historiador e filósofo suíço, um de seus principais livros foi *La Civilisation de la Renaissance en Italie* de 1860.

⁸⁵ Marie-Henri Beyle (1783-1842), mais conhecido como Stendhal, escritor francês de *Roma, Nápoles e Florença*.

⁸⁶ Joseph Ernest Renan (1823-1892), foi escritor filólogo, filósofo e historiador. Entre as várias obras que escreveu, podemos destacar a *Vie de Jésus*.

⁸⁷ Gustave Flaubert (1821-1880), famoso escritor francês. Suas principais obras foram: *Madame Bovary*, *L'Éducation sentimentale* e *Salammbô*.

⁸⁸ Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), conhecido anarquista que escreveu *Qu'est-ce que la propriété?* e *La propriété c'est le vol*.

⁸⁹ Jules Michelet (1798-1874), foi um filósofo e historiador francês.

⁹⁰ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 53.

⁹¹ *Ibid.*, p. 53.

⁹² *Ibid.*, p. 51

⁹³ *Ibid.*, p. 51.

⁹⁴ *Ibid.*, pp. 51-52.

olhos novos.⁹⁵ Era preciso, conforme o autor, restabelecer laços desfeitos, recriar uma ordem necessária, ajustar principalmente o *décor* de suas vidas.⁹⁶ Imbuído de tais recordações que são evocadas quando já é um senhor cinquentenário, Febvre ressalta que não são apenas as conquistas da ciência que conduzem ao que considerou como as verdadeiras “mutações” do intelecto humano, há que se considerar que as revoluções da arte também trouxeram mudanças fundamentais, haja vista o seu poder de iluminar o escuro.⁹⁷

Os anos que vão de 1880 a 1906 constituem os caminhos de acesso à profissão de historiador e a multiplicação das revistas e sociedades científicas compõem outro indício da formação de uma comunidade de historiadores. A revista é, portanto, um instrumento de trabalho essencial que permite a construção de uma rede e exprime um posicionamento científico e político.⁹⁸

Em 1898, na *Introduction aux études historiques*, Langlois e Seignobos formulam o discurso do método histórico. A *Introduction* é um ensaio sobre o método das ciências históricas, um manual de metodologia – sendo o primeiro com essa amplitude em francês -, e dedica-se à história prática, define uma deontologia, uma ética da história e uma epistemologia.⁹⁹ Conforme Jougi Guimarães Yamashita, Langlois e Seignobos propunham que o tratamento das fontes mereceria grande atenção por parte do historiador, sendo a relação sujeito (historiador) e objeto (documentação) a pedra filosófica da prática historiográfica.¹⁰⁰ Nesse cenário, a história não era literatura nem filosofia; não era a Auguste Comte (1798-1857) ou a Jules Michelet (1798-1874) a quem eles se referiam, mas a Leopold von Ranke (1795-1886), grande fonte de inspiração devido ao período em que estudaram na Alemanha.¹⁰¹ Foi a esse grupo que Marc Bloch e Lucien Febvre ficariam consagrados por combater.

Dois textos de referência em que Febvre critica Seignobos, os metódicos e a história tradicionalista são: “Nem história de tese nem história-manual, entre Benda e

⁹⁵ Ibid., p. 56

⁹⁶ Ibid., p. 54.

⁹⁷ Ibid., pp. 56-58.

⁹⁸ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 92-93.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 69.

⁹⁹ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 100-101.

¹⁰⁰ YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 74.

¹⁰¹ Ibid., p. 79.

Seignobos”, publicado em 1933, e “Pela síntese contra a história-quadro. Uma história da Rússia moderna: Em primeiro lugar a política?”, publicado em 1934. Ambos os textos foram publicados originalmente na *Revue de Synthèse* e republicados, com cortes, na obra *Combates pela história*, em 1953.

No primeiro texto, ao dialogar com Julien Benda¹⁰² (1867-1956), Febvre admite certas críticas elaboradas por ele aos historiadores. Se a história política, diplomática e militar é privilegiada, é porque os historiadores são passivos diante dos documentos e “calam-se porque os textos não lhe dão respostas acabadas”.¹⁰³ Febvre, por seu turno, convida o historiador a “ser ativo diante do desconhecido” e, se não tiver textos, tirar partido dos outros tipos de fontes, haja vista que o trabalho próprio do historiador seria suprir, substituir e completar.¹⁰⁴

No segundo texto, Febvre evidencia a chamada história-quadro ou “sistema da cômoda” utilizada por Seignobos: um sistema que expõe de maneira ritual para toda a sociedade, a política, população, sociedade, economia e, na “gaveta” da economia, a agricultura, indústria e o comércio. Finaliza, proclamando que a história não é uma miscelânea anedótica que visa ao resumo de acontecimentos políticos vistos sob um dos seus atores.¹⁰⁵

Lucien Febvre ataca com mais truculência um tipo de história que só se preocupa com a esfera político-diplomático e a psicologia dos grandes personagens. Nesse ínterim, os epítetos “história política” e “história eventual” são denominações polêmicas usadas muitas vezes pelos *Annales* para estigmatizar a história segundo os metódicos.¹⁰⁶ Charles Seignobos é a figura que melhor representa, conforme Febvre, a história do “político em primeiro lugar”. Os textos de Febvre contra Seignobos vão contribuir para recompor uma nova memória disciplinar, um legado identitário que separa o antes e o depois dos *Annales* e no qual Seignobos aparecerá como representante da história “eventual” a rejeitar; além do mais, os dois textos são repertório de temas críticos e polêmicos contra os metódicos e sua história “tradicionalista”: a redução da história ao evento, história-quadro e “sistema de cômoda”, ignorância das realidades geográficas, econômicas, da vida material e das ciências, das artes e das letras, falta de abertura para o presente, anacronismo das falsas

¹⁰²Crítico, filósofo e escritor francês. Entre suas obras, podemos destacar *La Trahison des Clercs* de 1927.

¹⁰³FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 91.

¹⁰⁴ Ibid., p. 91.

¹⁰⁵Ibid., pp. 77-79.

¹⁰⁶ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp.191-192.

continuidades, passividade diante dos documentos, responsabilidade dos metódicos no descrédito da história, falta de explicação, recusa da história comparada, recusa do método estatístico, recusa das hipóteses e da colocação de problemas.¹⁰⁷

Febvre destaca que não é a Seignobos que ele se declara contra, mas a uma concepção de história da qual, durante anos, em nome das suas funções, influência pessoais e escritos, Seignobos se serviu. Uma concepção que repudiava fortemente “e que de bom grado consideraria responsável, em parte, por esta espécie de descrédito, ao mesmo tempo injusto e justificado, com que a história é, muitas vezes, vista pelos ‘leigos’”.¹⁰⁸ Conforme Febvre, Seignobos daria uma amostra desse tipo de história na obra *História cordial da nação francesa* publicada em 1933. Sobre essa produção, em 1933, na correspondência com H. Pirenne, Febvre exprime seu espanto diante do livro “pré-histórico” do “pobre Seignobos”: “Que Marselhesa da impotência e que pobreza”.¹⁰⁹ A crítica da história política por Febvre não é, portanto, uma crítica da sua legitimidade, mas dos seus procedimentos e de seus conteúdos, da história política tal como se faz na maioria dos casos: separada da história econômica e social e impregnada de preguiça mental e de passividade.¹¹⁰ Uma história que já não pode pretender ser uma disciplina científica, pois não passa, segundo Febvre, de “uma paginação cronológica, no máximo, de acontecimentos superficiais, na maioria dos casos filhos do acaso. Digamos: uma narrativa”.¹¹¹

A narrativa da França conduzida pelos metódicos não pretende ser nacionalista, mas apenas patriótica. Nesse âmbito, se opera a união entre história e geografia, que se torna uma das características do ensino francês. Em 1903, Lucien Febvre, responsável pela crônica dos trabalhos de geografia na *Revue de Synthèse Historique*, ressalta o interesse dessa “geografia humana”. A partir de 1914, quando Febvre retoma as críticas dirigidas contra a escola metódica por François Simiand, rejeita as críticas feitas à geografia, além do mais, define a geografia vidaliana como “possibilista”.¹¹² Paul Vidal de La Blache (1845-1918), fundador da Escola Francesa de Geografia, defensor da ideia

¹⁰⁷ Ibid., p. 192-193.

¹⁰⁸ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989.

¹⁰⁹ BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t1, La naissance des *Annales* (1928-1933), p. 357.

¹¹⁰ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 194.

¹¹¹ FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 194.

¹¹² DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 111.

de que a pesquisa científica devia ser uma atividade ancorada no presente, impactou diretamente os caminhos da renovação historiográfica de Bloch e Febvre.¹¹³

Entre os anos 1890 e 1910, a história metódica entra em uma zona de turbulência: por um lado, é censurada por seu culto da objetividade e pouca atenção aos processos específicos do conhecimento histórico, por outro, é denunciado o seu arraigamento excessivo no particular e no individual, o que provocaria um déficit científico. A sua definição empírica das práticas históricas é atacada com violência.¹¹⁴ Como recorda Yamashita, a contestação ao modelo metódico precede a fundação da revista *Annales HES* e, tal publicação, não foi uma “criação espontânea”, surgida de lugar nenhum.¹¹⁵

O surgimento da sociologia, em especial da sociologia durkheimiana, é um acontecimento importante da cena francesa. Émile Durkheim (1858-1917) funda em 1898 a revista *L'Année Sociologique*, que se torna o pólo de aliança dessa nova corrente que se impõe como representante da sociologia; nela participam Célestin Bouglé (1870-1940), Maurice Halbwachs (1877-1945), Marcel Mauss (1872-1950), François Simiand (1873-1935), etc.¹¹⁶ A abordagem de Durkheim caracteriza-se pela vontade de fundar uma ciência social objetiva, inspirada na epistemologia das ciências naturais. Cabe destacar que o sociólogo também afirma a autonomia dos fatos sociais em relação ao indivíduo, chegando a proclamar que “a mentalidade dos grupos não é a dos indivíduos”.¹¹⁷ Segundo os seus defensores, a aliança da história com as ciências sociais seria porto seguro para o correto desenvolvimento da objetividade e o enquadramento efetivo da história no campo das ciências do espírito, em que a ação humana era vista como dotada de sentido. Durkheim estabelecia uma diferenciação que seria central para a sociologia e para a história escrita a partir daquele momento: o objeto de estudo de sua disciplina residiria naquilo que fosse *social*. Segundo Yamashita, esse foi o primeiro argumento que favoreceu a iniciativa entre Bloch e Febvre, pois apesar de ambos

¹¹³YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 88.

¹¹⁴DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 124.

¹¹⁵YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História) Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 79.

¹¹⁶DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 126 – 127.

¹¹⁷ DURKHEIM, Émile Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

encararem de forma distinta o peso das ciências sociais para a história, Durkheim foi um nome de prestígio em suas visões da disciplina que defendiam.¹¹⁸

No entanto, é de suma relevância observar que ao mesmo tempo havia outras discussões sobre a sociologia com propostas diferentes. O nosso objetivo ao trazer tais debates é evidenciar a existência de outros projetos de ciências sociais em disputa e mostrar que os *Annales* optam por dialogar com um. Essa discussão nos é importante para levantarmos a medida do que estava disponível para os *Annales* em termos de compreensão do papel do indivíduo e do social na história. O modo mais difundido e quase exclusivo de contar a história das ciências sociais consiste em estabelecer o traçado de uma narrativa linear que, a partir de um ponto de ruptura imaginário apresentava o desenvolvimento da disciplina como uma sucessão de ideias tornadas mais acuradas e apuradas. Conforme o sociólogo Eduardo Viana Vargas, no que diz respeito ao processo de emergência das ciências sociais francesas, os “mitos de origem” atribuem a Durkheim e aos durkheimianos um lugar central, se não exclusivo, assim a aura que cerca o seu nome ganhou foros de lenda.¹¹⁹

Na França, em oposição ao projeto de Durkheim, o qual Febvre e Bloch dialogavam, havia o projeto de Jean-Gabriel Tarde, que participou do processo de emergência das ciências sociais na passagem do século XIX, desenvolveu uma teoria sociológica consistente e singular e no último ano deste século já era considerado um dos sociólogos com maior reputação em Paris.¹²⁰ A grande notoriedade que gozou durante a vida não impediu que fosse esquecido pouco depois de sua morte; ainda hoje, mesmo entre os cientistas sociais, é muito difícil encontrar alguém que tenha lido alguma coisa de Tarde. Nas raras vezes em que é lembrado, aparece como um escritor “vago”, “impreciso”, “diletante” cujo pecado teria sido se deixar levar por um “simplismo individualista” e que teria sido “derrotado” por um dos “pais fundadores” do pensamento social contemporâneo, David Émile Durkheim¹²¹.

De fato, as abordagens dos dois sociólogos eram bem distintas, sendo a de Tarde considerada mais literária que científica. Nesse sentido, Vargas afirma que a apreciação do discurso de Tarde como mais literário conheceu seus desdobramentos: por um lado,

¹¹⁸YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302f. Tese (Doutorado em História) Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 88.

¹¹⁹ VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, pp. 40-41.

¹²⁰Ibid., 176.

¹²¹Ibid., p. 17.

ela se tornou um dos principais subsídios para a desqualificação cientificista do discurso de Tarde, por outro, como assinala Lepenies, suas inclinações literárias o preservaram das ilusões do dogmatismo dentro do qual as ciências haviam caído na virada do século.¹²²

Para Tarde, no mundo dos fatos, tudo vai do pequeno ao grande e no mundo das ideias tudo vai do grande ao pequeno, nesse sentido, o sociólogo encaminha a substituição da alternativa sociológica que prevalecia na época e contrapunha os dados impessoais às ideias dos grandes homens pelas pequenas ideias dos pequenos homens. Tarde também parte em direção ao mundo dos detalhes, tentando dar conta das regularidades e singularidades dos fenômenos sociais.¹²³ Vargas entende que a atualidade do pensamento de Tarde está nesta passagem do grande ao pequeno, dos volumosos conjuntos macrossociais aos tênues fenômenos microssociais o que não equivale dizer da sociedade para os indivíduos. Na passagem do *macro* ao *micro*, não está em jogo apenas uma mera mudança de escala; o *micro* não é uma simples miniaturização dos fenômenos macrossociais, nem se confunde com o plano dos indivíduos, ele constitui um domínio irreduzível que instaura novos tipos de relação. Longe de querer explicar o social pelo individual, Tarde procurava enunciar os fundamentos de uma microssociologia irreduzível à psicologia individual e ao individualismo metodológico.¹²⁴

Tanto Febvre quanto Bloch não se cansam de recordar o que devem à sociologia durkheimiana, além do mais, boa parte da legitimidade do empreendimento de ambos está ligada ao fracasso dos metódicos em se oporem aos sociólogos durkheimianos que, segundo Febvre, na virada do século, se assenhoreavam da história. É essa análise mais aprofundada e essa ampliação do questionário e dos métodos a partir das outras ciências sociais que os *Annales* vão pôr em prática, defendendo e desenvolvendo uma história que se apresenta em primeiro lugar como *econômica e social*.¹²⁵

No que tange à iniciativa do confronto entre historiadores e sociólogos, tal empreendimento deve-se a Charles Seignobos que, em nome da natureza específica do conhecimento histórico como conhecimento por meio de rastros, pretende arruinar toda a inflexão sociológica da história, ou até o projeto sociológico em si. A principal reação

¹²²VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, pp. 185-186.

¹²³ Ibid., pp. 198-199.

¹²⁴ Ibid., pp. 199-200.

¹²⁵DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 176.

vem de François Simiand, que se faz o arauto do grupo durkheimiano. O debate entre Seignobos e Simiand dura cerca de sete anos e, em resposta a *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*, publicada em 1901 por Seignobos, Simiand redige, em 1903, dois longos artigos na *Revue de Synthèse Historique: "Méthode historique et science sociale"*.¹²⁶

Pertinente para contextualizar o problema da pesquisa, é de suma relevância remontar ao ensaio de François Simiand, *Método Histórico e Ciência Social*, publicado pela primeira vez em 1903¹²⁷, tendo em vista que tal estudo terá importância crucial na formulação do programa dos fundadores do movimento *dos Annales*.

Lucien Febvre e Marc Bloch, quando lançaram os *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, convidaram Simiand para participar da comissão diretiva da revista, porém, o sociólogo não se juntou ao movimento. Em 1929, são retomadas, na revista, certas preocupações já expressas por Simiand em 1903. Pode-se destacar que um dos traços mais importantes do movimento dos *Annales* está no fato de que ele nasce a partir de um debate com as ciências sociais e a sociologia durkheimiana, emergentes naquele contexto.

Em 1903, Simiand já rejeitava o que ele classificou como "história centrada em eventos" ou *histoire événementielle* abrindo o debate que marcou a emergência da proposta da história social dos *Annales* nas primeiras décadas do século XX. Nessa conjuntura talvez seja possível situar o problema de pesquisa sobre o lugar e os usos da biografia (que, desde a Antiguidade, manteve-se muito próxima à historiografia) no contexto de afirmação da história como "ciência" do social no início do século XX.¹²⁸ Bloch e Febvre tomaram a iniciativa dos *Annales* contra uma historiografia que os incomodava e, uma das armas eficientes para combatê-la, estava na forma das ciências sociais que ganhavam cada vez mais espaço no início do século XX e forneciam material para a crítica a essa historiografia em voga.¹²⁹

François Simiand, principal representante junto com Maurice Halbwachs (1877 - 1945) da sociologia durkheimiana entre as duas guerras, é referência para Febvre e

¹²⁶DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 128-129.

¹²⁷SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social.** Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003.

¹²⁸Para uma abordagem de todos os aspectos que marcaram esse debate no contexto francês, ver: REVEL, Jacques. *História e Ciências Sociais – leituras de um debate francês*, op. cit.

¹²⁹YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 86.

Bloch que, inclusive, interviram para que seus trabalhos fossem transformados em livros “de cabeceira” para os historiadores.¹³⁰ Na resenha do curso de economia política de Simiand, Febvre recomenda calorosamente o livro aos historiadores, como uma obra “fundada num poderoso esforço de análise do real”.¹³¹ Bloch, por seu turno, exalta a contribuição de Simiand que lhe parece nesse ponto essencial: a idéia de que a vida social é um caso de representações coletivas, o que é um importante tema durkheimiano. Contudo, é o programa de uma psicologia social de Simiand – e de Halbwachs – que chama particularmente atenção de Febvre e Bloch.¹³² A noção durkheimiana de representação coletiva, o projeto de uma psicologia de Charles Blondel (1876-1939) e de Henri Wallon (1879-1962), os trabalhos sobre a mentalidade primitiva de Lucien Levy-Bruhl (1857-1939), os trabalhos de psicologia social dos comportamentos econômicos de Simiand, as reflexões de Halbwachs acerca da memória coletiva, são recursos para Febvre e Bloch no estudo dos fatos históricos como fatos de representações coletivas e de mentalidades e, no caso do autor de *Lutero*, para pensar e praticar a história como *psicologia histórica*.¹³³

Ainda em referência aos debates metodológicos e epistemológicos que permeiam a história e o conjunto das ciências humanas, cabe destacar a importância da *Revue de Synthèse Historique*. Criada em 1900, pelo filósofo Henri Berr (1863-1954), ela tem o projeto explícito de reaproximar os pesquisadores de diversas disciplinas. Tal revista não se alinha às posições durkheimianas e, ante os sociólogos, defende a necessidade de levar em conta o papel dos indivíduos. Em suas colaborações, há certo ecletismo, haja vista que suas colunas eram abertas tanto para Langlois quanto para Durkheim, para Simiand tanto quanto a Halphen. Contudo, nas colunas, predominam os jovens pesquisadores; a maioria dos colaboradores tem menos de 40 anos quando publica nela pela primeira vez, Lucien Febvre, por exemplo, publicou o seu primeiro artigo na *Revue de Synthèse Historique*, aos 27 anos. Essa revista permitiu aos futuros fundadores dos *Annales* contrair alianças, especialmente com a geografia vidaliana, e afirmar suas próprias posições contra a “história historicizante”; a *Revue de Synthèse Historique* é caixa de ressonância dos debates que permeiam as ciências sociais do

¹³⁰ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 181-182.

¹³¹ FEBVRE APUD DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 181.

¹³² DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 181.

¹³³ *Ibid.*, p. 186.

começo do século XX dos quais Febvre e Bloch tirarão por sua conta seus próprios ensinamentos e o primeiro deles será romper com a atitude ecumênica de Berr em proveito de uma intervenção mais definida. Dosse destaca que, nesse ponto de vista, mais que a *Revue de Synthèse Historique*, é *L'Année Sociologique* que constituirá o modelo dos *Annales*.¹³⁴ Yamashita adverte que cada historiador pareceu adotar uma das revistas como influência: a Bloch, inspirado por Durkheim, *L'Année Sociologique* seria protagonista; a Febvre, *Revue de Synthèse Historique*, que, inclusive apresentaria dois caminhos que seriam ambições dos organizadores dos *Annales*: espírito colaborativo e divulgação de pesquisas que fossem atuais. A partir de ambos os modelos, Bloch e Febvre procurariam desenvolver a noção de uma comunidade profissional, idealizando, assim, o campo de conhecimento da história.¹³⁵

1.2. Clima pós-guerra 1914-18 e ambiente intelectual de Estrasburgo

No que compete à história feita após a guerra de 1914-1918, para os historiadores metódicos, o conflito não parece ter comprometido o laço entre a função de conhecimento da história e a sua função cívica nacional, porém, para Lucien Febvre, a guerra deve levar a um exame de consciência dos historiadores¹³⁶, além do mais, revela a crise da história, e o fez tomar consciência de sua responsabilidade de cientista e da responsabilidade de se organizar o trabalho de transformação da história. O sentimento na França depois da guerra é de crise intelectual dominada pela incerteza, instabilidade, indefinição e também pela falência da ciência.¹³⁷ Contudo, também é um tempo de reconstrução em que se reposicionar no cenário internacional e construir uma nova normalidade interna, tornavam-se, para a França, o caminho tortuoso da vez.¹³⁸ Yamashita nos lembra que, para a historiografia, a guerra também foi um divisor de águas; quando os metódicos viram a necessidade de reafirmar suas bases e espaços de atuação, Febvre e Bloch encontraram as brechas para a sua iniciativa.¹³⁹ Nesses dois

¹³⁴DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 133-135.

¹³⁵YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 90-92.

¹³⁶DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 138.

¹³⁷ *Ibid.*, pp. 140-141.

¹³⁸YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 69.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 95.

momentos distintos, o que movia a historiografia era a vontade de consolidar as bases científicas da disciplina.¹⁴⁰

Em 1919, Febvre é nomeado para a cátedra de história moderna da faculdade de Letras de Estrasburgo, que voltara a ser francesa após a reanexação da Alsácia e Lorena. Em sua aula inaugural do curso, intitulada “A história do mundo em ruínas”¹⁴¹, ele faz uma análise alternativa da conjuntura historiográfica francesa e um balanço do combate conduzido pela *Revue de Synthèse Historique*, de Henri Berr, em favor da história científica, no qual ainda está muito ligado no início da década de 1920. Nesse período de pós-guerra, Febvre indaga se tem o direito de retomar o seu trabalho de historiador.¹⁴² O tom do texto é cientificista e nele o autor defende que a meta da história é a busca de leis, além do mais, rejeita a concepção da história como conhecimento do individual e do particular. Caracteriza a história que quer fazer como analítica: nem coletivista, nem individualista, mas idealista. Naquele momento, a história era para ele a ciência do desenvolvimento dos homens condicionados pelo seu agrupamento na sociedade. Conforme Dosse, tais formulações são muito próximas de certas posições de Simiand durante a polêmica contra Seignobos em 1903-1907.¹⁴³ Em tal texto, Lucien Febvre também denuncia a instrumentalização da história a serviço da grandeza nacional por parte dos metódicos e afirma que “a história que presta serviço é uma história serva”.¹⁴⁴ Nesse ponto, Febvre distancia-se de Berr que, na mesma época, louva a superioridade do espírito francês e desenvolve posições anti-alemãs.

Estrasburgo, “novidade” territorial francesa¹⁴⁵, parecia um local estratégico: região fronteira entre França e Alemanha, motivo de todas as disputas recentes entre os dois países, era nela que seriam decididos os resultados finais dessa contenda intelectual. Na Universidade de Estrasburgo, em 1920, tem-se o primeiro encontro de Marc Bloch e Lucien Febvre, também nesse ambiente, deram início ao projeto da revista dos *Annales* e, conforme Joui Guimarães, a instituição funcionaria ao longo da década de 1920 como uma espécie de microcosmo da historiografia francesa, entre

¹⁴⁰ Ibid., p. 104.

¹⁴¹ FEBVRE, Lucien. L’histoire dans le monde em ruines. *Revue de Synthèse Historique*, v. 30, n. 88, 1920.

¹⁴² Ibid., p. 02.

¹⁴³ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 138-139.

¹⁴⁴ FEBVRE, Lucien. L’histoire dans le monde em ruines. *Revue de Synthèse Historique*, v. 30, n. 88, 1920, p. 04.

¹⁴⁵ YAMASHITA, Joui Guimarães. *As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade*. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 69.

continuidades e renovações.¹⁴⁶ O período de encontros diários entre ambos os historiadores durou treze anos, de 1920 a 1933, sendo de vital importância para o movimento dos *Annales*. Conforme Carbonell e Livet¹⁴⁷, o ambiente da Universidade de Estrasburgo e o “espírito de Estrasburgo” são classicamente associados à criação dos *Annales*. A escolha dos professores assinalava a vontade do governo francês de fazer da universidade uma vitrina da reconquista francesa e seu clima intelectual era a originalidade, a ênfase dada à colaboração entre professores de diferentes disciplinas à pesquisa interdisciplinar. Nas “reuniões de sábado”, cujo intuito era reunir professores de diversas disciplinas para “livres conversas”, Febvre e Bloch tratavam frequentemente de história social. Durante esse período estrasburguense, ambos afirmam sua concepção de história e produzem obras-chave como *Martinho Lutero, um destino* (Febvre) e *Os reis taumaturgos* (Bloch), além do mais, tomam as medidas que levam à criação dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929.¹⁴⁸ Graças à congruência de pensamentos entre profissionais, o ambiente, sempre aberto à inovação também era colaborativo. Yamashita assinala que a Universidade de Estrasburgo apoiava iniciativas como publicações, viagens a congressos e tudo o que estivesse ligado ao mundo acadêmico e que, *Les Rois Thaumatourgues* de Bloch foi publicado com recursos da universidade. Tal abundância e positividade na atmosfera estrasburguense duraria até metade da década de 1920 quando, a partir de então, os recursos começaram a escassear, o que levou a professores a partirem para Paris em busca de cargos nas grandes universidades; Febvre, por exemplo, em 1923 já mostrava uma mudança de pensamento e mirava a cidade-luz como horizonte.¹⁴⁹

1.3.Criação da revista dos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*

Em 1921, para suprir o desaparecimento, em 1919, da revista de história econômica alemã *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte*, que antes da guerra fora um fórum de debates internacionais, Febvre e Bloch planejam criar uma revista. Inicialmente endereçam a Henri Pirenne um pedido para que dirigissem juntos

¹⁴⁶ Ibid., pp. 93-95.

¹⁴⁷ CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-145.

¹⁴⁸ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 144-145.

¹⁴⁹ YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 106-107.

uma nova revista internacional de história, *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, concentrada no econômico e no social. O objetivo de Febvre era que essa revista pudesse concentrar-se nos debates críticos, metodológicos e que fosse destinada a todos os historiadores, sociólogos, filósofos, juristas e economistas. O projeto não dá certo, porém, segundo Bertrand Müller, constituirá a matriz intelectual dos futuros *Annales*.¹⁵⁰

Em 1922, Febvre publica *La Terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire* na coleção *L'évolution de l'humanité* de Berr.¹⁵¹ Tal livro, que fora preparado antes da guerra, representa uma etapa decisiva na redefinição por Febvre de uma identidade histórica perante as outras ciências sociais. O autor intervém como representante de uma disciplina, a história, e se propõe levar adiante uma crítica de método, de resultados, que ele distingue do puro debate acadêmico sobre metodologia. Dosse salienta que há aí um jeito *polêmico e pragmático* de recompor uma identidade epistemológica para a história.¹⁵²

Na década de 1920, um novo “fazer da história” estava em ação. Após o fracasso da tentativa de 1921, Bloch retoma a iniciativa em 1928, para relançar o projeto de uma nova revista de história econômica e social. Apoiados, sobretudo, por Albert Demangeon - diretor dos *Annales de Géographie* e amigo de Febvre -, Marc Bloch e Lucien Febvre negociam com a editora Armand Colin. Yamashita enfatiza os obstáculos enfrentados pelos historiadores para definirem o nome da revista: a primeira idéia, lançada por Bloch, foi de batizá-la como *L'Évolution Économique et Sociale*, entretanto, o editor Max Leclerc não ficou satisfeito, o mesmo julgava o título ser bom para um livro, não para um periódico. Leclerc sugeriu então *Annales Économiques* para fazer coro com outra revista publicada pela Colin, *Annales de Géographie*, Bloch e Febvre discordaram do nome, haja vista tal nome não passar a idéia de que se tratava de uma revista de história.¹⁵³

O título enfim escolhido para tal empreendimento foi *Annales d'Histoire Économique et Sociale (Annales HES)*, por analogia aos *Annales de Géographie*, de

¹⁵⁰MULLER, Bertrand apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 145.

¹⁵¹ FEBVRE, Lucien. **La Terre et l'évolution humaine**. Introduction géographique à l'histoire. Avec Lionel Bataillon. Paris: La Renaissance du Livre, 1922. (Col.L'évolution de l'humanité.) Reed. Paris: Albin Michel, 1970.

¹⁵² MULLER, Bertrand apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 145.

¹⁵³YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 113.

Vidal de la Blache, publicados pela mesma editora. A direção da revista era composta por Lucien Febvre e Marc Bloch; no comitê de redação, apareciam nomes como Albert Demangeon (geógrafo), Georges Espinas, Maurice Halbwachs (sociólogo), Henri Hauser, André Paganiol, Henri Pirenne, Charles Rist (economista), André Siegfried (cientista político e discípulo de Vidal de la Blache) e Paul Leulliot. O primeiro número surgiu em 15 de janeiro de 1929.¹⁵⁴ Cabe destacar que a rede de colaboradores não constituiu um grupo homogêneo, e publicar na revista não implicava aderir integralmente às suas orientações.¹⁵⁵

Desde o seu início, o periódico foi planejado para ser algo mais do que outra revista histórica, pretendia exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica, seria o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história. Em sua primeira edição, trazia uma mensagem dos editores, na qual eles lamentavam as barreiras existentes entre historiadores e cientistas sociais, enfatizando a necessidade de um intercâmbio intelectual.¹⁵⁶

Nesse ideal de renovação que envolve a criação dos *Annales*, Yamashita busca relativizar a construção da memória de que o surgimento da revista seria revolucionário e incontestável. Ao debater os “bastidores” dessa produção, o autor evidencia desafios e dificuldades nem sempre levados em conta “dada a aura do marco de mudança historiográfica que reveste a publicação”. Conforme Yamashita, as denominações “movimento”, “revolução”, e “escola historiográfica” apagam o movimento que, de fato, iniciava-se naquela data: uma publicação a procura de espaço para a sua consolidação acadêmica. Contudo, não se pode negar a intencionalidade de Febvre e Bloch em promover debates pautados por um horizonte de renovação historiográfica, mas tal ação só ganhou efetividade porque o projeto de ambos “vingou”.¹⁵⁷

O historiador Tiago de Melo Gomes garante que a sacralização do ano de 1929 é bastante sintomática, “visto que marca a fundação da revista em torno da qual gravitavam as diversas gerações dos *Annales*, levando os menos informados a ignorarem o fato de que a renovação em História naquele momento era discutida em

¹⁵⁴DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 149-150.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 156.

¹⁵⁶ BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia.** São Paulo: Editora da Unesp, 2010, p. 36.

¹⁵⁷YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 69-70.

outros espaços, muitas vezes em termos semelhantes”. Conforme o autor, os historiadores dos *Annales* construíram uma história da historiografia mundial onde aquele ano aparecia como um marco zero da renovação historiográfica que derrubou as correntes vigentes no século XIX e essa visão teve grande sucesso ao difundir a “lenda dourada dos *Annales*”, de que fala Jacques Revel. Contudo, a visão apologética veiculada pelos membros dos *Annales* está longe de ser a única possível sobre o assunto.¹⁵⁸

A ideia de que o ano de 1929 marca o início de uma historiografia renovada, que abandonou em definitivo as correntes do século XIX cristalizou-se e por muitos anos não foi questionada, no entanto, recentemente o cenário se modificou. Diversos autores, sem deixar de reconhecer o pioneirismo da escola francesa, tem tentado complexificar o quadro, matizando a ideia de que haveria uma total descontinuidade entre a obra dos *Annales* e a historiografia anterior e observando a incoerência presente no fato de os *Annales* contarem a sua própria história de modo nacionalista, linear e heróico, ou seja, nos mesmos termos que a historiografia antecedente era por eles criticada, nota-se também importantes esforços para mostrar que a historiografia no qual eles se opunham não era a caricatura que o grupo francês desenhou.¹⁵⁹

A obra de Lucien Febvre, por exemplo, tem sido avaliada como contendo elementos das tradições anteriores, sendo associada à influência de Fustel de Coulanges, Charles Seignobos ou à hermenêutica alemã. Porém, percebe Gomes, essas observações têm sido feitas essencialmente sobre a produção de Febvre, a Bloch analistas o destacam como um historiador por inteiro do século XX, sendo o principal arquiteto das inovações trazida pelos *Annales*. Essa ideia cristaliza a tendência de destacar a figura de Bloch como o “Chefe do Estado-Maior” do movimento, como destaca Braudel. Gomes, por sua vez, analisa a obra de Bloch e afirma que ela também apresenta elementos das tradições historiográficas anteriores e que, diferente de Febvre que em seu *Combates pela História* fez jus ao título disparando contra seus opositores, Bloch adotou um caminho diverso e em sua *Apologia da História* assumiu outra postura em relação aos antecessores, mostrando-se, em diversos momentos simpático a pontos de vistas expressos por Seignobos, Coulanges ou Ranke. A postura de Bloch é divergente da memória histórica que tende a ver nos pais dos *Annales* um grupo devotado a um

¹⁵⁸ GOMES, Tiago de Melo. A força da tradição: a persistência do antigo regime historiográfico na obra de Marc Bloch. *Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n. 36, pp. 444-445.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 446.

combate incessante e heróico contra a historiografia anterior. Gérard Noiriel, por exemplo, mostra o papel de Febvre na construção desse mito, outro exemplo é o de Jacques Le Goff, sempre pronto a combater os inimigos do grupo francês e construir a memória do grupo.¹⁶⁰

A historiadora Natalie Zemon Davis observa que a equipe interdisciplinar da primeira geração dos *Annales* parecia ser uma “confraria de irmãos franceses” composta essencialmente por editores homens.¹⁶¹ Entre 1929 e 1944, apesar das numerosas resenhas dedicadas a obras de autoria feminina, somente duas historiadoras tiveram trabalhos publicados na revista dos *Annales*. Para a historiadora Maria da Glória de Oliveira, o esquecimento e apagamento da produção intelectual feminina da memória disciplinar é constituída através de um corpo canônico de textos de autoria masculina cuja autoridade é assegurada por mecanismos de reconhecimento e consagração entre os próprios historiadores profissionais, os meios de ensino e a difusão pública.¹⁶² Logo, faz-se necessário evidenciar o papel que as mulheres desempenharam nos *Annales*, uma vez que este processo frequentemente é pensado como sendo restritivo ao universo masculino. A primeira mulher a publicar na revista foi a francesa Thérèse Sclafert, pesquisadora que concluiu o doutorado em 1926 pela Universidade de Paris com um estudo inovador sobre a agricultura medieval, contudo, ainda que a tese tenha sido elogiada por Bloch, este trabalho não foi um passo em direção a um cargo mais alto para Sclafert, como naturalmente seria para um homem. Nos *Annales* a sua contribuição foi um artigo sobre rotas no comércio medieval no número inaugural da revista.¹⁶³ A outra historiadora foi Lucie Varga que, entre 1936 e 1937 publicou três artigos e seis resenhas na revista.¹⁶⁴ Considerada por Peter Schöttler como “a face oculta dos *Annales*”, Varga tinha um papel mediador decisivo na construção da rede intelectual dos fundadores do movimento com a produção historiográfica alemã.¹⁶⁵ Tendo nacionalidade húngara e ascendência judaica, a historiadora faleceu prematuramente após uma vida marcada pelo exílio e pela luta contra o nazismo. Sua produção historiográfica voltava-se para a história moderna e medieval, no campo da história da arte e da psicologia histórica. A partir de 1934 foi assistente pessoal de Febvre,

¹⁶⁰ Ibid., pp. 447-456.

¹⁶¹ DAVIS, Natalie Z. History's Two Bodies. *The American Historical Review*, v. 93, n. 1, p. 23, 1988.

¹⁶² OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *Hist. Historiogr.*, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, pp. 126-127.

¹⁶³ DAVIS, Natalie Z. Women and the World of the “Annales”. *History Workshop*, n. 33, p. 209, 1992.

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. *Hist. Historiogr.*, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018, p. 125.

¹⁶⁵ Ibid., p. 125.

tornando-se “*lectrice*”, produzindo fichas sobre as obras, principalmente alemãs, que o historiador não conseguia tempo para ler, mas deveria usar tanto em resenhas quanto em seus trabalhos sobre o século XVI. A presença de Varga na *Annales* foi além de secretariar Febvre: ela exerceu um papel de mediadora dos fundadores com a historiografia austríaca e alemã, indicou-lhes nomes de autores como o austríaco Karl Jelusic, o alemão Ulrich Noack, que havia sido aluno de Meinecke, o também alemão Heinrich Sproemberg, cuja colaboração foi recusada por Bloch, além de seu marido, o austríaco Franz Borkenau.¹⁶⁶

Ainda que os dois fundadores dos *Annales* gostem de se apresentar como “marginais”,¹⁶⁷ em 1929, Febvre e Bloch são profissionais reconhecidos e de trajetórias intelectuais próximas, além do mais, adquiriram referências intelectuais comuns que são as principais fontes de seu projeto de renovação da história: a história econômica (Henry Pirenne), a sociologia durkheimiana, a geografia vidaliana, a *Revue de Synthèse Historique*, a psicologia coletiva (Blondel, Wallon) e a lingüística histórica (Antoine Meillet). No fim da década de 1920, Febvre volta-se para a história religiosa e a história intelectual; em 1928, propõe a Berr o lançamento de uma revista de história das idéias e participa ativamente da elaboração da nova fórmula da *Revue de Synthèse*, que inaugura em 1931.¹⁶⁸

Tal proximidade, laços de amizade e vínculo intelectual entre Febvre e Bloch não impediram que, ocasionalmente, ocorressem rugas e pensamentos divergentes entre eles. Yamashita assegura que “a relevância em tratar das rugas reside no fato de que elas, de alguma forma, sempre giraram em torno do funcionamento dos *Annales*”.¹⁶⁹ O autor destaca quatro momentos em que se podem perceber períodos de tensão e discordância entre os dois historiadores: o primeiro deles, iniciado em 1928 e retomado com força em 1930, trata da questão dos concursos para o *Collège de France*; o segundo, tem a ver com a vida privada afetando o andamento da revista, nesse momento, tem-se a presença de Lucie Varga¹⁷⁰ (1904-1941), assistente de Febvre; o

¹⁶⁶ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães) pp.98-100.

¹⁶⁷ DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. Editora Ensaio: Editora da Unicamp, 1994 – 2ª reimpressão, p. 17.

¹⁶⁸ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 152.

¹⁶⁹ YAMASHITA. Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 121.

¹⁷⁰ Lucie Varga (cujo nome original era Rosa Stern) foi uma historiadora, de origem austríaca, refugiada em Paris. Foi contratada para ser assistente de Lucien Febvre, quando o mesmo, ao assumir a vaga no

terceiro, ocorreu em 1937, em um período conturbado, de diferentes visões entre editora e organizadores, o que culminou na mudança de nome da revista para *Annales d'histoire sociale*; o quarto momento, deu-se após 1938, durante a eclosão da Segunda Guerra Mundial, na ocasião em que, correndo o risco da revista ser proibida, é solicitado que Bloch, por ser judeu, se retirasse dos *Annales*.¹⁷¹

1.4. História econômica e social

As resenhas críticas feitas por Febvre em 1940 e em 1941¹⁷² à obra *La société féodale* de Bloch, também permitem avaliar as inclinações divergentes na prática da história social dos dois historiadores. Ao escrever sobre o segundo tomo da obra, Febvre torna mais dura sua crítica e censura Bloch por ter ignorado o indivíduo. Não que a psicologia esteja ausente do livro, escreve Febvre, mas se trata sempre de psicologia coletiva. Pergunta ele: “por que não, de quando em quando, um homem que se destaque da massa? Ou, se for pedir demais, pelo menos um gesto de homem? Gesto de homens, de homens particulares?”.¹⁷³ Continua discorrendo que o historiador deve fazer compreender, ou seja, mostrar ao mesmo tempo em que explicar: “não hesitemos em dar a ver, em mostrar indivíduos em ação (...) e não apenas demonstrar a mecânica do homem feudal”.¹⁷⁴ Delacroix, Dosse e Garcia, apoiados nessas observações críticas de 1941, medem o que separa Febvre de Bloch: em Febvre, encontram maior apego às

Collège ficava cada vez mais atribulado com as várias atividades que exercia. Inicialmente, as tarefas que foram incumbidas a Varga eram os de datilografar textos, revisá-los e organizar a agenda de Febvre. Em seguida, conforme hipótese de Peter Schöttler, ela começou a fichar livros e fornecer material para que Febvre pudesse publicar na *Revue de Synthèse* e nos *Annales* resenhas de obras que não tinha tempo de ler. Posteriormente, Varga começou a assinar as resenhas nas duas publicações, tornando-se, assim, a primeira mulher a publicar regularmente nos *Annales*. Yamashita assegura que nas correspondências trocadas entre Febvre e Bloch percebe-se que a menção à figura de Varga torna-se recorrente, sinal de que ela se transformava em peça cada vez mais relevante para as engrenagens da revista. Para maiores informações sobre Lucie Varga, ver: SCHÖTTLER, Peter. **Lucie Varga: les autorités invisibles. Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trent.** Paris: Le Cerf, 1991. YAMASHITA, Jougi Guimarães. Lucie Varga: a “desconhecida” historiadora dos Annales (Artigo). In: **Café História – história feita com cliques.** Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/lucie-varga-e-os-annales>> Publicado em: 03 jul 2017. Acesso em: 10 de ago 2018. YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

¹⁷¹YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 121-132.

¹⁷² Ver: FEBVRE, Lucien. La société féodale. *Annales HES*, v. 2, n. 1, 1940 e FEBVRE, Lucien. La société féodale: une synthèse critique. *Annales HES*, v. 3, n. 3-4, 1941.

¹⁷³ FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 187.

¹⁷⁴Ibid., p. 188.

expressões conscientes da atividade humana (arte e religião, por exemplo) e aos indivíduos; em Bloch, encontram prioridades dadas às representações e às maneiras de fazer coletivas e menos conscientes.¹⁷⁵ Em artigo de 1983, o historiador André Bruguière observa concepções divergentes acerca da noção de mentalidade em Bloch e Febvre: “uma concepção centrada nos fenômenos mentais mais distantes do pensamento refletido em Bloch (o que anuncia a história antropológica) e uma concepção que se empenha ‘em integrar numa mesma totalidade os fenômenos intelectuais e os fenômenos psicológicos’ em Febvre.”¹⁷⁶

Após ter sido recusado pela Sorbonne em 1926, Febvre é eleito em 1932 para o *Collège de France*, com a cadeira de história da civilização moderna. Nesse período, ele também é escolhido para dirigir a elaboração de uma *Encyclopédie française*. A partir desses anos, Febvre endurece a sua polêmica contra a história historicizante e em particular contra Seignobos. Na década de 1930, a *Encyclopédie* ocupa um lugar importante nas atividades de Febvre e tal dedicação contribui para o seu divórcio intelectual com Henri Berr, que enxerga nela um empreendimento concorrente de suas próprias iniciativas. Durante esse período, Febvre também retoma para a *Encyclopédie* e para o conjunto das ciências o objetivo que esteve na gênese dos *Annales*: “derrubar os muros” entre os pesquisadores.¹⁷⁷

Antes da grande guerra, Febvre pertenceu à SFIO- Seção Francesa da Internacional Operária, um partido político socialista francês criado em 1905-, mas depois, tal como Simiand, não tem mais filiação política e, junto com Bloch, permanece republicano, laico e que reivindica um estatuto social de cientista.¹⁷⁸

Na parte consagrada à história, do livro-balanço *Les sciences sociales em France: enseignement et recherche*, publicado em 1937 pelo Centre de Documentation Sociale (CDS), dirigido pelo sociólogo Célestin Bouglé, da École Normale Supérieure (ENS), o jovem historiador bibliotecário adjunto da ENS, Jean Meuvret (1901-1971), resume o conflito entre historiadores e sociólogos pelo lugar concedido à psicologia individual e aos indivíduos na história. Para Meuvret, tais conflitos se atenuaram com o lançamento de *Martinho Lutero, um destino* (1928) de Febvre e *Sylla ou la monarchie*

¹⁷⁵ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 188.

¹⁷⁶ BRUGUIÈRE, André Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 188.

¹⁷⁷ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 153-154.

¹⁷⁸ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, pp. 153-154, p. 158.

manqué (1931) de Jérôme Carcopino e ambas as obras ilustram a vontade dos historiadores de tratar os indivíduos em sua relação com as forças coletivas e sociais de sua época.¹⁷⁹

Para Febvre, a história não é “apenas obra dos indivíduos”, a seu ver ela é obra dos indivíduos e dos grupos, sendo, inclusive, o seu livro sobre Lutero, uma obra que se refere ao problema das relações da personagem histórica com a coletividade. O autor frisa que o indivíduo histórico, ou seja, *a personagem histórica* desenvolve-se em e pelo grupo. Em certos momentos desprende-se dele temporariamente e aponta-lhe novos caminhos.¹⁸⁰ O personagem histórico não é uma potência autônoma, isolada do meio social, pois o homem recebe as suas determinações da sociedade. Os estudos de Febvre sobre Lutero (1928), Rabelais (1942) e Margarida de Navarra (1944) ilustram amplamente a sua vontade de não separar do meio social as individualidades, de não tentar monografias de personagens, e sim colocar e explorar um complexo de problemas históricos, psicológicos e metodológicos.¹⁸¹

Nesse ínterim, como meta da história, Febvre define reconstruir todo o universo físico, intelectual e moral das gerações passadas.¹⁸² A noção de *instrumental mental* (título do primeiro tomo da *Encyclopédie française*, confiado por Febvre a Abel Rey) reflete esse interesse pelas realidades coletivas psicológicas e de sensibilidade.¹⁸³ O instrumental mental, segundo Febvre, é formado por todas as ferramentas mentais à disposição dos homens de uma sociedade; essa concepção que coloca a existência dessas ferramentas fora de seus empregos pode levar a uma “reificação das funções e dos ensinamentos culturais”.¹⁸⁴

Na concepção da história intelectual defendida por Febvre, tornamos a encontrar essa vontade de não separar o individual do social. Uma história das idéias, dos pensamentos, dos preconceitos e das modas em sua influência, sua ação sobre as diferentes camadas da sociedade. Portanto, essa história social das idéias é “parte

¹⁷⁹ Ibid., p. 163.

¹⁸⁰ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 87.

¹⁸¹ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190.

¹⁸² Ibid., p. 189.

¹⁸³ Ibid., p. 189.

¹⁸⁴ REVEL, Jacques Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 189.

integrante de uma história social, uma história que não está ligada nem ao único, nem ao raro, mas ao comum, ao feito em série, ao banal.”¹⁸⁵

Sempre preocupado em evitar o anacronismo psicológico, ou seja, “o anacronismo do instrumental mental” e pondo-se sob a autoridade de Blondel e de Wallon, Febvre coloca o problema da psicologia histórica: “a impossibilidade de usar a psicologia dos homens do século XX para compreender os homens de antigamente”. Para Febvre isso é integrar a psicologia à prática da história.¹⁸⁶

Em 1949, Febvre faz uma resenha da *Apologia da História* de Bloch na qual aborda, a partir da prática mesma da história, a questão da função social da história, que consiste em organizar o passado em função do presente. Segundo Febvre, essa era uma questão inquietante que ameaçava comprometer a objetividade da história.¹⁸⁷

A história que os *Annales* defendem e desenvolvem, se apresenta em primeiro lugar como econômica e social. Nesse sentido, Lucien Febvre adverte que o hábito de ligar os epítetos econômico e social advém das longas discussões sobre o materialismo histórico e que, quando foi decidido colocar ambas as palavras na capa dos *Annales*, ele e Marc Bloch sabiam que “social” é um adjetivo “que por fim já não quer dizer quase nada” e por isso mesmo o escolheram. De acordo com Febvre, a palavra “social” parecia ter sido criada para servir de insígnia a uma revista que não queria rodear-se de muralhas, mas sim, fazer irradiar um espírito de livre crítica e iniciativa em todos os sentidos. O autor também nega a existência de uma história econômica e social, haja vista que para ele há simplesmente a história, na sua unidade, ou seja, “a história que é toda ela social, por definição”.¹⁸⁸ Yamashita adverte que o argumento de Bloch e Febvre a favor do nome da revista se dava no sentido de convencer o editor a inserir especialmente o termo “social”, pois ele é tão vago e polissêmico que combinaria com qualquer ambição teórica que viessem a ter, além do mais, seria o artifício perfeito para ampliar significativamente as possibilidades de colaboração.¹⁸⁹ O epíteto social que se junta ao de econômico nos lembra que o objeto dos nossos estudos não é um fragmento

¹⁸⁵ FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França:** séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190

¹⁸⁶ *Ibid.*, p. 190.

¹⁸⁷ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França:** séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 161.

¹⁸⁸ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 29-30.

¹⁸⁹ YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch:** nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 113.

do real, um dos aspectos isolados da atividade humana – mas o próprio homem, entendido no seio dos grupos de que faz parte.¹⁹⁰

Conforme assegura Revel, assim é que “social” se torna o nome genérico que designa esta história nova: a história, com os *Annales*, torna-se a “depositária do social”¹⁹¹; como a história dos metódicos o fora do nacional, porque o social se tornou a entrada mais eficaz para reconciliar a história com a vida, para recolocá-la no terreno das realidades, para que ela esteja de acordo com as evoluções das ciências. Essa reancoragem da história no continente-ciência por parte dos *Annales* não implica, porém, abandonar o que deve garantir à história o seu lugar central nas ciências sociais: a sua plasticidade, a sua flexibilidade teórica (que pode parecer um ecletismo) própria em relação ao seu objeto e que lhe deixa uma liberdade de análise única.¹⁹² Essa abertura às ciências sociais alimenta a renovação das ferramentas, das noções, das questões e dos métodos da história. Para garantir seu lugar entre as ciências sociais, a história deve, contudo, ela mesma se pensar e se praticar como uma *ciência social*.¹⁹³

O projeto dos *Annales* deve ser analisado como uma resposta ao desafio de deslegitimação lançado – direta ou indiretamente – à história pelas outras disciplinas científicas (quer pertençam às ciências da natureza, quer às ciências sociais). Esta estratégia intelectual precisava de uma ruptura com as escolhas teóricas e práticas unilateralmente defensivas dos metódicos. Para os *Annales*, a história deve tornar-se uma ciência social, para não mais isolar-se no campo científico. A estratégia disciplinar e profissional de Bloch e Febvre subordina-se a este objetivo intelectual.¹⁹⁴

1.5. Concepção de história de Lucien Febvre

Antes de entrar na questão do que era a concepção de História para Febvre dentro do movimento historiográfico dos *Annales*, é de suma relevância citar o artigo de Massimo Mastrogregori no qual o mesmo examina a existência de uma formulação teórica nas obras de Bloch e Febvre.

¹⁹⁰ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 31.

¹⁹¹ REVEL, Jacques apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 196.

¹⁹² DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 196.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 176.

¹⁹⁴ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p.196.

Ao analisar se há uma formulação teórica em Marc Bloch e em Lucien Febvre, haja vista ambos terem escrito ao lado dos livros de história, reflexões sobre seu trabalho, sobre a história universal e sobre metodologia do conhecimento,¹⁹⁵ Mastrogregori destaca que, nos dois autores, não existe uma teoria *sistemática* da historiografia, ou seja, não há um livro ao qual se remeter com segurança para estabelecer a natureza de seu pensamento e traçar suas linhas de desenvolvimento.¹⁹⁶ Mastrogregori notou, através de Jean Glénisson que, por não haver diretamente uma metodologia da historiografia de tais autores – isto é, o que eles pensavam do seu ofício e da história universal – tal fato deveria ser, então, reconstruído.¹⁹⁷ Para tanto, os materiais dessa reconstrução seriam encontrados, antes de tudo, na revista dos *Annales* a partir de 1929: que além de alguns artigos, continha *comptes rendus*, notas e discussões; outras contribuições deveriam ser procuradas na *Revue de Synthèse Historique*, bem como em várias outras revistas. Documentações pertinentes também seriam encontradas nas reuniões, artigos e, finalmente, nas obras de história propriamente ditas, sobretudo nas seções introdutórias – nas quais se formulam o *plano* da obra – e nas conclusões.¹⁹⁸

No entanto, Mastrogregori destaca que, na pesquisa e no estudo dessas fontes, há duas dificuldades substanciais: a primeira reside no fato de que, a *pesquisa*, propriamente dita dos documentos úteis à reconstrução da metodologia historiográfica e do pensamento histórico nesses autores não pode restringir-se apenas aos textos publicados; deve também se estender até a correspondência inédita, às notas de leitura, aos rascunhos de estudos e de aulas, às obras incompletas, aos projetos de empreendimentos culturais. No caso de Bloch e Febvre, são interessantes também tanto os testemunhos dos historiadores quanto das pessoas que os conheceram de perto. Porém, nesse nível da documentação, encontram-se as maiores dificuldades; por exemplo, a obra de Henri Berr tem fundamental importância na formação do pensamento de Bloch e Febvre sobre história, contudo, o epistolário de Berr, composto de milhares de cartas, desapareceu misteriosamente e a correspondência com Febvre, em particular, teria sido destruída pelos herdeiros, segundo um testemunho de Fernand Braudel. No que tange a Bloch, Febvre e às origens dos *Annales*, é preciso recorrer aos arquivos privados, dado que muitos documentos concernentes à revista vinham sendo

¹⁹⁵ MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 410.

¹⁹⁶ *Ibid.*, pp. 421-422.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 422.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 422.

conservados pelos diretores.¹⁹⁹ A segunda dificuldade ao *estudo*, desta vez, dos escritos recuperados, é constituída pela própria *qualidade* deles. Mastrogregori salienta no que tange aos escritos de Febvre e Bloch, que a maior parte dos artigos teóricos encontrados ou foi redigida para conferências inaugurais, candidaturas, celebrações e comemorações, ou eram artigos claros e imediatamente polêmicos; muitos são resenhas mais ou menos breves. Constata que tal fato, longe de nos confinar em um ceticismo improdutivo, deve nos levar, em primeiro lugar, a usufruir ao máximo da documentação disponível, à espera da outra que ainda não está à mão; em segundo lugar, a reconhecer e respeitar diversos “níveis”, ou graus, de teoria e metodologia, com os quais se avalia o que se ganha ou se perde durante a *restituição*, ou melhor, a reconstrução do pensamento histórico de Febvre e Bloch.²⁰⁰

Mastrogregori questiona quais seriam as razões para Febvre e Bloch da recusa tão radical de uma teoria da história.²⁰¹ Enfatiza que, tal como explicam Braudel, André Burguière, Roger Chartier e Jacques Revel no *dictionnaire* sistemático da Nova História, via de regra, a ausência de teorias gerais é explicada como um voluntário e decidido distanciamento das filosofias da história alemãs.²⁰² Todavia, contra quais filosofias da história Bloch e Febvre se dirigem, não é especificado. Mastrogregori então assegura que Jean Glénisson o fez notar que a suspeita explícita de Bloch e Febvre em relação à teoria constitui uma herança “positivista”: “deriva dos tempos de Monod, quando a lembrança das desenvolturas românticas (desenvolturas mesmo?) obrigava os historiadores a se restringirem estritamente aos fatos, a ‘fazê-los falar por si sós’, a jamais se distanciar deles”.²⁰³

Em artigo publicado na *Revue de Synthèse*, André Burguière registra que – se queremos discorrer sobre “estratégias” blochianas e febvrianas – tomar parte das discussões teóricas pode ter servido para mascarar o fato de os *Annales* retomarem o projeto dos durkheimianos em favor da história, um projeto que havia sido elaborado pela sociologia justamente contra a história.²⁰⁴

¹⁹⁹MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 423.

²⁰⁰ Ibid., p. 424.

²⁰¹ Ibid., p. 426.

²⁰² Ibid., pp. 426-427.

²⁰³MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 427.

²⁰⁴ Ibid., p. 427.

Marc Bloch e Lucien Febvre com a mesma facilidade com que confessam não serem teóricos e não quererem sê-lo, conduzem a grande maioria de seus trabalhos históricos a uma discussão teórica.²⁰⁵ Os dois historiadores tiveram boas razões para refletir sobre a história. Ademais, destaca Mastrogregori, desde o início de suas carreias conduziram um áspero *combat* para impor certo modo de escrever a história; e, como está demonstrado (Burguière, Revel, Craig) que esse *combat* respondia a um plano estratégico definido, é natural concluir, portanto, que ele se apoiava também em um programa teórico, embora de forma variável, em via de definição, eclético. Pode-se citar ainda o fato de que pouco a pouco, nos anos seguintes à fundação dos *Annales*, vem à baila uma noção, a de *esprit des Annales*, que representa uma espécie de programa, teórico e concreto ao mesmo tempo, além de implícito e comum. A própria teoria madura febvriana da *histoire-problème* impõe ao historiador um estudo e uma concepção teórica preliminares: e toda a polêmica contra a erudição não quer dizer mais do que isto, que o historiador tem qualquer coisa a mais, são as *idées*, como a consciência e a invenção dos problemas postos.²⁰⁶

Existe uma formulação teórica em Bloch e Febvre? Mastrogregori retoma tal questionamento e afirma que não existe *uma* formulação, na verdade, existem *muitas* delas.²⁰⁷ Febvre e Bloch propunham problemas, encaminhavam teorias, criavam soluções, perseguiram uma imagem de ciência, e souberam aprimorar a historiografia.²⁰⁸ De acordo com o autor, depois de haver examinado vários textos dos fundadores dos *Annales*, não podemos excluir que exista, na obra deles, uma formulação teórica e um amplo número de *considérations sur l'histoire*.²⁰⁹

Mastrogregori afirma que as considerações teóricas esparsas de Bloch e Febvre possam ser reunidas e divididas em três grupos: no primeiro, encontram-se a reflexão sobre o método “empírico” da história, como a *historia rerum gestarum*, sobre o papel das outras ciências como disciplinas auxiliares e não como diferentes formas de conhecimento (discussões sobre classificações e comparações, relações com a sociologia, a etnologia, a lingüística, consideradas como disciplinas, precisamente); no segundo grupo, tem-se as reflexões sobre a utilidade e a natureza da teoria

²⁰⁵ Ibid., p. 428.

²⁰⁶ Ibid., p. 430.

²⁰⁷ Ibid., p. 432.

²⁰⁸ MASTROGREGORI, Massimo. Espírito Crítico, Espírito dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 437.

²⁰⁹ Ibid., p. 428.

historiográfica; características da teoria na história, necessidade das idéias em história, utilidade das discussões de método sobre conceitos de problema, *plan*; no terceiro, encontramos as reflexões sobre as *res gestae*, como elementos de uma filosofia da história *a parte objecti*: discussões sobre o materialismo histórico, sobre a causalidade, sobre a relação entre o presente e o passado, a filosofia e a história; conceito de finalidade na história.²¹⁰

Postas tais reflexões de suma importância, cabe destacar algumas considerações acerca de como Lucien Febvre definia sua concepção de história dentro do movimento historiográfico dos *Annales*.

Em *Combats pour l'Histoire*, obra em que Lucien Febvre se presta a orientar os jovens historiadores, o autor deixa claro que não tem a intenção de erguer a ele próprio uma espécie de monumento. O título escolhido visa lembrar os seus *Combates pela História*: algo que sempre houve de militante em sua vida. O autor adverte aos jovens historiadores que vão ler o livro que eles “possam ter um sentimento exacto da evolução das ideias e da mudança incessante dos pontos de vista em História”, haja vista que os textos selecionados, escritos ao longo de meio século, não sofreram alterações.²¹¹ A obra é composta por uma coleção de trinta e três artigos escritos entre 1906 e 1952, onde Febvre desenvolve sua visão geral dos campos da história seguida por onze retratos dos grandes intelectuais de 1930. A partir de tais textos, tentaremos compreender o que era a história para Febvre.

Em texto de 1933, Lucien Febvre destaca que o *Collège*, ao suprimir a cadeira de História e de Moral em 1892, seguia a sua razão de ser. Conforme o autor, a História, naquele ano, tal como era concebida, tinha jogado e vencido a partida: estava nos liceus, nas Universidades, nas escolas especiais; transbordava para as direções de ensino, reitorias e todos os grandes postos da Instrução Pública. Sua filosofia era feita, de qualquer maneira, com fórmulas tiradas de Auguste Comte, Taine, Claude Bernard. Febvre afirmava que a História sentia-se à vontade na corrente destes pensamentos fáceis e, muitas vezes dizia a si mesmo que “os historiadores não têm necessidades filosóficas muito grandes”. Além do mais assegura que, em 1892, não havia definição prévia: a história era a história. E, quando se davam ao trabalho de defini-la era pelo seu rico material, não pelo seu objeto.²¹²

²¹⁰ Ibid., pp. 430-431.

²¹¹ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 7-11.

²¹² FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 15-16.

“A história faz-se com textos”: conforme Febvre em 1933 a virtude dessa fórmula célebre, porém perigosa se lhes dermos atenção, ainda não havia esgotado. Aos trabalhadores orgulhosos da sua consciência de eruditos, em batalha contra obras fáceis e frouxas, tal fórmula serviu de palavra de ordem e senha. Através de um estreito laço ligava a história à escrita. Porém, Febvre adverte que a pré-história redigia, *sem textos*, o capítulo mais longo da história humana. Tal fórmula parecia fazer evaporar as observações e o exame das marcas deixadas ao longo das gerações, contudo, os estudiosos de sociedades antigas escapavam a tal fórmula de estreitamento e mutilação. Febvre classificava o trabalho com texto como um “trabalho sedentário, de secretária e de papel; trabalho de janelas fechadas e de cortinas corridas”, nesse sentido, “a história era uma grande senhora”. Ainda nesse período, a Universidade, até então de acordo com a máxima de que a história se faz com textos, contentava-se quase unicamente com palavras, datas, nomes de lugares e de homens, deixando de lado outras explicações fundamentais para o dia a dia.²¹³

Nesse sentido, Lucien Febvre indaga se, pelos textos, atingiam-se os fatos. Conforme mencionado, todos diziam que fazer a história era estabelecer os fatos e depois tratá-los; o autor concorda, mas assegura que seria verdade, sobretudo, se a história fosse tecida só ou quase só de acontecimentos. Para Febvre, os fatos históricos não podem ser apreendidos em uma escolha direta, em uma narrativa exata e precisa. Os investigadores elaboram-nos lentamente e com a ajuda de milhares de observações. A partir daí, questiona o que seria um fato e onde os historiadores poderiam buscá-lo.²¹⁴

Devido ao acaso que destruiu e salvou vestígios do passado, devido ao homem que resume, simplifica, põe em destaque e apaga documentos, devido ao historiador que cria ou recria os seus materiais, Febvre afirma que toda a história é escolha.²¹⁵ Em suas palavras, “elaborar um facto é construir. E se quiser, é fornecer uma resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada.”²¹⁶ Contudo, os alunos eram educados para terem horror à hipótese, considerada por homens que carregavam as palavras método e verdade científica, como o pior dos pecados contra o que chamavam *Ciência*. E, para a classificação dos fatos, a única máxima erguida por eles era a de seguir rigorosamente a ordem cronológica.²¹⁷

²¹³ Ibid., pp. 16-18.

²¹⁴ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 18.

²¹⁵ Ibid., p. 19.

²¹⁶ Ibid., p. 20.

²¹⁷ Ibid., p. 20.

Em tal período, Febvre também enxerga que a história não era uma disciplina particular com um conteúdo perfeitamente definido. Acreditava que ela era um método: “em condições de se tornar, no domínio das ciências do Homem, o método quase universal”.²¹⁸ No meio das dúvidas nascidas da guerra, em plena crise, deu-se o despertar, brusco e desagradável;²¹⁹ tal ciência dos fatos humanos que se constituía pela aplicação ao domínio humano de métodos experimentados até então no domínio de uma matéria voltada ao mais rigoroso determinismo, desmoronava em grandes pedaços, sob o choque de ideias novas. Febvre diz que há que se reconstruir sobre um fundamento sólido: a Humanidade. O autor destaca que a História é a ciência do Homem, do passado humano. E, de modo algum, ciência das coisas ou dos conceitos: “No sentido mais lato, não há História a não ser a do Homem”.²²⁰ Logo, os fatos são humanos pois é tarefa do historiador encontrá-los, os textos são humanos haja vista que as palavras que os formam estão cheias de substância humana.²²¹

Para Lucien Febvre, todos os textos – documentos de arquivos, um poema, um quadro, um drama – são documentos e testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência. Vislumbra um documento de história como um pólen milenário onde a história faz com ele o seu mel e se edifica para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento. O autor acredita que uma das tarefas primordiais das que se impõe a uma história é negociar novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas concentrando um feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas.²²²

Adverte para que os historiadores não tenham ilusões acerca do passado haja vista que o homem não se lembra do passado, reconstrói-o sempre e, através do presente que se conhece e interpreta o passado. Afirma também que o homem isolado é uma abstração e o homem em grupo é uma realidade. Para Febvre, o historiador interpreta, organiza, reconstitui e completa as respostas, ou seja, faz o passado de quem tem necessidade e não vê nisso nenhum escândalo ou atentado a suposta majestade da ciência, pois “a Ciência não se faz numa torre de marfim. Faz-se a par e passo com a vida, e através de seres vivos que mergulham no século”.²²³ A Ciência está ligada às atividades divergentes dos homens e sofre influência das modas e, para Febvre, ela “só

²¹⁸ Ibid., p. 21.

²¹⁹ Ibid., p. 22.

²²⁰ Ibid., p. 23.

²²¹ Ibid., p. 24.

²²² FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 24.

²²³ Ibid., p. 26.

toca com a varinha, para as ressuscitar, em certas partes: só as que têm valor para o ideal que ela serve, no tempo em que o serve...”.²²⁴ Qualquer que seja o cientista, ele escolhe e, de fato, toda história é uma escolha a julgar pelo fato de que destrói um testemunho, vestígio do passado, conjunto de documentos e, em contrapartida salvaguarda outros.²²⁵ A Ciência é feita por historiadores que radicam no meio da sua época, em outras palavras, afirma que ela não é um império dentro do império pois ela não se separa do meio social em que se elabora, pelo contrário, sofre a sua pressão.²²⁶

No que tange às suas intenções no texto, Lucien Febvre adverte que para ele não se tratava “de edificar um sistema, de vos apresentar um homem, as suas intenções, as suas opiniões, talvez, e as suas fraquezas, decerto a sua boa vontade”.²²⁷ Febvre destaca que gostaria que num futuro próximo ou longínquo, o fosse rendida tal homenagem:

Na história, viu só a história, mais nada... No seu ensino, não dominou os espíritos, porque não teve sistemas (...) mas preocupou-se com as ideias e com as teorias; com as ideias, porque as ciências não avançam senão pelo poder criador e original do pensamento; com as teorias, porque bem sabemos que nunca abarcam a infinita complexidade dos fenômenos naturais (...).²²⁸

Ainda em 1933, apresentou a história como uma disciplina de estatuto científico baixo e de autonomia epistemológica ainda incerta. Em 1936, para ele, na assembleia das ciências humanas, a história é “uma Gata Borralheira sentada no lugar mais humilde da mesa”²²⁹, que, no fim da década de 1930, ainda não integrou as contribuições da nova filosofia científica. Para tanto, pede que as ideias sejam revistas em função dos métodos. Tal inferioridade tem suas vantagens: a história não está presa a doutrinas preconcebidas que limitariam a liberdade de julgamento do historiador. O que Febvre e Bloch visam reconstruir é uma identidade epistemológica para a história que a vincule às outras ciências e ao mesmo tempo a singularize.²³⁰

Em 1936, diz que o historiador não é um juiz; nem sequer de instrução. Para ele, “a história não é julgar, mas compreender – e fazer compreender.”²³¹ Nesse período, define a história como necessidade da humanidade:

²²⁴ Ibid., p. 26.

²²⁵ Ibid., p. 63.

²²⁶ Ibid., p. 62.

²²⁷ Ibid., p. 27.

²²⁸ Ibid., p. 27.

²²⁹ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 143.

²³⁰ Ibid., p. 164.

²³¹ Ibid., p. 111.

a necessidade que sente cada grupo humano, em cada momento da sua evolução, de procurar e de valorizar, no passado, os factos, os acontecimentos, as tendências que preparam o tempo presente, que permitem compreendê-lo e que ajudam a vivê-lo. E acrescento: reconstituir a mentalidade dos homens de outrora; meter-se na cabeça deles, na sua pele, no seu cérebro, para compreender o que foram, o que quiseram, o que realizaram; mas não considerar, entretanto, que dependa de um homem fazer parar a sua obra em determinado ponto, a partir do momento em que essa obra se difunda no mundo; estar, pelo contrário, atento a este drama perpétuo do grande homem, do grande investigador, do grande inventor, do homem de gênio, a quem ainda durante a vida a sua obra escapa – a sua obra que se deforma, a sua obra que se altera, a sua obra que, adoptada pela multidão e desenvolvendo os seus efeitos ao longo do tempo, acaba, muitas vezes, por dizer exactissimamente o contrário do que ele queria que ela dissesse (ver Lutero e o luteranismo) – é este o dever do historiador.²³²

Afirma que é o historiador quem fabrica os fatos. Sendo assim, a história é uma escolha; não arbitrária, mas preconcebida. E, no que tange à história historicizante, proclama que ela pede pouco, demasiado pouco para ele e para muitos outros. É essa toda a nossa censura: mas é sólida. A censura daqueles para quem as idéias são uma necessidade.²³³

Cabe destacar que, nesse período, no fim do século XIX e ao longo das primeiras décadas do XX, conforme afirma Carlo Ginzburg, muito da historiografia – sobretudo a historiografia política e, de forma especial, a historiografia relacionada à Revolução Francesa – desenvolveu-se em uma atmosfera semelhante à de um tribunal.²³⁴ Esse modelo judicial, enfatizando tendências existentes, causou duplo impacto na historiografia: por um lado, fez com que historiadores visassem a eventos (políticos, militares, diplomáticos) que pudessem ser facilmente atribuídos a ações específicas de um ou mais indivíduos; por outro lado, abandonam-se fenômenos (como a vida social, *mentalités*, dentre outros) que resistem a uma abordagem baseada nesse paradigma explanatório. Nos *Annales*, encontramos slogans invertidos: há a rejeição à chamada *histoire événementielle* [história acontecimental] e a ênfase nos menos evidentes, mas mais profundamente significativos fenômenos históricos.²³⁵ Nesse panorama, surge a História Social, sucessora intelectual da *histoire de moeuf* [história dos costumes] do século XVIII. No que tange à biografia, Ginzburg, nesse panorama,

²³² Ibid., p. 115.

²³³ Ibid., pp. 119-121.

²³⁴ GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 344

²³⁵ Ibid., p. 345.

define-a como um tipo de gênero fronteiroço que trabalha com as vidas dos indivíduos.²³⁶

Em suas palavras dirigidas aos alunos da *École Normale Supérieure*, no início do ano letivo de 1941, em três conferências de iniciação sobre história, Lucien Febvre abre o debate afirmando que ama a história e que se não a amasse não seria historiador. Conforme o autor, quando ele entrou em 1899 na *École Normale Supérieure*, após o seu ano de serviço militar, inscreveu-se na Secção de Letras e atesta que: “era uma traição: tinha desde a mais tenra infância uma vocação de historiador metida no corpo”. Febvre declara que tem medo de que as coisas não tenham mudado do tempo dele para o início do ano letivo que discursa, haja vista que em seu tempo, os professores nos liceus diziam que fazer história era aprender, senão todos os pormenores, pelo menos o maior número possível deles. Para Febvre haveria duas histórias: a primeira, das quais não apreciada por ninguém, que apresenta questão temerária. E a outra, que é a que ele quer falar: A história pura e simplesmente, aquela que ele procura fazer avançar, aquela que ele ama.²³⁷

Chama atenção à questão dos problemas ao evidenciar que “pôr um problema é precisamente o começo e o fim de toda a história. Se não há problemas, não há história. Apenas narrações, compilações”.²³⁸ Para ele, mesmo os fatos mais humildes da história é o historiador quem os chama à vida.²³⁹ Afirma que se o historiador não põe a si próprio os problemas ou, se os coloca, não formula hipóteses para resolvê-los, no que respeita a ofício, a técnica, a esforço científico, o autor é levado a dizer que tais historiadores estão um tanto atrasados em relação ao último dos nossos camponeses “porque esses sabem que não convém lançar os seus animais, em desordem, no primeiro campo que apareça, para eles pastarem ao acaso (...)”.²⁴⁰

Assegura que a crise da história não foi uma doença específica que atingisse unicamente a história, para ele ela é “um sinal e uma das conseqüências de uma transformação muito nítida e muito recente da atitude dos homens de ciência, dos cientistas, frente à Ciência”.²⁴¹ De acordo com Febvre era preciso substituir as antigas teorias por novas e rever todas as noções científicas sobre as quais se tinha vivido até

²³⁶ Ibid., p. 350.

²³⁷ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 28-29.

²³⁸ Ibid., p. 31.

²³⁹ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 32.

²⁴⁰ Ibid., p. 33.

²⁴¹ Ibid., p. 35.

então.²⁴² Nesse período Febvre qualifica a história como um estudo cientificamente conduzido, e não como uma ciência, “(...) pela razão de que falar de Ciências é antes de tudo evocar a idéia de uma soma de resultados, de um tesouro, se quiserem, mais ou menos recheados de moedas, umas preciosas, outras não; não é acentuar o que é a força motora do sábio, isto é, a Inquietação (...)”.²⁴³

Febvre adverte que nos obstinamos em pensar as coisas da história por camadas, por andares, por pedras, por alicerces que nos forneceria finalmente todo um conjunto de imagens que se inseririam com muito mais maleabilidade no quadro dos nossos pensamentos.²⁴⁴ Diz que a Ciência daquele tempo não é mais a mesma de quando ele tinha vinte anos – os postulados em que essa Ciência se assentava estavam todos abalados, criticados e ultrapassados, os cientistas haviam renunciado a eles e os substituído por outros. Faz então, uma simples pergunta aos historiadores: “Vamos ser nós, historiadores, os únicos a continuar a tê-los como válidos? (...) as ciências do mundo físico e da natureza? Não será tempo de substituir essas velhas noções caducas por noções novas, mais exactas, mais aproximadas?” Febvre diz que responder essas perguntas “seria resolver a crise da história”.²⁴⁵

Pede que não esqueçamos nunca que a história é a Ciência do Homem; “ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento a condições novas de existência material, política, moral, religiosa, intelectual (...) É aí que a história encontra a Vida”.²⁴⁶ No que tange ao fazer da história, Lucien Febvre orienta aos alunos que:

(...) para fazer história, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. Historiadores, sejam geógrafos. Sejam também juristas e sociólogos, e psicólogos; não fechem os olhos ao grande movimento que, à vossa frente, transforma, a uma velocidade vertiginosa, as ciências do universo físico. Mas vivam, também, uma vida prática. Não se contentem com presenciar da costa, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria. Dentro do barco ameaçado, não sejam como Panurge que se macula de medo varonal, nem mesmo como o bom Pantagruel que se contenta, abraçado ao mastro grande, com levantar os olhos ao Céu e implorar. Arregacem as mangas, como Frei João. E ajudem os marinheiros na manobra(...) Entre a acção e o pensamento, não há separação. Não há barreira. É preciso que a história deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde só passam sombras despojadas de substância. É

²⁴² Ibid., p. 38.

²⁴³ Ibid., p. 30.

²⁴⁴ Ibid., p. 35.

²⁴⁵ Ibid., pp. 38-39.

²⁴⁶ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 39-40.

preciso que, no velho palácio silencioso onde ela dorme, vocês penetrem, animados da luta, todos cobertos da poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido – e que, abrindo as janelas de par em par, avivando as luzes e restabelecendo o barulho, despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem, a vida gelada da Princesa adormecida.²⁴⁷

Na visão de Febvre, a história é como qualquer disciplina: precisa de uma clara visão das coisas, precisa trabalhar de acordo com todo o movimento do seu tempo, além do mais, precisa ter horror ao pequeno, mesquinho, pobre e antiquado. Segundo o autor é preciso saber pensar e “é isto que falta terrivelmente aos historiadores desde há meio século, devemos reconhecê-lo”.²⁴⁸

Em 1946, escreve “Contra ao vento: manifesto dos novos *Annales*”, trata-se de um texto central, por ser a abertura de uma nova fase dos *Annales* no imediato pós-II Guerra Mundial. Tal texto possui um significado especial, na medida em que é um manifesto que procura justificar a continuidade da publicação da revista e a persistência dos *Annales* reafirmando seus princípios. Bloch e Febvre pertencem à estirpe que sucede e se contrapõe à “Geração de 1870”, ou, nas palavras de Febvre, “Os vencidos de 1870”, na França. Esta última marcada pelo nacionalismo germânico. Nesta linha, pode-se compreender, especialmente por Febvre, a rejeição da história política e acontecimental. Percebe-se, também, por esta via, a importância estratégica da Universidade de Estrasburgo como o *locus* deste movimento renovador.²⁴⁹

Lucien Febvre inicia o texto falando sobre as mudanças que a revista dos *Annales* sofreu e evidenciando que desde 1929, quaisquer que fossem as calamidades que se abatiam sobre a França e o mundo, a publicação dos *Annales* jamais foi interrompida; em nenhum ano renunciaram à sua dupla tarefa científica e educacional, pelo contrário, se adaptaram às transformações e continuaram, em um clima novo, com fórmulas novas e um título novo. Nesse contexto, destaca que viver é mudar e explica que os *Annales* mudam porque tudo à sua volta muda: os homens, as coisas, numa palavra, o mundo. Se o mundo de 1938 não era, de modo nenhum, o de 1929, que dizer do mundo de 42 ou de 46.²⁵⁰

Além dos problemas de velocidade - que pôs bruscamente em contato grupos humanos carregados de eletricidades contrárias - técnicos e econômicos, Febvre afirma

²⁴⁷ Ibid., p. 40.

²⁴⁸ Ibid., p. 41.

²⁴⁹ NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 62.

²⁵⁰ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp 42-43.

que para o futuro da humanidade, o problema humano é o que conta, o drama da civilização. Adverte que a civilização não morre e que, a partir de tal momento, viver é e será “adaptar-se a um mundo perpetuamente escorregadio”.²⁵¹ Nesse ínterim, gemer não servirá de nada, salienta que será preciso adaptar-se, não se perder, e em suma, situar-se no tempo e no espaço.²⁵²

Pede que expliquemos o mundo ao mundo através da história, mas indaga que história seria usada para explicar:

A que “romanceia” a vida de Maria Stuart? Que “lança luz” sobre o cavaleiro d’Eon e as suas saias? Que, durante cinquenta anos, estuda os dois últimos segmentos do quarto par de patas? Perdão, estava a confundir. Pois bem, não! Já não temos tempo para isso. Demasiados historiadores e, o que é pior, bem formados e conscienciosos – demasiados historiadores se deixam ainda enganar pelas nobres lições dos vencidos de 70. Oh eles trabalham muito! Fazem história como velhas avós fazem tapeçaria. Em ponto miúdo. Aplicam-se. Mas se lhes perguntam porque todo esse trabalho, o melhor que podem responder, com um sorriso bom de criança, é a expressão do velho Ranke: “Para saber exactamente como se passou”. Com todos os pormenores naturalmente.²⁵³

Recorda-se que em 1920, ao ocupar pela primeira vez a sua cátedra na Universidade Livre de Estrasburgo se interrogava ansioso, sobre o seu dever: “Teria eu, historiador, o direito de refazer a história?” Sem hesitar, responde que teria o direito de fazer história, na medida em que ela é a única capaz de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos além do medo.²⁵⁴ Orienta que os historiadores vão para o trabalho com uma boa hipótese na cabeça, que nunca sejam colecionadores de fatos ao acaso. Por fim, clama que a história dada seja problemática, não automática e elucidada que o método histórico, método filosófico e método crítico são belos utensílios de precisão.²⁵⁵

Stuart Clark nos lembra que a ideia de que a história deve ser uma narrativa das realizações de atores políticos individuais foi seriamente desafiada pela primeira vez durante o Iluminismo francês. O autor destaca que nesse contexto, a “nova história” do século XVI deveria preocupar-se mais com os hábitos, costumes e crenças de povos inteiros e com padrões gerais de seu desenvolvimento social e cultural. Em referência a impaciência dos historiadores franceses com a narrativa convencional da história

²⁵¹FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 44.

²⁵² Ibid., p. 45.

²⁵³ Ibid., p. 48.

²⁵⁴FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 48.

²⁵⁵ Ibid., p. 49.

política, Clark destaca que esta tem suas origens no período anterior à guerra. E foi com o propósito de derrubar os meios intelectuais que a circundavam que Bloch e Febvre fundam os *Annales*. Acrescenta que ambos eram admiradores da visão mais calorosa e suave de Michelet, e desdenhavam o que consideravam ser o “positivismo” estéril da historiografia oficial francesa – a *histoire sorbonniste*.²⁵⁶

A inspiração derivava das outras ciências sociais e dos historiadores. De Henri Wallon e Charle Blondel, Febvre derivou seu interesse pela psicologia social, que o acompanhou por toda a vida. Do geógrafo humano Paul Vidal de la Blache, aprendeu a reconhecer as diferentes formas pelas quais as sociedades respondem ao meio ambiente físico. Do filósofo Lévy-Bruhl, ele e Bloch desenvolveram a noção de que para além dos pensadores individuais e suas expressões particulares de valores e crenças repousam sistemas de pensamento padronizados – “mentalidades” que variam radicalmente segundo a época. Acima de tudo, seguindo Durkheim, ambos os historiadores aceitaram a primazia do social e do coletivo na vida dos atores históricos. Como consequência, Bloch e Febvre passaram a julgar artificial e irrelevante a história centrada em eventos isolados, ligados apenas por sua posição relativa em séries cronológicas. O manifesto que inaugurava o novo periódico atacava os ideais de Von Ranke e o culto pelo detalhe. Juntos Febvre e Bloch desenvolveram interesse intenso pelas mentalidades e pela psicologia coletiva.²⁵⁷

Conforme Febvre, o historiador deve prestar atenção a esse mundo, mas não deve nunca ser vítima, como foi o caso de seus antecessores tradicionalistas, de suas ilusões – como um “escravo das celebridades instantâneas”.²⁵⁸ Ao contrário, ele deve desconfiar do evento, e nos precaver a nós, atores em nosso mundo, contra ele. Clark assegura que os historiadores dos *Annales* romperam de vez com a hesitação e desconfiança com a qual outras áreas de investigação que não a política eram encaradas e demonstraram, além de qualquer dúvida, que os historiadores precisam aprender de disciplinas irmãs se desejam aprofundar e dar vida à sua compreensão da história.

²⁵⁶ CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, pp. 181-183.

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 184.

²⁵⁸ FEBVRE, Lucien apud CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p.188.

Destaca que o aspecto mais relevante da influência dos *Annales* tem sido a forma como chamou a atenção dos historiadores para temas fundamentais da teoria social.²⁵⁹

Objetivo central dos *Annales* seria, então, a expansão massiva do campo de visão do historiador a fim de incluir, na formulação epigramática de Febvre, tudo aquilo que diz algo a respeito dos homens. A lista de Febvre, tem ela mesma um aspecto semiológico:

palavras, signos, paisagens, títulos, o desenho dos campos, ervas, eclipses lunares, arreios, análise de rochas por geólogos e de espadas de metal por químicos, em uma palavra, qualquer coisa que, pertencendo ao homem, dele depende, a ele serve e expressa e sinaliza sua presença, atividade, gostos e formas de existência.²⁶⁰

1.6. A presença germânica nos *Annales*

As trajetórias de vida de Lucien Febvre e Marc Bloch são diretamente marcadas por relações estreitas com a cultura alemã o que viria a influenciar o vínculo que a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* teria com os estudos germânicos. Ao evidenciar as aproximações e afastamentos intelectuais da França e dos pais dos *Annales* em relação à Alemanha, objetivamos buscar influências que nos ajudem a analisar a escrita biográfica que Febvre realiza sobre o alemão Martinho Lutero.

As relações entre França e Alemanha são, de longa data, objeto de reflexão nas esferas culturais dos dois países. Em sua obra *The Seduction of Culture in Germany History*, o historiador alemão Wolf Lepenies propõe que se olhe para as relações entre a nação francesa e a nação germânica a partir da cultura; mais especificamente, a partir do conceito “guerra de culturas”.²⁶¹ Para o autor, a guerra de culturas esteve sempre no centro dos conflitos franco-alemães, contudo, afirma Lepenies, as relações entre França

²⁵⁹ CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, pp. 190-191.

²⁶⁰ FEBVRE, Lucien apud CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, pp. 193-194.

²⁶¹ Conforme o autor, o conceito “guerra de culturas” pode ser encontrado em uma das mais severas repreensões de intelectuais já escritas, no panfleto **The Treason of the Intellectuals**, de 1927, escrito por Julien Benda, p. 100.

e Alemanha são unidas pelo signo da hostilidade mútua entre suas culturas e por um enfrentamento que também comporta espaços de admiração e atração.²⁶²

Nos séculos XVIII e XIX, enquanto há nos territórios germânicos distanciamento em relação à cultura francesa, observa-se um processo inverso no território francês. Tal período representa o momento em que a referência alemã é de fundamental importância para a constitucionalização das ciências históricas francesas. De acordo com Michel Espagne e Michael Werner, os anos que vão de 1750 a 1914 representam um momento de construção de uma referência cultural alemã na França.²⁶³

Na França o estatuto da referência aos estudos históricos e ao sistema universitário alemão é complexo, haja vista estar ligado ao mesmo tempo à análise descritiva e a uma argumentação destinada a provocar o apoio dos poderes públicos à corrente reformadora. Conforme Delacroix, Dosse e Garcia, no meio do século XIX Ernest Renan multiplica os elogios à erudição alemã e ao sistema educativo além-Reno. Instaura-se, assim, um jogo de espelhos, que é retomado por Victor Duruy e se generaliza após a guerra franco-prussiana, quando a superioridade do sistema educativo alemão torna-se uma das explicações da derrota francesa. Assim, para os partidários da reforma do sistema educativo, a França deveria redundar intelectualmente. Nesse panorama, a comparação com a Alemanha torna-se lugar-comum e a estada nas universidades alemãs constitui uma etapa necessária do currículo dos mais brilhantes estudantes franceses tais como os historiadores Ernest Lavisse, Gabriel Monod, Charles Seignobos e Camille Julian.²⁶⁴

Entre 1879 e 1939, 18% dos professores da faculdade de letras de Paris estudaram na Alemanha.²⁶⁵ Impõe-se como norma a presença de referências a trabalhos alemães, fundando, assim, uma legitimidade que permite entregar um espelho ao leitor francês, convidando-o a rivalizar com a ciência germânica. Em visita a Alemanha, o que primeiro impressionava aos franceses era a propagação de numerosas universidades – tal característica era o produto da fragmentação do espaço alemão durante a maior parte do século XIX, numa pluralidade de Estados, onde cada soberano se empenhava em

²⁶² LEPENIES, Wolf. French-German culture wars. In: **The seduction of culture in Germany history**. New Jersey: Princeton, 2006, p. 101.

²⁶³ ESPAGNE, Michel; WERNER, Michäel apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 49.

²⁶⁴ DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 74.

²⁶⁵ CHARLE apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 74.

desenvolver um centro universitário -, em contrapartida, na França, a Sorbonne possuía um peso sem que constituísse um pólo inovador. Esse liberalismo temperado em terras germânicas seduzia os franceses que, oriundos de um sistema onde o poder político se exercia sobre a nomeação dos professores e na definição do programa abordado, ao aterrissarem na Alemanha afirmavam que as universidades eram livres e organizadas; havia liberdade da ciência, dos métodos, dos professores, dos estudantes e o resultado era uma “harmonia superior”.²⁶⁶ Conforme Gabriel Monod, “não se gasta na França, para o ensino superior inteiro, um quarto do que custa à Alemanha uma única das duas universidades”.²⁶⁷

Em grande medida, as relações entre historiografia francesa e historiografia alemã foram compreendidas a partir da identificação da primeira com o movimento historiográfico dos *Annales* e a segunda com o historicismo. Nesse sentido, foram interpretadas sob o signo de oposições: história nova *versus* história tradicional; história socioeconômica *versus* história política.

Em relação à convivência com as ciências históricas alemãs, cabe ressaltar que na primeira metade do século XX a Alemanha ainda se configurava como um dos mais importantes centros produtores e difusores do conhecimento histórico, mantendo o *status* conquistado no século anterior. Nesse momento, a repercussão da literatura alemã na França está associada a diversos fatores além dos político-culturais, a rede de distribuições de livros e periódicos entre França e Alemanha – existente desde o século XVII e amadurecida no século XX, certamente influenciou o acompanhamento que os historiadores e cientistas sociais franceses fizeram da pesquisa no país vizinho.²⁶⁸

Dos dois lados do Reno, as bibliotecas e os institutos de pesquisas funcionavam como importantes instrumentos de troca intelectual. Bloch relata, por exemplo, que a Biblioteca Nacional da Alemanha assinava a revista *Annales* desde o seu primeiro ano de publicação.²⁶⁹ O trânsito entre estudantes e pesquisadores também consistia em um fator fundamental nas relações entre França e Alemanha; o movimento

²⁶⁶ LAVISSE apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 75.

²⁶⁷ MONOD apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 76.

²⁶⁸ ESPAGNE, Michel; WERNER, Michäel APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 71.

²⁶⁹BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p.71.

de estudantes franceses em direção além-Reno ocorreu de forma efetiva desde o século XIX, Marc Bloch, por exemplo, estudou na Alemanha entre 1908 e 1909.

O envolvimento dos dois autores com essa cultura remonta à origem familiar: Febvre, por exemplo, cidadão “francês do leste”, nascido e educado em Nancy, à época (década de 1880) situada a alguns quilômetros da fronteira alemã fez sua primeira viagem a Alemanha em 1918. O contato com a língua alemã deu-se nos anos do *lycée*, com a educação formal. Bloch e Febvre viveram em uma época em que a França se aproxima da cultura alemã, fizeram parte de uma geração “curiosa das coisas alemãs”, para a qual o conhecimento da língua e cultura germânica era uma virtude, conferia *status* acadêmico.²⁷⁰ Se formaram em uma tradição historiográfica francesa influenciada por modelos alemães, ou pelo menos em contato íntimo com ela; são “herdeiros” da geração de 1870, de nomes como Ernest Lavisse, Gabriel Monod, Victor Langlois e Charles Seignobos, além do mais, também sofreram influências de Henri Pirenne e Henri Berr que possuíam uma trajetória de laços estreitos com o país vizinho.

Conforme Sabrina Magalhães Rocha, na rede de personagens que conectaram Febvre e Bloch com as ciências históricas alemãs, Henri Pirenne parece ter sido uma das figuras mais centrais. Pirenne, mestre intelectual de Febvre e Bloch, estudou em Berlim e em Leipzig, onde se aproximou de Karl Lamprecht e onde também foi um dos editores da *Revista Quadrimestral*. Profundo conhecedor da cultura alemã e de sua historiografia em particular, dono de contatos diretos com alguns de seus mais expressivos nomes, o autor colocava-se, em território franco-belga, como uma eminência em questões relacionadas à academia alemã. Além do mais, foi responsável por ajudar a compor a rede de colaboradores da *Annales*, e muitas de suas indicações foram exatamente de pesquisadores germânicos, ou ainda de estrangeiros conhecedores da Alemanha que poderiam compor as seções da revista dedicadas ao país. Outro personagem relevante foi o historiador e filósofo belga Henri Berr cuja influência deu-se mais no sentido de estabelecer discussões com as ciências históricas alemãs e debruçar-se sobre “problemas alemães”.²⁷¹

A temporada em Estrasburgo foi um dos marcos mais relevantes dessas trajetórias de contatos com a cultura germânica. Em sua aula inaugural na universidade,

²⁷⁰ SCHÖTTLER, Peter apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 54-55.

²⁷¹ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 80-81.

Lucien Febvre colocava-se contra a oposição radical entre ciência francesa e ciência alemã. A importância das considerações acerca da opinião de intelectuais alemães aparece em correspondência trocada com Bloch datada de 1928, onde este diz que havia conhecido o alemão Hermann Aubin, professor de história econômica medieval, que havia sido aluno de Georg von Below e o sucedera na direção da *Revista Quadrimestral de História Econômica e Social*. Conforme Bloch, ao mostrá-lo o projeto que tinham para a criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, o historiador alemão teria aprovado o empreendimento.²⁷²

Além da relação intelectual, os pais dos *Annales* também mantiveram um contato que envolvia diretamente a esfera política: atravessaram duas grandes guerras entre França e Alemanha – onde Febvre combateu na primeira e Bloch nas duas. Entre 1940 e 1944, os anos de ocupação do território francês pela Alemanha serão refletidos em textos dos dois autores. Além do mais, Febvre expressou sua opinião acerca do movimento nazista que crescia na Alemanha em resenha publicada na *Annales* em 1939, sobre a obra *Les doctrinaires de la révolution allemande* do germanista francês Edmond Vermeil. Em 1941 Bloch e Febvre viveram o dilema de seguir ou não com a edição da *Annales d'Histoire Économique et Sociale*: com números reduzidos, ela continuou sendo editada sob a direção de Febvre, nesse momento com o título *Melanges d'histoire sociale* e, pela primeira, não constava o nome de Bloch na capa. Entre 1942 e 1944 a revista não fará menções ao regime de Vichy, à Alemanha nazista ou à situação dos judeus.²⁷³

No que tange à temática germânica nas obras de Lucien Febvre, em 1922 em sua obra *La terre et l'évolution humaine: introduction géographique à l'histoire*, demonstra dominar a literatura geográfica produzida na Alemanha. Em 1928 ao escrever *Martin Luther, um destin* o autor se debruça sobre o principal personagem da Reforma Protestante deflagrada na Alemanha do século XVI e em 1931, retoma a temática germânica com obra sobre o Reno, produzida em parceria com o geógrafo Albert Demangeon.

Se tratando mais especificamente de nomes que escreviam na *Annales* comentando publicações alemãs, podemos citar Georges Lefebvre, presença frequente

²⁷² BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 75.

²⁷³ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 57-58.

entre 1931 e 1938, ou ainda Albert Demangeon, Georges Espinas, André Sayous, Charles Edmond Perrin, Henri Hauser, Maurice Baumont e Henri Brunschwing.²⁷⁴ Entre a década de 1920 e 1930, Baumont colocava-se como um dos maiores especialistas franceses na temática “Alemanha contemporânea”, sua contribuição na revista deu-se já no primeiro número. Bloch e Febvre o viam como um intelectual sintonizado com a literatura produzida na Alemanha, um colaborador que poderia tanto atualizar o desenvolvimento dessas pesquisas no seio da revista quanto indicar colaboradores no país vizinho.²⁷⁵ A partir de 1934, o papel de “germanista” na *Annales* será desempenhado por Brunschwing, ex-aluno de Bloch e Febvre na Universidade de Estrasburgo. Familiar à cultura alemã, o historiador orientou suas pesquisas para a história da Alemanha e em 1931 foi contemplado com uma bolsa para o Instituto Francês de Berlim.²⁷⁶ Fora do âmbito dos *Annales*, Brunschwing também trabalhou em parceria com Febvre; a convite deste que, naquele momento também dirigia a Enciclopédia francesa, ele escreveu artigos sobre a Alemanha para compor o volume.

É importante salientar que, por parte dos editores da *Annales*, havia o reconhecimento de que seu periódico deveria tratar das questões alemãs, reservando-se seções especiais e especialistas. Contudo, isso não era privilégio da Alemanha; Bloch e Febvre desde o primeiro ano da revista também se preocuparam em criar esses espaços e conseguir colaboradores para outras regiões, tais como América Latina, Inglaterra e União Soviética.²⁷⁷

Entre 1929 e 1944, a *Annales* contou com apenas três nomes que compuseram a colaboração de autores alemães, são eles: Carl Brinkmann, Fritz Röring e Walther Vogel. Brinkmann é o único alemão que aparece na primeira lista de colaboradores e, segundo Müller, era uma personalidade influente na academia alemã.²⁷⁸ A historiadora Sabrina Magalhães Rocha nos lembra que a participação desses três historiadores indica que, além da restrição quantitativa, a colaboração de historiadores alemães na *Annales* foi limitada também em sua duração. Como se pode perceber, a atuação dos três é concentrada entre 1930 e 1932 nos anos iniciais da revista. Rocha destaca que em meados de 1930 e começo da década de 1940, a colaboração alemã na *Annales* torna-se

²⁷⁴Ibid., p. 85.

²⁷⁵ Ibid., p. 86.

²⁷⁶ BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien APUD ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), pp. 86-87.

²⁷⁷ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 85.

²⁷⁸ Ibid., pp. 89-91.

ainda mais rara, se não completamente inexistente. Todavia, pode-se observar a presença de três personagens austríacos que, além de publicarem na revista, relacionam-se diretamente com seus diretores, são eles: Lucie Varga, Franz Borkenau e Alfons Dopsch. Apesar de não possuírem nacionalidade alemã, esses historiadores estão inseridos em uma comunidade historiográfica ambientada no mundo germânico.²⁷⁹

Lucie Varga, formou-se na Áustria onde foi aluna de Alfons Dopsch, historiador social e econômico que se especializou na história da Europa medieval. Nos *Annales*, Borkenau publicou três artigos além de ter sido um colaborador para “questões alemãs”, Bloch e Febvre também vislumbravam nele um mediador para novos contatos com intelectuais austríacos e germânicos, sobretudo a partir de sua transferência para a Inglaterra.²⁸⁰

²⁷⁹ Ibid., pp 92-94.

²⁸⁰ Ibid., pp. 99-100.

CAPÍTULO II – A CURVA DE UM DESTINO: UM COMBATENTE PELA HISTÓRIA?

Sim, cada morto deixa um pequeno legado, sua memória, e demanda que ela seja zelada. [...] A história acolhe e renova essas glórias desperdadas; ela concede uma nova vida a esses mortos, ressuscitando-os. Sua justiça associa assim aqueles que não viveram no mesmo tempo [...]. Eles vivem doravante conosco, e nós nos sentimos seus parentes, seus amigos. Assim se faz uma família, uma cidade comum entre os vivos e os mortos.

Jules Michelet, *Des justices de l'histoire*

2.1. Fases e faces do historiador Lucien Febvre²⁸¹

Na madrugada do dia 25 para 26 de setembro de 1956, em Saint-Amour - na região do Franco-Condado- em Souget, na sua propriedade, o historiador Lucien Paul-Victor Febvre morre. Com o intuito de ingressarmos na trajetória de Lucien Febvre para apresentá-lo, bem como compreendermos qual o seu lugar na historiografia francesa e como a sua memória muda ao longo do tempo, acreditamos que os necrológios são uma boa porta de entrada.

Para tal empreendimento, selecionamos os primeiros necrológios, elogios fúnebres, notas biográficas, panegíricos, “horas da saudade” em sociedades e academias, artigos e matérias de jornais que imediatamente noticiaram a repentina morte do historiador. Em 1956, as primeiras notícias que encontramos acerca do falecimento de Febvre foram publicadas, respectivamente, no jornal francês *Le Monde*²⁸² e nas revistas *Annales: Economies, sociétés, civilisations*²⁸³, *Revue d'histoire moderne et contemporaine*²⁸⁴, *Annales de Normandie*²⁸⁵. As edições de 1957 da

²⁸¹ “Fases e Faces do historiador Lucien Febvre” foi o nome de uma aula-conferência que o Prof. Dr. Luís Felipe Barreto proferiu no Centro de História da Universidade de Lisboa em Dezembro de 2019.

²⁸² LA MORT DE LUCIEN FEBVRE. *Le Monde*, Paris, 28 de set. 1956. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2006/09/27/la-mort-de-lucien-febvre_817356_3208.html> Acesso em: 03 de fev. de 2020.

²⁸³ BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre (1878-1956). In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 11^e année, n. 3, 1956. pp. 289-291. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1956_num_11_3_2551> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁸⁴ RENAUDET, Augustin. L'oeuvre historique de Lucien Febvre. In: *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tome 3 N°4, Octobre-dcembre 1956. pp. 257-261. Disponível em: <www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1956_num_3_4_3100> Acesso em: 03 de fev. 2020.

Annales: Economies, sociétés, civilisations, contaram com um artigo²⁸⁶ e uma nota biográfica²⁸⁷ em referência a morte e trajetória de Febvre; no mesmo ano, a *Revue Économique*²⁸⁸ e *Annales de Géographie*²⁸⁹ publicam necrológios febvrianos. O ano de 1958 traz um artigo na *Annales: Economies, sociétés, civilisations*²⁹⁰ que versa sobre sua trajetória em Estrasburgo. A partir de tais textos, acreditamos que seja possível delimitar os primeiros contornos do historiador através do que foi dito imediatamente sobre ele *post mortem*.

Um dia após a perda do historiador, um dos maiores jornais franceses em circulação, o *Le Monde*, publicou uma nota intitulada *La mort de Lucien Febvre*. Tal nota inicia informando sobre a celebração do funeral, que ocorreria na manhã de sexta-feira, dia 28 de setembro de 1956. Em seguida, versa sobre os cargos que o historiador havia ocupado durante a sua carreira e destacam o que consideram o seu importante trabalho histórico: o século XVI sobre a *Franche-Comté* daquela época e do período de Reforma. Pontua-se que Febvre exerceu uma ação considerável sobre a evolução dos estudos históricos bem como sua organização institucional. Importante observarmos que a nota de falecimento finaliza lembrando que Lucien Febvre era comandante da Legião de Honra e detentor da Cruz da Guerra.²⁹¹

De acordo com o seu pupilo Fernand Braudel, em texto necrológico publicado na revista dos *Annales* também datado de 1956, o óbito foi como Febvre sempre quis: repentino. Braudel relata que o falecimento surpreendeu Febvre na plenitude de seus

²⁸⁵ BOÛARD, Michel de. Lucien Febvre (1878-1956). In: **Annales de Normandie**, 6^e année, n^o3-4, 1956. p. 22. Disponível em: <www.persee.fr/doc/annor_0003-4134_1956_num_6_3_6097> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁸⁶ FRIEDMANN, Georges. Lucien Febvre toujours vivant. In: *Annales. Economies, sociétés, civilisations*. 12^e année, N. 1, 1957. pp. 3-6. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1957_num_12_1_2593> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁸⁷ BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 12^e année, N. 2, 1957. pp. 177-182. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1957_num_12_2_2621> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁸⁸ *Revue économique*. Lucien Febvre. In memoriam. In: **Revue économique**, volume 8, n^o1, 1957. p. 2; Disponível em: <www.persee.fr/doc/reco_0035-2764_1957_num_8_1_407219> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁸⁹ BAULING, Henri. Nécrologie. Lucien Febvre et la géographie. In: **Annales de Géographie**, t. 66, n^o355, 1957. pp. 281-283. Disponível em: <www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1957_num_66_355_18507> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹⁰ LEUILLIOT, Paul. Lucien Febvre à Strasbourg. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 13^e année, N. 2, 1958. pp. 209-213. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1958_num_13_2_2727> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹¹ LA MORT DE LUCIEN FEBVRE. **Le Monde**, Paris, 28 de set. 1956. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2006/09/27/la-mort-de-lucien-febvre_817356_3208.html> Acesso em: 03 de fev. de 2020.

meios físicos e intelectuais.²⁹² De acordo com ele, no dia anterior ao falecimento, Febvre leu, estudou anotações, escreveu, pesquisou e, para atestar que o seu mentor de fato estava bem nos dias antecedentes à morte, Braudel cita o relato de uma testemunha que vira Lucien Febvre, numa manhã bem cedo em Souget, derrubando uma árvore com grandes golpes de um machado; para o pupilo, uma dessas árvores, sem dúvida, impediu o crescimento de outras plantadas recentemente e afirma que o seu orientador até o seu último dia de vida foi “um plantador de árvores”. No que tange ao funeral de Lucien Febvre, Braudel salienta que aconteceu numa manhã de sol e sem pompa oficial; afirma que é muito bom o fato de que Febvre esteja descansando longe de Paris, em um cemitério simples e bonito de Saint-Amour, essa terra que ele tanto amou como pessoa viva²⁹³.

Quando escreve sobre o falecimento de seu mestre, percebemos que Braudel, por seus laços afetivos e de proximidade com o historiador, demonstra maior afeto em suas palavras ao defini-lo. Para o pupilo, o excepcional do pai dos *Annales* foi a sua capacidade de combinar espírito revolucionário, quase romântico, e um humanismo tradicional com sabedoria. Pensar e viver eram uma arte para Febvre, assim pontua o seu discípulo, e segue afirmando que todas as novidades na História e nas profissões vizinhas o atraíam e fascinavam.

Nas palavras de Braudel, Febvre teria sido, desde Michelet, o único grande historiador francês, logo, a homenagem que o mundo inteiro lhe prestava era o sinal do imenso lugar que ele ocupava e ocuparia por muito tempo através do prestígio de sua inteligência, da sabedoria do seu pensamento, do calor poético de seus escritos e dos muitos amigos, discípulos e estudantes que deixava para trás. Destaca que Febvre deixou a sua marca em todos os jovens historiadores da França e de todo o país de onde o pensamento francês irradiava, sendo um mestre da revolta, da esperança, do trabalho leve. Assegurava que todos os historiadores sabiam que ele deu um brilho incrível à sua profissão frágil e difícil e destaca que do mestre obtiveram satisfação e orgulho. Para aqueles que nunca conheceram Febvre tão intimamente como Fernand Braudel, o

²⁹² BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre (1878-1956). In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 11^e année, N. 3, 1956. pp. 289-291. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1956_num_11_3_2551> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹³ Para imagens do túmulo onde Lucien Febvre está enterrado no cemitério de Saint-Amour, acessar: <http://bertrandbeyern.fr/IMG/jpg/lucien_febvre.jpg> e <<https://www.landrucimetieres.fr/spip/spip.php?article4427>> Acesso em: 27 de mar. 2020.

discípulo pontua que o mestre era o homem mais doce, mais terno e generoso; homem amável, sorridente, grande senhor, bom companheiro.²⁹⁴

Augustin Renaudet, professor honorário no *Collège de France*, em 1956 ao escrever sobre a morte de Febvre inicia o texto com uma advertência: segundo ele, o leitor não tem nada a ver com as suas emoções pessoais, portanto, não dirá nada do que foi para ele o fim abrupto de uma amizade antiga e nem o quão difícil é pensar que uma inteligência tão vigorosa, rica, amplamente aberta a infinitas questões e problemas, não existe mais.²⁹⁵

Conforme Renaudet, foi com a publicação da tese sobre *Philippe II et la Franche-Comté* que Lucien Febvre imediatamente conquistou uma posição de destaque entre os jovens historiadores franceses. Renaudet contextualiza o tempo de fermentação intelectual em que Febvre projetou e realizou esse primeiro trabalho, cita o que foi feito nas demais obras e faz um apanhado de sua carreira e trabalhos.

Para o autor, Febvre sempre teve curiosidade sobre o século XVI. No que tange às suas influências, diz que o historiador admirava os volumes de Pirenne sobre a vida e as revoluções dos Países Baixos no final da Idade Média e durante as primeiras crises da Era Moderna; amava Michelet e o relia constantemente. Para Renaudet, o sociologismo, do qual Febvre não abdicava, e uma nova curiosidade pela psicologia histórica, determinaram que ele tentasse um esforço vigoroso para penetrar no segredo das crenças religiosas e da ação religiosa em indivíduos e multidões numa época em que a crise da Reforma pareceu trazer à luz nas consciências e nas mentes. Fora nesse contexto, conforme afirma Renaudet, que Febvre escreveu em 1928, para a coleção *Christianisme* o livro *Martin Luther, um destin*. Nas páginas que seguem, o autor faz uma síntese sobre Lutero e também sobre outras obras e personagens estudados por Febvre. Finaliza o seu texto afirmando que Febvre desenvolveu um grande trabalho que ao mesmo tempo foi uma grande vida, destaca que o autor, antes de morrer, ainda sonhava com alguns projetos e que, como historiador do século XVI, teria estudado

²⁹⁴BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre (1878-1956). In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 11^e année, N. 3, 1956. pp. 289-291. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1956_num_11_3_2551> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹⁵RENAUDET, Augustin. L'oeuvre historique de Lucien Febvre. In: **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, tome 3 N°4, Octobre-dcembre 1956. pp. 257-261. Disponível em: <www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1956_num_3_4_3100> Acesso em: 03 de fev. 2020. "Le lecteur n'a que faire de nos émotions personnelles. Je ne dirai donc rien de ce qu'a pu être pour moi la brusque fin d'une amitié vieille de soixante ans, ni combien il m'est dur de penser qu'une intelligence aussi vigoureuse, aussi riche, aussi largement ouverte à l'infini des questions et des problèmes, n'existe plus".

fatos econômicos e sociais – que o fascinavam -, bem como doutrinas e lutas religiosas. Tal pesquisa exigiria muitos anos de esforço e concentração, o que não foi concedido. Pelo menos, pontua Renaudet, em seu último livro, intitulado *Combats pour l’Histoire*, reuniu em 1953 alguns desses artigos pessoais.

O texto publicado por Michel de Boüiard em 1956 se inicia com a declaração de que não cabe a ele e à revista *Annales de Normandie* dizer que lugar Lucien Febvre ocupou no mundo dos pensadores do último meio século. No entanto, afirma que os membros da direção do folhetim não poderiam ficar calados sobre a profunda tristeza que sentiram quando descobriram o falecimento – infelizmente temido por um ano – daquele a quem a revista devia tanto. Boüiard enuncia que foi graças a Lucien Febvre que a *Annales de Normandie* nasceu em 1951 e conseguiu superar sérias dificuldades. Conforme o texto, após ler os livretos da revista, Febvre espontaneamente elogiava ou criticava expressando, conforme cita Boüiard, a firmeza de seu julgamento e a bondade otimista de seu coração. Boüiard e a *Annales de Normandie* se acrescentam à multidão de homenagens dirigidas à memória de Lucien Febvre a profunda e fiel gratidão.

A edição de número um, de 1957, dos *Annales: Economies, sociétés, civilisations* contou com um artigo de cunho necrológico de Georges Friedman, intitulado *Lucien Febvre toujours vivant*. O artigo destaca as influências de Febvre, seu trabalho e as suas qualidades. Conforme o autor, o último meio século não havia brilhado para os historiadores oficiais; outras ciências, mais jovens, nos ofereceram um Meillet, um Vidal de la Blache, um Durkheim. O resenhista indaga: qual historiador poderia se opor a esses grandes homens de sua geração? Friedman afirma que após Michelet, Fustel e Renan a história parecia sofrer um estranho eclipse. Como uma das soluções para tal eclipse, assegura que a história precisava de um canteiro de obras com homens livres, de espírito livre e que o contratante principal desse exemplo arregaçando as mangas. Para ele, o exemplo seria *Cher* Lucien Febvre, os *Annales*, seus grandes livros e artigos, os de Marc Bloch e dos homens que Febvre sabia atrair e reter.

Após trinta anos de esforço, Febvre ampliou o canteiro ao seu redor e, graças ao trabalho conjunto, o edifício se elevava, sempre refazendo as ciências humanas, as ciências das sociedades humanas do passado e do presente. Já na parte final do texto, Friedman cita o texto escrito por Fernand Braudel em *Mélanges*, onde Febvre é apresentado em uma redação, conforme o autor, rica, sensível e penetrante de documentos valiosos.

Friedman afirma que, em seu texto, gostaria de mencionar apenas o Lucien Febvre dos anos de ocupação, os chamados anos “negros” que também foram grandes anos pelo o que eles nos revelaram, pelo menos em algumas pessoas de nobreza, simplicidade em coragem e de virtudes. Conforme o autor, os anos 1940-1944 vieram não para adicionar algo em tudo o que sabiam e amavam em Febvre, mas para situá-lo em uma nova perspectiva. “*Cher Lucien Febvre*” finaliza Friedman, proferindo que a única coisa que ele gostaria de ter comunicado ao historiador é a sinceridade desse tributo e o carinho intenso.

Em nota biográfica publicada na edição do segundo número, de 1957, dos *Annales: Economies, sociétés, civilisations*, Fernand Braudel divulga o texto *Lucien Febvre et l'histoire*. Braudel inicia afirmando que “a vida ardente de Lucien Febvre foi toda ela consagrada à paixão da História”.²⁹⁶ Contudo, a história é o passado a desembocar no presente; daí advém a permanente oscilação do seu pensamento histórico, tal como é afirmada em suas obras ao longo de suas numerosas tomadas de posição. Braudel adverte que agora que Febvre não está mais entre nós para defender o seu pensamento, será possível a uns e outros, mesmo que sem malícia, supor simplificações que nunca foram do historiador. Com isso, pretenderão provar-nos que a História de Febvre fora isto ou aquilo. Após defender o seu mentor de tais acusações, Braudel como já fizera outrora, afirma que depois de Michelet, “Lucien Febvre foi o maior, talvez o único grande historiador de expressão francesa”.²⁹⁷

Para Braudel, ainda que se quisesse, mesmo com dificuldade, admitir que o combate de Febvre por certa forma de História fora inútil, mesmo assim, quase a cada página da sua obra é ressaltado o dom e o temperamento do grande historiador. Braudel também afirma – com a ressalva de que não deseja fazer uma comparação - que o espírito revolucionário e apaixonado pelo novo que Lucien Febvre apresenta é herdeiro de milhares de historiadores que estabeleceram lentamente as bases do trabalho e que alargaram o seu domínio; logo, define que Febvre é deles o continuador.

No que tange ao humanismo, assegura que Febvre - de jovem aluno no Liceu de Nancy ao jovem normaliano entusiasta de 1898 - foi dotado desde o início com uma cultura humanista cuja perfeição e profundidade era mal concebida naquele tempo. O autor nos mostra que Febvre desde criança conheceu todos os tesouros deste

²⁹⁶ BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 12^e année, N. 2, 1957. p. 401. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1957_num_12_2_2621> Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹⁷ Ibid., p. 401.

humanismo, graças a seu pai que fora um atento normaliano e *agrégé* de gramática. Para falar um pouco da linguagem febvreana, afirma que esse humanismo fora para ele “um alimento”.

No texto, Braudel também nos mostra um pouco da personalidade de Febvre. Conforme relatado, Lucien Febvre “viveu mais de meio século, perto dos grandes espíritos do nosso passado ocidental, numa familiaridade natural, de igual para igual”.²⁹⁸ Braudel também compartilha a lembrança de uma súbita discussão entre os dois a propósito de Montaigne e diz que: “ele falava de Montaigne como se este tivesse sido um dos nossos comuns amigos”.²⁹⁹

Define Febvre como “revolucionário de coração e espírito, mas ao mesmo tempo tão estreitamente fiel aos seus múltiplos elos tradicionais”.³⁰⁰ Para Braudel, uma das sortes de Lucien Febvre foi ter vivido na incessante primavera da pesquisa, pois no cruzamento de todas as ciências sociais, muitas cresceram ao mesmo tempo em que ele. No que tange às influências de Febvre, Braudel destaca Vidal de la Blache, *Année Sociologique*, Durkheim, Lévy-Bruhl, Halbwachs, Marcel Mauss, François Simiand, Marx, Max Weber, Sombart, Leenhardt, Lévi-Strauss. Apaixonado pela História da Arte, saboreou as audácias de um Francastel e a clássica soberania de Émile Mâle; Braudel conta que “neste domínio, ainda mais, se possível, ele procurava as fontes. Vi-o correr ao Louvre, entre duas entrevistas, para ali ver ou rever um quadro”.³⁰¹

Em tal texto, Febvre também é definido como historiador da vida religiosa, da vida científica e das técnicas. Contudo, de tempos em tempos era necessário fechar esse leque largamente aberto; era então que se afirmava a sua dialética “a História é o homem”.³⁰² No ano de 1955, na introdução que Febvre escreveu ao monumental inquérito de Huguette e Pierre Chaunu, *Séville et l'Atlantique*, afirma que:

(...) no entanto, por que estruturas, em vez de ritmos, pulsações, correntes e contra-correntes Os alicerces da História não são uma camada de granito, profunda, sem fendas, monolítica. Imagino-a bastante semelhante ao sub-solo de uma das nossas capitais modernas, inextricavelmente labirinto de condutos de água, de gás, de eletricidade, de calor, de túneis por onde circulam os homens e os seus carros, de cabos que propagam as suas vozes, as suas mensagens, o

²⁹⁸BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 12^e année, N. 2, 1957. p. 402. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1957_num_12_2_2621>. Acesso em: 03 de fev. 2020.

²⁹⁹ Ibid., p. 402.

³⁰⁰ Ibid., p. 402.

³⁰¹ Ibid., p. 403.

³⁰² Ibid., p. 403.

seu espírito... de vazadouros, enfim, e de esgotos: também eles são precisos.³⁰³

Percebe-se que a palavra *estrutura* desagradava muito a Lucien Febvre e, conforme pontua Braudel, ele não quer uma História que seja apenas estritamente econômica ou estrutural, ou estritamente ideológica, social ou política; o que ele propõe é concatenar tudo no coração indiviso da História. Nas palavras de Braudel, o pensamento, a “verdade” de Febvre “é uma totalidade, um concerto, um acordo vivo; deleitosamente, reúne as ideias semelhantes, dessemelhantes ou contrárias”³⁰⁴ e continua: “ele é ao mesmo tempo todas as nossas escolas ou pseudo-escolas, todas as nossas vitórias, todas as nossas explicações. Pertence a todos (...), representa a nossa totalidade”.³⁰⁵ O pai dos *Annales* é, em certo sentido, homem de tradição, franco bebedor dos velhos vinhos espirituais do Ocidente; do vinho de Erasmo e do Renascimento, contudo, não procurou fazer dos seus discípulos o que ele próprio foi; conforme o seu pupilo, a sua forte sedução marcou toda uma geração, mas marcou com gosto de liberdade. Segue, por fim, a maneira como Fernand Braudel, um dos discípulos, define o mestre:

não vejo em Lucien Febvre o autoritário chefe de fila, de escola ou de capela tantas vezes descrito. Intelectualmente, apesar do seu fervor amigo, julgo que esteve sempre muito só. Muito acima. Um príncipe do espírito. Para além do homem bom e generoso que só alguns raros amigos conheceram, fino, discreto, de uma coragem sem jactância, é esse príncipe da História que hoje homenageamos. Sua sombra, seu exemplo nos dominará por um longo tempo.³⁰⁶

Ainda em 1957, a *Revue Économique* publica um texto intitulado *Lucien Febvre in memoriam*, de autoria do comitê de direção da revista. A publicação menciona a ajuda que Febvre os dera e também pontua as suas qualidades. Destaca que

³⁰³ FEBVRE apud BRAUDEL, *Ibid.*, p. 404. Trecho original: “(...) mais après tout, pourquoi structures, plutôt que rythmes, pulsations, courants et contre-courants? Le soubassement de l’histoire, ce n’est pas une nappe de granit, profonde, sans fissure, tout d’une coulee. Je l’imagine assez semblable au sous-sol d’une de nos capitales modernes, inextricable lacs de conduits d’eau et de gaz, d’électricité, de chaleur, de tunnels par quoi circulent les hommes et leurs voitures, de câbles par quoi se propagent leurs voix, leurs messages, leur esprit... des déversoirs enfin, et des égouts: il en faut”.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 405

³⁰⁵ *Ibid.*, p. 405-406.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 407. Trecho original: “je ne vois pas en Lucien Febvre l’autoritaire chef de file, le chef d’Ecole ou de chapelle qu’on a si souvent décrit. Intellectuellement, malgré son ardeur amicale, il me semble avoir été très seul. Très supérieur. Un prince de l’esprit. Au delà, de l’homme débonnaire que seuls quelques rares amis auront connu, exquis, discret, d’un courage sans jactance, c’est ce Prince de l’histoire que nous célébrons. Son ombre, son exemple nous domineront longtemps encore”.

Febvre acompanhou atentamente o desenvolvimento da jovem revista e que sempre os incentivaram, o que, vindo dele, foi a melhor recompensa: todos conheciam a nitidez sem rebarbas das palavras desse historiador e lutador que tantas vezes lutou “pela história” e por tantos outros assuntos. Pontua que Febvre poderia ser agressivo em suas críticas, contudo, também foram tocados por seus elogios. Os vínculos estreitos estabelecidos entre a *L'École Pratique des Hautes Etudes* e a *Revue Économique*, foram graças a Febvre e aos seus esforços para garantir o contato entre as várias disciplinas: história, sociologia, ciência econômica. A direção da revista finaliza a nota afirmando que recebiam com emoção a memória do homem de ciência, de bem de dever que fora Lucien Febvre.³⁰⁷

A última publicação, datada de 1957, levantada na presente pesquisa, foi publicada nos *Annales de Géographie*, sob autoria de Henri Bauling. O necrológio fala das características de Febvre, de sua concepção de história e da sua ligação com a geografia de Vidal de La Blache. Bauling começa o texto comunicando que um grande historiador acabara de falecer, de repente, em plena atividade; era Lucien Febvre, o pesquisador que mais havia influenciado o espírito e a orientação da pesquisa histórica.

Conforme a publicação, desde 1907, na *Revue de Synthèse Historique* de Henri Berr e em 1912 com o seu primeiro grande trabalho, *Philippe II et la Franche-Comté*, Febvre adotou a tradição dos enciclopedistas e a de Michelet – a quem ele admirava profundamente – a qual dizia que a história era a “ressurreição integral do passado”. Seu objetivo final, como pontua Bauling, não era o relato dos eventos, nem a biografia dos personagens de primeiro plano, mas a descrição das sociedades humanas em seus tempos e lugares sob os aspectos da vida material, técnica e econômica, estrutura social, vida mental, artes e ciências, crenças, linguagem, comportamento coletivo; cabe destacar que tais fatores não excluem de maneira alguma a ação, às vezes decisiva, de indivíduos excepcionais, mas a enquadra e marca os seus limites. É essa concepção que se afirma em livros, como por exemplo, *Martinho Lutero, um destino* (1928) e *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais* (1942).³⁰⁸

³⁰⁷ *Revue économique*. Lucien Febvre. In memoriam. In: **Revue économique**, volume 8, nº1, 1957. p. 2; Disponível em: <www.persee.fr/doc/reco_0035-2764_1957_num_8_1_407219> Acesso em: 03 de fev. 2020.

³⁰⁸ BAULING, Henri. Nécrologie. Lucien Febvre et la géographie. In: **Annales de Géographie**, t. 66, nº355, 1957. pp. 281-283. Disponível em: <<www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1957_num_66_355_18507>> Acesso em: 03 de fev. 2020.

O último texto evocado na presente pesquisa data de 1958 e fora publicado na *Revue Annales: Economies, sociétés, civilisations*, por Paul Leuilliot. O começo do texto apresenta um tom nostálgico, pois o autor profere que muitas lembranças renascem nele ao escrevê-lo; Leuilliot afirma, sem pretensão, que foi um dos poucos a conhecer Lucien Febvre bem por muitos anos, de Estrasburgo a Paris. Reitera que a abundante quantidade de cartas que Febvre escreveu ao longo da vida é uma boa fonte para apreciar nele o que havia de discrição, modéstia, piadas, sentimentos secretos, as fendas de suas palavras, escritos públicos e privados; em tais cartas, Febvre revelava o seu temperamento a privilegiados destinatários. Leuilliot sentencia que um dia os historiadores terão que escrever a biografia intelectual de Febvre e lembra que em *Combates pela História* o autor fala bastante sobre si. Finaliza o texto mencionando que dedicou a Febvre o seu livro sobre a Alsácia com uma epígrafe do querido Michelet; eis que Febvre responde que estava feliz e orgulhoso com antecedência pela homenagem.

Através das publicações mencionadas percebemos que imediatamente após a sua morte, a memória de Lucien Febvre foi bastante exaltada. Dentro da academia, sobretudo na geração de Fernand Braudel – pupilo que assume o lugar de Febvre - nos *Annales*, e também com as publicações de amigos e de revistas em que foi parceiro. Fora da academia, nos jornais de grande circulação franceses, também pudemos observar que, inicialmente, as publicações evidenciavam o grande historiador que Febvre foi e a grandeza de suas pesquisas e empreendimentos.

Optamos também por pesquisar as produções que citam Lucien Febvre em periódicos populares de grande circulação na França para termos uma noção da sua imagem, *post mortem*, fora da academia, junto ao público comum. Os folhetins pesquisados, utilizando a palavra chave “Lucien Febvre”, foram o *Le Monde*, *Le Figaro*, *Le Parisien*, *Liberation* e *Courrier International*.

No *Le Monde*, pudemos observar que, enquanto vivo, as notícias relatavam desde a nomeação de Febvre como membro da *Académie des sciences morales et politiques*³⁰⁹ a celebrações do seu aniversário³¹⁰, mostrando com isso, a nosso ver, a importância que a sociedade francesa da época dava ao historiador. Alguns dias após a publicação de uma nota biográfica sobre Febvre no *Le Monde* em 28 de setembro de 1956 – poucos dias depois de sua morte- há a divulgação de um pedido que fora

³⁰⁹ Ver site: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1949/11/16/1-election-de-m-lucien-febvre_1930472_1819218.html>Acesso em: 02 de fev. 2020.

³¹⁰ Ver site: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1954/02/10/les-historiens-rendent-hommage-a-m-lucien-febvre_2033985_1819218.html>Acesso em: 02 de fev. 2020.

enviado à direção do jornal; tal solicitação requeria que fosse adicionado um complemento à nota biográfica, tratava-se de um aspecto menos conhecido da atividade de Febvre, porém, bastante significativo: a presidência que exercia desde 1946 no Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, a presidência no lançamento da *Revue d'histoire de la 2ª Guerre mondiale*, bem como a presidência no comitê científico na coleção “*Esprit de la Résistance*”. Conforme a solicitação, o *Le Monde* relatou esse trabalho, mas Febvre não havia sido nomeado, o que foi lamentável, portanto o pedido era que naquele mesmo dia seria justa a reparação do erro.³¹¹

Na década de 1970, ainda encontramos em tal jornal publicações que enaltecem Febvre e suas produções. Com a reedição de sua obra *La terre et l'évolution humaine*, tem-se uma nota no jornal onde se diz que a modernidade das preocupações de Febvre são surpreendentes e que ele deu à história francesa uma sensação de espaço, que explode em estudos como os de Braudel, por exemplo.³¹² Outra nota de destaque se refere a uma exposição dedicada a Lucien Febvre que ocorreu na *Bibliothèque nationale de France*, em colaboração com a *Maison des sciences de l'homme*, entre os dias 8 e 21 de novembro de 1978.³¹³

2.2. Entre desprestígios e exaltações: revisão crítica de uma memória.

Ao observarmos as publicações do *Le Monde*, pudemos perceber que a partir dos anos 1990 há uma mudança no que tange à memória de Lucien Febvre; a divulgação dos artigos *A memória dos Annales*, *Deveríamos queimar Lucien Febvre* e *Lucien Febvre inferior a ele mesmo* dão o tom do debate. Em sua tese, o historiador Joui Guimarães Yamashita menciona que, em tal período, Marc Bloch foi referenciado

³¹¹ H. MICHEL. Lucien Febvre et la seconde guerre mondiale. **Le Monde**, Paris, 03 de out. 1956. Disponível em: <www.lemonde.fr/archives/article/1956/10/03/lucien-febvre-et-la-seconde-guerre-mondiale_2237321_1819218.html> Acesso em: 02 de fev. 2020.

³¹² CLAVAL, Paul. " La terre et l'évolution humaine " de Lucien Febvre. **Le Monde**, Paris, 27 de jun. 1970. Disponível em: <www.lemonde.fr/archives/article/1970/06/27/la-terre-et-l-evolution-humaine-de-lucien-febvre_2639661_1819218.html> Acesso em: 02 de fev. 2020.

³¹³ JUSQU'AU 21 NOVEMBRE LUCIEN FEBVRE À LA BIBLIOTHÈQUE NATIONALE, **Le Monde**, Paris, 10 de nov. 1978. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1978/11/10/jusqu-au-21-novembre-lucien-febvre-a-la-bibliotheque-nationale_3133132_1819218.html> Acesso em: 02 de fev. 2020.

num crescimento exponencial e, como consequência, Febvre seria lembrado, só que no caminho oposto.³¹⁴

Com o acerto celebrado entre a editora Fayard, Etienne Bloch e o doutor Henri Febvre (ambos os herdeiros dos historiadores), as correspondências trocadas entre 1928 e 1943 por Marc Bloch e Lucien Febvre deveriam ser publicadas. De acordo com o *Le Monde*, a assinatura dos contratos põe fim a uma série de conflitos e mal-entendidos que pairavam sob um longo período de discrição e ocultação de tais documentos. Seria uma caixa de Pandora a ser aberta, haja vista que a memória dolorosa e ferida não se refere apenas à memória de duas fortes personalidades intelectuais, mas principalmente a seus destinos muito diferentes quando a Segunda Guerra Mundial os separou.³¹⁵

O livro de Robert O. Paxton, *Vichy France*, traduzido para o francês em 1973, sustentou que Vichy não foi apenas um fantoche da Alemanha nazista, senão o próprio Estado francês reformulado. O impacto provocado por este livro ficou conhecido como “revolução paxtoniana” e a primeira vítima dessa revolução foi Lucien Febvre.³¹⁶

A atuação de Febvre entre 1940 e 1944 foi objeto de reprovação, ainda que discreta, no imediato pós-guerra, porém, a divulgação do livro de Paxton estimulou a explicitação de um ressentimento que vinha de longe; Febvre foi acusado de mudar o nome da revista aceitando pressões nazistas, de ter convencido Bloch a abandonar a coeditoria porque, sendo judeu, estava impedido de assumir tal posto, segundo as leis da ocupação e por não ter feito nenhum ato substantivo, durante a guerra, a favor do amigo e parceiro de muitos anos.³¹⁷

Alain Guerreau, em 1981, sugeriu que, se Febvre não era pró-nazista, “a hipótese de um Lucien Febvre pura e simplesmente pétainista parece aceitável”.³¹⁸ A publicação, em 1994, do livro *La France à l'heure Allemande* de Phillipe Burrin ativa a intensa polêmica. Nele, o autor criticava a postura de Febvre no pós-guerra, afirmava que o historiador havia optado por retirar o nome de Bloch da revista, bem como pela

³¹⁴ YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 271.

³¹⁵ LA MÉMOIRE DES “ANNALES”, *Le Monde*, Paris, 10 de jul. 1992. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1992/07/10/la-memoire-des-annaes_3907000_1819218.html> Acesso: 03. fev 2020.

³¹⁶ ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Historiadores franceses na zona cinzenta: lembranças da guerra. *Rev. Hist.* (São Paulo), n. 176, 2017, p. 20-30.

³¹⁷ ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Historiadores franceses na zona cinzenta: lembranças da guerra. *Rev. Hist.* (São Paulo), n. 176, 2017, p. 30.

³¹⁸ GUERREAU, Alain apud YAMASHITA, Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 271.

mudança do título da publicação para, assim, escapar da censura. Burrin também defendia a noção de “acomodamento”, ou seja, comportamentos que não eram colaboracionistas, mas que também não enfrentavam o regime de Pétain.³¹⁹

O debate se intensifica quando Bertrand Müller e Peter Schöttler em artigo no *Le Monde* intitulado *Deveríamos queimar Lucien Febvre?*³²⁰ respondem aos argumentos de Phillippe Burrin. Para Müller e Schöttler, com a publicação do livro de Burrin os ecos que provocam o “caso Lucien Febvre” estavam se recuperando, haja vista que as análises do historiador suíço pareciam, mesmo que de uma forma sutil, confirmar os boatos de um conluio contra o historiador. Segundo Burrin, Febvre sempre foi “anti-muniqué” e “nunca teve a menor inclinação para o vencedor”,³²¹ no entanto, afirmava que ele apresentava um exemplo de “acomodamento”, ou seja, uma atitude vaga, incerta e ambivalente, além disso, dizia que o historiador parecia um personagem sem “tato” e sem escrúpulos, que queria preservar os *Annales* por “apego a uma empresa bem lançada” e por “espírito de competição”.³²² Burrin rebate as críticas no artigo *Lucien Febvre inférieur à lui-même*,³²³ argumentando que ao expor o comportamento antagônico dos historiadores, o seu objetivo era demonstrar as diversas escolas possíveis, bem como as ações nos tempos de Ocupação.

A polêmica, inspirada no dilema resistência *versus* ocupação, adensou a mitificação de Bloch e a condenação de Febvre e, Peter Schöttler demonstrou os equívocos desta interpretação ao questionar o contraste maniqueísta entre os pais dos *Annales* sugerindo que Febvre era mais incisivo do que Bloch na denúncia do perigo nazista, antes da guerra. Demonstra que, em várias conferências no Collège de France, ele condenou a ocupação, por meio de metáforas.³²⁴

No *Le Figaro*, ao pesquisarmos utilizando a palavra chave “Lucien Febvre”, aparecem 33 resultados, porém, nenhum dos artigos tem o nome Lucien Febvre no título, o autor é apenas citado e referenciado, sobretudo nos artigos sobre outros

³¹⁹ BURRIN, Phillip apud YAMASHITA, Joui Guimarães..**As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016., p. 271.

³²⁰ MÜLLER, Bertrand; SCHÖTTLER, Peter. “Faut-il brûler Lucien Febvre ?” **Le Monde**, Paris, 8 fev. 1995. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1995/02/08/faut-il-bruler-lucien-febvre_3834261_1819218.html> Acesso: 03. fev 2020.

³²¹ Trecho original: “n’a jamais eu la moindre inclination pour le vainqueur”.

³²² Trechos originais: *attachement à une entreprise bien lancée*” e “*esprit de concurrence*”.

³²³ BURRIN, Phillippe. Lucien Febvre inférieur à lui-même. **Le Monde**, Paris, 28 de fev. 1995. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1995/02/28/lucien-febvre-inferieur-a-lui-meme_3842266_1819218.html> Acesso em: 03. fev. 2020.

³²⁴ SCHÖTTLER, Peter apud ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Historiadores franceses na zona cinzenta: lembranças da guerra. **Rev. Hist.** (São Paulo), n. 176, 2017, p. 30.

historiadores.³²⁵ Por sua vez, ao utilizarmos a palavra chave “Marc Bloch”, a própria aba de pesquisa já o define como “*personnalité*” e apresenta 351 resultados³²⁶; há também uma pequena biografia sobre o autor no site.³²⁷ A biografia que encontramos sobre Lucien Febvre só apresenta a data de seu nascimento e falecimento, uma citação e a foto apresentada não parece ser do historiador, o que sugere certo apagamento da memória de Febvre.³²⁸

Ao acessarmos o *Le Parisien*, encontramos somente um apanhado com indicações sobre a vida e as obras de Febvre.³²⁹ Já no *Libération* encontramos 74 resultados,³³⁰ que vão desde críticas sobre suas obras a citações em artigos sobre outras publicações e autores. Pudemos observar que grande parte das resenhas e críticas apresentadas no jornal evidencia as qualidades de Febvre e de suas obras, as classificam como estudos de grande contribuição, textos bonitos, bem pensados e brilhantemente escritos. Febvre também era definido como um leitor intelectual comprometido, membro do Comitê Antifascista de Vigilância desde 1934 e figura importante na renovação historiográfica.

Um artigo publicado por Jean-Yves Grenier em 2004 intitulado “Rattrapés par l’histoire” chamou nossa atenção pela manchete dizer que o “resistente” Marc Bloch foi executado em 1944 e Lucien Febvre continuou a publicar nos *Annales* sob a ocupação. Ainda que o artigo não demonstre claramente desprezo a Febvre, a nosso ver são ecos que contribuem com a exaltação de Bloch e o seu desprestígio.³³¹ Para finalizar, ao buscarmos por Lucien Febvre no *Courrier International* não encontramos resultados.³³²

Conforme Jougi Guimarães Yamashita, a polêmica em torno da exaltação de um e desprestígio de outro foi o reflexo de um não-dito e estabelece que a divisão da França, concreta em tempos de guerra, aparentemente foi – e continuava sendo –

³²⁵ Pesquisa realizada dia 27 de mar. 2020. Para resultados mais detalhados acessar: <<https://recherche.lefigaro.fr/recherche/Lucien%20Febvre/>>.

³²⁶ Pesquisa realizada dia 27 de mar. 2020. Para resultados mais detalhados acessar: <<https://recherche.lefigaro.fr/recherche/Marc%20Bloch/>>.

³²⁷ Para a biografia de Marc Bloch disponível no *Le Figaro* acessar: <<http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/marc-bloch-1467.php>> Acesso: 27 mar. 2020.

³²⁸ Para a biografia de Lucien Febvre disponível no *Le Figaro* acessar: <<http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/lucien-febvre-1451.php>> Acesso: 27 mar. 2020.

³²⁹ Para a definição de Lucien Febvre disponível no portal Sensagent do *Le Parisien* acessar: <<http://dictionnaire.sensagent.leparisien.fr/Lucien%20Febvre/fr-fr/>> Acesso: 27 mar. 2020.

³³⁰ Para os resultados da pesquisa sobre Lucien Febvre no *Libération*, acessar: <<https://www.liberation.fr/recherche/?sort=publication>> Acesso: 27 mar. 2020.

³³¹ GRENIER, Jean-Yves. Rattrapés par l’histoire. **Libération**, Paris, 29 abr, 2004. Disponível em: <https://next.liberation.fr/livres/2004/04/29/rattrapes-par-l-histoire_477834> Acesso: 27 mar. 2020.

³³² Para os resultados da pesquisa sobre Lucien Febvre no *Courrier International*, acessar: <<https://www.courrierinternational.com/search/result/lucien%20febvre>> Acesso: 27 mar. 2020.

presente, ainda que intangível. O resistente Marc Bloch, “ativo” na zona livre, lutando pela sobrevivência e liberdade *versus* o colaborador Lucien Febvre, “acomodado” na zona ocupada, fazendo vista grossa ao maior dos absurdos experimentados pela nação. Assim, ambos se tornavam a encarnação do debate sobre a postura dos franceses diante da derrota de 1940.³³³

Yamashita assegura que é dentro desse contexto de traumas e a consequente edificação de Bloch que a figura de Febvre passa a ser demonizada por alguns, além do mais o comportamento de cada um no debate sobre a continuidade dos *Annales* foi determinante para que se especulasse sobre a postura de ambos os historiadores diante do nazismo e do fascismo francês. A síndrome de Vichy tornou a lembrança sobre Febvre tão polêmica. Yamashita nos mostra que ainda hoje não há um *Lycée Lucien Febvre* em Paris – existe apenas um *Collège Lucien Febvre* em Saint-Amour – nem uma universidade em seu nome, muito menos referências a ele no *Panthéon*. Pesquisando na capital francesa, Yamashita não encontrou uma rua ou praça Lucien Febvre – Fernand Braudel batiza uma rua e Marc Bloch uma praça, por exemplo – e adverte que se o nome de Febvre não pode ser associado ao martírio da guerra, a contribuição historiográfica não estaria em pé de igualdade com a de Bloch.³³⁴

Se na capital francesa Febvre não batiza o nome de ruas, praças e outros lugares de memória, no interior a situação já é diferente. Em Estrasburgo o nome do historiador batiza a *Rue Lucien Febvre*, situada no *Condades Quarter*, local privilegiado, que abriga a importante sede do Parlamento Europeu³³⁵ e conforme artigo de 2010, o nome da rua “evoca a memória de um grande historiador da Universidade de Estrasburgo”.³³⁶ Besançon, cidade da região do Franco-Condado também possui uma “*Rue Lucien Febvre*”³³⁷ e Saint-Amour conta com uma “*Avenue Lucien*

³³³ YAMASHITA. Joui Guimarães. **As guerras de Marc Bloch**: nacionalismo, memória e construção da subjetividade. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 272.

³³⁴ *Ibid.*, pp. 266-271.

³³⁵ Para uma melhor observação da rua e sua extensão, segue o mapa disponível em: <<https://www.nouvelles-routes.fr/alsace-champagne-ardenne-lorraine/strasbourg/rue-lucien-febvre>> Acesso: 27 mar. 2020.

³³⁶ Para informações acerca do nome da rua. Disponível em: <<http://sitemap.dna.fr/articles/201001/03/historien-lucien-febvre,strasbourg,000000655.php>> Acesso: 27 mar. 2020. Trecho original: « évoque le souvenir d’un grand historien de l’université de Strasbourg »

³³⁷ Para uma melhor observação do mapa da rua. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Rue+Lucien+Febvre,+25000+Besan%C3%A7on,+Fran%C3%A7a/@47.2475735,6.0175245,17.25z/data=!4m5!3m4!1s0x478d631eb5aa25f9:0xbcb424b50a05f326!8m2!3d47.2474332!4d6.018474>> Acesso: 27 mar. 2020.

Febvre".³³⁸Situada na cidade de Belfort, ainda na região do Franco-Condado, tem-se a "Bibliothèque Universitaire Lucien Febvre" um espaço que oferece uma ampla variedade de livros, revistas, quadrinhos, romances, além de orientação a pessoas que procuram estágio ou emprego.³³⁹A construção do prédio majestoso, em uma área de 3.500 m², no centro da cidade, deu-se em 1999 e em 2008 o monumental prédio foi vencedor de um prêmio de arquitetura.³⁴⁰ No início de 2017, o *Laboratoire de Sciences Historiques (EA2273)* da *L'UFR Sciences du Langage de l'Homme et de la Société (SLHS)* da *Université de Franche-Comté* mudou o seu nome para *Centre Lucien Febvre (EA2273)*; originalmente criado em 1981, suas pesquisas enfocam, em particular, a construção e circulação de ideias políticas e religiosas, mutações de sociedade, cultura e conflitos, era industrial múltiplas dimensões do conceito de fronteira, história da arte do século XX e tantos temas e campos de estudo que Lucien Febvre inaugurou que seus membros optaram por colocar seus trabalhos sob o patrocínio intelectual de Febvre. O centro reúne historiadores da arte e civilizacionistas, sua atividade científica está organizada em torno de três eixos principais alimentados pela pesquisa de seus membros, projetos coletivos e contratos de pesquisa públicos e privados.³⁴¹ Conforme carta de Hugues Daussy, diretor adjunto do centro, a homenagem ao "grande historiador comtois", que dedicou sua tese a Philippe II e a Franche-Comté, e a mudança de nome do laboratório, responde a necessidade de tornar sua identidade científica mais legível.³⁴² Em abril de 2019, através do *Haut-les-Murs* - um coletivo de pintores de diferentes origens - foi pintado em Saint-Amour um mural onde colocam o passado histórico e religioso da cidade em destaque com o retrato de Lucien Febvre, que segundo eles, fora um "historiador modernista francês que teve uma forte influência na evolução desta disciplina".³⁴³ Conforme o coletivo, ao encomendar a pintura de 70m², o

³³⁸ Para uma melhor observação do mapa da rua. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/Avenue+Lucien+Febvre,+39160+Saint-Amour>> Acesso: 27 mar. 2020.

³³⁹ Sobre a biblioteca Lucien Febvre ver: <https://www.jds.fr/belfort/bibliotheque-et-mediathèque/bibliothèque-universitaire-lucien-febvre-12106_L>. Acesso: 27 mar. 2020.

³⁴⁰ Para imagens da biblioteca, bem como uma explicação de seu projeto, ver: <<http://www.beaudouin-architectes.fr/1999/01/bibliothèque-universitaire-2/>>. Acesso: 27 mar. 2020.

³⁴¹ Sobre o Centro Lucien Febvre ver: <<http://centre-lucien-febvre.univ-fcomte.fr/>>. Acesso: 27 mar. 2020.

³⁴² La lettre du Centre Lucien Febvre, n° 1, jan 2016 a dez 2017. Disponível em: <<<http://centre-lucien-febvre.univ-fcomte.fr/download/labo-sciences-historiques/document/la-lettre-du-centre-lucien-febvre.pdf>>>. Trecho original: "grand historien comtois".

³⁴³ Para imagens de o mural ver: <<http://www.trompe-l-oeil.info/Murspeints/details.php?image_id=47978>>. Acesso: 27 mar. 2020. Trecho original: « un historien moderniste français qui a eu une forte influence sur l'évolution de cette discipline, notamment à travers l'École des Annales, revue d'histoire et de sciences sociales qu'il a fondée avec Marc Bloch. »

município de Saint-Amour desejava enriquecer a *Place d'Armes*, no centro da cidade, com um novo afresco cujo tema se concentra no patrimônio e na memória.³⁴⁴

Figura



1

Fonte: http://www.trompe-l-oeil.info/Murspeints/details.php?image_id=47980

Mural Lucien Febvre em Saint-Amour.

2.3. Os vestígios de uma reputação

Com o intuito de observarmos o interesse - mundial e francês - por Febvre e Bloch, utilizamos o *Google Trends*, uma ferramenta do Google que mostra os termos mais populares buscados na plataforma do ano de 2004 em diante. A ferramenta apresenta gráficos com a frequência em que um termo particular é procurado em várias regiões do mundo. Como termos de pesquisa fixamos “Lucien Febvre” e “Marc Bloch” e adicionamos a comparação entre ambos os resultados no período de 2004 a 2020 em todo o mundo.

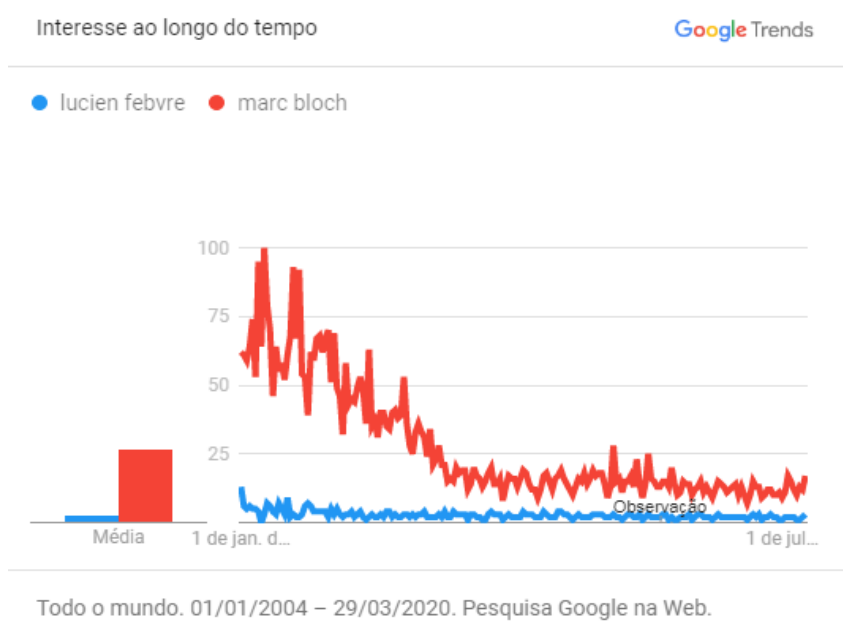
Ao compararmos as buscas por Lucien Febvre e Marc Bloch na internet percebemos a discrepância em relação aos resultados, o que pode ser considerado

³⁴⁴ Sobre o coletivo *Haut-les-murs* e imagens do mural de Lucien Febvre, ver: <<http://haut-les-murs.com/2017/06/05/saint-amour/>> Acesso: 27 mar. 2020.

vestígio e confirmações de que a exaltação de um e o desprestígio de outro ainda perduram até hoje em diversas regiões.

Conforme o gráfico 1, que mostra o interesse ao longo do tempo em todo o mundo, nas buscas por Lucien Febvre e Marc Bloch, a média de procura para Febvre foi de 3% e para Bloch de 27%.

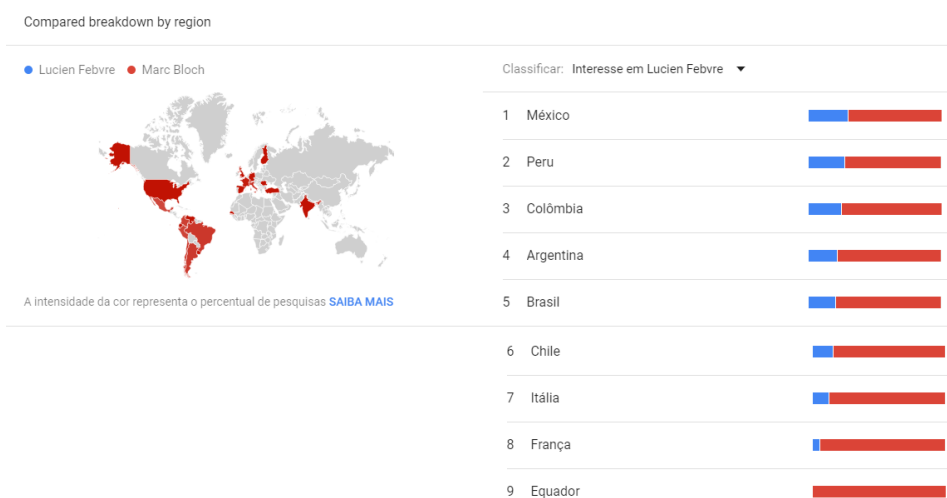
Gráfico 1



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=Lucien%20Febvre,Marc%20Bloch>)".

O gráfico 2 apresenta o detalhamento comparado por países entre ambos os historiadores.

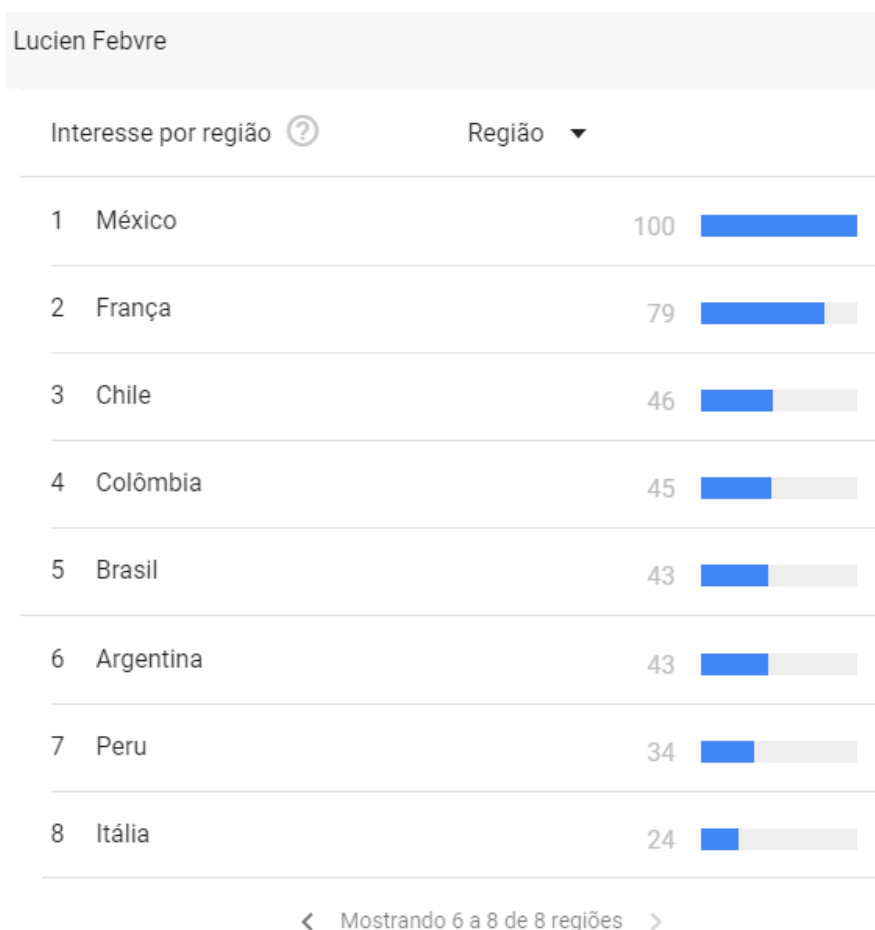
Gráfico 2



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=Lucien%20Febvre,Marc%20Bloch>)".

O gráfico 3 mostra o interesse por país somente em buscas por Lucien Febvre. Através dos resultados, constatamos uma crescente procura por Febvre, sobretudo em países da América Latina. No México, Chile, Colômbia, Brasil, Argentina e Peru, o historiador francês é mais procurado que Bloch.

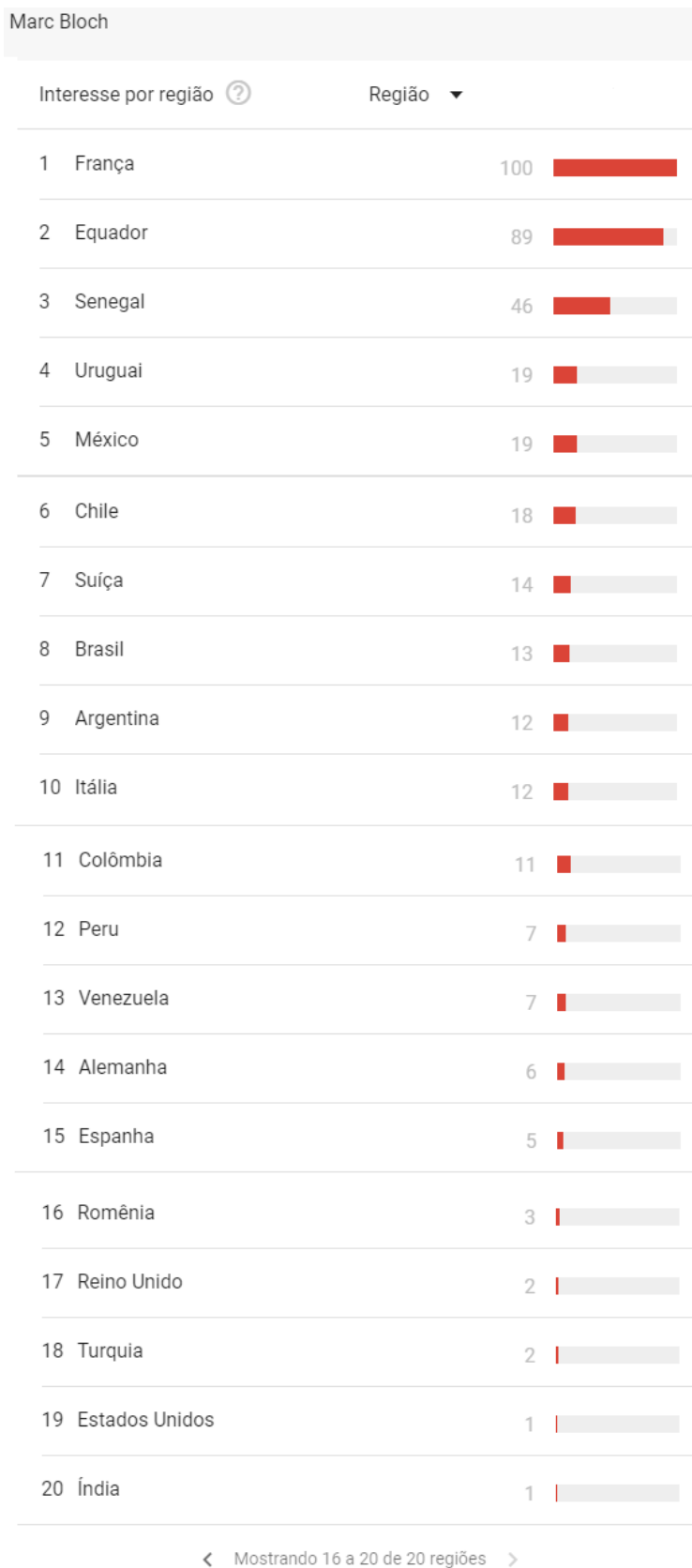
Gráfico 3



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=Lucien%20Febvre,Marc%20Bloch>)".

O gráfico 4 mostra o interesse por país somente em Marc Bloch. Percebe-se, que na França, região onde a memória de Bloch é mais edificada, há uma maior procura pelo historiador. Além do mais, observamos que outros países da Europa também procuram com mais assiduidade por Bloch, o que não ocorre com Febvre, salvo pela Itália.

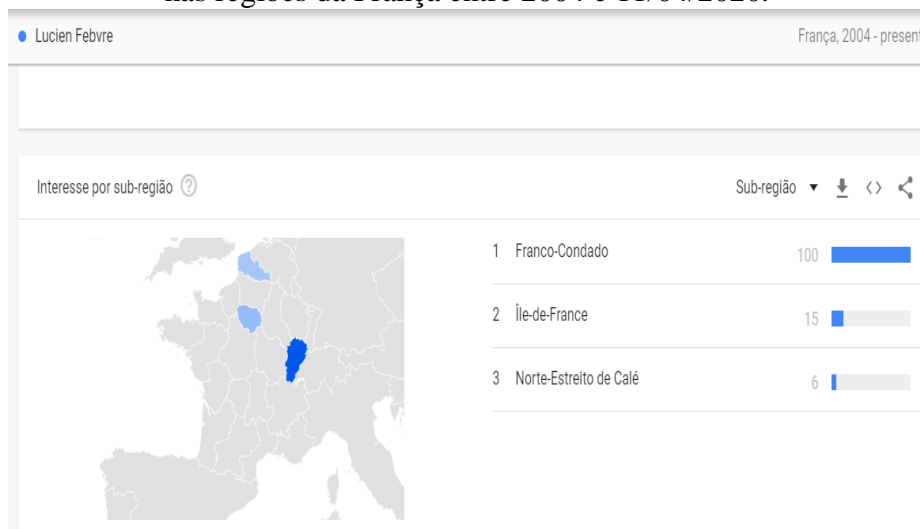
Gráfico 4



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=Lucien%20Febvre,Marc%20Bloch>)".

No contexto francês, ao pesquisarmos o interesse por ambos os historiadores somente na França, temos os seguintes resultados:

Gráfico 5 cujo resultado abrange apenas o interesse por Lucien Febvre nas regiões da França entre 2004 e 11/04/2020.



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=FR&q=%2Fm%2F03jzg5>)"

Gráfico 6 que compara o interesse por regiões da França entre Lucien Febvre e Marc Bloch.



"Origem de dados: Google Trends (<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=FR&q=%2Fm%2F03jzg5,%2Fm%2F04z84>)"

Ao observarmos as buscas pelos historiadores na França, constatamos que o interesse por Febvre é maior na região do Franco-Condado e, acreditamos que tal atenção seja fruto do trabalho da região no resgate de sua memória, ao nomear ruas, avenidas, escolas, bibliotecas, além de sua imagem figurar em murais da cidade Saint-Amour. Além do mais, Lucien Febvre era um homem do Franco-Condado, pois nascera em Nancy, pertencente à região e ao longo da vida Saint-Amour foi um local que

sempre amou.³⁴⁵ Fernand Braudel, “discípulo favorito de Lucien Febvre”³⁴⁶ descreve a casa de seu mentor em Le Souget, no Jura:

plantado em Saint-Amour, nas proximidades da região de Bresse, mas no Franco-Condado, como era de se esperar em se tratando dele (...) Saint-Amour mal passa de uma aldeia, pequena, encantadora. Le Souget é ainda mais encantadora, perto do grande burgo e no entanto perfeitamente isolada, metida numa cavidade que a torna invisível (...) Três magníficos cedros dominam a casa. Neste domínio minúsculo de cinco hectares, pode-se no entanto passear um dia inteiro, na vertical, na horizontal, ganhando os prados do alto ou o campo de trigo (...) O dono da casa pode ser surpreendido incinerando as ervas - daninhas em seu jardim; o mais das vezes, vamos encontrá-lo de tamancos, numa grande camisola azul cinza, munido de uma tesoura de podar que corta, de passagem, os espinheiros eternamente invasores ou os rebentos primaveris das jovens faias. A casa, muito simples, é ampla, a biblioteca no primeiro piso com sua forração azul, seu fogão de lenha, suas prateleiras cobertas de livros e documentos, suas duas escrivaninhas, uma delas uma longa mesa típica da região, muito conveniente para as classificações... Um autêntico esconderijo, e preparado com a devida antecedência.³⁴⁷

Segundo os relatos de Pierre Daix, quando recebe Braudel em Souget, Lucien Febvre será todo atenções com ele e sua família, chegando, por exemplo, a cuidar para que tenha café, produto então praticamente inexistente no mercado.³⁴⁸ Braudel diria: “foi então que me tornei mais que um companheiro para Lucien Febvre, um pouco seu filho. Sua casa em Le Souget, no Jura, tornou-se minha casa, seus filhos, meus filhos”.³⁴⁹

2.4. O historiador estudando e estudado

No que tange às obras produzidas por Lucien Febvre, Bertrand Müller assegura que temos um vasto conteúdo composto por 2.144³⁵⁰ itens: destes, são 15 livros, 2.129 textos em forma de artigos, prefácios, necrológios e resenhas em revistas especializadas; nos *Annales* foram 1.454 textos entre artigos, resenhas críticas, notas biográficas etc., e

³⁴⁵ DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: Uma biografia**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 27.

³⁴⁶ Ibid., p. 134.

³⁴⁷ Ibid., pp. 174-175.

³⁴⁸ Ibid., p. 251.

³⁴⁹ Ibid., p. 174.

³⁵⁰ MÜLLER, Bertrand apud JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico**. 2000, 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000, p. 282. Müller não contabilizou a obra Honra e Pátria, Cordeiro Junior a acrescentou.

na *Revue de Synthèse Historique* escreveu 288 artigos, por exemplo.³⁵¹ Bertrand Müller demonstrou que a resenha foi a principal forma de expressão e atuação desse autor. Conforme as estatísticas elaboradas por Müller, estas apontam que no universo de todos os textos produzidos por Febvre, aproximadamente quatro em cada cinco são resenhas.³⁵² Entre 1929 e 1944 esse tipo textual preenchia mais da metade do total de páginas e, em muitos números, ocupou mais de dois terços da revista.³⁵³ Marc Bloch e Lucien Febvre, nas diversas cartas que trocaram no processo de edição da revista expressaram a convicção de que as seções de resenhas e notas críticas compunham a parte mais relevante, chegando a apontá-las como as únicas realmente interessantes.³⁵⁴

No que tange às resenhas de Febvre, tem-se o predomínio absoluto de textos escritos em francês: 1.740 resenhas, ou seja, 89,4% do total de 1.946 produzidas entre os anos de 1905 e 1961. A fração de 10,6% de resenhas de publicações estrangeiras é, por sua vez, composta de textos em alemão (120), inglês (47), italiano (22) e em outras línguas (17).³⁵⁵ Há, portanto, uma presença destacada de resenhas de obras em alemão e, apesar de constituírem apenas 6,2% do total, elas tem a primeira posição no universo das línguas estrangeiras, representando mais que o dobro das obras em inglês. Bloch por seu turno, entre os anos de 1929 e 1942, sob sua assinatura original, e entre 1943 e 1944 sob o pseudônimo Fougères, escreveu na *Annales* aproximadamente 93 resenhas de textos de origem germânica, entre alemães e austríacos³⁵⁶, enquanto Febvre publicou 90 resenhas de texto de língua alemã.³⁵⁷ A partir de 1937, observa-se sensível redução das resenhas de textos germânicos não havendo publicações desses textos produzidos por Bloch ou Febvre na *Annales*.

³⁵¹ JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico**. 2000, 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000, p. 282.

³⁵² MÜLLER, Bertrand apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 103.

³⁵³ BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 104.

³⁵⁴ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 105.

³⁵⁵ MÜLLER, Bertrand apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 110.

³⁵⁶ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 110.

³⁵⁷ MÜLLER, Bertrand apud ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães), p. 110.

Ao explorarmos o debate acerca das produções febvreanas não podemos negligenciar a assistência que o historiador teve de mulheres que o auxiliavam: sua esposa Suzanne Dognon Febvre que, ocasionalmente, realizava trabalho voluntário lendo e reagindo aos seus manuscritos, ajudando-o com as fontes alemãs por trás de seu Lutero de 1928, além revisar algumas edições para a *Encyclopédie*; Rose Brua Celli, talentosa romancista e ensaísta, amiga de Suzanne, realizou através de trabalho remunerado a edição de cópias da *Encyclopédie française*;³⁵⁸ por fim, Lucie Varga, que como mostram as descobertas de Peter Schöttler, fora uma assistente que traduzira alemão para Febvre e fazia anotações sobre livros que mais tarde foram usados em seus cursos no *Collège de France* ou transformados em resenhas assinadas por Febvre, aumentando assim, consideravelmente, o número de publicações rubricadas por ele.³⁵⁹ Acrescenta-se que, Simone Vidal Bloch, esposa de Marc Bloch, atuou como secretária assistente e revisora de todos os manuscritos do seu esposo, contudo, seu trabalho jamais foi reconhecido ou mencionado por ele.³⁶⁰

O historiador Raimundo Barroso Cordeiro Junior classifica os livros de Febvre, para fins didáticos, em três grandes grupos segundo o seu perfil metodológico e temático: o grupo 1 definido como “História” abrange as obras históricas *Philippe II et la Franche-Comté*(1911); *Notes et documents sur la Réforme et l’Inquisition em Franche-Comté*(1911); *Histoire de Franche-Comté* (1912); *Un Destin, Martin Luther* (1928); *Le Rhin, problèmes d’histoire et d’économie*(1931); *Le problème de l’incroyance au XIe. siècle, la religion de Rabelais* (1942); *Origène et des Périers ou l’énigme du Cybalum mundi* (1942); *Autor de Heptaméron, amour sacré, amour profane* (1944); *Honnuer et Patrie*(1996) e *L’Europe* (1999); o grupo 2 intitulado “Conhecimento Interdisciplinar” abrange o texto *La terre et l’évolution humaine: Introduction géographique à l’histoire* (1922) e, por fim, o grupo 3 intitulado “Crítica Historiográfica” abrange *Michelet, 1798-1874* (1946); *Combats pour l’histoire* (1953); *Au coeur religieux du XVIe. Siècle*(1957); *Pour une histoire à partentière* (1962).³⁶¹

Com o objetivo de observarmos se há algum contato de Lucien Febvre com a produção biográfica durante o período em que escreve nos *Annales*, examinamos as

³⁵⁸ DAVIS, Natalie Zemon. “Women and the world of the Annales”, In: Stuart Clark, ed., **The Annales School**, vol. 1 (London and New York: Routledge, 1999), pp. 205-206.

³⁵⁹ SCHÖTTLER, Peter apud DAVIS, Natalie Zemon. “Women and the world of the Annales”, In: Stuart Clark, ed., **The Annales School**, vol. 1 (London and New York: Routledge, 1999), p. 206.

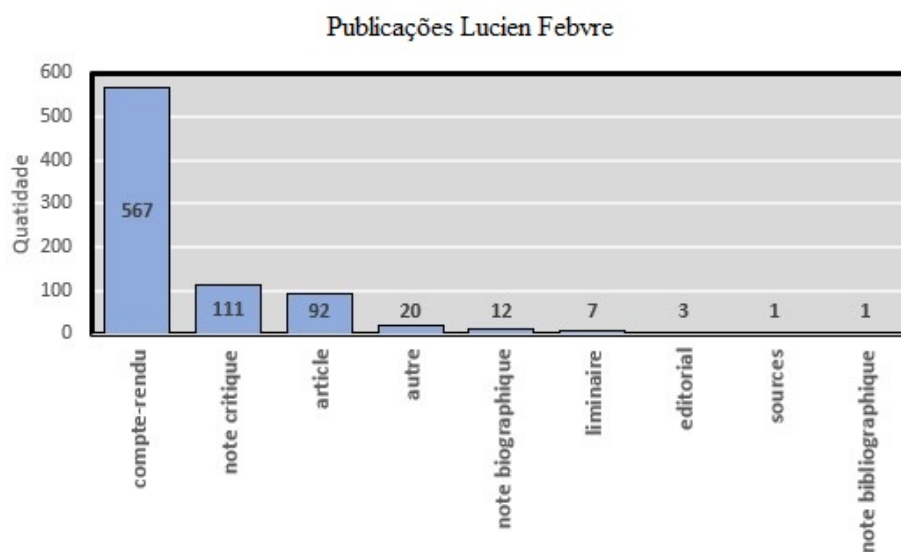
³⁶⁰ DAVIS, Natalie Z. History’s Two Bodies. **The American Historical Review**, v. 93, n. 1, p. 23, 1988.

³⁶¹ JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico**. 2000, 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000, p. 275.

edições da revista disponíveis no portal francês *Persée*.³⁶² Na dada plataforma estão disponíveis 814 publicações de Febvre no periódico entre 1929 e 1961, todavia há a ausência das edições de 1933 a 1938 e 1942, portanto, esses períodos não foram considerados na presente pesquisa.

Nos *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, a produção de Febvre está dividida em nove categorias: resenha, artigo, nota biográfica, nota crítica, outros, fontes, nota biográfica, introdução e editorial. Segue o gráfico 7 com a quantidade escrita em cada grupo:

Gráfico 7



Em nosso levantamento, das doze notas biográficas que Febvre escreve, uma é publicada em 1932 e o restante é datado de 1946 em diante. Dosse lembra que a parte biográfica da revista irá oscilar entre 1929 e 1976 entre 0% e 0,7% do conteúdo dos artigos.³⁶³

Quanto à presença de Febvre em objeto de estudo em textos variados, Cordeiro Junior nos lembra que no início da década de 1980 podia se afirmar que:

(...) pouco se estudou Lucien Febvre, ainda que tenha escrito muito sobre ele: resenhas críticas, alguns estudos passando sobre uma obra ou sobre um aspecto de sua obra, ultrapassando em extensão a simples resenha (Frappier 1969; Mansfield, 1960); notícias necrológicas e quaisquer artigos de interesse geral contendo às vezes observações bastante pertinentes. (Braudel, 1953; Lapeyre, 1970; Throop, 1961). A estas fontes convém acrescentar as histórias da história que mencionam

³⁶² Ver site: <<https://www.persee.fr/authority/274943>> Acesso em: 10 fev 2020.

³⁶³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 199.

aqui ou lá o nome de Lucien Febvre. (Dhont, 1971; Lapayere, 1971; Berret-Kriegel, 1973). (Massicote, 1981. p. 16).³⁶⁴

Nos anos 2000, Cordeiro Junior destaca a necessidade de acrescentar outros títulos que se tornaram leituras obrigatórias sobre o assunto, são os textos de: Mozaré (1957. “Lucien Febvre et l’Histoire Vivant”. In: RH. Paris. Presses Universitaires de France, 81e, Tome CCXVII, pgs. 1-19); de Chartier e Revel (1979. “Lucien Febvre et les Sciences Sociales”. In: HG. Paris, 69º année, nº 272, février, pgs. 427-442); de Wootton (1988. “Lucien Febvre and the Problem of Unbelief in the Early Modern Period” In: JMH. The University of Chicago, nº.60, december, pgs. 695-730), bem como a análise do contexto e das correntes feita por Noiriél (1996. Sur la “Crise” de l’Histoire. Paris, Berlin).³⁶⁵

Mais recentemente, cabe acrescentar os estudos de Bertrand Müller e Peter Schöttler, respectivamente, que exploram os vastos documentos de Lucien Febvre. Müller, historiador suíço, possui diversos estudos sobre Febvre, destacam-se: *Bibliographie des travaux de Lucien Febvre (1990)* onde o autor propõe um repertório em mais de dois mil títulos dos escritos publicados por Febvre por mais de meio século dedicado ao serviço da história; *Correspondence*, grandioso e relevante trabalho, publicado em três tomos entre 1994 e 2003, em tais obras o autor destaca por ter sido o editor, organizador e comentador das 530 correspondências entre Lucien Febvre e Marc Bloch de 1928 a 1943; e *Lucien Febvre: lecteur et critique (2003)*, onde Müller analisa todas as resenhas publicadas por Febvre ao longo de sua carreira, o autor considera que o trabalho não é biográfico, mas uma genealogia do conhecimento.

Schöttler, historiador alemão, por seu turno, publicou a partir dos anos 1990 uma série de textos cuja temática era “Marc Bloch, Lucien Febvre e a Alemanha”; a obra foi produzida a partir de pesquisas com fontes diversas dos autores, incluindo textos teóricos, críticos e correspondências.

Outros trabalhos igualmente relevantes são “*Lettres à Henri Berr*”, publicado pela editora *Fayard* em 1997; são 320 cartas a Berr que fornecem um relato do treinamento e pensamento de Febvre apreendido em sua vida cotidiana e obra. Em 2011 o historiador e ex-deputado francês Joseph Pinard lança “*Lucien Febvre, militant socialiste à Besançon*”, segundo o autor, Febvre, o grande especialista do século XVI

³⁶⁴JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico.**2000, 411 f.Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000., p. 210.

³⁶⁵Ibidem., pp. 210-211.

foi também um ativista que doou ao semanal “*Le Socialiste Comtois*” cerca de trinta artigos não assinados que até então não tinham sido estudados na França. Pinard preenche essa lacuna e analisa os gritos do coração de um jovem intelectual indignado com as flagrantes injustiças de seu tempo, visceralmente hostis aos radicais no poder, além do mais pinta o retrato da cidade de Besançon no início do século XX. Com tal obra Pinard ganha, em 2012, o *prêmio Louis-Pergaud*, um prêmio literário francês criado em 1953 concedido a um escritor comtois ou não, cuja obra diz respeito a Franche-Comté. Em 2019, sob a direção de Marie Barral-Baron e Philippe Joutard, é lançado “*Lucien Febvre face à l’Histoire*”; de acordo com os autores, munidos de inúmeros arquivos inéditos, eles trazem a luz um novo retrato de Lucien Febvre mais complexo.

Outras obras ainda que não sejam diretamente de análise a Febvre, contribuem para obtemos informações relevantes sobre o historiador são elas: “*Marc Bloch – uma vida na história*” (1989) de Carole Fink e “*Fernand Braudel: uma biografia*” (1997) de Pierre Daix. Nessa obra sobre Braudel, Daix faz a denúncia de que mesmo quarenta anos após a morte de Febvre ainda não havia sido publicada uma grande biografia a seu respeito³⁶⁶ e nos lembra que uma de alcance restrito fora publicada nos *Cahiers des Annales* em 1971³⁶⁷ e Marleen Wessel estivesse à época, preparando a respeito a sua tese de doutorado. De acordo com o Fundo Lucien Febvre, Wessel, historiadora holandesa, foi quem realizou no final nos anos 1980 a primeira pesquisa sumária nos arquivos.

No contexto brasileiro, para a compreensão de Lucien Febvre, pode-se destacar “*Lucien Febvre: história*” livro que faz parte da Coleção grandes cientistas sociais, de 1978, organizado por Carlos Guilherme Mota e coordenado por Florestan Fernandes. Bem como as teses de Jougi Guimarães Yamashita,³⁶⁸ Raimundo Barroso Cordeiro Junior,³⁶⁹ Sabrina Magalhães Rocha³⁷⁰ e a dissertação de Andrew Guilherme Okamura Lima.³⁷¹

³⁶⁶DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: Uma biografia**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999 p. 14.

³⁶⁷ Lucien Febvre (1878-1956). **Aux frontières de l’histoire**.

³⁶⁸YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade**. 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016,.

³⁶⁹ JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico**. 2000, 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000,2000.

A *Association pour la recherche autour de Lucien Febvre (ALF)* ou *Fonds Lucien Febvre*, uma associação para a pesquisa em torno de Lucien Febvre, cuja sede é na *L'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – EHESS* que fora fundada em 15 de janeiro de 2014, e objetiva “desenvolver o conhecimento da vida e obra de Lucien Febvre, bem como seu lugar na historiografia francesa e internacional; promover trabalhos alinhados às pesquisas de Lucien Febvre, incentivar publicações e iniciativas científicas, garantir a preservação dos arquivos e da biblioteca de Lucien Febvre”, faz um apanhado no que tange às publicações sobre Lucien Febvre após 1990 e nomes como André Burguiere, Peter Burke, Denis Crouzet, Marleen Wessel e Natalie Zemon Davis figuram entre as obras citadas com relevância para compreendermos quem foi o historiador.³⁷²

Ao observarmos a trajetória de Lucien Febvre, percebemos que, ainda que em vida gozasse de prestígio, se considerasse um combatente pela história e fosse saudado por seus contemporâneos como um dos maiores historiadores franceses do século XX, a notoriedade que teve enquanto vivo não impediu que após a sua morte seu pensamento começasse a cumprir a sina que outros também conheceram, sucumbindo a um pesado ostracismo. Em alguns segmentos sociais e intelectuais ele foi esquecido, ignorado e seu legado e memória interpretados sob a luz de novos questionamentos que, muitas vezes, o desqualificavam.

Percebemos que na maioria das vezes em que é lembrado, Lucien Febvre é relacionado a Marc Bloch como um dos “pais fundadores” dos *Annales*, ficando muitas vezes a sombra deste. A trajetória póstuma de Febvre é inversa a de Bloch, sendo a do primeiro qualificado como “menor” em oposição ao caráter “maior” do segundo. “Um dos problemas das interpretações glorificadas (ou desqualificantes) como essa, todavia, é que muitas vezes elas são paralisantes, pois nos oferecem o conforto e a segurança das tradições estabelecidas, não deixam de fazer com que continuemos cavando cada vez mais fundo sempre os mesmos buracos já cavados. Outro problema, não menos importante, diz respeito ao maniqueísmo que serve de fundamento a esse tipo de

³⁷⁰ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história : a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. 225 f. Tese - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

³⁷¹LIMA, Andrew Guilherme Okamura. **Lucien Febvre e a Europa: as fronteiras da história**. 2010, 136 f. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

³⁷²Para consultar as publicações sobre Febvre após 1990 levantadas pela Associação para a pesquisa em torno de Lucien Febvre ver o site: <<http://lucien-febvre.ehess.fr/bibliographie/>>.

interpretação”,³⁷³ logo, é preciso evitar um tratamento maniqueísta às diferenças entre os dois historiadores, uma vez que é possível perceber que há também um Bloch “menor”, do mesmo modo, é possível notar a existência de um Febvre “maior”.

³⁷³ VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000, p. 260.

CAPÍTULO III – “UMA BIOGRAFIA DE LUTERO? NÃO. UMA OPINIÃO SOBRE LUTERO, NADA MAIS”.³⁷⁴

Sou um historiador e venho lhes falar de história. Sou um homem do século XX e venho lhes falar de um homem do século XVI.

Lucien Febvre

3.1. Martinho Lutero, um destino: recepção da obra

Século XVI e religião são eixos temáticos que despertaram o interesse de Lucien Febvre e atravessaram toda a sua carreira. O contato intenso com os estudos luteranos data pelo menos do início de 1920; em 1923, por exemplo, Febvre ministrou um curso sobre Lutero na Faculdade de Letras de Estrasburgo, e ofereceu-se a Henri Berr para produzir um artigo a respeito na *Revue de Synthèse*. Tal texto não se concretizou nessa revista, mas sim na *Revue d'histoire moderne*, onde Febvre publicou em 1926 um artigo de revisão crítica da bibliografia sobre Lutero com o título “*Le Progrés des études sur Luther; essai de mise au point*”.

Em julho de 1925, a convite do diretor Paul Louis Clouchod, Febvre foi requisitado para produzir um livro que integraria a coleção “*Cristianismo*” lançado pela editora parisiense *Les Éditions Rieder*. O propósito da coleção, como nos mostra a historiadora Sabrina Magalhães Rocha, era produzir ensaios direcionados para um público vasto, erudito, mas não especialista. Conforme a autora, o processo de escrita de *Martinho Lutero, um destino* não se iniciou imediatamente; em agosto de 1926 Febvre confessava que ainda não havia começado a redação, cuja entrega estava prevista para fevereiro de 1927, o término do manuscrito só ocorreu em novembro de 1927 e a publicação em maio de 1928.

No que tange à recepção da obra, Rocha em sua tese de doutoramento, ao fazer um levantamento das resenhas publicadas sobre *Martinho Lutero, um destino* entre 1928 e 1931 afirma que encontrou um total de 25 resenhas divulgadas em um periódico belga, um alemão, um inglês e 22 franceses. Conforme a autora, o número elevado de resenhas se associa com a característica da coleção - destinada a um público amplo - e à

³⁷⁴FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 11.

escrita fluida de Febvre que torna a leitura acessível a um público não especialista. Como consequência desse perfil menos acadêmico, percebe-se a grande repercussão do livro em periódicos de cultura geral e notícias cotidianas, sendo a maior parte das resenhas elaboradas em textos curtos com média de 3 a 8 páginas; vale ressaltar que o mesmo não ocorrera em livros anteriores publicados por Febvre. Segundo Rocha, o acordo de edição entre o historiador e a editora nos dá pistas sobre as formas de acesso dos resenhistas e dos periódicos ao livro; o contrato de Lucien Febvre e a *Les Éditions Rieder* estabelecia que cerca de 10% do total de impressos seriam destinados ao serviço de imprensa e, para as suas homenagens pessoais, o autor receberia 15 exemplares. A primeira tiragem teve 3.400 exemplares, cuja metade foi vendida já no primeiro ano de publicação, logo, a divulgação do livro contava com expressivo volume de exemplares para distribuição.

Rocha afirma que além da lista de seus envios pessoais, o editor demandou de Febvre uma relação de revistas alemãs para as quais o historiador desejava que o livro fosse enviado; contudo, a autora não encontrou junto aos guardados de Febvre em pesquisa no *Fonds Lucien Febvre* essa lista, de forma que não é possível saber se ela fora elaborada ou não. A lista de envios pessoais produzida por Febvre, conforme Rocha envolvia o Ministro da Educação da França, passando pelos reitores da Academia Francesa e das universidades Sorbonne e de Estrasburgo. Figuravam na lista autores como o sociólogo, professor de direito e historiador Henri Lévy-Bruhl, o linguista Antoine Meillet, os geógrafos Camille Jullian e Albert Demangeon, os historiadores Henri Pirenne, Ferdinand Lot, e o sociólogo e diretor da *École Normale Supérieure* Celestin Bouglé. Amigos pessoais, como o linguista Jules Bloch e o psicólogo Henri Wallon. E também autores associados a revistas específicas: Henri Hauser para a *Revue critique d'histoire et de littérature*, Augustin Renaudet para a *Revue historique*, Marc Bloch para o *Bulletin de la Faculté de Lettres de Strasbourg*, Ernest Tonnellat para a *Revue Germanique*, Maurice Halbwachs para a *Année Sociologique* e Henri Berr para a *Revue de synthèse historique*. Alguns desses nomes, conforme exibido na tabela de Rocha, publicaram uma resenha em sequência ao recebimento da obra. Com o objetivo de uma melhor exposição das resenhas mapeadas

pela autora, é de suma importância, na presente pesquisa, a exposição do “Quadro 11 – Resenhas: Martinho Lutero, um destino”³⁷⁵ de Sabrina Magalhães Rocha.

Quadro 1

Quadro 11 – Resenhas: *Martinho Lutero, um destino*

Periódicos	Autores	Publicação
Outras		
Revista não identificada	TONNELAT, E.	-
Informatiz ²	ANCEL, Jacques	1928
Cultura geral		
Deutsche Literaturzeitung	IWAND, H. J.	1929
France et monde	B. Et.	1929
L'Europe Nouvelle	MARCEL, Gabriel	1928
Le correspondant	DEDIEU, Joseph	1928
Les nouvelles littéraires, artistiques et scientifiques	HUMBURG, Pierre	1928
Mercur de France	SPENLÉ, Joseph-Édouard	1928
Filosofia / Literatura		
Revue germanique	F.P	1929
Filosofia / Religião		
Revue de sciences philosophiques et théologiques	GORCE, M.	1930
História		
Revue d'histoire moderne	PINTARD, René	1928
Revue historique	RENAUDET, Augustin	1928
Revue de synthèse historique	BERR, Henri	1929
História / Filologia		
Revue belge de philologie et d'histoire	VANDER, Linden H.	1929
História / Literatura		
Revue critique d'histoire et de littérature	HAUSER, Henri	1928
História / Religião		
Revue d'histoire de l'Église de France	PAQUIER, Jules	1930
Notícias cotidianas		
Journal d'Alsace et Lorraine	LEULLIOT, Paul	1928
La Gazette de Grande Bretagne	RUDLER, G.	1928
Le Poulair (Nantes)	Não identificado	1931
Le Progrès (Lyon)	Não identificado	1928
Les derniers Nouvelles de Strasbourg	PONTEUIL, Felix	1928
<small>² Nome sugerido pela caligrafia de Lucien Febvre, não confirmado.</small>		
Lyon Republicaine	VERMOREL, Jean	1928
Religião		
Fois et vie: revue de quinzaine, religieuse, morale, littéraire, sociale	RICHARDOT, Marcel	1928
Le christianisme social	BOST, Charles	1930
Revue des sciences religieuses	CHAMPEAUX, Ernest	1929
Total: 25		

Origem de dados: ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história : a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. 225 f. Tese (doutorado), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, pp 186-187.

Em suas primeiras cartas trocadas com Bloch, Febvre fala sobre o seu livro a respeito de Lutero. Em 24 de junho de 1928, comenta que recebera uma carta de Pirenne, em que o mesmo fazia considerações sobre o seu Lutero. Conforme Pirenne, o que mais o impressionou na obra foi o método que Febvre aplicou para explicar um indivíduo e sua ação em seu tempo.³⁷⁶ Em carta de finais de junho de 1928, Febvre agradece às palavras de Bloch e diz que elas o deixaram contente. Acrescenta que, até então, o livro sobre Lutero não recebera críticas negativas, pelo contrário, diz ter recebido diversas cartas elogiando o seu trabalho que o deixaram satisfeito, como por exemplo, a de Augustin Renaudet – que era o único conhecedor dessa história religiosa

³⁷⁵ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. 225 f. Tese - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, pp 185-187.

³⁷⁶BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. tl, La naissance des *Annales* (1928-1933), p. 21.

e intelectual – e Gustave Lanson, que também escrevera palavras que tocaram Febvre.³⁷⁷

Em 1944, no prólogo à segunda edição, ainda escutamos de Febvre sobre o sucesso de seu livro, ele afirma que a primeira edição não demorou a esgotar-se, que fora solicitado por várias instâncias a reeditá-lo e que o livro tivera apenas críticas favoráveis, sendo os outros questionamentos motivados ao por que ele não ter levado a sua pesquisa para além de 1525, para o Lutero maduro.³⁷⁸

Originalmente publicado na França em 1928, *Martin Luther, um destino* fora traduzido para o inglês (1929),³⁷⁹ italiano (1949),³⁸⁰ espanhol (1956),³⁸¹ português luso (1976),³⁸² alemão (1976)³⁸³ e chinês (2014)³⁸⁴. No Brasil, a obra foi lançada 84 anos depois de seu aparecimento; somente em 2012 o público brasileiro teve o livro de Febvre a seu alcance.³⁸⁵

Em nossa análise optamos por investigar a recepção de *Martinho Lutero, um destino*, no contexto francês, entre 1928-1929, através de resenhas publicadas em revistas de História, História/Literatura e História/Religião. Também achamos pertinente observarmos resenhas divulgadas posteriormente nos países em que o livro tivera lançamento e tradução³⁸⁶.

O historiador francês Henri Hauser, em 1928, escreve na *Revue critique d'histoire et de littérature* uma resenha que dedica ao livro, nela o autor afirma que criar um livro desta magnitude, repleto de vida e deslumbrante, não é mérito comum, além disso exalta o fato de Febvre ter retomado, em bonitas páginas, as reconstituições psicológicas produzidas pela “escola romântica” e que, em nome da “crítica objetiva”, estavam sendo ridicularizadas. Elogia o fato de Febvre citar Michelet e trazer um pouco de humanidade para a história ao ressuscitar almas do passado em suas próprias

³⁷⁷ Ibid., p. 26.

³⁷⁸ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p.15.

³⁷⁹ Martin Luther: A Destiny. New York: E.P. Dutton & Co., 1929.

³⁸⁰ Martin Lutero. Firenze: Barbera, 1949.

³⁸¹ Martín Lutero: un destino. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

³⁸² Martinho Lutero: um destino. Lisboa: Bertrand, 1976.

³⁸³ Martin Luther: Religion als Schicksal. Frankfurt am Main: Ullstein, 1976.

³⁸⁴ Martin Luther: A Destiny. Shanghai Sanlian Culture Publishing House; 1st edition (November 1, 2014)

³⁸⁵ Não nos cabe identificar os motivos do lançamento tardio do Brasil, contudo, acreditamos que a edição brasileira deve-se às comemorações dos 500 anos da Reforma.

³⁸⁶ Nas edições em chinês, alemão e português luso não foram observadas resenhas.

experiências morais. Hauser associa a relação história-psicologia com a historiografia produzida no século XIX.³⁸⁷

René Pintard, especialista em literatura do século XVII, escreve em 1928, na *Revue d'histoire Moderne* que Febvre analisa os textos utilizados em seu livro com vigor e segurança notáveis, o qual quase sempre o levam a conclusões plausíveis e pessoais. Para Pintard, o estilo do texto agrada tanto a historiadores meticulosos quanto ao público mais amplo.³⁸⁸

Augustin Renaudet, que conforme Febvre era o único conhecedor dessa história religiosa e intelectual³⁸⁹, em publicação na *Revue Historique* de 1928, abre a resenha mostrando-se fiel à definição de Febvre de que a obra não se tratava de um trabalho biográfico e nem queria sê-lo. Para o autor, Febvre se propunha - com o auxílio da renovação dos estudos luteranos dos últimos vinte anos - revelar a personalidade moral e religiosa de Lutero, sua vida íntima, seu discurso e as conseqüências de sua obra para o sentimento cristão e a inteligência alemã.³⁹⁰ Renaudet compara a obra de Febvre com outras obras já publicadas sobre Lutero, sobretudo no campo biográfico, e afirma que ao lado de tantas biografias contraditórias e maciças, o livro de Febvre, por apresentar caracteres pelos quais a plausibilidade parece unir-se à verdade, é essencial, pois contém o resumo mais penetrante do espírito da obra luterana e suas influências na história moral e intelectual da Alemanha.³⁹¹

O historiador Henri Strohl, ao resenhar o livro em 1928 na *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, destaca que a obra é de um historiador que não deseja fazer nem um julgamento, nem uma biografia sobre Lutero, o objetivo é, de um lado entender a personalidade religiosa de Lutero e, de outro, as reações recíprocas da personalidade e da comunidade. Para Strohl, este é um livro que deve ser lido.³⁹²

Prosper Alfric, historiador especializado em Cristianismo, ao escrever em 1928 para a *Revue de l'histoire des religions*, afirma que pouquíssimas pessoas foram tão

³⁸⁷ HAUSER, Henri. Martin Luther: un destin. **Revue critique d'Histoire et de Littérature**, n. 11, pp. 499-500, 1928.

³⁸⁸ PINTARD, René. Un destin: Martin Luther by Lucien Febvre. **Revue d'histoire moderne**. Paris: Société d'Histoire Moderne et Contemporaine, t. 3, n. 17, set.-out. 1928, p. 389- 390. Disponível em <www.jstor.org/stable/20524740>.

³⁸⁹ BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t1, La naissance des *Annales* (1928-1933), p. 26.

³⁹⁰ RENAUDET, Augustin. **Revue Historique**, t. 159, Fasc. 2 (1928), pp. 372-375

³⁹¹ Ibid., p. 375.

³⁹² STROHL, Henri. L. Febvre, Un destin. Martin Luther. Dans la collection :Christianisme, cahiers publiés sous la direction de P. L. Couchoud, Les éditions Rieder, Paris, 1928. In: **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, 8e année n°5, Septembreoctobre 1928. pp. 468-471.

elogiadas e criticadas quanto Lutero; apoiantes o viam como um profeta e críticos como um mal orientado. Nesse sentido, Febvre pretende manter um meio termo entre esses dois extremos e mostrar no monge o homem de carne e osso que carrega grandes aspirações. Alfric assegura que Febvre estuda Lutero como um historiador e não como um teólogo, além do mais o autor de *Martinho Lutero, um destino* explora cuidadosamente a vasta literatura sobre o assunto e demonstra-se bem informado.³⁹³

Em um trabalho dedicado a analisar o livro, cuja publicação deu-se em 1929, na *Revue de synthèse historique*, logo após o seu lançamento, Henri Berr afirmava que naquele momento a biografia estava na moda, ou, em seus termos, *trop à la mode*.³⁹⁴ Contudo, em um cenário onde havia, em graus diversificados, vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres, Berr afirmava que a biografia de Lutero escrita por Febvre não era um romance, e, para diferenciá-la do tipo de biografia romanceada em voga naquele momento, ele designou a obra como uma “biografia psicológica”.³⁹⁵ Berr classifica Febvre como um autor que milita pela síntese histórica e geral, dando exemplo com um trabalho concreto. Além do mais, *Martinho Lutero, um destino* seria, em sua avaliação, uma amostra de como a história, como um objeto específico, marcado no tempo e espaço, poderia contribuir para o espírito da síntese, sendo ela materializada na obra a partir da articulação entre o indivíduo e a coletividade.³⁹⁶

Em 1929, em resenha no *Books Abroad*, o professor de história da igreja Conrad Henry Moehlman afirma que Febvre não tentou escrever uma biografia, mas deu, a partir de uma bibliografia bem articulada, uma interpretação de Lutero.³⁹⁷

Ao escrever sobre a biografia de Martinho Lutero, o historiador italiano Benedetto Croce, em seu “*Quaderni della ‘Critica’*”, caracteriza o livro como robusto de estilo e pensamento que conta a história do trabalho e da crise espiritual de Lutero e seu heroísmo como lutador pronto para morrer pela fé em Cristo que ele havia formado ou encontrado em si mesmo e revivida; dessa forma, a análise do pensamento do monge junta-se ao drama e à epopéia. Para ele, o valor e a importância do trabalho de Febvre se dá pois deixamos de lado acusações infelizes ao monge e validamos o julgamento que já amadureceu no limite e na contradição da obra de Lutero, o qual Croce chama de

³⁹³ PROSPER, Alfric. **Revue de l'histoire des religions**. v. 98, 1928. pp. 131-133.

³⁹⁴ BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, p. 10, 1929.

³⁹⁵ Ibid., p. 10.

³⁹⁶ Ibid., pp. 18-19.

³⁹⁷ MOEHLMAN, Conrad Henry. **Books Abroad**, vol. 3, no. 1, 1929, pp. 27-27.

verdadeira “heresia”, não dogmática com relação às crenças da Igreja, mas eficaz com relação à vida moral da humanidade.³⁹⁸

Alberto Bonifaz Nuño, crítico literário mexicano, ao resenhar a obra de Febvre na *Revista de la Universidad do México*, inicia afirmando que o livro deve ser considerado mais por um julgamento sobre Lutero do que por uma biografia; deve ser encarado como o desenho que traça a curva de um destino, tal como pretendia o seu autor que, ao escrevê-lo, foi movido pelo desejo de compreender e fazer compreender a personalidade de Martinho Lutero.³⁹⁹

Pouco depois da passagem de Lucien Febvre pelo Brasil, onde pronunciou diversas conferências – no Brasil Febvre esteve nas Universidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Bahia, Recife, Fortaleza e São Paulo⁴⁰⁰ - o autor João Del Nero escreveu uma resenha publicada na *Revista de História* da USP que fora baseada na segunda edição francesa da obra, haja vista o livro ainda não ter sido lançado no país. Conforme Del Nero, *Martinho Lutero, um destino* é um magnífico estudo que projeta luz sobre diversos pontos da Reforma e sobre o caráter multiforme de Lutero.⁴⁰¹

A primeira coisa que o autor salienta é o brilhantismo do estudo de Lucien Febvre que, segundo ele, “foi feito com rigorosa imparcialidade por um historiador que além de se distinguir em seu campo de estudo, revela preocupação pelos temas espirituais e religiosos, embora não seja filiado a qualquer igreja cristã”.⁴⁰² O segundo ponto abordado pelo “ilustre historiador” que merece análise, para Del Nero, é que, ao contrário do que geralmente se costuma afirmar, especialmente no Brasil, que a Reforma não foi propriamente determinada pelas “indulgências” ou pela questão teológica – a justificação pela fé; Febvre demonstra com fatos que o eleitor Frederico também vendia relíquias e permitia outros abusos sem que Martinho Lutero se manifestasse ao contrário. Portanto, o resenhista afirma que a tese, bastante difundida, de que a Reforma foi originalmente em virtude da decadência em que se achava a igreja, é superficial e como percebeu admiravelmente Febvre, o problema é muito mais

³⁹⁸ CROCE, Benedetto. *Le Riviste di Benedetto Croce online Quaderni della “Critica”*, V. 3, N. 9, 1947. Disponível em: <<https://ojs.uniroma1.it/index.php/quadernidellacritica/issue/view/73/showToc>>. Acesso em: 03 jun 2020.

³⁹⁹ NUÑO, Alberto Bonifaz. Reseña del libro de Lucien Febvre, Martín Lutero (un destino). *Universidade de México*. Disponível em: <[https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/11c65b0f-4a3f-4c51-9b0c-d14c0ce0bb54/lucien-febvre-martin-lutero-\(un-destino\)](https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/11c65b0f-4a3f-4c51-9b0c-d14c0ce0bb54/lucien-febvre-martin-lutero-(un-destino))>.

⁴⁰⁰ MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978. p. 9.

⁴⁰¹ NERO, João del. Resenha do livro de Lucien Febvre, Un Destin, Martin Luther. In: **Revista de História**, ano II, vol. II, nº 5. São Paulo, 1951, p. 198.

⁴⁰² *Ibid.*, p. 198.

profundo.⁴⁰³ Del Nero finaliza a resenha sustentando que o magnífico estudo de Febvre deve ser amplamente divulgado, além do mais, levanta possíveis críticas e elogios que a obra talvez possa trazer:

Talvez não agradará a certos protestantes nem a certos católicos, uns porque prefeririam Lutero menos “humano” e mais dogmático e outros por não quererem reconhecer que sua igreja também foi culpada da cisão da cristandade. Para muitos, porém, adeptos de qualquer confissão cristã, ou mesmo não religiosos, mas preocupados pelo problema espiritual, ou ao menos pelos problemas humanos, o livro de Lucien Febvre revelará a grandeza de um homem, quando ele segue o seu “destino”, isto é a sua vocação. Só por este motivo, se recomendaria o livro, como importante contribuição para o melhor conhecimento do homem e de suas potencialidades morais.⁴⁰⁴

No ano de 2012, quando o livro é, enfim, editado e lançado no Brasil, uma das primeiras críticas à obra é apresentada no jornal *Folha de São Paulo*, por Leonildo Silveira Campos, na época professor de pós-graduação de ciência da religião da Universidade Metodista de São Paulo. Percebe-se que a exposição da obra vem acompanhada por uma apresentação de Marc Bloch, Lucien Febvre, os *Annales* e os rumos que o luteranismo tomou. Campos define o Febvre dos anos 1920 como alguém “descontente com a maneira tradicional de se fazer história, quase sempre numa perspectiva política, desprezando-se as contribuições das demais ciências humanas” que tinha como desafio fazer uma história do gênero biográfico com novos olhares, incorporando contribuições de outras ciências humanas, diferindo, portanto, das outras biografias já escritas sobre Lutero.⁴⁰⁵ Em resenha publicada em 2013, a historiadora Patrícia Woolley ressalta que a obra, longe de ser uma mera biografia narrativa, é um estudo atento que combina crítica historiográfica e minuciosa análise de fontes.⁴⁰⁶

Em resenha de 2013, publicada na *Revista USP*, o professor Lauri Emilio Wirth, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) inicia o seu texto com uma crítica ao fato de só em 2012 o livro ter sido publicado no Brasil. Para o autor, pode parecer estranho comentar uma obra cuja primeira edição deu-se, na França, em 1928, esgotou-se rapidamente e, em 1951 já seguia para uma terceira edição. Contudo, afirma que não cabe a ele especular os

⁴⁰³ Ibid., p.198.

⁴⁰⁴ Ibid., p. 200.

⁴⁰⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira. Estudo de Lucien Febvre retrata Lutero à luz do contexto social. **Folha de São Paulo**, 1 set. 2012. Ilustrada.

⁴⁰⁶ CARDOSO, Patrícia Domingos Woolley. Um destino: resenha sobre o importante livro de Lucien Febvre. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, jan. 2013. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130116014113/http://revistadehistoria.com.br/secao/livros/um-destino>>. Acesso em: 2 mai de 2018.

motivos de tamanho atraso para o lançamento no Brasil em português. Como muitos outros resenhistas, Wirth desde o início deixa claro em seu texto que Febvre não pretende escrever uma biografia sobre Lutero.⁴⁰⁷ Após discorrer sobre as partes do livro e recortes utilizados pelo autor, Wirth reitera que a leitura que Febvre faz da sociedade alemã permeada pelo luteranismo, aparentemente, não decorre apenas das fontes que sustentam a sua fascinante investigação, estas também, como lembra o resenhista, repercute as tensões e incertezas dos anos em que o livro foi escrito, quando a relação entre alemães e franceses não era necessariamente amistosa.⁴⁰⁸

Em 2013 quando o professor titular do Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Carlos Alberto de Moura Zeron publica na *Revista de História* a sua resenha sobre *Martinho Lutero, um destino*, mostra-se surpreso que aquela fosse a primeira edição brasileira, cujo público dependia de edições portuguesas igualmente tardias ou de edições em língua estrangeira. Conforme Zeron, o livro resiste muito bem ao tempo, porém, discorda de Febvre quando o mesmo diz que nada tem para ser alterado, retocado ou acrescentado na obra. Zeron afirma que, quase um século depois, o livro enfrenta muito bem o debate e é altamente prazeroso para quem gosta de apreciar o historiador desvelando francamente como faz o seu ofício.⁴⁰⁹

3.2 .A recusa do autor em definir sua obra como biográfica

Lucien Febvre dedicou toda a sua vida para sustentar o propósito de que o seu trabalho em *Martinho Lutero, um destino* não era de cunho biográfico. A partir de tal premissa, nos indagamos: como afirmar que o texto não é biográfico se, a nosso ver, ele comporta as principais características do gênero no campo historiográfico? O que estava por trás da manutenção de suas ideias? A sua concepção de história ajudava a cristalizar essas opiniões? Para responder essas perguntas, utilizaremos textos que abordam o tema do gênero biográfico de uma forma mais ampla tanto em teoria literária quanto em história que possam dialogar com a fonte, ajudando na resposta. Também a partir desses posicionamentos do autor, procuraremos identificar o estatuto de gênero biográfico na

⁴⁰⁷ WIRTH, Lauri Emilio. “Agir contra a consciência não é seguro nem honesto”: uma opinião sobre Martinho Lutero, um Destino, de Lucien Febvre. **Revista USP**, n. 97 (2013), p.133.

⁴⁰⁸ Ibid., p.139.

⁴⁰⁹ ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. Resenha Martinho Lutero, um destino. Lucien Febvre. **Revista de História São Paulo**, Universidade de São Paulo N° 169, p. 413-420, jul / dez 2013, p. 420.

França nos determinados períodos de escrita dos prólogos, para observarmos se houve mudanças significativas no que tange à escrita biográfica e investigar os motivos pelos quais Febvre seguiu afirmando que o seu texto não era biográfico. Objetivamos, com isso, identificar as características da escrita biográfica de Lucien Febvre na obra em que ele se dedica a Lutero.

Ancorados no trabalho do crítico literário francês e teórico da literatura Gérard Genette e do escritor e crítico literário alemão Hans Robert Jauss, observaremos as escolhas de Febvre para estruturar o livro que se dedica a Lutero e no que elas podem nos contribuir com elementos biográficos.

Com 359 páginas, a obra *Martinho Lutero, um destino* é dividida da seguinte forma: folhas de rosto, folhas da editora, folhas em branco entre as partes, sumário, dedicatória, prólogo à primeira edição, prólogo à segunda edição, três partes associadas a três momentos distintos da vida do reformador alemão, conclusões, notas, nota bibliográfica, posfácio e notas sobre o autor.

Tabela 1: Sumário do livro *Martinho Lutero, um destino*

PARTE	Divisões do livro	Qtd de páginas
PARTE I O esforço solitário	DE KÖSTLIN A DENIFLE	3
PARTE I O esforço solitário	I - Antes da viagem a Roma	7
PARTE I O esforço solitário	II - De Roma às indulgências	6
PARTE I O esforço solitário	III - Um estraga-prazeres	5
PARTE I O esforço solitário	IV - A argumentação de Denifle	9
PARTE I O esforço solitário	REVISÕES: ANTES DA DESCOBERTA	3
PARTE I O esforço solitário	I - O monástico Lutero	6
PARTE I O esforço solitário	II - De Gabriel a Staupitz	11
PARTE I O esforço solitário	REVISÕES: A DESCOBERTA	3
PARTE I O esforço solitário	I - O que é a descoberta?	7
PARTE I O esforço solitário	II - Suas consequências	7
PARTE I O esforço solitário	III - Lutero em 1516	9
PARTE II - A maturidade	O CASO DAS INDULGÊNCIAS	2

PARTE II - A maturidade	I - Albrecht, Fugger, Tetzel	8
PARTE II - A maturidade	II - A reação de Lutero	8
PARTE II - A maturidade	III - As 95 teses	5
PARTE II - A maturidade	A ALEMANHA DE 1517 E LUTERO	3
PARTE II - A maturidade	I - Dificuldades políticas	9
PARTE II - A maturidade	II - Inquietações sociais	7
PARTE II - A maturidade	III - Lutero à frente da Alemanha	8
PARTE II - A maturidade	ERASMO, HUTTEN, ROMA	2
PARTE II - A maturidade	I - <i>Du bist nicht fromm!</i>	12
PARTE II - A maturidade	II - Os huttenistas	8
PARTE II - A maturidade	III - <i>Credis, vel non credis?</i>	9
PARTE II - A maturidade	O IDEALISTA DE 1520	2
PARTE II - A maturidade	I - O <i>Manifesto à nobreza</i>	9
PARTE II - A maturidade	II - Construir uma igreja?	9
PARTE II - A maturidade	A intrepidez em Worms	15
PARTE II - A maturidade	OS MESES EM WARTBURGO	3
PARTE II - A maturidade	I - A Alemanha conturbada	7
PARTE II - A maturidade	II - O heroico labor em Wartburgo	6
PARTE II - A maturidade	III - A confecção de um estilo	5
PARTE II - A maturidade	IV - Idealismo antes de tudo	8
PARTE II - A maturidade	V - A violência ou a palavra?	6
PARTE II - A maturidade	VI - Crente, mas não líder	4
PARTE III - Retraimento em si	ANABATISTAS E CAMPONESES	3
PARTE III - Retraimento em si	I – Zwickau	7
PARTE III - Retraimento em si	II - Pregar ou agir?	6
PARTE III - Retraimento em si	III - A Igreja, o Estado	6
PARTE III - Retraimento em si	IV - Os camponeses	9
PARTE III - Retraimento em si	V - As duas cidades	5
PARTE III - Retraimento em si	IDEALISMO E LUTERANISMO APÓS 1525	2
PARTE III - Retraimento em si	I - <i>Pro fide</i> : Erasmo é a razão	7
PARTE III - Retraimento em si	II - Provocar o mundo: Catarina	5
PARTE III - Retraimento em si	III - Obedecer à autoridade	11
PARTE III - Retraimento em si	IV - Luterismo e Luteranismo	10

PARTE III - Retraimento em si	Páginas de rosto, paginas em branco, sumário, dedicatória, prólogo a primeira e segunda edição, conclusão, notas, nota bibliográfica, posfácio	57
	Total	359

A parte I intitulada “O esforço solitário”, trata da juventude de Lutero até 1516; Febvre divide essa parte em três seções, a saber, “*De Köstlin a Denifle; Revisões: antes da descoberta; Revisões: a descoberta*”, as seções são divididas em quatro, duas e três partes, respectivamente.

A parte II “A maturidade” cobre o período de 1517 a 1520; é dividida em cinco seções: “*O caso das indulgências; A Alemanha de 1517 e Lutero; Erasmo, Hutten, Roma; O idealista de 1520; Os meses em Wartburgo*”, com divisões de três a seis partes por seção.

Finalmente, a parte III “Retraimento em si” apresenta as guerras camponesas e as derivações do luteranismo após 1525; é dividida entre as seções “*Anabatistas e camponeses; Idealismo e luteranismo após 1525*”, que dividem-se entre cinco e quatro partes.

Como podemos perceber na tabela, as três partes do livro variam entre 71, 145 e 67 páginas. Além de ter mais seções, a parte II, que trata sobre a maturidade de Lutero, é onde Febvre mais se dedica. De todo o livro, variando entre 33 e 34 páginas, as seções “o idealista de 1520” e “os meses em Wartburgo” da parte II, bem como “idealismo e luteranismo após 1525” da parte III, são as maiores se observadas em conjunto. De dentro das seções, as maiores partes são: “A intrepidez em Worms” com 15 páginas (parte II, seção 4, nº III⁴¹⁰), “*Du bist nicht fromm!*” com 12 páginas (parte II, seção 3, nº I), e “De Gabriel a Staupitz” (parte I, seção 2, nº II), “Obedecer à autoridade” (parte III, seção 2, nº III), ambas respectivamente com 11 páginas. As demais, variam entre 3 e 9 páginas.

Consideramos as seções e partes da obra de Febvre como intertítulo, ou seja, o título que cabe a essas passagens. Observamos que a escolha do autor para tal seleção, tem sentido apenas para um destinatário já envolvido na leitura do texto, haja vista que a maioria dos títulos escolhidos remete a questões minuciosas que são destrinchadas ao

⁴¹⁰Para fins de uma melhor explicação, optamos por definir assim as partes do livro, tal como feito por Febvre: Parte II: a maturidade, seção 4: o idealista de 1520, nº III: a intrepidez em Worms. Esses fragmentos dentro das seções numeradas apenas com um número e sem a menção “capítulo tanto”, constituem-se, conforme Genette em capítulos que não se rotulam como tais. Ver, Genette, p. 271.

longo do texto. Capítulos mudos, com a presença de um número e intertítulos curtos configuram-se, nos séculos XIX e XX a norma de intertitulação romanesca. Os títulos curtos e fortemente simbólicos remetem, afirma Genette, a uma característica dos biógrafos modernos.⁴¹¹

Gérard Genette, em sua obra *Paratextos Editoriais*, denomina peritexto editorial toda a zona que se encontra sob a responsabilidade direta e principal, mas não exclusiva, do editor e da edição, ou seja, do fato de um livro ser editado, reeditado e posto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes⁴¹². Nesse sentido, observamos que as apresentações de *Martinho Lutero, um destino*, variam, ao menos pela capa, conforme as edições e locais publicados.⁴¹³ Reedições mais recentes, como a da editora francesa *PUF*, de fevereiro de 2018, apresentam uma capa mais sóbria onde não há a presença da foto do Reformador.⁴¹⁴ As demais edições encontradas apresentam na capa fotos variadas de Lutero; para Genette, essa conduta de na primeira capa constar fotos da pessoa que é objeto de estudo é mais comum em alguns estudos biográficos ou críticos.⁴¹⁵ Assinada pela designer e ilustradora Elisa von Randow, a imagem da capa apresentada na edição brasileira são detalhes do *Retrato póstumo de Martinho Lutero como monge agostiniano* (c. 1546), tela de Lucas Cranach (1472-1553) exposta no Germanisches National Museum (Nuremberg).

No que tange ao título da obra *Martinho Lutero, um destino*, podemos conforme indica Genette, separá-la em título (*Martinho Lutero,*) e subtítulo (*um destino*). Ao analisar somente o subtítulo, esta nos parece uma indicação genérica disfarçada, ou seja, uma perífrase para biografia.⁴¹⁶ Conforme o autor, de maneira ampla, o subtítulo serve para muitas vezes indicar o tema evocado pelo título.⁴¹⁷ A instância titular, como nos lembra o teórico da literatura, é sempre de responsabilidade partilhada entre o autor e o editor, onde a relação entre o título e o editor tem sua manifestação e seu emblema em um objeto – um livro –:o catálogo. Nos mostra Genette que o catálogo é uma coletânea

⁴¹¹ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 259-273.

⁴¹² GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 21.

⁴¹³ Para as diversas capas que o livro apresentou, ver: <<https://www.google.com/search?q=martin+luther+un+destin+lucien+febvre&tbm=isch&ved=2ahUKEwiW9avOheHoAhWcJrkGHZliAnAQ2cCegQIABAA&oq=martin+luther+un+destin+lucien+febvre&gs_lcp=CgNpbWcQA1DqqAJYorcCYJC5AmgAcAB4AIAB6wOIAe4RkgEHMi0yLjMuMpgBAKABAaoBC2d3cy13aXotaW1n&sclient=img&ei=6RGSXtbcBZzN5OUPmcWJgAc&bih=625&biw=1366>>

⁴¹⁴ Disponível em: [>>https://www.bertrand.pt/livro/martin-luther-un-destin-lucien-febvre/21306417](https://www.bertrand.pt/livro/martin-luther-un-destin-lucien-febvre/21306417)>> Acesso: 27 mar. 2020.

⁴¹⁵ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.28

⁴¹⁶ Ibid., pp. 56-57.

⁴¹⁷ Ibid., p. 80.

de títulos atribuídos não a um autor, mas a um editor que é quem escolhe se a obra estará ou não em sua lista.⁴¹⁸

Na França, em relação à indicação “romance”, durante mais de meio século, nenhum se confessará como tal. Para Genette, essa discrição semienvergonhada não significa que os romancistas dos séculos XVIII e XIX não considerassem suas obras como romance. A mesma dificuldade genérica de classificação ocorria com a autobiografia e biografia, quando autores não queriam declará-la como tal e recorriam a outras classificações.⁴¹⁹ Ainda que Febvre relutasse em categorizar a sua obra como uma biografia, ao menos na edição brasileira (que é a utilizada na presente pesquisa) as definições da obra são: 1. Lutero, Martinho – 1483-1546 2. Teólogos – Alemanha – Biografia e, o índice apresentado pela editora para o catálogo sistemático é 1. Alemanha: Teólogos: Biografia.⁴²⁰

Sobre a dedicatória da obra, Febvre dedica ao linguista Jules Bloch, “fraternalmente”, escreve o autor. Ambos eram amigos desde o *khâgne* ao liceu *Louis-le-Grand* (1897-98). De acordo com Denis Crouzet, o interesse de Febvre, até então professor da Universidade de Estrasburgo por Lutero é a continuação de um compromisso assumido no dia seguinte à agregação com Jules Bloch. Com esse amigo que se tornaria um grande especialista em sânscrito, Febvre prometeu: “nos tornar inteligentes e sensíveis a todas as formas de arte e de pensamento”. Para Crouzet, *Martinho Lutero, um destino* foi um marco, cuja publicação visava “desnacionalizar” o herói alemão e descer as profundezas do íntimo de Lutero para acompanhar o profeta que, segundo Febvre, termina mal.⁴²¹

Em dois momentos do livro, Febvre utiliza epígrafes: uma no início, no prólogo à primeira edição, e outra no final, nas conclusões. Genette afirma que o lugar da epígrafe delega significados diferentes: no início, está no aguardo de sua relação com o texto; no fim, depois da leitura do texto, é autoritariamente conclusiva, é a palavra final. Contudo, nos lembra o crítico literário, epigrafar é um gesto mudo cuja interpretação fica a cargo do leitor.⁴²² A passagem selecionada por Febvre para a primeira epígrafe corresponde a uma citação da obra *Tischreden (Conversas à mesa)* de Johannes

⁴¹⁸ Ibid., p.71

⁴¹⁹ Ibid., pp.90-94.

⁴²⁰ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 4.

⁴²¹ CROUZET, Denis. **Le Luther intime de Lucien Febvre**. Disponível em: <<https://www.lhistoire.fr/le-luther-intime-de-lucien-febvre>https://www.lfp.cz:98/opac_css/index.php?lvl=author_see&id=4961>.

⁴²² GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 135-141.

Mathesius, amigo de Lutero durante toda a sua vida, tendo sido o seu primeiro biógrafo. Dispondo de nossa interpretação de leitor, entendemos que é dúbia a atitude de Febvre em selecionar a citação de um livro de memórias de cunho biográfico para em seguida negar que o seu trabalho seja nos moldes do gênero. Ao longo de sua narrativa, Febvre em outros momentos recorre a *Tischreden*, seja para auxiliá-lo na exposição de fatos concernentes a vida de Lutero, seja para criticar a obra. Acreditamos que a escolha da passagem que apresenta o presente diálogo do Reformador: “um amigo disse-lhe certo dia que ele era o libertador da cristandade. Sim, respondeu ele, ‘isso eu sou, isso eu fui, mas qual um cavalo cego que não sabe para onde o está levando seu dono”⁴²³ seja para corroborar o seu objetivo de traçar a curva do seu destino. A segunda epígrafe, Febvre apresenta nas conclusões de sua obra, nesta o autor faz uma escolha Bíblica, vinda do Gênesis, onde se diz: “duas nações há no meu útero, e dois povos se dividirão ao sair do meu ventre”⁴²⁴, entendemos tal escolha de formas interligadas para representar a curva do destino sinuosa e bifurcante que o autor menciona; uma para retratar a cisão que a Igreja cristã romana sofreria após o “destino” de Lutero se consolidar e também para retratar o rompimento do monge com Felipe Melanchthon, seu discípulo favorito, o que causou entre os fieis o desmembramento entre os seguidores do mestre e do discípulo. A palavra destino também tem a ver com a imagem que se construiu de Lutero na história e com o destino da própria Alemanha após ele.

Gérard Genette chama de prefácio toda espécie de texto liminar, preliminar ou pós-liminar que consiste em um discurso produzido sobre o texto que segue ou antecede. A lista de parassinônimos é extensa, contudo, o autor afirma que o prólogo é uma delas.⁴²⁵ A obra de Febvre, como já mostrada anteriormente, conta com o prólogo à primeira edição, de 1927; prólogo à segunda edição de 1944 e uma nota de 1951 acrescentada posteriormente nesse segundo prólogo. Febvre acrescenta os novos prólogos sem suprimir os antigos e os dispõe em ordem cronológica. Seguindo as definições de Genette, entendemos o prólogo de 1927 como o prefácio original, o de 1944 como prefácio posterior, haja vista sua ocasião canônica ser a segunda edição, que, conforme o autor, pode seguir muito de perto a original, contudo, muitas vezes oferece uma visão pragmática muito específica, e a nota de 1951 que Febvre inclui posteriormente no prólogo à segunda edição nos parece um prefácio tardio.

⁴²³FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p 11.

⁴²⁴ Ibid. p. 311.

⁴²⁵GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 145.

Sabe-se que o destinatário do prefácio original é o leitor do texto e suas funções são mostrar “eis *por que* e eis *como* você deve ler este livro”.⁴²⁶ O prefácio visa orientar a leitura e colocar o leitor de posse de informações que o autor julga necessárias a essa boa leitura e a maneira pela qual quer ser lido. Para tanto, o prefácio pode informar sobre a origem da obra, as circunstâncias da redação, as etapas de sua gênese. A função mais importante do prefácio original consiste, conforme o crítico literário francês, em uma interpretação do texto pelo autor ou uma declaração de intenção. Ao impor ao leitor uma chave interpretativa o prefácio constitui um dos instrumentos do controle autoral.⁴²⁷

Para Genette, o objetivo é reter o leitor por um processo tipicamente retórico de persuasão que, na retórica latina, chamava *captatio benevolentiae*, e se trata de *valorizar* o texto sem indispor o leitor com uma valorização imodesta demais, ou apenas visível demais, de seu autor, ou seja, valorizar o texto sem (parecer) valorizar seu autor. Um dos principais artifícios para a valorização do texto é a exposição da importância do tema, que geralmente vem acompanhada por uma insistência em sua originalidade ou novidade.⁴²⁸

Martinho Lutero, um destino foi definido por Febvre, enquanto era escrito, como “um pequeno ensaio sobre Lutero, que será apenas vulgarização, sem nada de propriamente original.”⁴²⁹ (grifo nosso).

No prólogo à primeira edição, datado de agosto de 1927, Febvre apresenta sua obra com a afirmação de que o texto contido ali não é biográfico. Afirma o autor: “uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais” (grifo nosso).⁴³⁰ E acrescenta que seu objetivo é:

traçar a curva de um destino que foi simples, mas trágico; situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde passou essa curva; mostrar de que maneira, sob a pressão de que circunstâncias, seu impulso inicial teve de esmorecer, e seu traçado original, inflectir-se; colocar assim, acerca de um homem de singular vitalidade, esse problema das relações entre indivíduo e a coletividade, entre a

⁴²⁶ Ibid., p.176.

⁴²⁷ Ibid., pp. 170-177

⁴²⁸ Ibid., pp. 176-179.

⁴²⁹ ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. 225 f. Tese - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018, p. 184.

⁴³⁰ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 11.

iniciativa pessoal e a necessidade social, que é, talvez, o problema essencial da história: tal foi nosso intuito.⁴³¹

Entendemos que os objetivos de seu projeto, por si só, constituem-se em propósitos que são de ordem biográfica, a saber: comporta as principais características do gênero no campo historiográfico.

O autor segue afirmando que cumprir seus objetivos em poucas palavras o levou a imensos sacrifícios em prol do Lutero amadurecido que, entre 1517 e 1525, ocupava com muita força no palco do mundo seu papel heróico de profeta inspirado, logo, seria injusto censurá-lo demasiado por tal empreitada de renunciar ao Lutero dos anos da juventude ou o Lutero cansado que feneceria entre 1525 e 1546. Conforme Febvre, ao escrever tal livro ele teve uma única intenção: “compreender e, na medida do possível, dar a compreender”. Define seu trabalho como vulgarização e reflexão (grifo nosso) e solicita que os exegetas qualificados do pensamento luterano reconhecessem a sua preocupação constante: “a de não empobrecer em excesso, com simplificações demasiado brutais, a riqueza nuançada de uma obra que não foi melódica, e sim, à moda de seu tempo, polifônica”.⁴³²

Lucien Febvre ao negar que estivesse escrevendo uma biografia, inicia o seu livro utilizando-se do que Genette chama de “evasiva elegante”, ou seja, preterição que consiste na arte de escrever um prefácio explicando o que não o fará.⁴³³ Ao orientar a leitura, o autor adverte que seu livro seja lido não como uma biografia, ao contrário, ele tenciona ser lido como uma opinião. Entendemos que Febvre, ao afirmar que sua obra seria “um pequeno ensaio”, “apenas vulgarização, sem nada de propriamente original” e “reflexão” utiliza-se da retórica da modéstia, visando prevenir críticas, neutralizá-las ou mesmo impedi-las.

No prólogo à segunda edição da obra, Febvre afirma em 1944: “confesso, para vergonha minha talvez: nada encontrei nele para ser alterado”⁴³⁴. Em 1951, acrescenta uma nota neste prólogo, sustenta a sua postura e prossegue: “não creio ter algum retoque a acrescentar ao texto original. Confiante, entrego-o, uma vez mais, aos leitores e críticos”.⁴³⁵

⁴³¹ Ibid., p. 11.

⁴³² Ibid., p. 12.

⁴³³ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p. 207

⁴³⁴ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 15.

⁴³⁵ Ibid., p. 20.

Genette assegura que o prefácio posterior pode ser um lugar para o autor expressar alguma reflexão tardia, cuja principal função seria assinalar as correções feitas nesta nova edição. Com a segunda edição de uma obra (ou outras mais distantes), os autores teriam oportunidade de fazer uma limpeza tipográfica que, conforme Genette seria vantajoso assinalar.⁴³⁶

Febvre, no prólogo a segunda edição, de 1944, confessa que nada encontrou na obra para ser alterada. Inicia o texto fazendo um balanço; segundo ele, dezesseis anos se passaram desde que o livro “pequeno no formato, grande pelo tema”⁴³⁷, veio a público pela primeira vez. E, após a releitura atenta para a reedição, afirma que espera ter apagado erros tipográficos e outros que haviam se esgueirado no texto. Em seguida, esclarece que a obra, até onde ele saiba, só teve críticos favoráveis e que a única censura recebida foi por não ter levado a pesquisa para além de 1525; cabe destacar que o autor já previra tal censura no prólogo de 1927. Adverte que o termo *Retraimento*, utilizado como título para a terceira parte do livro, perturbou alguns de seus leitores e para uma maior compreensão, optou em mudar o termo para *Retraimento em si*. Contudo, assegura que essas críticas benévolas não o levaram a mudar de ideia sobre o livro em sua totalidade. “Fiz, em 1927, o que queria fazer”⁴³⁸, “peço desculpas por reeditar este livro na mesma forma que lhe valeu (...) exceto, como disse, por algumas correções e alguns acréscimos”⁴³⁹, conclui Febvre.

Em 1951 uma nota é adicionada no prólogo à segunda edição, sendo estas as últimas palavras do autor sobre sua obra. No que tange a essas notas tardias, Genette afirma que “são geralmente o lugar de uma reflexão mais ‘madura’, que não raro tem certo tom testamentário, ou, como dizia Musil, *pré-postumo*: último ‘exame’ de sua obra por um autor que não terá talvez ocasião de voltar a ela”.⁴⁴⁰ Quando escreve essa última nota, Febvre já estava com 73 anos e, apesar de só ter falecido cinco anos depois, acreditamos que devido a sua dedicação em outros projetos, o autor presumisse que não teria mais chances de voltar ao livro, seja pela idade avançada, por outros trabalhos ou pelo motivo que ele repete em todos os prólogos: “não creio ter algum retoque a acrescentar ao texto original. Confiante, entrego-o, mais uma vez, aos leitores e aos críticos”. Nessa nota, Febvre nos mostra que o livro continuava um sucesso, tendo

⁴³⁶ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 213-214.

⁴³⁷ FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 15.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 15-16.

⁴³⁹ *Ibid.*, p. 19.

⁴⁴⁰ GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 156-157.

grande procura para que o editor tornasse a reimprimi-lo e finaliza mantendo a sua palavra de não mudança de conduta em relação ao texto.⁴⁴¹ Seguindo o pensamento de Genette, acreditamos que essas palavras de Febvre soam como uma última mensagem ao leitor e, ao afirmar que nada encontra no livro para ser mudado, permitindo-se apenas correção gramatical, não objetiva voltar ao mérito de opiniões superadas. Tais passagens se enquadram no tema que Genette chama de “não mudei” nos prefácios tardios, haja vista que a permanência afetiva e da continuidade intelectual é certamente o que marca com mais intensidade o discurso retrospectivo. Para um autor que sabe viver e morrer no tempo, o último prefácio é a hora da cerimônia do adeus e Febvre a aproveitou para manter as suas certezas e convicções.⁴⁴²

Dosse salienta que o biógrafo, mais que em qualquer outro gênero, deve já no início da obra justificar sua escolha e explicitar ao leitor em que essa vida vale a digressão. Ao expor as motivações que o levaram a acompanhar a vida do biografado e retratar-lhe a carreira, revelando seus objetivos, fontes e método, elabora uma espécie de contrato de leitura com o leitor, para Dosse, a prática de expor intenções é clássica, contudo, no gênero biográfico assume uma importância singular que a transforma em um rito quase obrigatório. O biógrafo sente a necessidade de se explicar junto aos leitores, de antecipar o que irão descobrir em termos de novas questões e aberturas de arquivos inéditos. Alguns *topoi* são recorrentes entre as exposições de motivos dos biógrafos de personagens históricos, que podem definir seu empreendimento como uma desmistificação da lenda, em nome da verdade histórica ou também podem reduzir o biografado a um pretexto para resgatar um momento, um contexto, uma época.⁴⁴³

O exercício que consiste em explicitar os motivos pessoais e a relação subjetiva com o tema de pesquisa é, nas palavras de Dosse, de uso corrente entre os historiadores profissionais e, pode ser também que o ensejo seja, para o autor, de se situar frente ao próprio gênero biográfico que durante muito tempo foi objeto de um verdadeiro tabu no círculo dos historiadores eruditos.⁴⁴⁴ Mais uma vez, consideramos as justificativas que Febvre apresenta nos prólogos como uma tentativa de desvincular o seu trabalho da alcunha biográfica, esta que ainda não gozava de prestígio, no entanto, suas escolhas

⁴⁴¹FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 20.

⁴⁴²GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, pp. 227-231.

⁴⁴³ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp 95-100.

⁴⁴⁴ Ibid., p. 102.

para essa empreitada configuram-se como características da escrita do gênero biográfico a julgar que o autor segue os principais ritos concernentes ao fazer do biógrafo.

Nas últimas décadas assistimos a morte da entidade “autor” como “detentora do sentido” do texto que escreve. Embora seja o produtor do texto, hoje em dia ele não controla mais os sentidos que sua produção pode suscitar, não é mais considerado o “dono” do sentido do texto e nesse emaranhado onde o texto não diz tudo, nem seu autor é dono de um sentido para ele, o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura.⁴⁴⁵ Os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos. Esse leitor é o principal elemento da Estética da Recepção.

A expressão *Estética da Recepção* relaciona-se de modo mais específico às ideias formuladas por Hans Robert Jauss o mais importante representante das teorias orientadas para o aspecto recepcional. Sua proposta articula tanto a recepção atual do texto quanto sua recepção ao longo da história. Jauss reivindica que se tome como princípio historiográfico da literatura o modo como as obras foram lidas e avaliadas por seus diferentes públicos na história.⁴⁴⁶

Conforme Jauss, “o valor estético de um texto é medido pela recepção inicial do público, que o compara com outras obras já lidas, percebe-lhe as singularidades e adquire novo parâmetro para avaliação de obras futuras”.⁴⁴⁷ De acordo com a recepção que pudemos perceber nas primeiras resenhas do livro, com o fato de amigos próximos de Febvre não terem se furtado de comentar a obra que lançava, nessas análises, encontramos muitos elogios e salvas, muitos fazendo coro com sua máxima de que não se tratava de um trabalho biográfico e, bastante expressões de afetividade nas resenhas. Para Jauss, a própria consciência que interpreta um texto (leitor, público, críticos) está envolvida num processo histórico que afeta o modo como esse texto é lido, entretanto, quando um intérprete do presente tenta responder à pergunta para a qual o texto seria uma resposta, a sua compreensão já representa um processo de incorporação das outras interpretações feitas durante o processo histórico de recepção do texto.

⁴⁴⁵ ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção in: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagem histórica e tendências contemporâneas**. 3º Ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 8, p. 153. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/cantarin/fundamentos-e-critica-da-literatura/seminarios-i/Estetica%20da%20Recepcao.pdf/at_download/file>> Acesso em Julho de 2019.

⁴⁴⁶ Ibid., p. 155.

⁴⁴⁷ Ibid., p. 158.

Contudo, explica o autor, às vezes o valor de uma obra não é percebido no momento de sua recepção inicial, já que a distância estética entre horizonte de expectativa da obra e do público é muito grande o que pode gerar um longo processo de recepção para que a obra venha a ser compreendida.⁴⁴⁸

Apresentadas as análises cuja temática gira em torno da teoria literária, cabe-nos agora, exibir a abordagem do gênero em história, para tanto buscaremos identificar o estatuto de gênero biográfico na França nos determinados períodos de escrita dos prólogos, para observarmos se houve mudanças significativas em relação à escrita biográfica e investigar os motivos pelos quais Febvre seguiu afirmando que o seu objetivo não era biográfico.

Referente ao contexto francês de produção de biografias, François Dosse destaca que, ao longo do século XIX e início do XX, o gênero biográfico se sai melhor no discurso escolar e nas publicações ditas populares. Dosse acrescenta que, nesse período, a biografia sofre um demorado eclipse, haja vista que “o mergulho da história nas águas das ciências sociais” contribuiu para o seu “desaparecimento em proveito das lógicas massificantes quantificáveis”; a biografia torna-se, então, “refúgio da história e do relato anedótico cuja ambição é encantar e distrair”.⁴⁴⁹ Tal contato entre os sociólogos e a história terá por efeito reforçar ainda mais o desdém à biografia.⁴⁵⁰ O próprio Henri Berr, ao resenhar o livro de Febvre em 1929, afirmou que naqueles tempos, na França, a biografia estava “muito na moda”, existindo vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres.⁴⁵¹

Esse desprezo pelo biográfico que Dosse identifica na França do século XIX difere substancialmente da tradição de escrita biográfica que se consolida na Inglaterra no mesmo período e, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. Ainda que o nosso objetivo seja mapear o estatuto do gênero biográfico na França no momento em que Febvre escreve os prefácios do seu *Martinho Lutero*, achamos pertinente contextualizar com a biografia no cenário inglês que, a nosso ver, possam tê-lo influenciado em sua escrita.

A historiadora Márcia de Almeida Gonçalves destaca que na floresta quase impenetrável das inúmeras obras produzidas no século XIX a maioria dos biógrafos só

⁴⁴⁸ Ibid., pp. 160-161.

⁴⁴⁹ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 181.

⁴⁵⁰ Ibid., p. 195.

⁴⁵¹ BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, p. 10.

tinha à sua disposição uma psicologia de senso comum, improvisada e ingênua. Conforme a autora, não era uma época fácil para os biógrafos, daí o recurso a um modelo biográfico mais analítico e até de certo rigor documental, onde o cenário histórico prevalecia quase inteiramente sobre o biografado. Gonçalves destaca que o recurso à narrativa de cunho mais literário foi uma das maneiras de aprofundar o retrato psicológico do indivíduo sem o risco de diluí-lo completamente no cenário histórico de seu tempo.⁴⁵²

No cenário europeu, o debate sobre a existência de uma biografia moderna ganhou corpo no momento imediato ao fim da primeira guerra mundial. Em 1928, André Maurois sistematizou um conjunto de reflexões intitulado *Aspectos da biografia*; em seis capítulos o autor se dispôs a fazer uma espécie de radiografia do estado das questões sobre a escrita de biografias com os seguintes temas: biografia moderna, biografia como arte, biografia como ciência, biografia como meio de expressão, autobiografia e as relações entre a biografia e o romance. No momento de sua emergência, as indagações de Maurois constituíram uma matriz importante de ideias sistematizadas acerca dos usos, valores e características do gênero biográfico.⁴⁵³ Para Maurois, a obra de Strachey havia inaugurado uma nova forma para a narrativa biográfica, elevando-a à categoria de obra de arte. Essa mudança na forma do texto biográfico foi o principal indicativo para a confirmação de que uma nova biografia estava surgindo no alvorecer do século XX.⁴⁵⁴

Para Harold Nicolson, a biografia não era nem história, nem ficção, mas sim uma arte com características próprias e, tal concepção lançava um desafio para o biógrafo do século XX “combinar o máximo de cientificidade com a perfeição da forma literária.”⁴⁵⁵ Conforme mencionado por Gonçalves, as ponderações de Nicolson parecem ter ecoado o debate que há outros igualmente veio mobilizar. Virgínia Woolf, em outubro de 1927, tecia considerações similares a de Harold e delimitava o início do século XX como um momento de mudança para a biografia, a ficção e a poesia.⁴⁵⁶

⁴⁵² GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, pp 11-12.

⁴⁵³ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, pp. 156-157.

⁴⁵⁴ *Ibid.*, pp. 157-158.

⁴⁵⁵ NICOLSON, Harold Apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 127.

⁴⁵⁶ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, p 127.

Dialogando em parte, com as considerações de Daniel Madelénat sobre biografia, Gonçalves utiliza-se da chave analítica “biografia moderna” proposta pelo autor para direcionar sua análise. Conforme Madelénat, a biografia moderna nasceu da crise que afetou os valores do humanismo greco-latino, da religião cristã e do racionalismo, em especial nas sociedades europeias.⁴⁵⁷ Gonçalves destaca que certos letrados ao apostarem nessa nova biografia, desenvolveram questionamentos e indagações interessantes, tais como as da positividade de seu hibridismo – “história e romance ao mesmo tempo” -, constituindo referências com as quais, ainda dialogamos, de certa forma.

Os mestres notáveis na arte biográfica desse período foram Lytton Strachey na Inglaterra, André Maurois na França, Emil Ludwing na Alemanha e Stephan Zweig na Áustria, todos se tornaram arautos de uma biografia moderna, também chamada de romanceada ou literária.⁴⁵⁸ No que tange a aproximação da história com o romance, cabe ressaltar que esta deu-se por conta de Michelet, a quem Febvre tanto admirava. Strachey fora apresentado como o criador da biografia moderna e Maurois o profeta, intérprete e divulgador dos ensinamentos desse mestre na França.

Conforme Dosse, fato significativo retorno do prestígio da biografia na França foi quando eminentes representantes dos *Annales* começaram a se sacrificar nos altares do gênero, como por exemplo, Georges Duby, precursor nesse domínio consagrando uma biografia a *Guilherme, o Marechal*, em 1984 e, mais tarde, em 1996, com Jacques Le Goff apresentando o seu *São Luís*. Percebe-se que, até 1985, Dosse encontra autores franceses se “negando (...) ceder ao canto das sereias de um gênero ainda desprezado”⁴⁵⁹ e, tal como Febvre, classificando sua empreitada biográfica sob a luz de outros termos. O autor salienta que até meados dos anos 1980 o distanciamento dos historiadores eruditos com respeito ao gênero biográfico era explícito.⁴⁶⁰ Henri Berr, por exemplo, ao definir a escrita de Febvre como “biografia psicológica” a fazia para evidenciar que o trabalho de seu amigo não era um romance pois era baseado em um conhecimento mais

⁴⁵⁷MADELÉNAT, Daniel Apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 121.

⁴⁵⁸ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 26.

⁴⁵⁹ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 118-119.

⁴⁶⁰ *Ibid.*, p. 103.

rico e confiável que excedia a maioria dessas histórias singularmente perigosas que muitas vezes não passavam de falsificação.⁴⁶¹

Para nós, essa rejeição ainda em voga nos períodos em que Lucien Febvre escreveu os prólogos contribuiu para que o autor mantivesse a sua postura em não ceder às classificações biográficas. Também a negativa do autor de que seu livro seja um trabalho nesse segmento, já nos mostra a recepção que as biografias, bem como a relação com a história romanceada, tinham na França naqueles anos. Entendemos que a manutenção de suas ideias está relacionada ao desprestígio que o gênero portava e com sua associação a uma história romanceada, política, com fortes influências da história que Febvre ficaria consagrado a combater, logo, a sua concepção similarmente ajudava a cristalizar as suas opiniões.

Feitas essas considerações acerca da biografia, cabe-nos apresentar as características da escrita biográfica de Lucien Febvre na obra em que ele se dedica a Lutero, para tanto, analisaremos que biografia é essa que ele escreve, a partir de sua concepção de história. Cruzaremos o material da biografia com outros textos, especialmente aqueles de reflexão teórica no campo histórico, biográfico e literário e também com textos do próprio Febvre. Interessa-nos, com isso, compreender como a sua trajetória como historiador e o meio em que estava inserido contribuíram para que ele mantivesse as suas opiniões acerca do fazer biográfico. Além do mais, com a finalidade de apresentar e analisar como Lucien Febvre traça a “curva de um destino”, essa que é a sua ambição declarada no livro, faz-se necessário passar pelos principais pontos da trajetória de Lutero para podermos delimitar e compreender quais são as posições realmente importantes por onde essa curva passou e qual era esse destino que compõe a biografia que o autor pinta.

A nossa intenção não é fazer uma análise classificatória identificando erros e acertos, avaliando seus métodos ou classificando a biografia escrita por Febvre como boa ou ruim. Pretendemos analisar a biografia com o auxílio das reflexões e metodologias da escrita biográfica em vigor na França e também na Inglaterra nos séculos XIX e XX para compreendermos como se dá a escrita do historiador. Ainda que em alguns momentos nos pareça exaustivo, dada a quantidade de passagens necessárias retiradas do texto, o nosso intuito não é simplesmente reproduzir uma resenha do livro,

⁴⁶¹ BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, p. 10.

mas levantar os principais pontos da trajetória do monge e as empreitadas biográficas que Febvre exhibe na construção de seu retrato de Lutero.

3. 3. Entre a iniciativa pessoal e a necessidade social: os problemas da história na escrita biográfica sobre um monge

Em *O esforço solitário*, primeira parte do livro *Martinho Lutero, um destino*, Febvre empenha-se em fazer um balanço crítico das fontes, historiografia e principais autores que se dedicaram a estudar Lutero até então. Menciona que ao longo de três séculos todos os historiadores, de comum acordo, fossem eles católicos, protestantes ou neutros, concentraram sua atenção na figura, doutrina e obra do “homem-feito” que em 31 de outubro de 1517 aparece no palco do mundo e obriga seus compatriotas a se posicionar com veemência a favor ou contra ele.

Observa-se que a primeira seção de sua obra é intitulada *De Köstlin a Denifle*, nome de dois autores que biografaram Lutero. Julius Köstlin (1826 – 1902) foi teólogo, protestante alemão, historiador da igreja e co-fundador da Associação para a História da Reforma. Friedrich Heinrich Suso Denifle (1844-1905) foi um presbítero austríaco, historiador medievalista, estudioso do misticismo alemão e de Lutero.

Lucien Febvre demonstra ter vasto conhecimento do campo dos estudos luteranos e das biografias dedicadas a trajetória de Lutero, o seu interesse pelo monge e pela Reforma pode ser rastreado desde os anos 1919-1922, e ele próprio na seção “nota bibliográfica” de seu livro nos coloca a par desses trabalhos. Conforme o autor, “é um oceano a bibliografia de Lutero. Boehmer, em 1906, falava em dois mil volumes, sem contar artigos, brochuras etc. De lá para cá, a maré subiu formidavelmente. Como não se afogar?”⁴⁶² Na qualidade de uma das figuras mais emblemáticas do século XVI, a vida de Lutero foi narrada, analisada e debatida por diversos autores nos mais diversos tipos de literatura, dentre elas a biografia, sendo assim, Febvre revisa a maneira como o monge vinha sendo interpretado e apresenta sua crítica aos historiadores que não questionavam adequadamente as fontes. Acreditamos que quando o autor elogia ou tece críticas a essas obras, especialmente as de cunho biográfico, podemos apreender o que significava a biografia para ele naquele momento, pois, devido às interferências que o autor exerce em sua narrativa, muitas vezes as críticas dizem mais sobre quem a escreve

⁴⁶²FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 345

do que sobre o que se escreve, tal é o nosso intuito em recuperar suas argumentações e contestações.

Na obra, Febvre analisa a vida e a mente de Lutero por meio dos principais biógrafos que narraram o monge, suas escritas de si e as ações perante a Alemanha. Febvre não faz uma análise comparativa entre os estudos que utiliza, contudo, os examina questionando o retrato que elas pintam do monge e as escolhas que os autores utilizaram para compor essa trajetória.

O autor abre o debate com as obras do padre Henri Suso Denifle, subarquivista da Santa Sé e nos últimos anos do século XIX um erudito conhecido nos círculos doutos. Conforme Febvre, Denifle havia feito pesquisas respeitáveis e pacíficas, tanto que a Academia das Inscrições reconheceu seu mérito registrando em suas listas o seu nome. Contudo, na Mogúncia, em 1904, no céu sereno dos estudos luteranos, como define Febvre, rebentava um trovão retumbante: o lançamento do primeiro volume da obra intitulada *Luther und Luthertum* [Lutero e o Luteranismo], assinado pelo padre. Em um mês esgotava-se a tiragem: a Alemanha luterana estremecia de ira e secreta angústia, parte da Alemanha católica erguia os braços para o céu em um vago gesto de desaprovação, além disso, revistas, jornais e todas as folhas só falavam em Lutero.⁴⁶³ Padre Denifle era medievalista e estudava há muito tempo as teologias medievais e, Febvre menciona que “os luterólogos oficiais, desprovidos de tão vasta cultura, em geral desconheciam o que Denifle conhecia tão bem”, ele possuía, em relação aos professores luteranos, uma superioridade evidenciada já nas primeiras palavras que proferiu. Afinal, o que pretendia, de fato, o padre Denifle? Indaga Lucien Febvre.

Conforme o historiador dos *Annales*, primeiramente, o aspecto mais visível do padre era marcar a face de Lutero, o homem. O objetivo era derrubá-lo de um pedestal usurpado à mentirosa efígie de um semideus, ou melhor, de um santo com bondosas bochechas rosadas, cabelos cacheados, ar paternal e linguagem benigna para substituir essa imagem moldada ao natural de um homem cheio de talentos e dons superiores. O autor salienta que Denifle disse que nunca negou que Lutero tivesse uma índole muito rica e acrescenta “mas também taras grosseiras, baixezas, mediocridades”. Nos mostra Febvre que os aspectos da vida do monge que o padre escrevia com arsenal muito bem provido versavam sobre Lutero e a poligamia, bebida, escatologia, mentira e os vícios. Nesses textos o padre apresentava uma série de interpretações abusivas e delirantes que

⁴⁶³Ibid., p. 38-39.

os menos críticos dos leitores se viam obrigados a pensar: “está havendo um equívoco”, contudo seu arsenal era composto por dezenas de documentos autênticos e peculiares.⁴⁶⁴

Para Lucien Febvre, esses documentos autênticos nem sempre provavam grande coisa; “que Lutero tivesse tomado, durante sua vida, um pouco menos de cerveja de Wittenberg ou um pouco mais de vinho do Reno; tivesse apertado em demasia, ou não, sua Catarina em seus braços conjugais (...) isso pouco importava, no final da contas, para a história geral da Reforma alemã.” Sustenta que os luterólogos de plantão teimavam em usar de má-fé em torno de citações ao invés de erigir virilmente diante dos Luteros caricaturais que se afrontavam: o todo cor-de-rosa para a casa cristã e o todo preto à moda tirolesa, “um Lutero realmente humano, com virtudes e fraquezas, grandezas e baixeiras, grosserias indesculpáveis e nobrezas sem preço, um Lutero nuançado, vivo, cheio de contrastes e oposições”. Conclui Febvre que não era essa a verdadeira importância de *Luther und Luthertum*; não havia nesse livro apenas interpretações abusivas e citações pertinentes, ambas prestando-se ao escândalo, havia algo bem distinto que era uma nova maneira de conceber e apresentar a gênese das ideias inovadoras de Lutero e sua evolução religiosa, no período extenso entre 1505 e 1520.⁴⁶⁵ Através desta passagem, percebemos que Febvre já transparece o que para ele, representava a inutilidade da pesquisa biográfica, ou seja, a incessante busca por detalhes da vida e ações que nada esclarecem à narrativa.

Apesar de excessos e violências comprometedoras, sua reconstituição da evolução luterana logrou singular prestígio e interesse, Denifle criticou a história feita com base em afirmações de Lutero, dizia ele: “até os dias de hoje, foi sobretudo com base em afirmações do próprio Lutero que se construiu sua história anterior à queda. Precisaríamos fazer, antes de mais nada, a crítica dessas afirmações”. Em suas interpretações do quadro pintado pelo biografado, o padre discutia, enfrentava e aniquilava as alegações do heresiarca Lutero. Utilizava-se de citações feitas por Martinho para em seguida refutá-las e dizer que eram mentiras; o pintou como “um mero imbecil”, um caluniador, mostrou aos luterólogos equívocos que eles eram obrigados a reconhecer, mais uma vez era dura a crítica de Denifle, este declarava que um famoso trecho da autobiografia de Lutero de 1545, era ficção pura. Afirmava que

⁴⁶⁴ Ibid., pp. 39-40.

⁴⁶⁵ Ibid., p. 41.

coexistiam, em Lutero, dois homens: um orgulhoso e um carnal e esse era o legítimo ponto de partida.⁴⁶⁶

A comoção provocada pela publicação de *Luther und Luthertum* não arrefecera: Ernst Troeltsch (1865-1923), homem de grande talento, teólogo reformado, passou a expressar em uma série de obras, ideias que iam ao encontro de algumas teses de Denifle e, por vezes, as corroboravam curiosamente. Novas perguntas começaram a serem feitas e novos problemas a aparecer vindos de pensadores diversos e de todos os lados: fora mesmo a reforma que marcara, no século XVI, o surgimento dos tempos modernos? Chamava-se Lutero o parteiro heróico e genial de nosso mundo moderno? Uma imensa obra de revisão ou mesmo de reconstrução parecia ser necessária, então uma Alemanha inteira, ardorosa e minuciosa, lançou-se ao trabalho com uma espécie de furor contido: houve quem demonstrasse, irresistivelmente, que, a despeito do que diziam os malvados, Martinho era mesmo virgem no dia que desposou Catarina. E houve quem, com inexorável paciência, amontoando números e textos, se dispusesse a calcular minuciosamente quantos copos de vinho e cerveja o Reformador, acusado de intemperança, teria bebido em sua longa existência.⁴⁶⁷ O pai dos *Annales* mais uma vez recupera o caráter dessas biografias que visavam saber tudo sobre o biografado para mostrar a inutilidade de certas curiosidades.

Febvre sentencia que sobre a biografia de Lutero propriamente dita, do nascimento ao ingresso na vida religiosa, escreveu-se muitíssimo e a tendência era clara: o que se queria era revisar os relatos demasiados lacrimosos das antigas biografias; “não, os pais de Lutero não eram tão pobres como se dizia (...) o menino não foi tão duramente maltratado como se afirmava”. Conforme Febvre, isso tudo não passa, na verdade, de interpretações sem interesse, cheias de probabilidades, impressões pessoais, não raro preconceitos. Da mesma forma, sobre o ingresso no convento, foram feitas, em abundância, dissertações sem fim, discussões sem conclusão possível. Febvre mostra a sua recusa ao tipo biográfico que pretende dar conta de toda a vida do biografado e sustenta que sobre a trajetória de Lutero há perguntas que não podem ser respondidas, assegura que “a palavra ‘certeza’, em um assunto como este, pudesse ser pronunciada senão pelos tolos”. Aos sábios, restava “saber não saber, uma grande virtude”, esta que é a máxima que ele tenta praticar em seu livro. Em seu trabalho, visa direcionar seu esforço para o que considera ser essencial: deixando de lado tantas

⁴⁶⁶ Ibid., pp. 45-48.

⁴⁶⁷ Ibid., p. 51.

conjeturas, opções e escolhas por preferência e, sem se preocupar em reconstituir os círculos que Lutero talvez tenha freqüentado, mas cuja influencia sobre suas ideias e sentimentos nunca se poderá avaliar, pergunta-se simplesmente se é possível fornecer, da história moral e espiritual de Lutero no convento, uma versão *plausível*: e afirma ser desonesto empregar qualquer outro termo.”⁴⁶⁸

Lucien Febvre retoma os argumentos de Denifle para que o leitor tenha conhecimento de como outros autores descreveram Lutero e, em relação a seu próprio livro, afirma: “um livro como este que estamos escrevendo seria muito pernicioso se, ao fornecer uma imagem de Lutero ao gosto pessoal do autor, não oferecesse aos leitores a sensação intensa e até violenta com que muitas outras imagens, tão diversas, pretenderam descrever o Reformador, traçar seu retrato fiel e sintético.”⁴⁶⁹ O autor demonstra que pretende elaborar uma nova imagem para a personagem seguindo o seu gosto pessoal, ou seja, sob a tutela de suas escolhas, recortes e abordagens das fontes, pintará uma versão que considera plausível da história moral e espiritual de Lutero; tais objetivos configuram como características de biografias, pois nesse tipo de escrita essas escolhas e intervenções metodológicas criam a imagem desejada pelo autor.⁴⁷⁰ Conforme André Maurois, o biógrafo é comparável ao retratista, que faz sua escolha sem empobrecer o que há de essencial para a tela. Nesse sentido, a biografia deve seguir a ordem cronológica, que permite conservar a atenção do leitor na expectativa de um futuro, é aí que se dá o caráter romanesco da empreitada biográfica, o biógrafo também fará sua escolha na massa de documentos que tem à disposição, contudo, não se abarrotará com o inútil.⁴⁷¹ Febvre parece utilizar desse horizonte de expectativa ao desenhar, através de uma narrativa cronológica, pincelando através dos melhores documentos disponíveis, o destino do monge.

No momento em que Lucien Febvre tece críticas às antigas biografias lacrimosas e lineares, lidas aqui como biografias românticas que, a partir de documentos autênticos, que nem sempre provavam grande coisa, apresentava abundantes interpretações sem interesse, abusivas, delirantes, cheias de probabilidades, impressões pessoais e preconceitos, com o intuito de explorar os pormenores e tudo o que se passou na vida -

⁴⁶⁸ Ibid., pp. 49-54.

⁴⁶⁹ Ibid., p. 49.

⁴⁷⁰ SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. **História da historiografia**. Ouro Preto: n. 9, pp: 106-128, ago./2012, p. 111.

⁴⁷¹ MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova Iorque : D. Appleton&Company, 1929, pp. 81-89.

inclusive íntima - de Martinho Lutero, a nosso ver é uma evidência da sua oposição ao tipo de biografia e história metódica que goza dessas características que o autor rechaça.

Podemos observar que nessas obras criticadas pelo autor, existe a presença da história como “uma grande senhora”, onde há a predominância de cronologia, trabalho de estudo e explicações de textos, feita unicamente com palavras, datas, nomes de lugares e de homens.⁴⁷² Em *Combates pela História*, Febvre pede para que os historiadores vão para o trabalho com uma boa hipótese na cabeça, que nunca se façam colecionadores de fatos ao acaso, como faziam os metódicos, que a História não seja automática, e sim problemática.⁴⁷³ Logo, nas críticas que se refere às escolhas dos biógrafos de Lutero que desejam saber todos ou o maior número possível de pormenores, faziam a história em ponto miúdo “para saber exatamente o que se passou”⁴⁷⁴ e na sua própria escolha de pintar uma versão de Lutero que considera plausível, respeitando os limites e as perguntas que não podem ser respondidas e munido de boas hipóteses e problemas, também podemos observar a concepção de história e biografia de Lucien Febvre.

O autor afirma que “a Ciência não se faz numa torre de marfim”, ela sofre influência das modas e toca com a varinha para ressuscitar certas partes que tem valor para o ideal e tempo que serve⁴⁷⁵, com isso, depreendemos que ao objetivar situar com precisão os poucos pontos realmente importantes por onde a curva do destino de Lutero passou, selecionando suas próprias escolhas, recortes e abordagens, o autor esteja aplicando esta metodologia. Essas preferências, a nosso ver, também configuram como representantes da biografia moderna onde André Maurois destaca que as escritas desse tipo não deveriam consistir em uma narrativa que pudesse tudo contar, com a seleção do detalhe significativo e essencial e o descarte do desnecessário, o biógrafo melhor destacaria os aspectos que vivificassem o biografado. Como um artista, Febvre deu mostras de discernimento ao valorizar os fatos significativos da trajetória psicológica de Lutero, cuja aparência era de elementos marginais.

Quando versa sobre o retrato de Lutero, Febvre afirma que o mais conhecido era a imagem do doutor quinquagerário, pintado ou gravado em 1532; e que, amigos ou adversários só se interessavam pelo chefe de partido, fundador da imagem cismática,

⁴⁷²FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, pp. 17-18.

⁴⁷³Ibid., p. 49.

⁴⁷⁴Ibid., pp. 28, 48.

⁴⁷⁵Ibid., p. 26.

sentado, para dogmatizar, em sua cátedra em Wittenberg, Lucien Febvre questiona como ele se formara, como constituíra sua doutrina e, assegura que tal feito ninguém, até então, tinha se preocupado de fato em estudar.

Contudo, afirma que é necessário reconhecer que não se dispunha de muitos meios para tais estudos, pois Lutero não havia deixado da história de sua consciência e vida interior mais que um esboço sucinto, ou seja, um simples olhar para trás, lançado sobre os ombros, furtiva e tardiamente, datado de quando ele já tinha 62 anos, um ano antes de falecer: o *Rückblick* [Retrospecto], de março de 1545, que fazia às vezes de prefácio de um dos volumes da primeira edição das *Obras. E*, para animar o conjunto, os historiadores recorriam também, sem discernimento, diz Febvre, a uma fonte abundante, mas turva: a das *Tischreden*, as célebres *Conversas à mesa* que compunham um “relato oficial, semilegendário e quase hagiográfico, dos anos da juventude de Martinho Lutero”.⁴⁷⁶ Acreditamos que o propósito de Febvre ao oferecer uma versão plausível da trajetória de Lutero também provenha das adversidades que essas fontes apresentavam sobre a exatidão e confiabilidade dos textos. Percebemos ainda a desconfiança que o autor expressa em relação aos relatos oficiais que para ele santificavam a vida do monge.

Em 1889 o autor Johannes Paul Ficker (1861-1944), professor da Universidade de Estrasburgo, descobriu em Roma um documento singularmente precioso, o *Cod. Palat. lat.*, de 1826 da Vaticana: era a cópia, feita por Aurifaber (Johannes Goldschmidt, o último dos *famulus* de Lutero, primeiro editor das *Tischreden*) do curso, até então desconhecido, ministrado por Lutero em Wittenberg em 1515 e 1516, sobre a *Epístola aos Romanos*. Pouco tempo depois, Ficker teve outra surpresa ao descobrir na Biblioteca de Berlim, o manuscrito original de Lutero, dizia Febvre que era um “texto precioso” além de ser uma “obra rica e importante” que permitia conhecer em detalhe o pensamento de Lutero às vésperas das indulgências haja vista que até então textos luteranos de 1505-1517 eram raros, “pela primeira vez seria possível estudar, com total segurança e com base em um texto precisamente datado, a verdadeira situação do pensamento luterano” afirmava.⁴⁷⁷

O padre Denifle não desconhecia os achados de Ficker, de lá extraiu grande quantidade de textos novos e lançou-os habilmente ao debate. Contudo, em três

⁴⁷⁶FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, pp. 26-28.

⁴⁷⁷Ibid., p. 42.

volumes publicados entre 1911 e 1912, o padre Hermann Grisar (1845-1932) encerrou habilmente a demolição da obra de Denifle, que se fundiu, diluiu e transmutou rapidamente em uma centena de livros redigidos em espírito bem diverso.

Lucien Febvre utiliza-se das palavras de Catarina de Bora, esposa de Lutero, para tachar as *Tischreden* bem como para apresentar sua criação que foi feita por “uma tropa de jovens, sentados devotamente em Wittenberg na ponta da grande mesa presidida pelo Mestre, tratava-se de registrar para a posteridade as palavras saídas de sua boca”. Dizia Catarina que eram “palavras familiares de um homem de imaginação vívida, sensibilidade aguçadíssima, que romanceava de bom grado, com a maior boa-fé do mundo, um passado distante contemplado com os olhos do presente.”⁴⁷⁸ Essas declarações foram revistas, corrigidas e alteradas por editores repletos de pias intenções que não pensavam nos historiadores e assim, sem se dar ao trabalho de criticá-las nem de procurar pelas notas oficiais coletadas ao vivo pelos ouvintes, é que foi incansavelmente composto e recomposto a coletânea oficial, afirma Febvre. Segundo ele, todos os homens de sua geração conheceram essa obra, reconhece que tal documento era bem redigido e dramático ao extremo, além do mais, seus livros de classe não faziam mais que resumir, com maior ou menor imprecisão, as grandes monografias de Köstlin, de Dietrich Kolde (1435-1515) ou, em francês, de Félix Kuhn (1812-1881), que foram autores que também se dedicaram a escrever sobre Lutero.⁴⁷⁹ O autor atesta que *Conversas à mesa* nos narra façanhas com profusão, contudo, é no volumoso livro de Grisar que se encontra uma tentativa de levantamento completo da produção luterana e algumas páginas manuscritas, cobertas de rasuras mostram, na edição de Weimar, Lutero em ação.⁴⁸⁰

Febvre também faz uma crítica ao *Rückblick* [Retrospecto], obra onde o Lutero envelhecido, próximo da morte, retrança, deformando-a, a curva de sua evolução.⁴⁸¹ O autor destaca que os historiadores não tiveram preocupações em aprofundar formulações pouco claras sem se perguntarem se o sexagenário de 1545 reproduzia com exatidão os íntimos procedimentos do religioso de 1515, sendo assim, os historiadores concluíam tal como o reformador. Novamente Febvre mostra-se preocupado com a veracidade das fontes e a falta de senso crítico de muitos historiadores. No olhar do autor, até mesmo os escritos do próprio Lutero deveriam ser questionados por seus

⁴⁷⁸Ibid., p. 27.

⁴⁷⁹Ibid., p. 28.

⁴⁸⁰Ibid., p. 223.

⁴⁸¹Ibid., pp. 33-34.

intérpretes. Esse questionamento configura-se como uma preocupação biográfica, conforme Maurois, devido à importância de diários e cartas como documentos pessoais, seria de fundamental importância o biógrafo avaliar em que grau esses documentos poderiam expressar verdades e Febvre mostra-se cauteloso e crítico no uso e considerações acerca dessas fontes.

Quando versa sobre a trajetória de Martinho Lutero, Lucien Febvre a divide em sua obra em dois atos: o primeiro e mais breve vai do nascimento até a entrada no convento e o segundo mais volumoso, se passa no interior deste.

Febvre começa o “primeiro ato” apresentando Lutero que, aos 22 anos, ia buscar no convento um refúgio contra os males e perigos do século. Conforme o autor, nesse momento Lutero “não trazia em si germe algum da reforma”, contudo, “não tivesse vestido esse hábito menosprezado pelos práticos burgueses, não tivesse vivido no convento por mais de quinze anos, não tivesse tido a experiência pessoal, dolorosa, da vida monástica, ele não teria sido Martinho Lutero”. O autor, como exercício mental, cita os exemplos semelhantes nas trajetórias de Erasmo e Calvino e indaga que se eles tivessem tido outro caminho, também seriam diferentes do que julgamos conhecer.⁴⁸² Conforme o pai dos *Annales*, o Lutero que estivesse permanecido no século, que efetuasse nas universidades seus estudos profanos e obtivesse títulos de jurista, seria tudo, menos o “Lutero da história”, assegura que o “monástico Lutero” não é uma anedota e, ter desejado ser monge, ter sido intensamente durante anos deixou no homem um sinal indelével que ajuda a compreender a obra. Febvre destaca que há um enorme volume de glosas e hipóteses contraditórias que se constituiu em torno do ingresso de um estudante de 22 anos em um convento alemão, na manhã de 17 de julho de 1505.⁴⁸³ Como o autor ambiciona situar os poucos pontos realmente importantes por onde a curva do destino de Lutero passou, identificamos este momento como o primeiro pois tal como afirma, se o caminho fosse outro, o biografado não seria o “Lutero da história”.

O autor dedica apenas três páginas e meia para falar sobre a infância e juventude de Lutero até ele ingressar no convento e, nessas páginas já demonstra sua inclinação à história psicológica para compreender o destino do monge a partir de sua procedência familiar. Como já mencionado, Lucien Febvre deixa de lado o “hipotético Lutero” do período da juventude, bem como o “cansado, exaurido e desencantado” que foi se

⁴⁸²FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 25.

⁴⁸³Ibid., p. 26.

apagando a partir de 1525 até morrer em 1546,⁴⁸⁴ para concentrar sua biografia no Lutero amadurecido entre os anos 1517 e 1525. O historiador é breve ao comentar que o monge nasceu, provavelmente em 10 de novembro de 1483, véspera do dia de São Martinho, em Eisleban, na Turíngia, onde retornaria para morrer 63 anos mais tarde. Podemos perceber que o autor não se preocupa muito em relatar os anos iniciais e finais do monge, acreditamos que a opção em dedicar-se apenas aos anos que compreendem ao “Lutero amadurecido”, seja uma tentativa de abordagem inovadora na narrativa biográfica haja vista que o estatuto biográfico até então visava interpretar a vida inteira, do nascimento até a morte, do personagem a que se dispunha a narrar. Marc Lienhard, pastor, teólogo, historiador francês e professor emérito da Universidade de Estrasburgo, quando pensa que Febvre imediatamente descartou a ideia de que quisesse escrever uma biografia de Lutero, assegura que, de fato, “se pensarmos que uma biografia deve seguir passo a passo a trajetória de uma vida, escavar todos os cantos e recantos de uma existência, até onde as fontes permitem”, não encontraremos no trabalho de Lucien Febvre tal abordagem.⁴⁸⁵ Podemos deduzir que o historiador dos *Annales* pensasse nesse formato de biografia quando afirmou que o seu estudo não era de cunho biográfico. Acreditamos que a escolha em analisar o Lutero amadurecido constitua em uma estratégia do autor para tentar se desvencilhar da alcunha de que uma biografia deveria representar toda uma vida.

Em poucas palavras, Febvre escreve sobre os pais do monge que eram mostrados como pobres e rudes e uma infância de Lutero marcada por gritos em casa e pancadas na escola, um duro regime para um ser “sensível e nervoso” que aos quatorze anos sai da casa dos pais com destino a Magdeburgo a procura de escolas mais versadas, mendiga, adoece. Em seguida, dirige-se para Eisenach, onde é negligenciado por parentes, porém, encontra uma alma caridosa: Ursula Cotta, que o dá afeto e carinho, tal momento é classificado como os primeiros um pouco sorridentes daquela triste juventude. Em 1501, por ordem de seu pai, parte para Erfurt, onde havia uma universidade próspera e estuda na Faculdade de Artes, tornando-se bacharel em 1502 e mestre em 1505. Contudo, diz Febvre: “a sombra de uma juventude melancólica se

⁴⁸⁴Ibid., pp.11-12.

⁴⁸⁵ LIENHARD, Marc. Présence d'un maître livre de l'historiographie française. Un destin : Martin Luther, de Lucien Febvre. In: **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, 77e année n°4, Octobre-décembre 1997. p. 408;< https://www.persee.fr/doc/rhpr_0035-2403_1997_num_77_4_5472>. Trecho original: “si on pense qu'une biographie doit suivre pas à pas la trajectoire d'une vie, fouiller tous les coins et recoins d'une existence, pour autant que les sources le permettent”.

projetava sobre um destino que permanecia medíocre”.⁴⁸⁶ Rapidamente teve enfermidades graves; um acidente sangrento, o pavor espalhado por uma peste mortífera, o abalo de um relâmpago que por pouco não o matou entre Erfurt e Stotternheim. Essa série de incidentes violentos, diz Febvre, atuando sobre uma “mente inquieta e uma sensibilidade palpitante”, inclinou o futuro herético a uma decisão: desistindo de prosseguir seus estudos profanos, frustrando as expectativas de ascensão social vislumbrada por seus pais, Martinho Lutero foi bater a porta dos agostinianos de Erfurt. A partir desse momento, narrativa da vida de Lutero adquire mais destaque e consistência no livro.

O “segundo ato” começa com Febvre levando o leitor junto com Lutero para o interior do convento. Lá, Lutero é mostrado como um monge acima do comum que se curvava dócil aos rigores da época. Percebe-se que a partir daqui e ao longo de toda a narrativa, o autor passa a utilizar-se com mais frequência de declarações do próprio biografado como fonte; ora para preencher com complementos a sua própria narrativa, ora para refutá-lo. Grande parte das fontes utilizadas pelo autor constitui de discursos, relatos e cartas enviadas por Lutero aos seus companheiros e a produção teológica do monge, a partir de 1517, compõe a chave interpretativa do personagem que Febvre constrói. A metodologia começa a aparecer com mais clareza a partir de seu esforço em compreender Lutero em uma análise psicológica.

Lucien Febvre certifica que o estilo de Lutero é um admirável tema de estudo para um homem que sinta, “um historiador que também seja psicólogo – que saiba e, mais ainda, adivinhe, evoque nessa língua, por essa língua, toda uma era, toda uma época do pensamento: já tão distante de nós”. Expondo obras que admira, Febvre ressalta que em páginas belas e inteligentes, W. G. Moore esboçou as linhas mestras de um estudo literário do estilo de Lutero. Todavia, Febvre afirma que ainda restava levar a cabo o estudo psicológico, aprofundado, dessa língua surpreendente e de sua sintaxe tão pessoal: “o jeito como esse grosseiro saxão fala do papa e até de Cristo; o jeito como fala de tudo é escandaloso! (...) estudem, porém, o mecanismo de sua fala. Estudem seu estilo, como historiadores, como psicólogos. Transportem-se ao universo mental, explorem o mundo das imagens e pensamentos, redescubram o modo de encadeamento das ideias desse Lutero tão próximo e tão distante, tão fraternal e tão rebarbativo, o

⁴⁸⁶FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 29.

Lutero que deixa cantar sua alma rústica”.⁴⁸⁷ Entendemos que essas tarefas propostas pelo autor constituam-se também em uma estrutura do fazer biográfico.

Uma das principais características da escrita de Febvre foi fazer a investigação psicológica do seu biografado. Em grande parte da narrativa, o autor recorre à psicologia como forma de análise para descrever a personagem e essa característica analítica encontra-se presente em quase toda a biografia. Descreve a psicologia como conhecimento científico da função mental que deve, necessariamente, estabelecer relações próximas com o conhecimento científico da função social, a saber, a sociologia. Para o autor, entre psicólogos, sociólogos e historiadores, o conhecimento do indivíduo à primeira vista estaria em jogo em um debate de competência e atribuição. Utilizando-se das palavras de Baldwin, afirma que este enfatizou que a psicologia lida com o indivíduo e a sociologia com o grupo. Imaginando o que Baldwin diria quanto à história, Febvre afirma que se ele tivesse definido, imagina que o indivíduo e o grupo estariam trancados nela, como em um campo fechado.⁴⁸⁸

O autor visava interpretar o monge a partir do que se escreveu sobre ele e, principalmente, sobre o que ele havia escrito de si. Adverte, contudo, que assinalar o progresso do pensamento de Lutero, de texto em texto, do *Comentário aos Salmos* ao *Comentário à Epístola aos Romanos* é tarefa irrealizável em um livro como *Martinho Lutero, um destino*, pois não se pode, em poucas linhas, no máximo em algumas páginas, reconstituir, com base nos textos, cuja própria história nem sempre está perfeitamente elucidada, a evolução de um pensamento ainda hesitante. O autor admite que pretende apreender do pensamento Luterano o que ele tem de essencial sem prender às precisões textuais que para ele seriam falsas.⁴⁸⁹

Após entrar no convento para ali descobrir a paz e a certeza da salvação, Lutero só encontrou dúvida e terror, diz Febvre. As muitas penitências – mortíferas para o corpo e irritantes para a alma- visavam desarmar a ira de um Deus enfurecido. Acrescenta Febvre: “O menino triste de Mansfeld, transformando no agostiniano escrupuloso de Erfurt, duvidava um pouco mais da própria salvação”.⁴⁹⁰ Então, chega a sua vida Dr. Staupitz que, desde 1503 era vigário-geral dos agostinianos de toda a Alemanha. Tem a confiança do monge, o ajuda e mostra a ele o Deus de amor,

⁴⁸⁷Ibid., pp. 217-222.

⁴⁸⁸FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 207.

⁴⁸⁹FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, pp. 68-71.

⁴⁹⁰Ibid., pp. 30-31.

misericórdia e perdão. E, para arrancá-lo de suas angústias, lançava-o à ação. Em 1502 o eleitor Frederico III, o Sábio, fundara uma universidade em Wittenberg; Staupitz lá lecionava e no outono de 1508 chamou Lutero e o incumbiu de um curso sobre a *Ética* de Aristóteles, ao mesmo tempo em que o obrigava a prosseguir seus estudos sagrados na Faculdade de Teologia. Lutero voltaria a Erfurt no ano seguinte onde continuaria seus estudos e em 1510 tornar-se-ia bacharel em teologia. Febvre salienta que suas crises de desespero se espaçavam, “estava a salvo, ao que parecia. Entretanto, uma nova reviravolta traria tudo à tona outra vez”.⁴⁹¹

No final de 1510, Lutero viajaria para Roma com o intuito de tratar de assuntos da ordem; carregava consigo imensa esperança e motivação. O monge seguia para a Roma dos mártires, residência de Deus, mas o que viu foi a Roma dos Bórgias, do papa Júlio. Perturbado, fugiu da “babilônia maldita” e regressou à Alemanha com ódio de Roma, a “Grande Prostituta”, onde vira encarnado os abusos que a cristandade inteira aviltava, viu com toda a nudez a terrível miséria moral da igreja. Neste momento, segundo Lucien Febvre, “virtualmente, estava feita a Reforma”; já em 1511 o claustro e Roma havia tornado Lutero luterano. Contudo, filho respeitoso, Lutero ainda se calava e esforçava-se para encobrir a vergonha da Igreja.⁴⁹²

Com o apoio de Staupitz é nomeado subprior dos agostinianos de Wittenberg e em 1512 vira doutor em teologia. Inaugura dois cursos: um sobre os *Salmos* (1513-1515) e outro sobre a *Epístola aos romanos* (1515-1516), funções professorais que desempenharia por quase trinta anos. Febvre afirma que aos poucos Lutero vai libertando-se das amarras que o sufocavam e começava a moldar para si mesmo uma teologia pessoal. Como e que teologia? Para o autor, esta é uma pergunta que os historiadores de antigamente não procuravam saber a resposta, de acordo com ele, “Kuhn não dedica uma linha sequer, nas 200 primeiras páginas de seu livro, ao registro da progressão, entre 1505 e 1517, das ideias religiosas de Lutero, e, quando surge o caso das indulgências, seu leitor desconhece por completo os sentimentos, já bem estabelecidos da Reforma.”⁴⁹³

Em 1517, um terrível escândalo rebenta publicamente diante de Lutero: outorgadas por Albrecht de Brandeburgo, indulgências eram pregadas e vendidas com cinismo blasfematório. Com voz vingadora, o monge enfim clamou uma indignação que

⁴⁹¹Ibid., pp. 31-32.

⁴⁹²Ibid., pp. 32-33.

⁴⁹³Ibid., pp. 33-34.

há muito tempo estava reprimida. E, saturada de abusos, enjoada de vergonhas, extenuada de escândalos, de uma ponta a outra da Alemanha, suas palavras ressoaram furiosamente. Um eco formidável as ampliava e, em poucas semanas, o agostiniano revoltado convertia-se em uma potência. Une a sua voz a de Ulrich Von Hutten e proclamava diante de multidões transtornadas, a alegria de viver em um século onde se mesclavam Renascimento e Reforma. Lutero lançava seu canto de triunfo e libertação aos quatro cantos de uma Europa que, a seu apelo, parecia acordar e surgir dentre os mortos. Por tal empreitada o monge foi, por muitos séculos, o magnífico arauto do mundo moderno, diz Febvre.⁴⁹⁴ Ao longo da leitura percebemos que a todo o momento o autor contextualiza a Alemanha para inserir Lutero nessa conjuntura, Giovanni Levi diz que essa estratégia é um dos tipos de utilização da escrita biográfica, onde o meio e a ambiência são valorizados como traços capazes de evidenciar uma atmosfera que explicaria a singularidade da trajetória,⁴⁹⁵ para nós, a narrativa da vida do monge.

Lutero, esse homem que disse e escreveu centenas de vezes que vivenciara, na juventude, transes dos mais cruéis e exaustivos, não é um crente da boca para fora, e sua fé não jazia confinada em um único e pequeno recanto de seu cérebro, de seu coração. Mas quais eram as causas desses acessos? Questiona Febvre. Em sua resposta, o historiador deixa de lado as explicações de ordem fisiológicas, “por enquanto, admiremos, sem pretender rivalizar com eles, esses psiquiatras improvisados que, sobre o enfermo Lutero, emitem com tão magnífica segurança diagnósticos contraditórios.” Solicita que resistamos ao prestígio desses psicanalistas que nenhuma facilidade intimida e que oferecem às imputações de Denifle quanto à secreta luxúria de Lutero o suporte tão esperado das teorias freudianas sobre libido e repressão.⁴⁹⁶ Lucien Febvre observa que, já que Martinho Lutero desde o começo entrelaçou a história de suas crises à de seu pensamento, tentará compreender o que tal amálgama representava. Dentro desse pequeno tópico, Febvre afirma que Denifle não hesitava: defendia que o caso se resumia a remorsos, maus pensamentos, desejos clandestinos, estando Lutero vivendo dentro de si com a carne em permanente revolta com o espírito e a *Concupiscentia carnis*, obsessão sexual.

⁴⁹⁴Ibid., pp. 35-37.

⁴⁹⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 146.

⁴⁹⁶FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 55.

Neste ponto, Febvre questiona como Denifle e seus adeptos sabem de fonte segura com que violência desejos impuros não paravam de perturbar alguém que nunca falou sobre isso com ninguém. “Não será muita perspicácia?”, diz o historiador. Também questiona os defensores da inocência de Lutero. “Não nos demos, em todo caso, ao ridículo de correr a apoiar o primeiro ou o segundo partido. Não sabemos. Não temos como penetrar retrospectivamente, nos íntimos recônditos da alma luterana. Limitados ao domínio dos fatos e textos, atenhamo-nos apenas a constatar duas coisas”, exclama Febvre, a primeira, patente: ninguém jamais acusou Lutero de ter mal vivido em seus anos de convento, ou seja, de ter infringido seu voto de castidade; a segunda, menos patente para quem examina textos sem parcialidade: Denifle restringe de maneira abusiva o sentido do conceito de *Concupiscentia carnis*, que Lutero utiliza com tanta freqüência. Lucien Febvre garante que Lutero não cometeu ato que pudesse lhe valer a pecha de mau monge, ao contrário, fora um monge bom demais que pecava somente por excesso de zelo.⁴⁹⁷

“Um homem vive no século. Carrega um fardo pesado demais. Tem a alma inquieta, a consciência atormentada”. Não que ele seja celerado, mau ou perverso, garante o historiador, mas Lutero sente que fervilham e rastejam, nos porões de sua alma, tantos desejos suspeitos, penosas tentações, vícios potenciais e secretas complacências, que duvida de si mesmo e de sua salvação, chegava à conclusão que a “vida monástica não bastava para lhe dar paz”.⁴⁹⁸

Deixando de lado qualquer erudição ou conjetura, Febvre questiona o que os ensinamentos e autores lidos exerciam em Lutero. Lembra que já houve quem se debruçasse com curiosidades sobre os livros que, em Erfurt ou Wittenberg, Lutero poderia ou deveria ter lido; quem procurasse com louvável zelo e engenhosidade, que influências ele teria sofrido. Tudo isso é legítimo, útil, interessante, desde que esteja de acordo quanto ao essencial, afirma o historiador, essencial para nós carrega uma história-problema que para o autor era fundamental. Conforme Febvre, “um homem do temperamento de Lutero, quando abre um livro, nele lê apenas um pensamento, o seu. Nada aprende que não traga dentro de si”.⁴⁹⁹

Depois de tanto esforço, sua alma ansiosa por certezas, quando a paz libertadora não baixava dentro dele, pode-se imaginar, diz Febvre, mostrando-se que não afirma, ao

⁴⁹⁷Ibid., pp. 56-58.

⁴⁹⁸Ibid., pp. 58-59.

⁴⁹⁹Ibid., pp. 59-60.

contrário faz hipóteses, que um sentimento de amarga impotência e real desespero deixava-o prostrado diante de um Deus mudo, qual prisioneiro ao pé de um muro sem fim. Lutero era nutrido pela doutrina dos gabrielistas derivada do ackhamismo, lembra Febvre que Denifle foi o primeiro a assinalar, com força e vigor, essa influência no monge. Tal doutrina ora exaltava o poder da vontade humana, ora a humilhava, logo, o monge se via sufocado; Denifle afirma que a culpa era dele mesmo e questiona: “por que não buscava Lutero, desviando-se de um ensinamento que lhe fazia mal, doutrinas mais apta a apaziguá-lo?” Se o monge tivesse mergulhado em seus in-fólios teria percebido que Santo Tomás, São Boaventura e até Gil de Roma se relacionavam de modo diferente de Gabriel Biel. Febvre questiona a ideia de Denifle de que Lutero deveria procurar outras doutrinas, diz que é ingenuidade pensar assim, pois Lutero poderia ler e reler outros mas nada teria mudado, pois sua experiência íntima e pessoal contava mais.⁵⁰⁰ Observamos que Febvre tece elogios a Denifle quando o mesmo se transporta para o universo mental de Lutero, se aproximando de uma narrativa psicológica ao analisar suas influências.

O monge queria ser salvo, ninguém apontou um caminho para que ele seguisse, ele foi sozinho, “foi o artífice, solitário e secreto, não de sua doutrina, mas de sua tranqüilidade interior”, pontua o historiador.⁵⁰¹ No convento, procurava ter sua salvação pelo cumprimento de obras meritórias, entretanto, a recompensa de seu esforço era desânimo, crises de desespero, convicção de que a luta era vã e o pecado permanente. Vislumbra a resposta de seus questionamentos entre 1512, 1513 e antes de meados de 1514 na torre do convento de Wittenberg. Para nós, essas são situações que constituem o segundo ponto da curva. Nesse momento, Febvre mostra que Denifle dizia que Lutero não passava de um ignorante, impávido descobridor de velho-novo, que criticava a igreja por erros que ela jamais ensinou. Conforme Febvre compreende-se que Lutero tenha sempre apresentado sua “descoberta” da torre como uma revelação; quando encontra o remédio para os males que o corroem, concebe uma verdade que, válida para ele parece ser para todos, porém, a sua verdade é a de todos? No que tange à descoberta da torre, Febvre ressalta que esta é um dom de Deus que Lutero brandirá alto e que, nele todos os homens deverão reverenciar, além do mais, o monge salta de contraste em contraste, passa com facilidade, vivacidade e assustadora ousadia do mais desesperado pessimismo ao mais confiante otimismo, “como apreendemos diretamente a alma

⁵⁰⁰Ibid., pp. 63-64.

⁵⁰¹Ibid., pp. 68.

inquieta, atormentada, a alma também violenta, excessiva de Martinho Lutero por meio de suas formulações de 1516, 1517!”, exclama o historiador.⁵⁰²

Lucien Febvre vê nesse movimento prodigioso, nesses assaltos e arroubos tão bruscos que deram ao “sistema” de Lutero, naqueles anos de plena e jovem energia (em 1516, com 33 anos), uma tonicidade, uma robustez e saúde que ele nem sempre conservaria, confessa que sem ela, não saberíamos de onde brotavam a energia viril e a ousadia do lutador de 1517. De acordo com o autor, há quatro séculos vem-se repetindo que Lutero não deu muita importância à vida moral; aponta-se, para difamá-la ou deplorá-la, sua hostilidade em relação a qualquer esforço humano, quer para fazer o bem, quer para resistir ao mal. Em um esboço tanto esquemático, afirma Febvre: “Sabemos quanto deixamos de lado do pensamento tão rico, tão denso de Lutero no início de sua trajetória. Sabemos também que, para traçar uma linha mais ou menos clara, temos de abstrair, a todo instante, uma profusão de traços emaranhados que turvavam e perturbavam a imagem principal. Reconstituir, em dado período de sua vida, a chamada doutrina ou sistema de Lutero é deprender de uma profusão de rascunhos ou esboços parciais uma única tradução, a mais expressiva, do mundo infinito de imagens e representações que ele trazia em si e cuja impetuosa abundância mal lograva disciplinar”.⁵⁰³ Entre diversas apresentações, o autor faz escolhas para reconstruir um período da vida do monge. Febvre cita uma passagem que para ele é uma impressionante formulação, onde o escritor, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1947, fundador da *Editora Gallimard* e da *Nouvelle Revue Française*, André Gide (1869-1951) afirma que “para desenhar, é preciso fazer escolhas” e “mas o mais difícil é ter de apresentar situações de confusa simultaneidade como sendo sucessivas”. O pai dos *Annales* reflete sobre quantas vezes os historiadores, descuidam a lição que ela encerra, “como se não houvesse artifício nessa cronologia ‘estritamente objetiva’ de que tanto nos orgulhamos quando, depois de entregar, aos modos de pensar de um Lutero, senhas em consequência, chamamos uma após a outra, metodicamente, como um bom caixa atrás do seu guichê?”⁵⁰⁴

Quem era Lutero em 1516? Pergunta-se Lucien Febvre. Odioso dos abusos, desejoso de apuração, reformador do papado; segundo o autor, esse é o móbil que se atribuía a Lutero e, é isso que não existe mais. O que era Reforma para Lutero? Era

⁵⁰²Ibid., pp. 72-78.

⁵⁰³Ibid., pp. 79-82.

⁵⁰⁴ Ibid., pp. 243-244.

promover uma mudança qualquer na ordem religiosa de sua época. Sobre a viagem a Roma que todos os historiadores situaram como a fonte da atividade reformadora de Lutero, Febvre afirma: “acabamos de esboçar, resumidamente, toda a evolução espiritual de Lutero, de 1505 a 1515, sem dar-lhe qualquer espaço. Nem sequer nos demos ao trabalho de reproduzir, acerca desse miúdo episódio, as conclusões de pesquisas recentes que definiram sua importância com grande precisão. Para que?” Conforme o autor, a viagem de quatro semanas que Lutero passou em Roma entre o final de dezembro de 1510 e o final de janeiro de 1511 pouco interessa a ele e à história da Reforma, menos ainda. Pesquisadores de prestígio têm gostado de imaginar possíveis situações nessa viagem que, para Febvre, não passa de um fato anódino; entre 1505 e 1515 o que interessa a Lutero não é a reforma da Igreja, é Lutero em si, sua alma e salvação. Apenas isso, afirma Febvre.⁵⁰⁵

Lucien Febvre cita uma comparação que Nietzsche faz de Paulo e Lutero: “é sempre que nos espantemos por ter de pronunciar ‘Paulo’ onde, instintivamente, pensamos ‘Lutero’”. Com a mão notavelmente segura, diz que “Nietzsche traçou o esquema de uma evolução – a curva, firme e flexível, que traduz os movimentos tanto do pensamento como da consciência dos dois homens: o apóstolo e o herético, unidos por laços de uma solidariedade visível, que não é de ordem meramente doutrinal, mas de ordem moral e psicológica”. Finaliza o autor: “No momento em que tivermos de, em face do indivíduo, do crente isolado, preocupado apenas consigo mesmo, com sua salvação, com sua paz interior, colocar a massa dos homens, dos alemães daquela época que, apoderando-se do pensamento, da palavra luterana, deformando-a ao sabor dos próprios desejos e tendências, vão conferir-lhe o seu valor social e sua dignidade coletiva, nesse momento não é supérfluo lembrar Nietzsche: a história do cristianismo é feita de reviravoltas. E mais tarde, quando a psicologia, enfim mestra de seu alfabeto puder ler os homens sem hesitação, apreenderemos, no indivíduo cujo esforço pessoal enceta uma revolução, o perfeito exemplar, o protótipo robusto e franco de um grupo, de uma família de espíritos idênticos e diversos ao longo dos séculos”.⁵⁰⁶ Entendemos que Lucien Febvre ao relacionar a trajetória de Lutero com a de Paulo, escrita por Nietzsche e também com a de Erasmo e Calvino pode ser lida sob a ótica proposta mais tarde por Giovanni Levi, de que as comparações com outras pessoas cuja vida

⁵⁰⁵ Ibid., pp. 84-86.

⁵⁰⁶ Ibid., pp. 91-92.

representa alguma analogia com o biografado, por meio do contexto, é uma forma de preencher as lacunas documentais.⁵⁰⁷

Começa a segunda e maior parte do livro, *a maturidade*. O Lutero indignado em Roma, reprimindo a repulsa, mas desenvolvendo em si mesmo uma paixão pela reforma dos abusos da Igreja, está morto para nós, constata Febvre, ele foi substituído por um cristão solitário que muito sofreu e meditou antes de conhecer a própria verdade. Se for verdade que o caso das indulgências constitui o prelúdio e abertura do drama da Reforma; se for verdade que constitui o primeiro elo de uma corrente que liga Wittenberg a Worms, então será permitido ao autor de *Martinho Lutero, um destino* dedicar ao estudo desse que é mais do que um episódio justificado pela importância dos acontecimentos de 1517, destaca o autor.⁵⁰⁸

No momento em que escreve o seu livro, Febvre diz que certos acontecimentos os pesquisadores estavam começando a conhecer melhor que seus contemporâneos e que o próprio Lutero jamais conheceu. Após a descoberta de Schulte (1856-1937), pôde-se reconstituir com precisão a história do que se poderia chamar, com certo mau gosto, diz o autor, de “candidatura de Hohenzollern” ao trono arquiépiscopal de Mogúncia, tal fato que constitui o prelúdio necessário ao caso das indulgências propriamente dito. Em 1514, consumava-se na Alemanha um “abuso” que até então era inédito: o acúmulo de benefícios, dois arcebispados e um bispado nas mãos de um único titular. E Lutero? “Sabia disso. Não seria possível não saber. Desconhecia, decerto, os pormenores dos fatos, as negociações, as modalidades todas. Mas o resultado? Era bastante visível; uma bela oportunidade de se indignar, para um religioso obcecado pelo lamentável estado da Igreja e apaixonado pela destruição dos abusos, contudo, Lutero nada disse. Nem em 1514, nem nos anos seguintes, nem em 1517, quando do caso das indulgências. Vale à pena, sem dúvida, reparar nesse silêncio”, pontua Lucien Febvre, destacando também que é lícito supor que tal ignorância fosse diplomática.⁵⁰⁹

Faz-se necessário, constata o autor, reconstituir com mais firmeza a história da crise de Lutero. Entre 1515 e 1516, o monge se apossa de suas ideias pessoais e comunica sobre a sua descoberta aos estudantes de seus cursos, gente simples em suas homilias, teólogos, homens doutos, antigos mestres, êmulos; sendo assim, assume aos

⁵⁰⁷ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 146.

⁵⁰⁸FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 97.

⁵⁰⁹Ibid., pp. 98-102.

poucos o papel de chefe de uma escola. Em 1516 revela sua libertação de doutrinas gabrielistas e do aristotelismo, em 1517 preside o debate contra a teologia escolástica e em setembro redige para o irmão Gunther as 97 teses que serão o enunciado das linhas mestras de sua doutrina. Febvre analisa que os argumentos de Lutero nesses anos são sinceros.

No que tange às teses de Lutero, Febvre pontua apenas as que considera principais para a compreensão do pensamento do monge. Em 31 de outubro de 1517, Lutero fixa um cartaz em latim juntamente com o convite para o debate sobre as proposições na porta da capela do castelo de Wittenberg cujo tema era a defesa da declaração da virtude das indulgências. Entre as teses citadas por Lucien Febvre, destacam-se a primeira e as duas últimas (94 e 95) que, em sua averiguação, são as que dão um contorno completo das afirmações do monge, vinculam a doutrina sobre as indulgências à sua doutrina geral. Já na tese 39, por exemplo, Febvre nota uma confiança pessoal de Lutero que continua na 40 e exclama: “como são claros esses textos, e como são eloqüentes! Eis as íntimas iniciativas de um Lutero, suas reflexões ante a questão brutalmente colocada a sua mente e, mais ainda, a sua consciência de pregador por esse violento conflito entre teses incompatíveis”.⁵¹⁰

Ao analisar o volume I da edição crítica de Weimar, onde versa sobre um trecho do sermão pregado por Lutero sobre as indulgências, Febvre reconhece que “nada é mais interessante que esse breve documento de 1516. Tem-se a impressão de nele apreender todo o trabalho do pensamento de Lutero naqueles anos da gênese e profunda efervescência. Mais que um sermão, mais que uma dissertação, trata-se de uma série de questionamentos que o agostiniano coloca para si mesmo”.⁵¹¹

Em 31 de outubro de 1516 um ano antes da afixação das 95 teses, Lutero pregava um sermão sobre a indulgência com a mesma argumentação. Mais uma vez, o autor elucida que o protesto de 31 de outubro vem do interior de Lutero sobre Lutero, mostrando, assim, que ela não veio de uma bula outorgando as indulgências. Neste momento, o autor enxerga na serenidade de Lutero a demonstração de uma força singular.⁵¹²

O que o monge sustentava não era sequer uma “doutrina”, contudo, lamenta Febvre, que sua língua tão pobre o tenha obrigado a adotar termos pouco adequados

⁵¹⁰Ibid., pp. 105-109.

⁵¹¹ Ibid., p. 111.

⁵¹² Ibid., pp. 112-113.

para defini-la. Em seus protestos e afirmações de 1517, Febvre afirma que Lutero se colocava por inteiro, de corpo e alma, “um homem que nada no mundo faria recuar”.⁵¹³

Nas palavras do autor, as 95 teses reimpressas e traduzidas em língua alemã traziam até Lutero um eco de voz cujo tom e vigor perturbava-no: a voz de uma Alemanha inquieta que esperava o sinal de um homem. Febvre comenta que “quem lança um grito nunca sabe que ecos sua voz despertará”, e mostra que em primeiro plano, diante de Lutero, avança o “homem alemão”, de 1517, repleto de energias contraditórias, “é ele quem vai, simultaneamente, fazer nascer e abortar a obra original, a obra de um só jorro que um monge trazia em si – e da qual só assinou perante a história uma prova contrafeita”.⁵¹⁴

A partir do indivíduo, Febvre interpreta a coletividade e a sociedade da época, o autor mescla a importância da conjuntura histórica do momento sem diminuir o protagonismo de Lutero, que fora a voz dessa Alemanha agitada na expectativa de um sinal. Conclui que é difícil saber quem foi mais influente nessa relação, “nesse complexo de fatos, ideias e sentimentos, quem definirá exatamente o que veio da Alemanha para Lutero ou, inversamente, de Lutero para a Alemanha?”.⁵¹⁵ Logo, juntamos ao coro que enxerga no estudo de Febvre traços de uma biografia total, em que a história do indivíduo se entrelaça com o destino de uma época, o século XVI alemão e europeu.

Grande estudioso do século XVI, Lucien Febvre observa que, se havia na Europa, ao fim do primeiro quartel desse século, um grande país que oferecesse um terreno difícil e um solo ingrato a uma reforma e a um reformador, esse país era a Alemanha, que em 1517, não possuía nenhuma unidade moral ou política, era composta por terras fortes, muito recurso material, trabalho e riqueza. Febvre se propõe a lembrar contextos daquela Alemanha para melhor ajudar a compreender a história de Lutero. Sendo assim, o autor faz uso interpretativo do contexto de uma Alemanha em crise como pano de fundo extraindo razões gerais que permitiriam explicar situações particulares acerca do biografado e de onde ele está arraigado.⁵¹⁶ Para Febvre, “o indivíduo é aquilo que lhe permitem ser sua época e seu meio social”⁵¹⁷, portanto, a

⁵¹³ Ibid., p. 115.

⁵¹⁴ Ibid., p. 116.

⁵¹⁵ Ibid., p. 321

⁵¹⁶ REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998, p. 27..

⁵¹⁷ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 211.

biografia só é pertinente a título de ilustração das categorias que determinam seu curso, o contexto prevalece e, dele, o indivíduo é mero reflexo.

“Em recanto dessa Alemanha vivia, em 1517, um homem obscuro, desconhecido, um monge do qual não se sabia sequer se mereceria, em uma biografia geral dos agostinianos, uma menção de cinco linhas. Esse homem se tornaria, em poucos meses, um herói nacional”.⁵¹⁸ O exame do mapa político e moral da Alemanha daquele tempo permitiria prever suas chances e êxito e durabilidade. Fundamentados em tal passagem de Febvre, observamos que o autor ao afirmar que Lutero enquanto homem obscuro e desconhecido não sabia se teria uma menção em alguma biografia e que em poucos meses tornar-se-ia herói nacional, deixa implícito que a partir dessa virada, o nome do monge seria objeto de estudos biográficos, estes que durante muito tempo evocavam apenas vidas ilustres e de grandes homens.

Naquele período, a Alemanha era um país sem unidade e Febvre diz que nisso está o essencial. Havia alemães fortes e ativos, com maneira de ser e pensar em comum que compunham uma “nação” no sentido medieval do termo, apesar de não estarem agrupados, firmemente, em um Estado bem unificado e centralizado. A Europa em toda parte se organizava em torno de reis e não havia um rei na Alemanha, havia um imperador que não passava de um nome e um império que não passava de uma moldura. Contudo, no final do século XV e início do XVI efetuaram mais ou menos em toda a Alemanha um vigoroso esforço de concentração política e territorial. No limiar do século XVI as cidades alemãs são um esplendor, Febvre descreve que elas eram populosas, ruidosas, gloriosas com vinte capitais, cada qual com suas instituições, indústrias, artes, trajes e espírito, eram brilhantes e ofuscavam as cidades francesas da época.⁵¹⁹ Lucien Febvre sendo um francês escrevendo sobre a Alemanha em um momento onde relações entre ambas as nações não eram necessariamente amistosas, apesar de sua elogiada imparcialidade, deixa transparecer um ponto de vista pessoal quando versa sobre a sociedade alemã luterana, diz o autor: “uma torrente de injúrias jorra sobre eles das profundezas de um coração sensível, doce e sentimental, ao jeito alemão... Injúrias violentas, brutais, sem medida nem inteligência, de uma grosseria que não tardará a ultrapassar todos os limites (...) grosseria de um homem do povo, de um

⁵¹⁸Ibid., p. 119.

⁵¹⁹Ibid., pp. 120-126.

filho de mineiro criado em um ambiente sem elegância, trazendo em si as taras hereditárias de uma raça bem próxima de origens bastante baixas”.⁵²⁰

Frustrada pelo fracasso de todos os planos de organização política, a opinião pública - decepcionada, preocupada, tensa e nervosa - parecia interessar-se pela reforma religiosa. As iras se acumulavam e Lutero, dado o primeiro passo, não poderia deixar de senti-las vívidas, “não há nação mais menosprezada que a alemã! A Itália nos chama de bestas; a França, a Inglaterra zombam de nós, e assim todas as outras”, grito que diz muito, surgido de um coração dilacerado, diz Febvre. A distinção de classes continuava bem demarcada; tendo príncipes, cavaleiros, comerciantes, camponeses e tantas castas, o historiador atesta que existiam duas Alemanhas contraditórias e não raro inimigas.⁵²¹

Entende Lucien Febvre que Lutero, muito ocupado em perscrutar a própria consciência e buscar a própria paz, absorvido em 1516 por mil preocupações decorrentes de suas funções, não tivera a oportunidade de analisar nem simplesmente ver manifestar-se seu temperamento. O autor questiona se seria o caso de falar em temperamento se o agostiniano dócil e submisso ainda não o descobrira. Conforme o historiador há em Lutero “um puro-sangue, uma espécie de orgulho virgem e feroz de animal galopante que não suporta que alguém o ultrapasse, adiante-se, ande mais depressa que ele”.⁵²² Uma carta escrita por Lutero em 1518 a um pregador de Zwickau constitui, na análise febvreana, um dos quatro ou cinco documentos que melhor traduzem o caráter e a natureza do verdadeiro espírito de Lutero, “com seu ímpeto, seus impulsos nunca calculados, sua intemperança verbal, seus temíveis excessos de linguagem”.⁵²³

Esse homem, tal como escreve Febvre, ao afixar em Wittenberg, estava pondo o pé para fora de seu mundinho fechado de monges e teólogos. Estava dando um passo, o primeiro, porém decisivo, rumo a essa Alemanha que descrevemos. Era justamente suas fraquezas que lhe confeririam seu temível poder. Pronuncia o historiador: “Lutero não era mais lógico nem mais sábio que um homem piedoso procurando realizar obras grandes e belas, levar uma vida devota, virtuosa e santa. Era um instinto seguindo seu impulso sem se prender a dificuldades, oposições ou contradições que ele não percebia

⁵²⁰ Ibid., p. 137.

⁵²¹ Ibid., pp 128-133.

⁵²² Ibid., pp. 134-135.

⁵²³ Ibid., pp. 138-139.

com sua inteligência, mas conciliava na profunda unidade de um sentimento vivo e dominador. Lutero, nem doutor, nem teólogo: um profeta”.⁵²⁴

Lucien Febvre menciona que todo estudo de influências coloca um grave problema: “até que ponto o ser humano, o indivíduo cujas ações e reações se trata de explicar, deixou-se tocar, em suas partes vivas, pelo jogo das forças maciças que o historiador erige a seu redor?”. Responde o estudioso dos *Annales* que Lutero, em sua viva complexidade, empresta-se a muitos, mas não se dá a ninguém. Não era de surpreender que ele se tenha emprestado, haja vista que ele queria agir e ninguém age sozinho. No entender do historiador, “percebe-se muito bem por que aspectos de sua personalidade, por que traços de sua índole esse homem sanguíneo, violento, essencialmente “povo” e furiosamente mobilizado em seu esforço ia ao encontro das solicitações e justificava a esperança de partidários ansiosos por captar nele uma forma virgem de valor inestimável... ”⁵²⁵

Entre 1517 e 1525, Lutero fala, prega, ataca defendendo-se e, diz Febvre, “naquilo que ele faz o teólogo busca uma doutrina, e o historiador, um homem. Um homem às voltas com homens, um homem que é atraído, incitado por amigos e inimigos e que ora resiste, ora deixa-se levar, sempre lutando e lançando-se...”, essa história dramática, repleta e variada, naturalmente “não poderíamos, aqui, contar em detalhe. Nem sequer poderíamos, em tão pouco espaço, descrever suas mais comoventes peripécias”. Temos aqui a confirmação de que o Lutero que Febvre deseja pintar é o Lutero homem, em seu meio e, talvez, quanto a isso, a rejeição ao estudo biográfico fosse para não cair na pecha de se enquadrar escrevendo a biografia sobre um “grande homem”.

Os anos de 1518 e 1519 foram especialmente tumultuados na Alemanha. Em 24 de junho de 1519, em Leipzig, o irmão Martinho Lutero efetuava uma entrada solene. Uma Alemanha inteira o recepcionava, escutava avidamente e percebia em Lutero uma força de combate e destruição. Febvre relembra: “Lutero pertence, em todos os aspectos, a sua raça e a seu país. É essencialmente alemão em seu modo de pensar, sentir e agir. Como já se disse. Às vezes até demais” e acrescenta que cabe lembrar que no convento, não era nos alemães, e sim nos cristãos que o monge pensava. Tendo compreendido sua certeza, tratou de comunicar seu segredo e, foi a todos os homens que

⁵²⁴ Ibid., p. 140.

⁵²⁵ Ibid., p. 173.

se dirigiu, não somente aos irmãos de raça ou de língua.⁵²⁶ O horizonte de Lutero não se limitava às fronteiras de um Estado e, diante do monge, os huttenistas erguiam uma imensa tentação: “seja alemão, pense na Alemanha, realize suas obras aqui, para nós, *in loco*. Abra os olhos; veja todos os burgueses da cidade esperando por você; todos os camponeses agitados por surdas revoltas; todos os nobres dispostos a ajudá-lo. Por que buscar mais longe. Basta querer. Basta fazer um gesto. E a obra se cumprirá”.⁵²⁷

Em uma Alemanha frágil, o monge representava a ameaça de um demolidor. Contudo, o eleitor Frederico da Saxônia, Staupitz, Bucer, Melanchthon apoiavam Lutero e recusavam-se a entregá-lo a Caetano. Destaca que se Roma perseguia Lutero com tanta e apaixonada ânsia, era porque ele tinha mexido com “a coroa do Papa e com as entranhas dos Monges”, e que Hutten também tinha razão ao dizer que se o perseguiram, era por ser Lutero um alemão que, erguendo-se, perigosamente, à porta da Alemanha, pretendia proibir sua frutífera exploração aos italianos. Roma aceitava o cisma, corria a seu encontro, fechava os caminhos de Lutero. O destino, em todo caso, tinha lá suas ironias. Haveria *reformas*, mas não *a Reforma*.⁵²⁸ Para nós, este constitui o terceiro ponto por onde a curva do destino do monge passou.

“Polemista nato, impaciente ante qualquer contradição, indiferente ao escândalo, seu estilo preferido é o salto. Se o alcançam? Em um impulso brusco, ei-lo projetado ao longe, rindo ao ver, lá atrás, os esbaforidos contritos. Alcançam-no novamente? Um novo impulso, este tão violento que o audacioso se vê sozinho, dominado por um estupor, por um pavor que lhe dá prazer.”⁵²⁹

Em agosto de 1520, o monge publica a obra *Manifesto à nobreza cristã da nação alemã*, que ressoa como um toque de reunir os germanos contra o inimigo público. Comenta Febvre que em nada surpreende esse “livrinho”, escrito em alemão para o uso de um povo inteiro, ter se esgotado nas livrarias com extraordinária rapidez; em seis dias foram escoado quatro mil exemplares, um número sem precedentes até então. O livro se endereçava a todo mundo e todos o compraram, “nove em dez alemães estão gritando: ‘Viva Lutero!’, e o resto, embora não o seguindo, se junta ao coro para gritar: ‘morte a Roma’.”⁵³⁰ Qual era o projeto histórico de Lutero? Conforme Febvre, nenhum, ele não tem um programa, não se move, não age, ele simplesmente escreve,

⁵²⁶Ibid., pp. 155-159.

⁵²⁷ Ibid., pp. 160-161.

⁵²⁸Ibid., pp. 162-171.

⁵²⁹ Ibid. p.174.

⁵³⁰ Ibid. pp. 179-181.

não se comprometia com nenhuma demanda. Qual era a sua intenção? Reformar a Alemanha ou a cristandade? Reforma nacional ou reforma “católica”? Febvre esclarece: “Lutero se emprestou. Talvez. Mas não se deu. Continuou sendo ele mesmo: o homem do claustro, o homem da torre. O homem que acabou por criar, afinal, para si mesmo, uma certeza a sua medida; o homem que forjou para si, para as próprias necessidades, essa poderosa concepção da justificação pela fé, de ares e acento tão íntima e verdadeiramente pessoais, tão comovente. Não é preciso dizer que, entre uma reforma nacional e uma reforma universal, entre uma reforma alemã e uma reforma católica, Lutero não escolha. Ele não sente necessidade de escolher. Não percebe as alternativas. Emprega palavras pronunciadas a sua volta. Abastece-se a mancheias em sua experiência de alemão que abre os olhos sobre as coisas da Alemanha”. Roma atravessou seu caminho solitário de cristão preocupado tão somente com a sua salvação e com a salvação do outro. E Lutero então, nesse momento, age com uma energia, uma força decuplicada, o teólogo que escreve em latim para uso de seus pares, abre caminho, segue em frente, extrai de seus princípios conseqüências cada vez mais ousadas. Esclarece o autor de *Martinho Lutero, um destino* “não nos cabe aqui, naturalmente, esboçar a história dessas iniciativas. Nossa intenção é tão somente retrazar a curva de um destino. Para conhecer esse destino, porém, os ares dessa teologia não são indiferentes”. Ora, de que se ocupa Lutero nesses meses perturbados? De formular, justamente, uma doutrina da Igreja.⁵³¹

Qual Igreja? A de um monge fervoroso, sonhada na paz do claustro por um homem que não possui com o mundo convivência nenhuma. Magnífico idealismo que, na manhã do século, produz um som puro e doce, diz Febvre. Assim, o Lutero dos anos ardentes coloca face a face o homem e seu Deus sem nenhum intermediário entre eles. Salienta Febvre que os termos construir, edificar e erigir não pertence à língua de Lutero, aquela que traduz o âmago dos seus pensamentos, sentimentos e coração.⁵³²

Quem era Lutero em 1520? Febvre diz que era aquele que enaltecia as mais humildes tarefas, o homem de Deus, o sacerdote que com as suas mãos tirava a própria auréola. A pouca preocupação com realizações e o desprezo pelas construções equilibradas transparece com força um dos traços permanentes da genialidade de Lutero. Um reformador ou um condutor de homens? Indaga Febvre. Segundo ele, houve quem negasse o título de reformador ao pai da Reforma, não sem certo fundamento,

⁵³¹ Ibid., pp. 179-184

⁵³² Ibid., pp. 187-188.

justifica. Um condutor? Lutero, sem dúvida, atendia ao chamado de seu Deus, no entanto, o que ele pedia, no íntimo, não era para conduzir, mas para ser conduzido e guiado por onde Deus quisesse levá-lo.⁵³³

Quando analisa a passagem de Lutero em Worms, Febvre destaca que tentará considerar sob um novo olhar essa história que, em sua leitura, era tão preciosa para o íntimo conhecimento de Lutero, para tanto, lança uma série de questões: por que tantas pessoas só souberam extrair desse episódio dramático uma imagem à Paul Delaroche (1797-1856), um tanto ridícula em seu empolamento? Por que, e com que espírito, o agostiniano compareceu à dieta? Conforme Febvre, a tradição mata o espanto, logo, ninguém nunca pensa em se fazer essa pergunta.⁵³⁴

Frederico, o eleitor da Saxônia, protegia Lutero e, em fins de 1520, afirmou que não prenderia nem queimaria os escritos do monge, haja vista tais documentos não terem sido examinados e discutidos o suficiente, logo, melhor seria convocá-lo perante juízes imparciais e esclarecidos, assim surgiu a ideia de solicitar Lutero perante a dieta. Febvre diz que essa dieta foi crescendo e que não cabe a ele reescrever, muito menos resumir a história do *Reichstag* de 1521, que acabava de ser revista em um excelente livro de Paul Kalkoff (1858-1928) [*Der Wormser Reichstag von 1521*].⁵³⁵

Em dois de abril de 1521, Martinho Lutero se punha a caminho da cidade imperial. Tudo muito simples, na visão de Lucien Febvre, entretanto, o que significava essa convocação? Conforme o autor, quando ela chegou até Lutero, havia tempo que a dieta vinha prestando atenção nele e ele sabia disso. Em carta do dia 19 de março, o monge diz a Spalatino que não irá a Worms, porém, no dia 2 de abril pôs-se a caminho. Por quê? É o que Febvre tenta compreender. Salienta que talvez uma frase da carta do monge a Spalatino ofereça uma pista, nela Lutero afirma: “não vou a Worms para me retratar”, depreende-se, então, que ele não viajou para Worms como homem respeitoso dos poderes que, ao receber uma convocação, obedecia sem pensar ou hesitar. O monge viajou, interpreta Febvre, como quem pisa em brasas, jogando-se de cabeça, sacrificando intimamente sua vida, nutrindo-se de sua fé invencível, cega, inquebrantável, em Deus. Martinho Lutero viajou para Worms como quem vai para o martírio ou para o triunfo, conclui Febvre.

⁵³³ Ibid., pp. 190-192.

⁵³⁴ Ibid., p. 194.

⁵³⁵ Ibid., pp. 195.

No que tange a perspectiva da viagem a Worms, o autor faz uma crítica aos beatos controversistas que, bem acomodados em seu conforto, dão a certeza que o monge não corria risco algum ao atender à convocação, que a viagem não teve perigos nem imprevistos. Para Febvre, nesse momento decisivo, em uma Alemanha inquieta, a lembrança de Jan Huss e sua morte em Constança assombravam a mente de Lutero e de todos os seus amigos e inimigos. Mas o que ele poderia fazer? Seu Deus o impelia, o arrastava, logo deixou de hesitar e viajou para dar testemunho de sua fé e afirmar seu Deus.⁵³⁶ Lucien Febvre classifica a viagem como ansiosa e triunfal. Em Erfurt a recepção a Lutero foi solene e entusiástica; a Universidade em que foi aluno o acolheu como convidado ilustre, ele, o excomungado, pregou para os agostinianos na capela de seu antigo convento. O clima em Worms estava carregado; explodiam distúrbios na cidade e no campo contra o clero, os religiosos e os ricos. A popularidade do monge excomungado não cessava de crescer e, como a de Hutten, seu retrato estava em toda parte.⁵³⁷

Lutero seguia para Worms, nada nem ninguém o impediria, era uma força em movimento, nada poderia detê-lo, entraria na cidade... Assim Febvre define esse momento. Em 18 de abril de 1521, Lutero foi anunciado e falou claramente, afirmou que seus livros consistiam em três tipos: os primeiros, ensaios de doutrina cristã; os segundos, sérias acusações ao papado e às práticas do papismo; e os últimos, escritos de circunstância contra adversários que o haviam provocado. Lutero combatia a tirania e a impiedade e, solicitava aos juízes que discutissem suas ideias, que lhe mostrassem em que eram perniciosas.⁵³⁸

Quando foi indagado se ele se retrataria ou não, Lutero proferiu a célebre declaração, cujas muitas versões passaram imediatamente a circular por toda a Alemanha; Febvre traduz, segundo ele, a que seja a mais provável: “(...) não posso nem quero revogar o que quer que seja, porque agir contra a própria consciência não é seguro nem honesto. Que Deus me ajuda, *Amem!*”. Faz-se um imenso alvoroço e, em meio às injúrias e exclamações, Lutero retirou-se, tão logo avistou de longe seus amigos, ergueu as mãos e gritou duas vezes: “eu saí de lá, eu saí de lá”. No dia seguinte, relata Febvre, o mundo inteiro era informado da grande recusa do irmão Lutero e, aqueles que julgavam conhecê-lo e o amavam surpreendiam-se com uma ousadia que não percebiam

⁵³⁶ Ibid., pp. 196-197.

⁵³⁷ Ibid., pp. 198-199.

⁵³⁸ Ibid., pp. 199-200.

a razão sobre-humana. Em carta enviada em 25 de abril pelo secretário da benfeitoria portuguesa de Antuérpia ao rei de Portugal, constavam as seguintes palavras: “o povo inteiro da Alemanha e os príncipes estão com ele. Parece-me que, desta feita, vai se safar”.⁵³⁹

De fato, um povo inteiro juntava-se em torno de Lutero, cobria-o de afeto e investia-o de uma temível confiança. Ele não cedera, não recuava, não renegava. Tal atitude poderia ter lhe custado caro, mas analisa Febvre, o monge nem pensava nisso, ou, se pensava, talvez fosse para jogar à face dos reis e dos poderosos a palavra da verdade. Amigos diziam a Lutero: “você não carecerá”, “você vai se safar”. Após ler essas palavras, Febvre diz que não seremos mais tentados a pensar, como uns e outros, que Lutero não corria perigo algum em Worms.⁵⁴⁰

Para o autor, o heroísmo de Lutero era absolutamente espiritual. E, como escreve o Sr. [Robert] Will em seu belo livro *Da liberdade cristã*, Lutero se sente em constante relação com o mundo invisível. Febvre ainda exclama que Lutero nunca foi um “liberal” e que o termo, em si, pronunciado em relação a ele, “fede anacronismo”.⁵⁴¹

O autor salienta que as palavras dos homens têm vida própria e se pergunta sobre o que importava o sentido dado por Lutero a esses protestos. Ora, eles já não lhe pertenciam, afirma Febvre. Na multidão que se juntava ao redor de Lutero, cada um deles escutava ao ouvir o monge falar, um som diferente, polifônico. Por detrás de seus atos, cada um colocava os próprios desejos e, por um instante, Lutero satisfazia a todos, no sentido de que todos, ao escutá-lo, podiam seguir acalentando o próprio sonho, imaginando que aquele profeta inspirado e destemido emprestava-lhes sua voz potente. Ilusão de um instante analisa Febvre, não poderia durar.⁵⁴²

No dia 4 de maio de 1521 uma carroça atravessava a floresta, além de Altensteins, pela estrada de Gotha, carregava Martinho Lutero que retornava a Wittenberg. Lutero então é seqüestrado, levado noite adentro para um castelo nas colinas da Turíngia onde permaneceria por quase um ano, vestindo-se como um fidalgo alemão; com corrente de ouro no pescoço, espada na cintura, cabelos e barbas crescidos, adota o nome “cavaleiro Jorge” para compor o disfarce. Com o intuito de não entregar Lutero, mas sem desafiar abertamente o imperador, o eleitor Frederico aprovara a engenhosa investida. Por meio do rapto bem planejado, que não tivera testemunhas

⁵³⁹ Ibid., pp. 201-202.

⁵⁴⁰ Ibid., pp. 201-202.

⁵⁴¹ Ibid., pp. 203.

⁵⁴² Ibid., pp. 204.

incômodas, protegia o heresiarca que seus inimigos imaginavam acuado, forçado a fugir para a Dinamarca ou Boêmia.⁵⁴³ Entendemos que esses acontecimentos, da entrada de Lutero em Worms ao seu sequestro, constituem o quarto ponto da curva de seu destino.

Mais uma vez Febvre contextualiza essa Alemanha que estava em grande efervescência. A recusa de Lutero, sua atitude corajosa e obstinada acirrara os ânimos ao máximo, além do mais, os panfletos de Hutten e do próprio monge excomungado terminaram de provocar furiosamente os espíritos. Lucien Febvre salienta que tomar conhecimento desses textos repletos de violência e escândalo por meio de Erlanger ou Weimar é realmente não lhes fazer justiça. Logo, quem quiser lê-los, pelo prazer, percepção ou para sentir-se contaminado pelo seu fogo, deve buscar as edições originais, os livretos tal como saíram dos prelos de Wittenberg. Febvre mostra que na primeira página desses documentos constava o nome retumbante de Martinho Lutero, agostiniano de Wittenberg, não raro, seu retrato gravado: onde não víamos um anônimo, nem um ser celestial, mas sim um homem de carne e osso. Na imagem, era possível observar acima das faces ossudas, do queixo quadrado e das feições um tanto rude, os olhos que tanto impressionavam seus contemporâneos por seu brilho e mobilidade, os olhos que seus inimigos viam algo de demoníaco. Para Febvre apresenta-se uma criatura cuja vida se afirma entre contrariedades e hostilidades, uma pobre criatura que luta e se debate em meio às inexoráveis do pensamento e por vezes perde o rumo. Um homem forte, que de um salto se instala no absoluto, domina as contingências por desprezá-las, toma e extasia corações arrebatados.⁵⁴⁴

Lucien Febvre proclama que nós, historiadores, explicamos cautelosamente Lutero com a ajuda de Lutero. Os teólogos, por seu turno, comentam, interpretam e conduzem sua exegese. E está muito bem assim, porém, não eram como historiadores nem como teólogos que os homens daquele tempo escutavam Lutero quando ele bradava: “nada de aduana controlando os pensamentos (...) pensamentos são livres de impostos alfandegários”. Naqueles homens avultava nítida e imperiosa, a simplificada imagem do monge que, perante a dieta, não fraquejara e, intimado a retratar-se dizia não. Naqueles homens, as palavras que o monge lançara ao vento criavam vida.⁵⁴⁵

Martinho Lutero, por sua vez, fosse diante do papa ou dos reis, nem pensava em calar-se. Febvre propõe tentar perceber bem seu estado de espírito nesses meses em

⁵⁴³ Ibid., pp. 207.

⁵⁴⁴ Ibid., pp. 208-209.

⁵⁴⁵ Ibid., pp. 211-212.

Wartburgo; tão vazios e, ao mesmo tempo, tão repletos, que ele vive lentamente. Para tanto, procurará se desprender das tantas formulações tradicionais, sempre e por toda parte repetidas, segundo ele. Seus questionamentos visam a compreender quem era Lutero naquele reduto em que o esconderam, seria um home livre ou prisioneiro? Qual seria a real intenção do eleitor? Para Febvre, Lutero não detém nessas perguntas, no entanto, a que destino seu Deus o chamará? Busca a resposta, porém, mal encontra a si mesmo, sob seu disfarce de cavaleiro, sua barba crescendo e a presença da incômoda espada. Quando chega a noite e deita-se em seu leito, imagens e saudades passam diante de seus olhos; necessidades de ternura insatisfeita obcecaram esse individualista convicto que, destaca Febvre, não sabe viver sem ter, a sua volta, outras criaturas vivas cujo sopro espiritual venha mesclar-se ao seu. No silêncio frio de Wartburgo, estão os apetites, os desejos sensuais, a preguiça, a ociosidade, o gosto pelo sono e todos os pecados que Lutero, em 13 de julho de 1521, em uma célebre carta ao seu amigo Melanchthon, reconhece, satisfeitíssimo por difamar a si mesmo: as “cínicas confissões de Martinho Lutero, que usam contra ele, ante o olhar entristecido dos luteranos”.⁵⁴⁶

Febvre, nesse momento, visualiza dois Luteros: um que comparece ao debate de Leipzig carregando na mão um buquê de flores do campo que levava vez ou outra às narinas e outro que se embriagando com palavras violentas, interpelações rancorosas e imagens grosseiras, mergulha em sua paixão, esquece seu objeto, esquece tudo, menos sua força.⁵⁴⁷

Conforme o autor, Lutero não admirava em si mesmo o herói de Worms; se queixava se teria realmente cumprido com dignidade sua missão. Febvre indica que os biógrafos que periodicamente narram a vida do Reformador – alguns de maneira piedosa, outros de modo áspero ou sem parcialidade -, em geral descrevem com rapidez essas longas semanas: resumem-na a um verão inteiro, um outono ou longo inverno, preenchem-na com o trabalho de um Lutero que estuda corajosamente grego e hebraico, traduz a Bíblia, compõe sermões, cartas e tratados. Contudo, ninguém pergunta com que estado de espírito Lutero aceitava a sua reclusão. Febvre deixa transparecer que acredita que o trabalho dos biógrafos quando narram de maneira piedosa, áspera ou sem parcialidade, seja sem uma problemática e crítica definida.

A resposta parecia óbvia: cúmplice do próprio rapto, Lutero só podia estar satisfeito com aquela internação, pois atrás das muralhas de Wartburgo, respirava

⁵⁴⁶Ibid., pp. 214-216.

⁵⁴⁷ Ibid., pp. 223.

aliviado, não temia pela própria vida. Porém, mais uma vez, se questiona Febvre: será que Lutero era assombrado pela ideia do perigo? Será que vivia em meio ao constante pavor do martírio? Felizmente, como bem demonstram suas cartas a Melanchthon, ele era, sem dúvida, um homem, tratava de manter em segredo sobre seu esconderijo e desmentia sobre a sua presença em Wartburgo; porém, como se percebe, quanto lhe pesa seu isolamento, sua reclusão de eremita no meio de um deserto! Tão logo se encontra a salvo e cogita abandonar seu refúgio, indo inicialmente para Erfurt e mais tarde para Wittenberg. Conclui Febvre que a mentalidade e o sentimento do idealista de 1520 não se alteraram atrás dos maciços ferrolhos de Wartburgo.⁵⁴⁸

Desde o início de seu cativeiro, Lutero acompanhava com inquieta atenção o desenrolar dos acontecimentos em sua querida Wittenberg e é nos wittenburgueses que ele pensava com mais carinho e solicitude. Em 1º de novembro de 1521 escreve a Gerbel: “nasci para meus alemães e quero servi-los”. Enquanto recluso, não cessava de incentivar Melanchthon a agir como um chefe; o Lutero de Wartburgo não é um recluso assustado ou beato, tampouco um político temeroso de que ocupem seu lugar. A imagem que ele apresenta é muitíssimo mais curiosa, declara Febvre, é a de um idealista impenitente às voltas com duras realidades, com os caprichos, as paixões, as vontades dos homens.⁵⁴⁹

Para Lucien Febvre, quando Lutero se apropria das ideias de outrem, como as mobiliza como suas em toda a acepção do termo – então ocorre uma explosão repentina, um desses saltos bruscos que o autor cita. Eis o hesitante do início, o indeciso, o inquieto ultrapassando cheio de audácia os que o puseram em movimento, esse é o Lutero nessa época. A necessidade de constância e unidade sensível, a necessidade de nada concluir senão pela própria experiência, de experimentar as soluções no fundo de sua fé profunda, é instintiva em Lutero. Febvre diz que ele não mudou, mas o mundo a sua volta está mudando, a Alemanha e seus discípulos, rapidamente e com muita força, para Lutero pouco importa os fatos.⁵⁵⁰

Começa a terceira parte do livro, *Retraimento em si*, e Febvre afirma que a história tradicional de Martinho Lutero oferecia uma grande vantagem: a sua simplicidade. Não se atrapalhava com sutilezas; Lutero se erguera contra os abusos, porém, raptado em Wartburgo perdera a direção do movimento. Sobre isso, anuncia que

⁵⁴⁸Ibid., pp. 224-230.

⁵⁴⁹ Ibid., pp. 230-231.

⁵⁵⁰ Ibid., pp. 234-236.

“alguns energúmenos tinham confundido tudo”, de modo que, para controlar uma situação que se tornava preocupante, ao fazer concessões, Lutero acabara por contradizer-se ou desmentir-se. As pessoas educadas utilizavam a palavra “contradição”, já os adversários falavam em “desmentido”.

Para o autor, já não nos é possível ver no Reformador um arquiteto sem sorte, forçado por maus clientes a alterar seus projetos. A história das relações de Lutero com seus contemporâneos continua Febvre, parece ser mais complicada do que parecia a nossos pais. Transformar Lutero em um homem que, ao ver surgirem os contraditores, muda imediatamente de personalidade como uma cobra muda de pele e, à custa de brutal renegação, reassume sua ascendência sobre as massas seria minorar tanto o papel de Lutero como o de seus contemporâneos. Nem ele era capaz de virar a casaca com essa indiferente brusquidão; nem eles, de imitá-lo com tão absoluta plasticidade. Entre eles e ele, entre ele e eles, houve múltiplas trocas, ações, reações.⁵⁵¹

Em 1º de março de 1522, Lutero vestindo seu traje de cavaleiro, deixava mais uma vez seu refúgio dirigindo-se para a sua querida Wittenberg, não mais retornaria a Wartburgo. No caminho, enviou uma célebre carta ao eleitor da Saxônia, “longa, mas quão rica”, diz Febvre, “essencial para o conhecimento de Lutero, brusca, imperiosa, altiva, maravilhosa por sua liberdade e desenvoltura, e, ao mesmo tempo, com algo de terno, humano e exaltado, de heróico em suma. Um desses raríssimos textos que quatro séculos ainda não lograram de desbotar. Nele se lê tudo o que Lutero trazia em si quando, naquela acre primavera de 1522, descia às pressas rumo às cidades tumultuadas e aos campos em rebulição”.⁵⁵² Analisa Febvre que eram palavras honestas e fortes, de nobre teor e inegável sinceridade proferidas por Lutero do fundo de sua alma.⁵⁵³

O que levou Lutero a voltar com tamanha pressa para Wittenberg? O autor responde evidenciando os tumultos em Zwickau, pequena cidade da Saxônia, onde um padre, Thomas Müntzer, apoiado pelos artesãos, notadamente têxteis, tentara instaurar ali um “reino de Cristo”: reino sem rei, sem magistrado, sem autoridade espiritual ou temporal, e também sem lei, nem Igreja, nem culto, e cujos súditos livres, resgatando diretamente as Escrituras, se beneficiariam de um comunismo cujo sonho edênico obcecava os espíritos simples. Assustado, o magistrado de Zwickau reagiu duramente e detenções em massa interromperam o movimento. Contudo, em poucas semanas o mal-

⁵⁵¹Ibid., p. 244.

⁵⁵² Ibid., p. 245.

⁵⁵³ Ibid., p. 247.

estar aumentava, saquearam igrejas de maneira abominável, ninguém tentava se opor, Melanchthon não sabia o que fazer haja vista que a segurança dos recém-chegados impressionava. Clamou por Lutero, chamou-o; em meio àquele caos, somente ele era capaz de ver com clareza, de recolocar as coisas e pessoas no devido lugar, somente ele com sua lucidez de autêntico profeta.⁵⁵⁴

Sem hesitar, Lutero partiu. Enxergamos nesse momento o quinto ponto de curva que compõe o destino do monge. Febvre diz ser tolice pensar que foi por medo de ser suplantado, nas graças do povo, por rivais e concorrentes. Lutero partiu porque o dever estava onde o chamavam Melanchthon e o rebanho cristão pelo qual ele era responsável. Quando chegou a Wittenberg, pregou por oito dias, com simplicidade, força, clareza irresistíveis, moderação singular, senso superior de medida e equidade. Diz Febvre que homens, mulheres, eruditos e gente do povo, todos puderam saciar à vontade seu apetite de entusiasmo com “um gênio nascido para, a um só tempo, seduzir e dominar”. Em Lutero redescobriram um herói, seu herói.⁵⁵⁵

Em uma semana, até os corações mais violentos foram reconquistados e tocados por aquela força serena, e então ele partiu. Viram-no, ouviram-no e sentiram sua força em Altenburgo, Borna, na própria Zwickau, também em Erfurt e em Weimar. Em todo lugar, sucesso, multidões subjugadas, a mesma demonstração de uma força e moderação repleta de autoridade. O magnífico idealismo que animava Lutero se revelava a todos como uma força única de conquista e dominação. Cada viagem equivalia a uma vitória. O Lutero da tradição era um homem de ação, um reformador e, quando falava, sentiam sua influência, deixavam-se embalar e embriagar por seu belo e cândido otimismo, pela generosidade de um coração transbordante de amor e então, quando ele se calava, questionavam-se na sombra, em silêncio.⁵⁵⁶

Febvre em seguida descarta as explicações que nada explicam e volta-se para a sua análise, dizia que Lutero era, sem dúvidas, por suas origens, um pequeno burguês de ideias curtas e por sua longa profissão monástica, um contemplativo. Conforme o autor, o monge desconhecia tudo do mundo que o cercava; problemas políticos, econômicos, sociais, tanto em 1524 como em 1520, era como se tais questões não existissem. Ensinar essa Palavra, tal como o Senhor lhe dava a conhecer e o obrigada a manifestar: eis sua missão neste mundo, sua única e exclusiva missão. Sofrer, padecer, suportar a injustiça,

⁵⁵⁴ Ibid., p. 248.

⁵⁵⁵ Ibid., pp. 249-250.

⁵⁵⁶ Ibid., pp. 250-254.

carregar a sua cruz, isso ele ensina ao cristão: é esse seu destino humano, que ele deve aceitar de coração dócil; ou não será um cristão.

Febvre afirma que Lutero vive no mundo, sem dúvida, como homem. É um alemão mergulhado no ambiente alemão, submisso a leis humanas, regido por diversas instituições que pode ter opiniões certas ou erradas, expressas em *Conversas à mesa*, sobre a política dos príncipes, a situação dos camponeses ou sobre a atividade dos banqueiros. Contudo, suas opiniões não importavam, pois não era do reino deste mundo que Lutero tinha de cuidar.⁵⁵⁷

Por desafio ou por escárnio ao papa e também para apoiar os fracos, até nove de outubro de 1524, Lutero teimava em vestir seu hábito de agostiniano. Esse Lutero é pressionado, incitado, intimado e o máximo que se consegue é que ele torne a meditar sobre soluções que já sancionou, que as revise, aprofunde e, assim, mais bem ancorado em suas opiniões, tenha motivos mais conscientes para não agir. Reza a tradição, lembra Febvre, que a guerra dos camponeses foi a grande renegação de Martinho Lutero, contudo, o autor da biografia salienta que não o cabe dizer o que foi a sublevação de 1524-1525, nem que outras revoltas a precederam, nem que homens, de origens e tendências muito diversas, delas tomaram parte, quer como chefes, quer como executores. Para Febvre, é fácil ironizar, enfatizar o contraste e a imensa comicidade: aqui, tumulto, urros de ódio, campos repletos de gritos e de raiva, incêndios; ali, o Dr. Martinho Lutero, olhos erguidos para o céu, tocando, do fundo da alma e com as bochechas inchadas, como se não visse e não ouvisse outra coisa, sua melodiazinha de pífaro cristão. Todavia, não se tem o direito de dizer que Lutero, em um momento de dificuldades, inventa, em 1515, argumentos farisaicos, sua doutrina não surge como um expediente da revolta camponesa, Lutero nada está inventando quando clama aos servos que se resignem e aos camponeses que se inclinem em 1525. Atendendo-se a elas com obstinação, o monge está sendo lógico consigo mesmo: Lutero, o verdadeiro Lutero, o Lutero de Leipzig, de Worms, de Wartburgo.⁵⁵⁸

Durante a primavera de 1525, a revolta camponesa não cessou de se estender: aldeias devastadas, castelos arrombados e abadias saqueadas por toda parte. Os príncipes, aos poucos, tinham se organizado e começavam ferozes, as represálias em uma Alemanha devastada, atulhada de ruínas fumegantes. Enquanto isso, Lutero que não era um homem de mudar de opinião diante dos excessos dos camponeses e da

⁵⁵⁷Ibid., p. 255.

⁵⁵⁸ Ibid., p. 258-265.

amplitude desses tumultos via se afastar dele aquela massa humana que outrora fora profundamente tocada e comovida por suas palavras. Quanto a isso, Febvre afirma “não tentemos fugir, vivamos dentro do século”.⁵⁵⁹

A revolta dos camponeses veio como um relâmpago súbito rasgando as nuvens da ilusão. Com isso, Lutero viu, tal como realmente era, de foice na mão e lança em riste o homem do povo, miserável, inculto e grosseiro. Em Wittenberg, em Worms, em Wartburgo e em Wittenberg novamente, Lutero exaltara-se e exaltara os outros com seu idealismo intransigente, analisa Febvre. Desconsiderando os poderes do mundo e sem se importar com as contingências, Lutero proclamara a sua fé e desenvolvera o belo, heróico e vívido poema da liberdade cristã.⁵⁶⁰

Febvre mantendo-se fiel ao seu propósito e atentando-se ao âmbito dos fatos psicológicos, contenta-se em destacar - ainda que para ele esses anos não contenham a mesma densidade histórica - da melhor maneira possível, certas atitudes e reações de Lutero pós-1525. Conforme o autor, alguns exaltados se uniram para destruir sua obra; sua força de propaganda parecia esgotada, contudo, ele não recuou, não começou a “contradizer-se” ou “desmentir-se” de uma vez, ele enfrentou. E, para melhor demonstrar que estava certo e sua opção era a única correta, tal como Cristo que ele pregava que era o único e verdadeiro, opôs-se com veemência àqueles que lhe eram mais próximos. Entre 1523 e 1524, Lutero enfrenta amargas dificuldades, nesse período, o pai dos *Annales* analisa que suas cartas não passam de uma seqüência de queixas; luta como pode, não está sozinho, todos que romperam com Roma e se afastam violentamente da Igreja acorrem a Wittenberg, querem ver “o homem de Worms”, pedir-lhes conselho, apoio, suporte; vem gente da Alemanha, dos países nórdicos, da Inglaterra e até da França; mulheres, freiras fugidas do convento, rejeitadas pela família, pedindo o pão de cada dia, abrigo e, se possível, um emprego àquele cuja voz abalou os claustros. Lutero tem de assistir e alojar essa gente toda.⁵⁶¹

Lucien Febvre avalia que a amargura do monge aparece também em outras cartas, onde ele relata ter dado tanto de si e não colher mais que indiferença. As coletâneas de *Tischreden* demonstram à profusão naqueles anos: Lutero repisava sua fúria em relação a Erasmo. E o duelo? Erasmo foi quem primeiro cruzou o ferro e, por motivos hoje bem conhecidos, publicou em 1º de setembro de 1524 sua famosa diatribe

⁵⁵⁹ Ibid., pp. 266-270.

⁵⁶⁰ Ibid., pp. 271-275.

⁵⁶¹ Ibid., pp. 276-277.

sobre o livre-arbítrio. Lutero não se deixou enganar, fez questão de proclamá-lo em alto e bom som já nas primeiras linhas de sua réplica e, a partir do momento em que tomou a decisão de escrever, seu pensamento fluiu com uma força, abundância e violência irresistíveis, pois o que estava em jogo era toda a sua concepção da religião. Aplausos e lamentações, porém, passada a fragorosa controvérsia, tiveram de optar: revelou-se impossível, a menos que se traísse um ou outro dos dois inimigos, conciliar fidelidade a Lutero e os seus ensinamentos com a admiração por Erasmo e sua obra, a um só tempo crítica e positiva.⁵⁶²

Martinho Lutero não se preocupava, simplesmente obedecera ao cego impulso de seu temperamento, ressalta Febvre. Escavado por suas próprias mãos, um novo fosso se abria entre o grupo erudito dos erasmianos e a pequena tropa dos estritos luteranos, cujo chefe, naquele momento, parecia trabalhar antes para reduzir do que para aumentar os efetivos. O chefe? De acordo com o autor, Lutero teria protestado contra esse título e com razão, pois um chefe, um condutor de homens, teria feito de tudo para evitar ou dissimular essas rupturas. Lutero não via como seu idealismo que fora de conquistador, tornava-se de conservador. Para nós o duelo com Erasmo constitui o sexto ponto da curva do seu destino e suas conseqüências, bem como o contexto da Alemanha na época, o que contribui com que o monge esmoreça e perca suas forças. Em junho de 1525, casa-se com Catarina de Bora, jovem freira que largou o hábito, e isso depois de tanto ter dito que não se casaria, exclama Febvre. Escreve a Spalatino em 30 de novembro de 1524: “Pelo que estive inclinado até o momento e ainda estou, não hei de casar-me (...) não que não sinta minha carne e meu sexo; não sou feito de madeira nem de pedra; mas meu espírito não se orienta para o casamento enquanto espero diariamente a morte e o suplício devido aos heréticos (...) estou nas mãos de Deus, como uma criatura cujo coração Ele pode mudar e tornar a mudar, que Ele pode matar ou manter vivo a qualquer hora e qualquer minuto”.⁵⁶³

Analisa Febvre: “vê-se que pobre tradução da realidade oferecia a história tradicional”, e se indaga o que teria acontecido com a doutrina, ideias e afirmações de Lutero. Diz que o monge apegava-se a elas com toda a sua alma, contudo, o biógrafo não teria como anotar tudo, os teólogos já fizeram isso com sutileza e capacidade de

⁵⁶²Ibid., pp. 278-280.

⁵⁶³ Ibid., pp. 282-283.

captar as nuances fugazes de um pensamento denso em excesso. Febvre toma apenas alguns exemplos dentre os mais evidentes.⁵⁶⁴

Nos anos de retraimento, Lutero cada vez mais adotava uma nova concepção de conjunto. A indiferença com que o idealista de 1520 o contemplava já não faz mais sentido depois de 1530. Após 1525, Lutero que outrora só se interessava por aquilo que, no jargão de Febvre, se chama de espontaneidade viva, autonomia criativa, impulso vital e ímpeto interior, agora recorria, com freqüência, à imposição mecânica das leis, à ação coercitiva e repressiva das autoridades, à pressão do meio social, a necessidade faz a lei. Quanto aos seus ensinamentos progressos, Lutero não os renega, por vezes retomamos e repete-os, percebe-se que eles estão vivos em seu coração. Inatos? Nem tanto, afirma o biógrafo. Em outras palavras, continua o autor, “Lutero não é o homem que, consciente das próprias responsabilidades, muda de estratégia diante de uma situação nova, renuncia sem esforço aos projetos anteriores e, sem mais pensar neles, ergue nos ares a construção exigida pelas circunstâncias. É nervoso, inquieto, instável, permanece fechado em si mesmo; mas, diante das dificuldades, dos protestos de uns, dos exageros de outros, da densa estupidez das massas, experimenta súbitas revoltas, fraquezas, iras brutais. E o velho homem ressurgue, o homem comum que se irrita, ameaça, só fala em chicote e chibata.”⁵⁶⁵

Como se dizia no século XVI, Lutero falava, escrevia em sua língua, seu “vulgar”, porque era preciso. Entretanto, um grande feito não suficientemente observado é que após 1525, ele praticamente só escreve em alemão; renuncia ao latim, língua universal, língua da elite. Não é à cristandade que ele se dirige, mas à Alemanha apenas, mais específico à Saxônia luterana. O próprio Lutero se assenta pesadamente na vida: casado tem brincadeiras de um típico marido vulgar, aperta em seus braços, sem discrição, sua “querida costela”, sua “imperatriz Ketha”; vêm os filhos e às vezes ele trabalha manualmente para obter alguma renda, torneia, faz jardinagem, mexe com relojoaria; instalado pelo eleitor em seu antigo convento, vive de maneira modesta, brava e digna em meio aos gritos, preocupações, fraldas secando e sujeira de criança. É um homem corpulento que ganha peso, medidas, barriga, a gordura invade a parte inferior de seu rosto. Febvre analisa que o inflamado agostiniano de olhos ardentes, das estampas de 1520 ficou para trás. Ao contemplar os retratos do doutor datado de 1530, 1533, tem-se a incômoda sensação de haver muitas vezes cruzado, nas cidades alemãs,

⁵⁶⁴ Ibid., p. 287.

⁵⁶⁵ Ibid., pp. 291-292.

com rosto quaisquer feitos a sua semelhança. Rostos demais, em cidades demais... Para um homem habituado aos finos semblantes de prelados, vivas obras-primas da devoção católica – lábios delgados, feições miúdas, o velado reflexo de uma perpétua chama no fundo das pupilas claras -, constitui uma surpresa essa espécie de vulgaridade agressiva do gordo Lutero cinquentenário.⁵⁶⁶

Ensina e catequiza em Wittenberg, come e bebe, recebe sapatos e agradece aos doadores. Para celebrar essas pequenas alegrias, adota um tom que às vezes surpreende. Seu prestígio e suas virtudes permanecem inatos. Não sabe o que significa avareza ou economia, gosta de dar, mostra-se muito simples e acessível a todos. Com frequência, se cala e senta-se sem dizer palavra. Também com frequência ele fala e de sua boca saem palavras pesadas, grosseiras até, pois o mestre nutre um gosto por certo tipo de vulgaridade, pela escatologia, que só vai se firmando à medida que passam os anos. Outras vezes outro homem surge e se revela, um poeta, que diz, sobre a natureza, a beleza das flores, o canto dos pássaros, o brilhante e profundo olhar dos animais, coisas repletas de espontaneidade e frescor. Assim é até 1546, ano de sua morte.⁵⁶⁷

E quanto a Melanchthon? Questiona Febvre. Em um primeiro momento de sua carreira, o humanista e helenista hábil, que trouxe à nova doutrina o prestígio e o adorno de sua cultura literária, mereceu o título de discípulo do mestre. Em 1521, em seus *Loci Comunes* [Lugares comuns], apresentou o primeiro resumo sólido, preciso e oficial da doutrina luterana. Fora como que tomado pelo pensamento de seu mestre: era um segundo Lutero. O homem predestinado a fazer com que Lutero fosse aceito pelos humanistas, a defendê-lo perante os erasmianos – isso caso o mestre aceitasse ser defendido. Eis que, surge a crise de 1525: ano que Lutero se casa, e esse casamento surpreende, choca, escandaliza, é um erro. Melanchthon não percebe tudo o que Lutero tem a ganhar com ele, e sim, em contrapartida, tudo o que tem a perder. No mesmo ano há também o rompimento decisivo, patente, irremediável com Erasmo, o choque veemente entre duas concepções que se esbarram sem mediação possível. Felipe Melanchthon aprecia, admira Erasmo e não consegue associar-se à delirante fúria de Lutero contra ele. Em um primeiro Melanchthon pondera, recua, contudo, já não acredita mais na predestinação e questiona se a doutrina da justificação apenas pela fé não deveria ser revista. Essas ideias malanchthonianas não pereceriam com seu autor, abririam espaço dentro da Igreja luterana, incorporando-se aos poucos a sua doutrina.

⁵⁶⁶Ibid., pp. 293-294.

⁵⁶⁷ Ibid., pp. 293-300.

Substituíram as ideias do Mestre.⁵⁶⁸ Entendemos no conjunto da revolta camponesa, o casamento com Catarina e a cisma com Melanchthon o sétimo ponto da curva, a que culmina com o retraimento do monge e dobra da curva.

E o Mestre? Ainda está vivo quando se opera na mente de seu amado discípulo, esse processo de atenuação, correção e revisão pela base. Na mente e também na obra, em escritos de todo gênero, Lutero lê e estuda esses escritos, que às vezes o implicam, e não diz nada. Ele, tão pronto a partir para luta com quem contesta seu pensamento, não escreve nenhum desses tratados violentos e peremptórios de que detém o segredo. Parece ver ou não querer ver. Observa Febvre um estranho espetáculo: Lutero ainda vive, domina uma multidão de respeitosos discípulos, que sorvem seu pensamento ainda saindo de seus lábios, forma-se, porém, sob esse Lutero vivo, respeitado, consultado, um luteranismo distinto, para não dizer oposto. Para essa estranha atitude do mestre, parcialmente renegado por seu discípulo favorito, não busquemos explicação, continua o autor, destacando que o que o interessa nessas iniciativas de Melanchthon não é o conflito entre dois “grandes homens”, dois grandes astros da teologia, o que o interessa é, nas concepções originais e brotadas naturalmente de um criador, de um “trovador” da religião, a reação suscitada pelo estado de espírito de uma massa que só segue suas diretrizes para incliná-las aos próprios fins. Pois o que é a teologia melanchthoniana senão a adaptação do pensamento luterano às necessidades dessa burguesia que aclamara em Lutero seu emancipador, mas à custa de quantos mal-entendidos?⁵⁶⁹

Lutero e Melanchthon? Não. Lutero e os homens de seu tempo, o grupo influenciado pelo indivíduo, o pensamento individual reduzido pelo pensamento coletivo. Um compromisso capenga e medíocre, afinal, afirma Febvre, como todo compromisso; viável, porque não era obra de um teórico legislando no abstrato: antes, a obra da experiência, de uma experiência a um só tempo feliz e cruel.⁵⁷⁰

Lucien Febvre começa a conclusão de sua obra com a epígrafe, já comentada anteriormente, sobre os dois povos que se dividirão ao sair do ventre do monge. Diz o autor que, durante anos, o grito de guerra foi “reforma e liberdade”, contudo, Lutero não era um reformador, como parecia óbvio até demais. O que então ele pretendia quando, em 1517, erguera-se contra a Igreja? Reformar a Alemanha ou fundar uma igreja luterana? Não, Lutero lançara-se para mudar as bases espirituais da igreja cristã, conclui

⁵⁶⁸ Ibid., p. 302.

⁵⁶⁹Ibid., pp. 304-305.

⁵⁷⁰ Ibid., p. 306.

Febvre. O monge não conseguiria, é certo que ele, com temível vigor, sacudira o jugo do papa e da Igreja, libertara plenamente aqueles que o tinham seguido, contudo fracassara.⁵⁷¹

No mundo do plano, Lutero parecia estar em dificuldades, porque tal como o crente do qual ofereceu o retrato ideal, não se interessou inteiramente pelo o que estava acontecendo; não saiu em conquista das coisas, moveu-se em meio a elas como um ator no palco em meio ao cenário e assim investiu somente desinteresse e indiferença. A velha Alemanha o deu o mundo; “Lutero, um dos pais do mundo moderno”, uma expressão que, de acordo com Febvre, os franceses empregam de bom grado, assim como outras análogas e de igual ressonância.⁵⁷²

Com o intuito de observar o quão involuntária foi essa paternidade, o quão pouco o filho indesejável cumpriu os desejos de seu genitor, Febvre destaca que é necessário citá-la. A Alemanha luterana, nos séculos passados, pôde durante anos ignorar Lutero quase por completo e declarar ao mundo, de todas as maneiras que não tinha realmente nada a ver com o magnífico idealismo, com o ímpeto apaixonado, com a fé vibrante do livre cristão de 1520. O espírito de Lutero nem por isso deixou de flutuar sobre as águas germânicas, mas seria Lutero o único, na Alemanha, entre os autênticos grandes homens de seu país, que não logrou levar a cabo sua revolução? Febvre faz esse questionamento e, como observa, a sua formulação é bem francesa.⁵⁷³

Lutero: um dos pais do mundo e do espírito modernos? Talvez, observa Febvre. Um dos pais do mundo germânico e do espírito alemão? Sem dúvida alguma. Na exata medida, evidentemente, em que existe “um” espírito alemão, como também, aliás, “um” espírito moderno. Estava errado, como não raro acontece, ao deixar falar o homem dentro de si, o homem gordo sentado como burguês à mesa de uma casa burguesa de Wittenberg. Esse homem talvez tivesse o direito de se sentir triste, mas o profeta, não. Pois este não se tinha enganado: não existem aduanas nem fronteiras para as ideias, elas são inapreensíveis e propriamente indestrutíveis. Lutero semeara, por toda a Alemanha, ideias suficientes para poder contar com uma bela prosperidade.⁵⁷⁴

Em nossa análise, identificamos sete pontos que julgamos serem os realmente importantes por onde Lucien Febvre passou a curva do destino, simples e trágica de Martinho Lutero. Entendemos que as partes selecionadas, além de constituírem eixos

⁵⁷¹Ibid., pp. 312-315.

⁵⁷²Ibid., pp. 315-317.

⁵⁷³Ibid., pp. 318-319.

⁵⁷⁴Ibid., p. 321.

temáticos que o autor desenvolve em todo o livro, compõem o que ele classificou como problema essencial da história, ou seja, o problema das relações entre indivíduo e coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social. A nossa curva sinuosa, entre altos e baixos, exposição e isolamento, é composta pelos seguintes pontos da trajetória de Lutero: 1 – sua entrada no convento, em 1505; 2 – a descoberta da torre, entre 1512-1514, o contexto Alemanha agitada de 1517 e o caso das indulgências; 3 – a cisma com Roma; 4 – Lutero em Worms como uma força em movimento, sendo excomungado e sequestrado em 1521; 5 – sua saída do castelo em 1522; 6 – o duelo com Erasmo em 1524 e 7 – composto pela revolta camponesa, seu casamento com Catarina e a cisma com Melanchthon, em 1525.

Com os pontos da curva identificados, percebemos que no decorrer do livro, Lucien Febvre segue sua escrita de forma cronológica, selecionando determinados acontecimentos que considera significativo e estabelecendo conexões para dar coerência a narrativa, seguindo, assim, a lógica que mais tarde Pierre Bourdieu classificou como relato biográfico.⁵⁷⁵ Em praticamente toda a sua obra, observamos em sua estratégia elementos típicos da escrita biográfica, como a cronologia dos acontecimentos, busca pela origem, interligação dos acontecimentos de forma inteligível e, principalmente, a tentativa de uma análise psicológica do biografado. O autor define os aspectos psicológicos da personalidade de Lutero como ponto de partida para entender a postura do monge em relação às grandes questões que o interpelaram em sua época conturbada.

3.4. Uma opinião ou uma biografia?

No desfecho do livro Febvre afirma: “não julgamos Lutero (...) simplesmente estendemos, aos confins de um tempo presente que estamos pouco preparados para avaliar com sangue-frio, a curva sinuosa e bifurcante de um destino póstumo”.⁵⁷⁶ Se no início da obra o autor declarou que seu objetivo não era produzir uma biografia, mas elaborar “um pequeno ensaio”, “uma opinião” e “apenas vulgarização”, ao concluir o trabalho, finaliza com a confissão de que não julgou o personagem.

⁵⁷⁵BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 184.

⁵⁷⁶FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothee de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 322.

Através dessas afirmações, compreendemos que o pai dos *Annales* hostilizava a maneira tradicional de se escrever biografias, onde os autores acreditavam que dar a última palavra acerca dos biografados, emitindo um juízo “quer a seu favor, quer contra ele” era o método amplamente utilizado. Por seu turno, Febvre procurou “compreender e, na medida do possível, dar a compreender”,⁵⁷⁷ assim, construiu a sua obra biográfica. Por meio das escolhas metodológicas e críticas do autor, percebemos que a sua escrita biográfica apresenta muito da sua concepção de história e influências do ambiente em que vivia.

Em artigo cujo objetivo era o de recordar Lucien Febvre, os historiadores Alexandre de Sá Avelar e Marcos Antônio Lopes reiteram que recuperar o historiador francês significava situá-lo “em uma quadra decisiva, em que a história, como disciplina científica, foi pensada, repensada, escrita e reescrita”.⁵⁷⁸ Sobre o seu *Lutero*, de 1928, Avelar e Lopes não afirmam que Febvre rompia com a tradição do gênero biográfico, tal como acreditava Roger Chartier. Para ambos os historiadores, “recusar ou contrapor-se a uma tradição de literatura histórica não significa necessariamente dissolvê-la por inteiro”, destarte, Febvre teria superado a narração cronológica simplória ao biografar indivíduos em suas relações interativas com aspectos sociais de relevo. Se na obra, a Alemanha acompanha Lutero, mas o indivíduo preserva intactas as suas cartas de nobreza, isso também é biografia, ainda que por outros meios.⁵⁷⁹

François Dosse salienta que a biografia responde a certo número de cânones estéticos na medida em que se apresenta como gênero específico, capaz de satisfazer a determinadas exigências, nos termos do pacto de veracidade assinado entre o biógrafo e o leitor. Essa estética da biografia pressupõe o emprego de uma variação de enfoques e de uma escala de pontos de vista, logo, o biógrafo é livre para escolher seu estilo e dosar seu tom entre a escrita romanesca e a escrita histórica⁵⁸⁰, assim sendo, entre aproximações e afastamentos, observamos que a escrita de Febvre possui traços das denominadas biografia moderna, biografia como arte, biografia romanceada, biografia total, biografia modal, biografia reconstruída em contexto, biografia histórica e biografia psicológica. Por intermédio dos textos teóricos, faremos uma exposição das

⁵⁷⁷ Ibid., pp. 26, 12.

⁵⁷⁸ AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, nº1, 2012, p. 09.

⁵⁷⁹ Ibid., p. 15.

⁵⁸⁰ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 67- 68.

características desses tipos biográficos, precisamente aquelas que encontramos na obra de Febvre.

Conforme André Maurois, os biógrafos modernos retratavam seus biografados evitando julgamentos morais e, entre os seus aspectos marcantes, destaca-se, primeiramente, “a procura corajosa pela verdade”.⁵⁸¹ Uma das características dessas biografias seria a adequação desses textos àquilo que os leitores da época procuravam encontrar em narrativas sobre vidas alheias. Ela funcionaria, então, como instrumento para compreender e, em certa medida, julgar as ações dos indivíduos na história.⁵⁸² O biógrafo se manterá à distancia da moral e dos juízos prematuros.

Algumas regras deveriam nortear o trabalho do biógrafo moderno, a saber: seguir a ordem cronológica na apresentação das vivências do seu biografado, situar o leitor na atmosfera de seu biografado para que se pudesse ter uma compreensão dos sentimentos e atitudes do protagonista em sua juventude e diversos momentos de sua vida, cuidado com a seleção dos detalhes e, além disso, o biógrafo deveria ler tudo o que dissesse respeito à vida do sujeito em estudo para não correr o risco de perder detalhes importantes. Contudo, a biografia não deveria consistir em uma narrativa que pudesse tudo contar, com a seleção do detalhe significativo e essencial e o descarte do desnecessário, o biógrafo melhor destacaria os aspectos que vivificassem o biografado.⁵⁸³ Febvre ao longo de toda a sua narrativa parece ter o cuidado de segui-las.

Ao comparar a biografia com a obra de arte, o historiador Paul Murray Kendall (1911-1973) afirmou que “o biógrafo está imerso naquilo que faz e, como o romancista ou o pintor, modela para criar efeitos”⁵⁸⁴, entretanto, a biografia não depende apenas da arte: quer-se também estribada no verídico, nas fontes escritas, nos testemunhos orais. Maurois prescreve o máximo rigor no manuseio da documentação e insta os biógrafos a “preferir os documentos originais, as cartas, os periódicos”.⁵⁸⁵ Nesse sentido, a importância de diários e cartas como documentos pessoais, seria fundamental para avaliar em que grau os documentos poderiam expressar verdades. À maneira do cientista, ele deve cruzar suas fontes de informação e confrontá-las para se aproximar da verdade. Ainda que Febvre afirme que seu objetivo seja escrever uma história *plausível*

⁵⁸¹ MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova Iorque : D. Appleton & Company, 1929, pp. 30, 11.

⁵⁸² GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 161.

⁵⁸³ *Ibid.*, 164-166.

⁵⁸⁴ KENDALL, Paul Murray apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 57.

⁵⁸⁵ MAUROIS, André. **Aspects of biography**. Nova Iorque : D. Appleton&Company, 1929, p. 112.

de Lutero, a sua constante preocupação e leitura crítica das fontes disponíveis sugere que em sua obra, dentro de suas escolhas, também podemos encontrar um “Lutero de verdade”, humano, diferente das representações caricaturais ou beatificadas.

François Dosse afirma que “procurar trazer tudo à luz é, pois, ao mesmo tempo a ambição que orienta o biógrafo e uma aporia que o condena ao fracasso”⁵⁸⁶, já Virgínia Woolf assegura que o êxito ou o fracasso do empreendimento biográfico depende da capacidade do biógrafo de “dosar” bem a parte ficcional e a parte factual.⁵⁸⁷ Em *Martinho Lutero, um destino* podemos observar que o escritor percorre essa linha tênue e traz à luz os questionamentos psicológicos da vida do biografado utilizando-se de boas problemáticas, minuciosa crítica de fontes e escrita envolvente.

Márcia de Almeida Gonçalves destaca que a biografia viria a se tornar uma narrativa realista onde a decifração do universo individual revelaria seus enraizamentos no meio social, histórico e cultural. Tal dimensão realista não estaria somente presente na maneira de apresentar o biografado como resultado do cruzamento das mediações entre indivíduo e sociedade, ela também deveria ser construída de uma forma que o texto sensibilizasse o leitor. Logo, o biógrafo que almejasse fazer viver, na escrita biográfica, determinado protagonista, retiraria do romance as estratégias e técnicas necessárias, nesse contexto, a biografia tornar-se-ia a “melhor forma” de escrever história, pois daria conta do sujeito humano, seu caráter universal, as mediações sociais, seus particularismos e também a fisionomia nacional.⁵⁸⁸ O biógrafo moderno deveria assentar o seu trabalho sobre o tripé romance, história e psicologia, tal é o que encontramos na obra em que Febvre se dedica a Lutero.

“Não há obra maior que tentar escrever o que chamaríamos de *a vida e a época* de um homem”, afirma Maurois. Como no romance clássico, o leitor é convidado a partilhar os medos, incertezas e sofrimentos do biografado, e Febvre nos guia por esses caminhos interiores de Lutero com maestria. A busca dos detalhes mais anedóticos, porém mais reveladores da personalidade do biografado, que constitui o fascínio e o sentido do gênero biográfico, dependem, segundo Maurois, da arte do romancista.⁵⁸⁹

⁵⁸⁶ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 55.

⁵⁸⁷ WOOLF, Virginia apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 62.

⁵⁸⁸ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 131-132.

⁵⁸⁹ MAUROIS, André. **Aspects of biography.** Nova Iorque : D. Appleton&Company, 1929, pp. 86-98.

De acordo com o escritor francês François Mauriac (1885-1970), “toda biografia é romanceada e não pode deixar de sê-lo”⁵⁹⁰, contudo, sob a perspectiva de Maurois, o biógrafo tem uma deficiência com relação ao romancista na medida em que não pode evocar a vida interior de sua personagem. Faltam-lhe as fontes que lhe permitiriam penetrá-la, ao passo que o romancista sempre dá largas à fantasia.⁵⁹¹

Ao analisar as diferenças e aproximações entre biografia histórica e moderna, o historiador Luis Viana Filho (1908-1990) destaca que a biografia histórica teria seus objetivos limitados ao traçado do perfil histórico de uma individualidade enquanto a biografia moderna teria horizontes mais largos e procuraria figurar o biografado como um todo, tentando estudar e expor o máximo de características de uma personalidade.⁵⁹² O biógrafo nunca terminaria o seu trabalho com a satisfação típica do matemático, para ele restaria sempre uma margem de erro e de dúvida a assombrá-lo em suas tentativas de destrinchar o que havia de complexo em qualquer existência.⁵⁹³

Uma fonte de inspiração das informações biográficas literárias é a psicologia tal qual definiu o historiador Hippolyte Taine (1828-1893), onde o biógrafo é antes de tudo um observador à maneira do zoólogo ou do botânico: ele classifica em seu “herbário” retratos psicológicos onde pretende “adivinhar a verdadeira história, a história das almas, a profunda alteração que sofrem os corações e os espíritos conforme a mutabilidade do meio físico ou moral onde estão inseridos”.⁵⁹⁴ Woolf, por seu turno, em 1928, com a sua primeira biografia intitulada *Orlando*, reafirmava sua intenção de revolucionar o gênero biográfico por um tratamento conjunto dos fatos e da psicologia interior presumida do biografado.⁵⁹⁵ Sabe-se que em 1933 Febvre classificou a filosofia da história feita com fórmulas tiradas do pensamento de Taine, bem como de outros pensadores, como de “fáceis”⁵⁹⁶, porém, a psicologia utilizada por Febvre em seu *Lutero* apresenta semelhanças com a proposta por Taine. Acreditamos que o autor possa, em parte, ter sido influenciado por essas considerações. A partir do interesse de

⁵⁹⁰ MAURIAC, François apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 68.

⁵⁹¹ MAUROIS, André. **Aspects of biography.** Nova Iorque : D. Appleton&Company, 1929, p. 259.

⁵⁹² VIANA FILHO apud GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, pp 189.

⁵⁹³ GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 199.

⁵⁹⁴ TAINÉ, Hippolyte apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 83.

⁵⁹⁵ DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 64.

⁵⁹⁶ FEBVRE, Lucien. **Combates pela História.** Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 15-16.

Woolf em revolucionar o gênero biográfico por um tratamento que incluía a psicologia, pressupomos que no ano de escrita de *Martinho Lutero, um destino* e *Orlando*, a biografia psicológica estivesse conquistando espaço entre os escritores, que a viam como uma inovação frente aos modelos até então utilizados.

O gênero biográfico é uma mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica, define Dosse. Sendo essa narrativa uma estrutura inelutavelmente compósita, uma convergência de relatos diversos enredados uns nos outros ela lembra a escrita da história e do romance.⁵⁹⁷ Entre os *topoi* mais utilizados pelos biógrafos a fim de justificar seu empreendimento, Dosse destaca o argumento arquivístico, segundo o qual a descoberta de documentos até então inacessíveis permite fazer uma nova leitura ou corrigir as antigas.⁵⁹⁸ Percebemos a presença desses *topoi*, sobretudo ao longo da primeira parte do livro, onde Febvre apresenta seu olhar revisionista, ao analisar como Lutero vinha sendo interpretado desde o século XVI e de que modo os novos documentos contribuía com novas leituras. Para Dosse, uma das motivações maiores dos biógrafos é “combater as injustiças perpetradas pelo tempo, mas também distanciar-se das lendas douradas a fim de impor um ponto de vista mais imparcial – o do historiador”.⁵⁹⁹ Lucien Febvre ao objetivar recuperar a dimensão humana de Martinho Lutero conclui que não buscou julgá-lo. Em todo o livro percebemos a constante preocupação do autor em analisar as obras clássicas sobre Lutero e confrontar com a que está realizando. Desvencilhando-se das polaridades que retratavam Lutero de forma caricatural, ora o mostrado como um semideus, santo, de bochechas rosadas e ar paternal, ora como um demônio ou também um homem com fraquezas, grosserias, instigado pelos pecados da carne, Febvre expõe o monge reformador em sua humanidade, extraindo seus sentimentos, conflitos, falhas e vitórias.

Para Dosse, “à diferença do que ocorre no romance, o emprego das palavras verdadeiras, a descrição de longos estados de espírito autênticos permitem situar o gênero biográfico na categoria da escrita histórica”, nesse sentido, o uso de “memórias”, confissões ou registros autobiográficos é dotado de formas diversas nas biografias e dá a entender que se está mais próximo da restituição autêntica do passado.⁶⁰⁰ Em seu trabalho, Febvre utilizou de cartas de Lutero, arquivos relacionados a seus cursos, obras

⁵⁹⁷DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 60, 67.

⁵⁹⁸ Ibid., p. 113.

⁵⁹⁹ Ibid., p. 112.

⁶⁰⁰ Ibid., p. 68.

publicadas a seu respeito e diários de seus seguidores para constituir uma pesquisa bem fundamentada sustentada por provas documentais.

Se o biógrafo não pode penetrar na vida interior de seus personagens, pode, ainda assim, explorar seus mistérios.⁶⁰¹ Lucien Febvre observa a vida da personagem, resgatando seus ditos, observações e cartas ao longo do tempo, com a firme intenção de mostrar Lutero tal qual foi realmente, em sua verdade, de exibir-lhe a vida em toda a sua autenticidade, anedotas e detalhes.

Segundo o historiador francês Jean-Marie Mayeur (1933-2013), a biografia pode ser precisa quando queremos compreender as correntes de ideias e de mentalidades, visto que “o conhecimento da época é indispensável para a compreensão do homem. Inversamente, no espelho de uma existência, refletem-se os problemas do tempo”.⁶⁰² Por sua vez, Jacques Revel afirma que podemos compreender certos tipos de biografias históricas como tentativas para se conformar aos requisitos da história social, dentre elas, destaca-se a biografia reconstruída em contexto, esse tipo se propõe a explicar o texto biográfico pelos contextos de referência no qual está inscrito. Revel classifica a história das mentalidades, tal como concebida e praticada Lucien Febvre, como um primeiro caso dessa representação pois suas biografias não são nunca a narrativa de uma trajetória individual estudada por si mesma, elas consistem em interrogar-se sobre o que tornou possível e pensável tal trajetória em um dado contexto que é necessário reconstruir.⁶⁰³ Uma das principais características e inovações da escrita de Febvre foi fazer uma análise psicológica do seu biografado. Em grande parte da narrativa o autor se utiliza da psicologia como forma de análise para descrever a personagem, os nuances temperamentais do biografado são pautados como uma das principais características, o que Revel considera como parte da renovação do repertório e das fontes direcionadas a escrita biográfica a partir do século XX, proporcionada pela “evolução da escrita biográfica”.

O historiador Jacques Le Goff (1924-2014) classificou a biografia histórica como “uma das maneiras mais difíceis de fazer história”⁶⁰⁴, para ele o método biográfico, mais ainda que outros métodos históricos visa a produzir “efeitos do real” e isso é o que o aproxima do romancista. Porém, “uma biografia não é só a coleção de

⁶⁰¹Ibid., p. 77.

⁶⁰² MAYEUR, Jean-Marie apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 103.

⁶⁰³ REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 243-244.

⁶⁰⁴ LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 20.

tudo o que pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem”, é preciso saber respeitar as falhas e lacunas documentares.⁶⁰⁵

O historiador deve ser capaz de destrinchar os documentos para fazer com que neles apareça o que introduz uma convicção razoável de verdade histórica, deve também manter-se em guarda ao exprimir que construiu o “verdadeiro” sujeito biografado haja vista que sua documentação é contrabalanceada pelas dúvidas quanto à confiabilidade das fontes e a manipulação destas pode apresentar um personagem imaginado, imaginário. Le Goff cita o exemplo dos estereótipos presentes nas fontes do gênero hagiográfico que compõem personagens cheios de lugares-comuns e ressalta o cuidado necessário ao analisá-las. O autor mostra que, através das suas fontes, houve a necessidade de se perguntar se era possível chegar perto de um sujeito biografado o qual se pudesse dizer “verdadeiro”, ou seja, verdadeiramente histórico.

O autor de *São Luís* também destaca o perigo referente à narrativa, para tanto, cita o risco do “excesso de sentido e de coerência inerente a qualquer tentativa biográfica” proposto por Jean-Claude Passeron. Diz Le Goff que o que Passeron chama de “a utopia biográfica” não consiste apenas no risco de acreditar que “nada é insignificante” na narrativa biográfica, sem escolha nem crítica. Fica-se talvez mais ainda na ilusão de que a narrativa reconstitui autenticamente um destino.⁶⁰⁶

Para Le Goff, “o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo. O conhecimento da sociedade é necessário para ver nela se construir e nela viver uma personagem individual”, logo o seu propósito foi apresentar segundo a vida, fontes e temas fundamentais da personalidade de seu personagem em si mesmo e em seu tempo, uma história “total” de *São Luís*.⁶⁰⁷ Seguindo a presente definição, consideramos que Febvre tenha apresentado uma história e biografia “total” de Martinho Lutero uma vez que tenha se baseado nos mesmos componentes para retratar a trajetória do monge,

No leque de dificuldades apresentadas por Le Goff, pudemos encontrar as que também fizeram parte do trabalho de Febvre tais como respeito às lacunas, preocupação com a representação da imagem “verdadeira” do sujeito e confiabilidade das fontes, o autor, por exemplo, confronta os Luteros de Denifle, bem como o que as fontes *Tischreden* (Conversas à mesa) e *Rückblick* (Retrospecto) apresentavam. Acreditamos

⁶⁰⁵Ibid., pp. 21-22.

⁶⁰⁶ Ibid., p. 23.

⁶⁰⁷ Ibid., pp. 26-29.

que em sua narrativa, Febvre tenha caído na “utopia biográfica” de Passeron, pois percebemos que o autor dá sentido e coerência nos acontecimentos para compor o destino do monge.

Foi a partir de problemas da história da arte que Lucien Febvre se expressou com mais clareza sobre os problemas da biografia, frisando que a monografia individual tende necessariamente

a chamar a atenção para o que há de original, pessoal e único num artista ou numa obra – o que o isola e o distingue: aquilo, portanto, que não é objeto do conhecimento científico [...]. Pode-se objetar que uma boa monografia não se limitará a identificar o que distingue e isola, mas também o que aparenta e congrega [...]. Teoricamente, nada mais certo. Mas e na prática?⁶⁰⁸

Para o autor, a história da arte é uma disciplina que muitas vezes se alimenta de monografias individuais – que podem estar cheias de talento ou banalidade - sobre artistas, monumentos ou suas obras. Ao analisar um destes trabalhos, Febvre avalia que este seja sólido, minucioso e de acordo com os métodos certos, também faz um elogio à cronologia; salienta a forma cuidadosa em que foram reconstruídos os sucessivos “círculos” pelos quais o herói passou.⁶⁰⁹ Em *Martinho Lutero, um destino*, no decorrer de toda a narrativa da biografia, o autor sempre inicia uma temática de forma cronológica, contextualizando o período, para assim inserir a personagem dentro da conjuntura. Por essa metodologia, entendemos que seja uma forma de Febvre reconstruir os círculos por onde Lutero tenha passado.

Encontramos algumas de suas escolhas metodológicas para construir a sua biografia sobre Lutero em seu *Combates pela História*. Para o autor, se a história política, diplomática e militar é privilegiada, é porque os historiadores são passivos diante dos documentos e “calam-se porque os textos não lhe dão respostas acabadas”.⁶¹⁰ Febvre convida o historiador a “ser ativo diante do desconhecido” e, se não tiver textos, tirar partido dos outros tipos de fontes, haja vista que o trabalho próprio do historiador seria suprir, substituir e completar.⁶¹¹ Sua crítica à história política é que ela já não pode pretender ser uma disciplina científica, pois não passa, segundo Febvre, de “uma paginação cronológica, no máximo, de acontecimentos superficiais, na maioria dos

⁶⁰⁸DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: Uma biografia**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 9.

⁶⁰⁹FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, pp. 342-350.

⁶¹⁰ Ibid., p. 91.

⁶¹¹ Ibid., p. 91.

casos filhos do acaso. Digamos: uma narrativa”.⁶¹²Pergunta ele: “por que não, de quando em quando, um homem que se destaque da massa? Ou, se for pedir demais, pelo menos um gesto de homem? Gesto de homens, de homens particulares?”.⁶¹³Continua discorrendo que o historiador deve fazer compreender, ou seja, mostrar ao mesmo tempo em que explicar: “não hesitemos em dar a ver, em mostrar indivíduos em ação (...) e não apenas demonstrar a mecânica do homem feudal”.⁶¹⁴

Na concepção da história intelectual defendida por Febvre, tornamos a encontrar essa vontade de não separar o individual do social. Uma história das idéias, dos pensamentos, dos preconceitos e das modas em sua influência, sua ação sobre as diferentes camadas da sociedade. Portanto, essa história social das idéias é “parte integrante de uma história social, uma história que não está ligada nem ao único, nem ao raro, mas ao comum, ao feito em série, ao banal.”⁶¹⁵

Para Lucien Febvre, todos os textos – documentos de arquivos, um poema, um quadro, um drama – são documentos e testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência. Vislumbra um documento de história como um pólen milenário onde a história faz com ele o seu mel e se edifica para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento. O autor acredita que uma das tarefas primordiais das que se impõe a uma história é negociar novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas concentrando um feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas.⁶¹⁶

Adverte para que os historiadores não tenham ilusões acerca do passado haja vista que o homem não se lembra do passado, reconstrói-o sempre e, através do presente que se conhece e interpreta o passado. Para Febvre, o historiador interpreta, organiza, reconstitui e completa as respostas, ou seja, faz o passado de quem tem necessidade e não vê nisso nenhum escândalo ou atentado a suposta majestade da ciência, pois “a Ciência não se faz numa torre de marfim. Faz-se a par e passo com a vida, e através de seres vivos que mergulham no século”.⁶¹⁷

⁶¹²FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 194.

⁶¹³ FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 187.

⁶¹⁴Ibid., p. 188.

⁶¹⁵ FEBVRE, Lucien Apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 190

⁶¹⁶FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989, p. 24.

⁶¹⁷ Ibid., p. 26.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da historiografia tradicional, em um período de hegemonia da *Escola Metódica*, o historiador Lucien Febvre produziu uma obra biográfica original - sob o seu estilo literário e apaixonado de escrita - cuja análise e investigação do objeto deu-se através das abordagens da psico-história.

Apesar da obra *Martinho Lutero, um destino* ter sido publicada um ano antes da fundação da revista dos *Annales*, o livro já apresentava algumas das inovações historiográficas que mais tarde seriam propostas pelo periódico. Febvre biografou Lutero como homem “(...) para integrá-lo em seu tempo, nos marcos mais amplos da história social.”⁶¹⁸ Interdisciplinaridade, uso de fontes variadas e história-problema já eram apresentadas na obra do historiador.

Nos prefácios, o autor revela-se orgulhoso de seu estudo, dos resultados alcançados e de sua originalidade. Mostra-se, até o fim da vida, firme em sua convicção de afirmar que o trabalho não foi de cunho biográfico. Contudo, leitores e críticos não confirmam o desejo do autor e a obra é sempre mencionada como a biografia que Febvre escreveu sobre Lutero.

Homem de seu tempo, fiel à sua concepção de história e do programa historiográfico que defendia nos *Annales*, contudo, não deixou de flertar com a escrita biográfica em um período em que o gênero gozava de desprestígio no meio intelectual. Durante a vida, o autor mostrou ser sedento por novidades, mas não se esqueceu das contribuições herdadas no passado. As aproximações e afastamentos com os recursos da biografia para a construção de seu *Martinho Lutero, um destino* nos mostram o vasto conhecimento que Febvre possuía sobre esse tipo de escrita.

Acreditamos que aproximar o homem do ambiente intelectual em que viveu, do legado que deixou e das influências que ao longo da vida atuaram sobre suas escolhas foi primordial para, no andamento da pesquisa, solucionarmos o problema e entendermos os motivos da recusa do autor em classificar o seu trabalho como pertencente ao gênero biográfico e de como ele manteve-se fiel ao seu ponto de vista.

No primeiro capítulo, “A história que é toda ela social”, os principais pontos foram compreender o lugar de Lucien Febvre no movimento dos *Annales*, qual era a

⁶¹⁸ LOPES, Marcos A. apud MATOS, Júlia. Lucien Febvre e o Reformador. **Varia Scientia: Revista Multidisciplinar da Unioeste**. Cascavel, v. 1, n. 1, p. 149-153, 2001.

concepção de história que o autor defendia e rechaçava, além do mais, também objetivamos percorrer e sinalizar o tipo de história em voga na França desde o nascimento de Febvre, a que mais tarde ele ficou consagrado por combater. Os resultados obtidos no dado capítulo mostraram-se primordiais para as soluções de nosso problema que foram delineados ao entrarmos na fonte *Martinho Lutero, um destino*.

Em “A curva de um destino: um combatente pela história?”, retratamos quem foi o historiador Lucien Febvre explorando a sinuosa curva de sua trajetória marcada por mudanças em relação a sua memória. Recompomos o percurso profissional do historiador, ambicionando pensá-lo em seu espaço e tempo, com o intuito de desvendar suas múltiplas fases, faces, inquietações, como viveu e ainda vive na lembrança dos historiadores.

Por fim, no último capítulo “Uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais”, apresentamos o processo de produção, circulação, recepção da obra, as mudanças estruturais principalmente nos prólogos e as características da escrita biográfica de Febvre. Logo, as contextualizações e resultados obtidos nos capítulos anteriores contribuíram com elementos que nos auxiliaram a entender a recusa do autor quanto à escrita biográfica e como, através de sua escrita, o autor deixa claro em *Martinho Lutero, um destino* suas influências, combates e convicções.

Isto posto, façamos o questionamento do historiador Carlos Guilherme Mota: “Por quê, entretanto, promover a leitura de Febvre?”.⁶¹⁹ Para o autor, a pergunta se ajusta melhor a quem ainda não leu Febvre ou a um leitor descuidado. Finalizamos a pesquisa fazendo coro com a pergunta e a resposta de Mota, tendo em conta que, ao longo do trabalho, pudemos perceber a grandeza de Lucien Febvre, haja vista que “em cada página de sua obra, ressaltam o dom, o temperamento do grande historiador”⁶²⁰ tal como fora fixado por seu pupilo preferido Fernand Braudel.

No livro, o seu objetivo é traçar a curva sinuosa do destino de Lutero e, no presente trabalho, nos moldes do autor, traçamos a curva de seu próprio destino e da escrita biográfica. Entre desprestígios e exaltações, o destino de Lucien Febvre e da biografia, entre os séculos XIX e XX tem movimentos proporcionais de esquecimento e reaparição. Destino do autor e de um gênero, entrecruzados.

⁶¹⁹MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978. p. 11.

⁶²⁰ BRAUDEL, Fernand. “Lucien Febvre e a História”. Trad. De Margarida e Joaquim Barradas de Carvalho. **Revista de História**, 31 (64), out./dez. de 1965, p. 402.

FONTES

FEBVRE, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989.

FEBVRE, Lucien. Contra o vento: manifesto dos novos Annales. In NOVAIS, Fernando A. e SILVA, Rogério F. da. **Nova História em perspectiva – vol1**. SP: Cosac Naify, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVELAR, Alexandre de Sá; LOPES, Marcos Antônio. Recordar Lucien Febvre: notas acerca de suas contribuições. **Cultura História & Patrimônio**, vol.1, nº1, 2012.
- BAULING, Henri. Nécrologie. Lucien Febvre et la géographie. In: **Annales de Géographie**, t. 66, nº355, 1957. pp. 281-283. Disponível em: <www.persee.fr/doc/geo_0003-4010_1957_num_66_355_18507> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- BERR, Henri. Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. **Revue de Synthèse Historique**, n. 22, 1929.
- BOÛARD Michel de. Lucien Febvre (1878-1956). In: **Annales de Normandie**, 6^e année, nº3-4, 1956. Disponível em: <www.persee.fr/doc/annor_0003-4134_1956_num_6_3_6097> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien. **Correspondence**. Paris: Fayard, 1994. t1, La naissance des *Annales* (1928-1933).
- BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagem histórica e tendências contemporâneas**. 3^o Ed. Maringá: Eduem, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre (1878-1956). In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 11^e année, n. 3, 1956. pp. 289-291. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1956_num_11_3_2551> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- BRAUDEL, Fernand. Lucien Febvre et l'histoire. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. 12^e année, N. 2, 1957.
- BRAUDEL, Fernand. "Lucien Febvre e a História". Trad. De Margarida e Joaquim Barradas de Carvalho. **Revista de História**, 31 (64), out./dez. de 1965.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. – 2. Ed. – São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- BURRIN, Philippe. Lucien Febvre inférieur à lui-même. **Le Monde**, Paris, 28 de fev. 1995. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/archives/article/1995/02/28/lucien-febvre-inferieur-a-lui-meme_3842266_1819218.html> Acesso em: 03. fev. 2020.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Estudo de Lucien Febvre retrata Lutero à luz do contexto social. **Folha de São Paulo**, 1 set. 2012. Ilustrada.

- CARBONELL, Charles-Olivier; LIVET, Georges apud DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- CARDOSO, Patrícia Domingos Woolley. Um destino: resenha sobre o importante livro de Lucien Febvre. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, RJ, 8 jan. 2013. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20130116014113/http://revistadehistoria.com.br/secao/livros/um-destino>> Acesso em Maio de 2018.
- CAVALCANTE, Ronaldo de Paula. Você é piedoso- A Piedade Cristã e o desafio do Humanismo: breve ensaio a propósito de um texto clássico de Lucien Febvre sobre Lutero (e Erasmo). **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online)**, v. 14, p. 1274-1297, 2016.
- CEIA, Carlos. Prefácio. **E-Dicionário de Termos Literários** de Carlos Ceia. Disponível em: <<<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/prefacio/>>> Acesso em julho de 2019.
- CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1.
- CLAVAL, Paul. " La terre et l'évolution humaine " de Lucien Febvre. **Le Monde**, Paris, 27 de jun. 1970. Disponível em: <www.lemonde.fr/archives/article/1970/06/27/la-terre-et-l-evolution-humaine-de-lucien-febvre_2639661_1819218.html> Acesso em: 02 de fev. 2020.
- COSTA, Arrisete C. L. Biografias históricas e práxis historiográfica. **SAECULUM – Revista de História**. João Pessoa - PB, n. 23, jul./dez. 2010.
- CROCE, Benedetto. **Le Riviste di Benedetto Croce online Quaderni della “Critica”**, V. 3, N. 9, 1947. Disponível em: <<https://ojs.uniroma1.it/index.php/quadernidellacritica/issue/view/73/showToc>>.
- CROUZET, Denis. **Le Luther intime de Lucien Febvre**. Disponível em: <https://www.lhistoire.fr/le-luther-intime-de-lucien-febvrehttps://www.lfp.cz:98/opac_css/index.php?lvl=author_see&id=4961>.
- DAIX, Pierre. **Fernand Braudel: Uma biografia**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- DAVIS, Natalie Z. History's Two Bodies. **The American Historical Review**, v. 93, n. 1, p. 23, 1988.
- DAVIS, Natalie Zemon. "Women and the world of the Annales", In: Stuart Clark, ed., **The Annales School**, vol. 1 (London and New York: Routledge, 1999).

- DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. **As correntes históricas na França: séculos XIX e XX.** Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História.** Editora Ensaio: Editora da Unicamp, 1994 – 2ª reimpressão.
- FABVRE, Daniel apud DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** Tradução Gilson César Cardoso de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Héptameron. Amour sacré, amour profane.** Paris: Gallimard, 1944.
- FEBVRE, Lucien. **La Terre et l'évolution humaine.** Introduction géographique à l'histoire. Avec Lionel Bataillon. Paris: La Renaissance du Livre, 1922. (Col.L'évolution de l'humanité.) Reed. Paris: Albin Michel, 1970.
- FEBVRE, Lucien. L'histoire dans le monde em ruines. **Revue de Synthèse Historique**, v. 30, n. 88, 1920.
- FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance au XVI siècle. La religion de Rabelais.** Paris: Albin Michel, 1942. Edição brasileira: **O problema da incredulidade no século XVI – a religião de Rabelais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FEBVRE, Lucien. L'histoire dans le monde em ruines. **Revue de Synthèse Historique**, v. 30, n. 88, 1920.
- FEBVRE, Lucien. La société féodale. **Annales HES**, v. 2, n. 1, 1940.
- FEBVRE, Lucien. La société féodale: une synthèse critique. **Annales HES**, v. 3, n. 3-4, 1941.
- FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- FRIEDMANN, Georges. Lucien Febvre toujours vivant. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations.** 12^e année, N. 1, 1957. pp. 3-6. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1957_num_12_1_2593> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogerio Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos.** São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1.

- GOMES, Tiago de Melo. A força da tradição: a persistência do antigo regime historiográfico na obra de Marc Bloch. **Varia hist.** [online]. 2006, vol. 22, n. 36.
- GONTIJO, Rebeca. **Ovelho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador.** 2006. 323 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. História ou romance? A renovação da biografia nas décadas de 1920 a 1940. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 13, n. 22, jan.-jun. 2011.
- GONÇALVES, Márcia de Almeida. **Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2009
- GRENIER, Jean-Yves. Rattrapés par l'histoire. **Libération**, Paris, 29 abr, 2004.
- GUIMARÃES, Thaís França. **A biografia como gênero e fonte histórica: discussões historiográficas.** 2017. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.
- HAUSER, Henri. Martin Luther: undestin. **Revue critique d'Histoire et de Littérature**, n. 11, p. 500, 1928.
- JÚNIOR, Raimundo B. Cordeiro. **Lucien Febvre: combates por uma nova história considerações sobre um projeto historiográfico.** 2000. 411 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos;** tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 2006, pp.41-45.
- LEUILLIOT Paul. Lucien Febvre à Strasbourg. In: **Annales. Economies, sociétés, civilisations.** 13^e année, N. 2, 1958. pp. 209-213. Disponível em: <www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1958_num_13_2_2727> Acesso em: 03 de fev.2020
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998
- LEPENIES, Wolf. French-German culture wars. In: **The seduction of culture in Germany history.** New Jersey: Princenton, 2006.
- LIMA, Andrew Guilherme Okamura. **Lucien Febvre e a Europa: as fronteiras da história /.** Dissertação. UNESP, Assis, 2010.
- LIENHARD, Marc. Présence d'un maître livre de l'historiographie française. Un destin : Martin Luther, de Lucien Febvre. In: **Revue d'histoire et de philosophie**

religieuses, 77e année n°4, Octobre-décembre 1997. p. 408;<
https://www.persee.fr/doc/rhpr_0035-2403_1997_num_77_4_5472>.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LORIGA, Sabina. Entrevista. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 9, ago /2012.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos CEDEM**. Marília-SP: CEDEM, vol. 1, n. 1, p.18, 2008.

MASTROGREGORI, Massimo. Existe uma formulação teórica em Marc Bloch e Lucien Febvre? In: Novais, Fernando Antonio; Silva, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1.

MATOS, Júlia Silveira. Lutero como mito: a exploração do mito enquanto signo de linguagem. **BIBLOS – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 18, p. 47-54, 2006.

MATOS, Júlia Silveira. Lucien Febvre e a quádrupla herança: aspectos teóricos do campo biográfico. **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande: Editora FURG, 2006, p. 165-178, v. 20.

MAUROIS, André. **Aspects of biography**, Nova Iorque : D. Appleton & Company, 1929.

MICHEL. H. Lucien Febvre et la seconde guerre mondiale. **Le Monde**, Paris, 03 de out. 1956.

MOEHLMAN, Conrad Henry. **Books Abroad**, v. 3, n. 1, 1929.

NOVAIS, Fernando Antonio; SILVA, Rogério Forastieri. **Nova História em Perspectiva: Propostas e Desdobramentos**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, vol. 1, p. 62.

MOTA, Carlos Guilherme (org); FERNANDES, Florestan (coord). **Lucien Febvre: História**. São Paulo: Ática, 1978.

MÜLLER, Bertrand; SCHÖTTLER, Peter. “Faut-il brûler Lucien Febvre ?” **Le Monde**, Paris, 8 fev. 1995.

NERO, João del. Resenha do livro de Lucien Febvre, Un Destin, Martin Luther. In: **Revista de História**, ano II, vol. II, nº 5. São Paulo, 1951.

NUÑO, Alberto Bonifaz. **Reseña del libro de Lucien Febvre, Martín Lutero (un destino)**. Universidade de México. Disponível em: <[https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/11c65b0f-4a3f-4c51-9b0c-d14c0ce0bb54/lucien-febvre-martin-lutero-\(un-destino\)](https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/11c65b0f-4a3f-4c51-9b0c-d14c0ce0bb54/lucien-febvre-martin-lutero-(un-destino))>.

- OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **Hist. Historiogr.**, v. 11, n. 28, set-dez, ano 2018.
- PIKETTY, Guillaume. La biographie comme genre historique? Étude de cas. In: **VingtièmeSiècle, revue d'histoire**, nº63, juillet-septembre, 1999.
- PINTARD, René. Un destin: Martin Luther by Lucien Febvre. **Revue d'histoire moderne**. Paris: Société d'Histoire Moderne et Contemporaine, t. 3, n. 17, set.-out. 1928, p. 389- 390. Disponível em <www.jstor.org/stable/20524740>.
- PROSPER, Alfric. **Revue de l'histoire des religions**. v. 98, 1928.
- RENAUDET, Augustin. L'oeuvre historique de Lucien Febvre. In: **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, tome 3 N°4, Octobre-dcembre 1956. pp. 257-261. Disponível em: <www.persee.fr/doc/rhmc_0048-8003_1956_num_3_4_3100> Acesso em: 03 de fev. 2020.
- RENAUDET, Augustin. **Revue Historique**, t. 159, Fasc. 2 (1928).
- REVEL, Jacques. História e Ciências sociais – leituras de um debate francês. In: **Proposições: ensaios de História e Historiografia**. Tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (org.) **Jogos de escalas: experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: **História e historiografia: exercícios críticos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- ROLLEMBERG, Denise; VAINFAS, Ronaldo. Historiadores franceses na zona cinzenta: lembranças da guerra. **Rev. Hist.** (São Paulo), n. 176, 2017
- ROCHA, Sabrina Magalhães. O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia. **História da Historiografia**. Ouro Preto, n. 16, pp. 280-286, dez. /2014
- ROCHA, Sabrina Magalhães. **Lucien Febvre, Marc Bloch e as Ciências Históricas Alemãs (1928-1944)**, Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012. (Coleção Estudos Alemães)
- ROCHA, Sabrina Magalhães. **Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)**. 2018. 225 f. Tese (doutorado), Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018

- SCHÖTTLER, Peter. **Lucie Varga: les autorités invisibles. Une historienne autrichienne aux Annales dans les années trent.** Paris: Le Cerf, 1991.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História (São Paulo)** v. 33, n. 1, p. 130, jan/jun. 2014.
- SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social.** Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003.
- SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. **História da historiografia.** Ouro Preto: n. 9, pp: 106-128, ago./2012
- STROHL, Henri. L. Febvre, Un destin. Martin Luther. Dans la collection: Christianisme, cahiers publiés sous la direction de P. L. Couchoud, Les éditions Rieder, Paris, 1928. In: **Revue d'histoire et de philosophie religieuses**, 8e année n°5, Septembre-octobre 1928.
- VARGAS, Eduardo Viana. **Antes Tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- YAMASHITA, Jougi Guimarães. **As guerras de Marc Bloch: nacionalismo, memória e construção da subjetividade.** 2016. 302 f. Tese (Doutorado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016,
- YAMASHITA, Jougi Guimarães. Lucie Varga: a “desconhecida” historiadora dos Annales (Artigo). In: **Café História** – história feita com cliques. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/lucie-varga-e-os-annales>
- WIRTH, Lauri Emilio. “Agir contra a consciência não é seguro nem honesto”: uma opinião sobre Martinho Lutero, um Destino, de Lucien Febvre. **Revista USP**, n. 97 (2013).
- ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção in: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagem histórica e tendências contemporâneas.** 3° Ed. Maringá: Eduem, 2009. Cap. 8.
- ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. Resenha Martinho Lutero, um destino. Lucien Febvre. **Revista de História São Paulo**, Universidade de São Paulo N° 169, p. 413-420, jul / dez 2013.